

2º Ciclo
Mestrado em Estudos Medievais

Milagres e Miraculados em Hagiografias medievais (século XII)

Liliana Oliveira Sousa

M

2019



Liliana Oliveira Sousa

Milagres e Miraculados em Hagiografias medievais (século XII)

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Medievais, orientada pelo Professor
Doutor Luís Carlos Correia Ferreira do Amaral
e coorientada pela Doutora Eleonora Lombardo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2019

Milagres e Miraculados em Hagiografias medievais (século XII)

Liliana Oliveira Sousa

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Medievais, orientada pelo Professor
Doutor Luís Carlos Correia Ferreira do Amaral
e coorientada pela Doutora Eleonora Lombardo

Membros do Júri

Professora Doutora Maria Cristina Almeida e Cunha Alegre
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Luís Miguel Ribeiro de Oliveira Duarte
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Luís Carlos Correia Ferreira do Amaral
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 19 valores

Sumário

Declaração de honra.....	7
Agradecimentos	8
Resumo	10
Abstract.....	11
Índice de tabelas e gráficos.....	12
Introdução	13
Capítulo 1 – Hagiografia	35
Capítulo 2 – Milagres	51
2.1. Temas correntes	56
2.2. Tipificação dos milagres	61
2.2.1. “Curativo”	62
2.2.2. “Comunitário e Quotidiano”	69
2.2.3. “Sensibilidade Religiosa e Crença”	74
2.2.4. “Jurisdicional”	81
2.3. Miraculados	90
2.4. Geografia dos milagres	111
2.5. Conhecimento e divulgação dos cultos.....	130
Considerações finais	149
Referências bibliográficas	158
Anexos.....	165

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 28 de Setembro

Liliana Oliveira Sousa

Agradecimentos

Nesta fase é essencial agradecer àqueles que me acompanharam neste percurso e que foram fundamentais para a concretização deste projecto.

Em primeiro lugar quero agradecer ao Professor Doutor Luís Carlos Amaral pela orientação. Pelo seu apoio, esclarecimentos e, acima de tudo, enquanto “responsável” pela introdução a estas temáticas. Agradeço também à Doutora Eleonora Lombardo, pela ajuda, por me ter dado a conhecer novos autores e pelas novas ideias que fez surgir. Assim como é mais que devido um obrigada às funcionárias da Biblioteca da Flup.

Agradeço todas as ajudas e carinhos da família e dos mais próximos que, directa ou indirectamente, me auxiliaram durante este percurso. À Arminda, ao António, à Vanessa, à Elisabete e ao Daniel e aos amigos que me acompanharam durante estes anos.

Resumo

A dissertação que apresentamos tem como ponto de partida a análise e tipificação de milagres atribuídos a três santos medievais “portugueses” nas Vidas de S. Rosendo, S. Geraldo e de S. Teotónio.

O nosso trabalho divide-se essencialmente em dois capítulos. Um em que introduzimos o assunto da escrita hagiográfica e fazemos uma comparação com as nossas fontes. No segundo momento abordamos a escrita dos milagres e aí alicerçamos a nossa análise em dois aspectos que consideramos serem fundamentais, os miraculados e a redacção dos milagres. Esperamos com isto saber quem eram os miraculados, de onde vinham e de que forma foram descritos pelo hagiógrafo. Acerca da redacção, tentamos compreender o que permitiu a compilação dos milagres, como chegaram até ao conhecimento do biógrafo, quem os divulgou e de que forma é que esses indivíduos tiveram conhecimento dos eventos: teriam sido os próprios miraculados testemunhas directas dos acontecimentos ou terceiros? Estas duas vertentes fornecem igualmente outras possibilidades de estudo, como a questão da geografia dos milagres, mais especificamente os espaços onde decorreram os eventos miraculosos e, relacionado com as divulgações, as formas de difusão dos cultos.

Para o nosso estudo é indispensável o cruzamento dos dados das nossas fontes com os de outras exteriores ao âmbito “português”. Numa tentativa de perceber se os textos que trabalhamos apresentam traços semelhantes e se podem ser inseridos numa “tradição” hagiográfica. Apesar de as Vidas que estudamos terem sido redigidas ao longo do século XII apresentam diferenças, nos espaços de composição e no número de milagres atribuídos a cada santo.

Desta forma, aproveitámos estas diferenças para procurar pontos comuns ou traços distintivos. Apesar de mudarem os espaços, as Vidas e os milagres mudaram com eles ou mantiveram-se constantes?

Palavras-chave: Milagres, Hagiografia, Santidade, Século XII

Abstract

This dissertation aims to analyze and to typify the miracles of three “Portuguese” medieval saints in the Life’s of S. Rosendo, S. Geraldo and S. Teotónio.

Our work is divided in two chapters. In the first, we introduce the subject of hagiographic writing as and make a comparison our sources. In the second chapter, we approach the subject of miracles and miracle writing. With this, we intend to know who were the miraculous, where they came from and how the hagiographer described them. About the writings, we intend to understand what allowed the compilation of the miracles and how the hagiographer came to know them as well as who disclosed the events and the way they came to know them: could they be the ones who received the miracles, direct witnesses or others? These two areas provided other possibilities for study, such as the places where the miracles occurred and, related to the dissemination, the forms of diffusion of the cults.

For our study is indispensable to cross the data from our sources with the data studied by other authors outside of the “Portuguese” scope. In an attempt to understand if the texts we are studying present similar traits and if they can be inserted in a hagiographic “tradition”. Even though the Lives we studied were written throughout the twelfth century, they differ in the spaces of composition and in the number of miracles of each saint.

In this way, we take advantage of these differences to seek common points or distinctive features. Despite the different spaces of hagiographic production, did the Lives and miracles changed or remained constant?

Keywords: Miracles, Hagiography, Sanctity, twelfth century

Índice de tabelas e gráficos

Tabelas	1
Tabela 1 – Resumo das tipificações de S. Rosendo, S. Geraldo e S. Teotónio	61
Gráficos	4
Gráfico 1 – Miraculados de S. Rosendo, S. Geraldo e S. Teotónio	111
Gráfico 2 – Geografia dos milagres de S. Rosendo	124
Gráfico 3 – Geografia dos milagres de S. Geraldo	128
Gráfico 4 – Geografia dos milagres de S. Teotónio	130

Introdução

Motivações

A dissertação de mestrado que nos propusemos realizar advém de um trabalho que elaborámos na nossa licenciatura e que nos introduziu nesta temática. Primeira abordagem onde iniciámos o contacto com a hagiografia e os milagres, assim como assistimos pela primeira vez à abertura e à consequente ligação entre o mundo dos homens e o do sobrenatural, que pareciam encontrar-se frequentemente.

Assim, prosseguindo a nossa abordagem anterior, onde ensaiámos a tipificação dos milagres de S. Rosendo e S. Geraldo, dedicámos uma nova leitura a estas fontes, às quais acrescentámos a Vida de S. Teotónio. Nesta dissertação abordamos novos aspectos a que anteriormente não havíamos dedicado atenção, como os miraculados, dos quais procurámos conhecer a descrição social, a proveniência geográfica e o seu contributo na difusão dos relatos mirabolantes e dos cultos.

Percurso historiográfico

Para o nosso trabalho cremos que seja de relevo abordar dois temas essenciais, de um lado as Vidas e, de outro, os milagres. Se o nosso foco principal é no segundo, a relação íntima entre ambos obriga a um estudo inicial do primeiro, ou seja, o entendimento dos milagres e Livros de Milagres requer a compreensão das Vidas, a motivação para as criar e a necessidade em as ter. Ao estabelecer o nosso estado da arte, várias sínteses historiografias e bibliográficas tornaram-se particularmente úteis.

Cabe de igual modo compreender as formas como foi abordada a questão da santidade medieval nos nossos dias, sem descurar a necessidade de um conhecimento da temática em períodos anteriores. Ou seja, compreender quando é que este assunto começou a ser estudado; com que objectivos; quem a estudou; quais os métodos empregues e os resultados. Revelou-se essencial o conhecimento das funções dos santos, assim como o papel que lhes foi sendo atribuído ao longo dos séculos. A verdade é que a imagem do santo nunca foi estanque ao longo dos tempos nem uniforme entre as diversas sociedades, e foi questionada desde cedo.

Um dos pontos fulcrais de discussão incidia acerca o lugar dos santos na sociedade e a posição que ocupavam como entidades “divinas”. O seu funcionamento enquanto substitutos dos deuses greco-romanos foi também alvo de debate. Porém, apesar do relacionamento privilegiado com o divino, continuavam inegavelmente humanos, defrontando-se dessa forma com duas situações relevantes. Por um lado não eram imortais como os deuses greco-romanos a que poderiam ser comparados, partilhando afinal a mesma humanidade e mortalidade que todos aqueles que viam neles um representante divino. Por outro lado, tampouco seriam entidades associadas às forças da natureza¹.

O lado humano fazia do santo um indivíduo com uma história, família e uma comunidade onde estava inserido. Alguns poderiam já evidenciar traços de santidade ainda em vida, o que seria proveitoso para aqueles que procuravam a concretização de milagres, assim como para as comunidades que viam os seus patronos enaltecidos. Contudo, a maioria só apresentava traços de santidade após a morte. Esta criação e dinâmica não seriam aplicáveis no caso dos deuses ou forças naturais veneradas².

No entanto, como vemos em Robert Bartlett, existiriam semelhanças entre os santos e os deuses. No centro do culto cristão estava a invocação de seres invisíveis e poderosos que assumiam a forma humana. Imagem que se equiparava aos cultos gregos e romanos, e que se estendia a todas as deidades antropomórficas. Tal como os deuses, os santos também teriam os seus santuários onde se procurava assistência, onde se realizavam rituais apropriados e festividades anuais. Ambas as figuras interagiam com os seus seguidores a partir de sonhos, prestavam assistência em batalhas, e mantinham uma relação recíproca, oferecendo patrocínio às suas comunidades, que poderiam ser cidades ou grupos mais restritos. As semelhanças entre deidades e santos seriam mais evidentes no caso de cultos a heróis do que no dos deuses olímpicos. Uma vez que esses heróis venerados eram humanos e os seus túmulos também se encontravam na terra³.

Ainda segundo o mesmo autor, o paralelismo entre santos e deuses greco-romanos foi desde cedo tecido pelos pagãos, que verificavam semelhanças entre as suas práticas

¹BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things? Saints and worshippers from the Martyrs to the Reformation*. Princeton University Press, 2013. p.609.

²BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.609.

³BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.609-610.

e as cristãs⁴. Santo Agostinho teria inclusivamente tentado diferenciar ambos os cultos, defendendo que apesar das semelhanças entre altares, santuários, sacerdotes, os cristãos construía as igrejas enquanto memoriais para homens mortos e não enquanto templos para os deuses; não eram espaços de sacrifício para os mártires mas sim para Deus. Contudo, estas comparações seriam objecto de discussão durante os séculos posteriores, encabeçadas por cépticos e pensadores modernos, como, por exemplo, David Hume que voltou a comparar os heróis pagãos aos santos cristãos na sua *História Natural da Religião* no século XVIII⁵.

Recuando até Paris no ano de 1907, momento aceso de discussão entre anticlericais e apoiantes do poder eclesiástico, o livro de Pierre Saintyves⁶ despertou uma vez mais a ideia de que o culto dos mártires tinha origem pagã, divulgando uma visão redutora de um culto pagão cristianizado. Em 1908 foi traduzido do alemão para francês o livro de Ernst Lucius⁷ que defendia igualmente o culto dos santos enquanto um culto de heróis cristianizado⁸. Também inserido nesse debate estava Hippolyte Delehay⁹, um dos pioneiros do estudo moderno dos santos, que admitiu as semelhanças entre os cultos mas negou as dependências¹⁰.

Através da obra de Patrick Geary¹¹, editada pela primeira vez em 1994, encontramos uma larga referência a autores que teriam impulsionado estudos mais amplos acerca da hagiografia. Avançamos assim até ao ano de 1965, data que Patrick Geary destacou pelo crescente número de investigadores dedicado ao estudo hagiográfico, naquela que seria uma tentativa de trazer uma “nova-vida” para textos ignorados durante tanto tempo. Segundo o mesmo autor, as hagiografias pareciam

⁴BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.610: “Pagans themselves from the earliest days express the idea that the cult of the saints was simply an equivalent to the worship of the gods. The very first martyr account mentions the fear that Christians might worship the martyrs in the same way they did Christ”.

⁵BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.610-611.

⁶SAINTYVES, Pierre– *Les saints successeurs des dieux*. Paris, 1907.

⁷LUCIUS, Ernst – *Les origines du culte des saints dans l'Eglise chrétienne*. Paris, 1908.

⁸BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.6

⁹Delehay, Hippolyte – *Les légendes hagiographiques*. Bruxelas: Société des Bollandistes. 1905; *Les origines du culte des martyrs*. Bruxelas: Société des Bollandistes.1912; *Cinq leçons sur la méthode hagiographique*. Bruxelas: Société des Bollandistes, 1934.

¹⁰BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.612.

¹¹GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages*. Nova Iorque: Cornell University Press, 1994.

promissoras para a compreensão dos ideais religiosos medievais, assim como para o conhecimento das vidas do comum da sociedade¹².

Terminados os debates do século XIX entre os defensores pios dos escritos sobre os santos e os livres-pensadores, manteve-se a preocupação positivista em separar o “facto” da “ficção” na hagiografia. Se durante anos os textos hagiográficos foram alvo de escrutínio por parte de medievalistas, passaram depois a ocupar um lugar mais central nos estudos. Tal como aponta Patrick Geary sobre Caroline Walker Bynum, cujos interesses se prendiam com tratados de espiritualidade num momento em que crescia a atenção dada aos artefactos. Para além do mais, um factor impulsionador destes estudos seria o grande número de fontes, tal como os volumes dos *Acta Sanctorum*, também eles considerados promissores para o estudo dos santos e da sociedade¹³.

O ano de 1965 destacado por Patrick Geary foi a data da publicação do livro de František Graus¹⁴, centrado na literatura hagiográfica dos começos do período franco. Esta obra foi marcante por duas perspectivas metodológicas: em primeiro lugar o entendimento da importância da hagiografia para o estudo da religião assim como da sociedade. Em segundo lugar o reconhecimento de que enquanto é estudada a função social da hagiografia, não se pode ignorar a natureza literária deste género. Terão sido duas as implicações do segundo aspecto da abordagem de František Graus: em primeiro lugar os historiadores não podiam evitar lidar com a tradição literária destes textos, que não revelam fielmente o que era a vida da sociedade medieval¹⁵. Não apenas acerca do que dizem sobre as virtudes e milagres mas também a representação da sociedade, até os aspectos mais mundanos reflectem contradições que não podem ser ignoradas. Em segundo lugar, os estudos apenas literários não podem esquecer a vertente propagandística dos textos, e a dimensão política que escapa à análise literária¹⁶.

¹²GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages* ...p.9.

¹³GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages*... pp.9-11.

¹⁴GRAUS, František – *Volk, Herrscher und Heiliger im Reich der Merowinger: Studien zur Hagiographie der Merowingerzeit*. Praga, 1965.

¹⁵GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages*...p.12: “for these texts are anything but a transparent window into the everyday life of medieval people”.

¹⁶GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages*... p.13: “Hagiography has an essential political dimension that escapes the intertextuality of the literary dimension”.

Patrick Geary forneceu a sua visão sobre a obra de František Graus assim como o que considerou serem as tendências no estudo hagiográfico. A primeira tendência foi a passagem do estudo dos santos para o estudo da sociedade, na qual František Graus seria claramente um pioneiro, ao mesmo tempo que François Halkin¹⁷ e Evelyne Patlagean¹⁸ abriram o caminho para o estudo da antiguidade tardia e da hagiografia bizantina. Por sua vez, Peter Brown¹⁹, em 1971, inaugurou a pesquisa de tradição hagiográfica de língua inglesa, colocando no centro da antiguidade tardia figuras que os historiadores políticos e sociais tinham até aí considerado como “marginais”. Para Patrick Geary, Peter Brown teria promovido o mundo da antiguidade tardia enquanto área de investigação, assim como inspirou estudos de homens santos em todo o mundo, tornando a hagiografia respeitável perante os historiadores²⁰.

František Graus e Peter Brown fizeram uso da hagiografia para a história social e política, uma vez que analisaram estas fontes com uma perspectiva mais alargada, ao mesmo tempo que examinaram um grande número de santos. É nesse sentido que surgiu a segunda tendência defendida por Patrick Geary: a passagem do estudo de um santo individual para o estudo da colectividade. Não significando que no mesmo período não tenha continuado a produção de monografias dedicadas apenas a um santo²¹.

No final dos anos 70 e começo dos 80 do século passado, deu-se um aumento nos estudos que envolviam a contagem de santos. Robert Bartlett aponta para os estudiosos americanos, que se teriam dedicado nesse período a análises estatísticas de grande escala sobre a santidade cristã. Em 1978, Jane Tibbetts Schulenburg²² teria estudado a *Bibliotheca sanctorum* no período entre o ano 500 e 1200 excluindo, no entanto, os santos cuja existência fosse dúbia ou de difícil datação, especialmente na Irlanda e

¹⁷HALKIN, François – *L'hagiographie byzantine au service de l'histoire*. Oxford: [s.n.], 1966

¹⁸PATLAGEAN, Evelyne – “Ancienne hagiographie et histoire sociale”. in *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. vol. 23, 1 (1968). pp. 106–126.

¹⁹BROWN, Peter – *The cult of the saints: Its rise and function in Latin Christianity*. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

²⁰GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages...*p.13. “he made hagiography respectable to a generation of historians trained in the traditions of the social sciences.”

²¹GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages...*pp.13-14.

²²SCHULENBURG, Jane Tibbetts – “Sexism and the celestial gynaeceum - from 500 to 1200”. In *Journal of Medieval History*. vol. 4 (1978) p. 117-133; *Forgetful of Their Sex: Female Sanctity and Society, 500–1100*. Chicago: [s.n.], 1998.

Península Ibérica²³.

Também a partir da segunda metade da década de 70, destacamos a italiana Sofia Boesch-Gajano²⁴, que se focou na história da santidade e cultos. Assim como Claudio Leonardi²⁵ pelos estudos de literatura latina, entre os quais os hagiográficos e a fundação da *Società Internazionale per lo Studio del Medioevo Latino – SISMEL*, na mesma década.

Em 1985 David Herlihy utilizou a *Bibliotheca hagiographica latina*. No entanto, o seu estudo comportou exclusivamente hagiografias redigidas em latim, contrariamente ao trabalho de Jane Schulenburg que incluiu todas as hagiografias, mas que restringiu o nível geográfico²⁶.

Ainda através de Patrick Geary ficamos a conhecer os nomes de autores que procuraram na hagiografia ideais sociais, como Ludwig Zopf²⁷ logo em 1908. Também Joseph-Claude Poulin²⁸, Michael Goodich²⁹ e André Vauchez foram exemplos daqueles que procuraram no santo a imagem dos ideais morais da sua época³⁰. Por sua vez, Donald Weinstein e Rudolph Bell³¹ pretenderam conhecer de que forma os santos alcançaram a perfeição espiritual e como é que a sociedade se relacionava com eles. Por

²³ BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.137.

²⁴ BOESCH-GAJANO, Sofia – *Agiografia altomedioevale*. Bolonha: Società editrice il Mulino. 1976. “Il culto dei santi : filologia, antropologia e storia”. In *Studi Storici* 23, (1982). pp.119-136; “Dai leggendari altomedievali agli «Acta Sanctorum»: Forme di trasmissione e nuove funzioni dell’agiografia”. In *Rivista di Storia e Letteratura Religiosa*, n.21, (1985). 219-244.

²⁵ LEONARDI, Claudio – “I modelli dell’agiografia latina dall’epoca antica al medioevo”. In *Passaggio dal mondo antico al medioevo. Da Teodosio a san Gregorio Magno*. Roma, 1980. pp 435-476; *Medioevo latino*. Firenze: Edizioni del Galluzzo, 2004. “Agiografia”. In *Lo Spazio letterario del medioevo 1. Il medioevo latino*, CAVALLLO, Guglielmo; LEONARDI, Claudio; MENESTO, Enrico (dir.). Vol.I: La produzione del testo, tomo II. Roma: Salerno Editrice, 1993.pp. 456-458.

²⁶ BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.138.

²⁷ ZOEPF, Ludwig – *Das Heiligen-Leben im 10 Jht*. Berlín: Teubner, 1908.

²⁸ POULIN, Joseph-Claude – “Les libelli dans l’édition hagiographique avant le XIIe siècle”. In *Livrets, collections et textes: études sur la tradition hagiographique latine*, Heinzelmänn, Martin (dir.) Martin Heinzelmänn. Beihefte der Francia, n.63 (2006). pp. 15–193; *L’hagiographie bretonne du haut Moyen Âge: répertoire raisonné*. Ostfildern: J. Thorbecke, 2009.

²⁹ GOODICH, Michael – *Lives and Miracles of the Saints: Studies in Medieval Latin Hagiography*. Aldershot, 2004; *Miracles and Wonders: The Development of the Concept of Miracle, 1150–1350* Aldershot: Ashgate, 2007; *Violence and Miracle in the Fourteenth Century* Chicago: University of Chicago Press, 1995; *Vita perfecta: The Ideal of Sainthood in the Thirteenth Century*, Stuttgart: Anton Hiersemann, 1982.

³⁰ GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages* ...p.14.

³¹ WEINSTEIN, Donald; BELL, Rudolph M. – *Saints and Society: The Two Worlds of Western Christendom, 1000–1700*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

sua vez, Michael Goodich focou-se exclusivamente no século XIII, incluindo todos os santos dessa centúria, trabalhando os volumes dos *Acta sanctorum*³². O que distinguiu estes trabalhos daquele de Ludwig Zopf foi a metodologia em que se apoiaram³³. Na opinião de Robert Bartlett, alguns destes estudos demonstraram as dificuldades advindas do tratamento estatístico dos santos.

A terceira tendência enunciada por Patrick Geary foi o estudo de outros textos além das *Vitae* ou *Passiones* que acompanhou o abandono do foco sobre figuras individuais, aquilo que Thomas J. Heffernan teria apelidado de “biografias sagradas”. Passaram assim a ser estudadas as colecções de milagres, trasladações, santorais e martirológios, entre outros textos³⁴.

Também Henri Platelle³⁵ mostrou como as colecções de milagres poderiam reflectir práticas legais e disputa de mecanismos. Outros como Michel Rouche³⁶ e Ronald C. Finucane³⁷ estudaram aspectos da saúde física e psicológica em colecções de milagres na sociedade medieval. No seu estudo, André Vauchez³⁸ fez uso de documentação relativa a processos de canonização e de *fama et sanctitate* desde o ano 1198 a 1432. Ao mesmo tempo que crescia o estudo de escritos não biográficos, uma nova atenção recaiu sobre textos colectivos analisados enquanto um todo e não fragmentariamente. Assim como Alain Boureau³⁹ com a *Legenda Aurea*, em que

³² BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?...*p.138.

³³ GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages...*p.15.

³⁴ GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages...*p.15 “They now examine additionally, or even particularly, other kinds of texts such as collections of miracles; accounts of translations; *adventus* and elevations; liturgies; and hymns, on the one hand, and sanctorales, martyrologies, legendaries, exempla collections, and other collective works on the other”.

³⁵ PLATELLE, H. – “La mort précieuse. La mort des moines d’après quelques sources des Pays-Bas du Sud”. In *Revue Mabillon*. n.60 (1982), pp. 151–74.

³⁶ ROUCHE, Michel – “Miracles, maladies et psychologie de la foi à l’époque carolingienne en France”. In *Hagiographie, cultures et sociétés, IVe–XIIe siècles: Actes du colloque organisé à Nanterre et à Paris*. Paris: [s.n.], 1981, pp. 319–37.

³⁷ FINUCANE, Ronald – *Contested Canonizations: The Last Medieval Saints, 1482–1523*. Washington DC: The Catholic University of America Press, 2011; *Miracles and Pilgrims: Popular Beliefs in Medieval England*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1995; *The Rescue of the Innocents: Endangered Children in Medieval Miracles*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1997.

³⁸ VAUCHEZ, André – *La sainteté en Occident aux derniers siècles du moyen âge*. Roma: École française de Rome, 1981; “Saints admirables et saints imitables: les fonctions de l’hagiographie ont-elles changé aux derniers siècles du Moyen Age?”. In *Les fonctions des saints dans le monde occidental (IIIe–XIIIe siècle)*, Roma: École française de Rome, 1991, pp. 161–72.

³⁹ BOUREAU, Alain – *La légende dorée: Le système narratif de Jacques de Voragine*. Paris: CERF, 1984.

explorou um tipo de género hagiográfico específico, a lenda dominicana.

Atentando nos resultados estatísticos de algumas das obras anteriormente enunciadas, compreenderemos algumas das dificuldades deste tratamento. O estudo de André Vauchez veio demonstrar que a maioria dos santos canonizados pelo Papa eram provenientes da França, da Itália e da Inglaterra, representando 75% dos casos. Por sua vez, o sul da Alemanha, a Escandinávia e a Europa do Leste representavam 25% dos santos canonizados no período estudado. Finalmente, a Península Ibérica, o norte da Alemanha e os Países Baixos não registaram santos canonizados. No entanto, o processo de canonização, nestes séculos, não tinha grande representatividade efectiva, contribuindo maioritariamente enquanto aspecto impulsionador da produção escrita⁴⁰.

Segundo a análise dos dados de Donald Weinstein e Rudolph Bell, a Itália surgiu como o local de maior produção de santos e, surpreendentemente, a Península Ibérica registava valores mais baixos do que seria esperado em países onde os movimentos reformistas não viriam a ser tão expressivos. No entanto, na análise de Robert Bartlett, o motivo pelo qual a Itália se destacava grandemente dos restantes países, e neste caso da Península Ibérica, especialmente enquanto se caminhava para a Baixa Idade Média, poder-se-ia prender com a maior densidade da malha episcopal., cujos santos que representavam os bispados rivalizavam entre si. A título de exemplo, no final da Idade Média Itália contava com 300 bispados enquanto a Península Ibérica tinha 41⁴¹. No entanto, os baixos números ou a ausência de novos santos não seriam um indicativo de uma diminuição da vida devocional, uma vez que a história da santidade e a história da vida religiosa não são sinónimos⁴². Centrando-nos nas fontes que Donald Weinstein e Rudolph Bell utilizaram, verificamos que o seu trabalho se desenvolveu em torno de um conjunto de 864 casos retirados de uma lista elaborada por Pierre Delooz⁴³, em 1969, que teria, por sua vez, sido baseada na obra de León Chaussin e Jules Baudot⁴⁴ de 1935-1959. Foi, no entanto, deixado de fora o final do império romano e a Alta Idade Média,

⁴⁰ BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.142.

⁴¹ BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.143-144.

⁴² BARTLETT, Robert – *Why can the dead do such great things?*...p.145: “There were ages of saints, even if the saints in each of these ages were very different.”

⁴³ DELOOZ, Pierre – *Sociologie et canonisations*. Liège: Faculté de droit, 1969.

⁴⁴ CHAUSSIN, León; BAUDOT, Jules – *Vies des saints et des bienheureux selon l'ordre du calendrier : avec l'histoire des fêtes*. Paris : Librairie Letouzey et Ané, 1935-1959.

o que condicionou a contagem⁴⁵.

Os estudos estatísticos que referimos são, como explica Robert Bartlett, de interesse. Porém, a desvantagem em estudar os santos tendo por base a cronologia em que viveram revela uma falha na tentativa de demonstrar o regresso de santos antigos ou o declínio da sua importância. Visto que os santos nem sempre foram reconhecidos no momento imediato à sua morte ou durante a sua vida, existindo diversos casos em que apenas séculos volvidos ganhariam algum destaque⁴⁶.

A compreensão destes escritos está então mais fortemente ligada à procura de aspectos importantes dos textos, desde a sua composição à sua autoria, assim como à cópia. As variadas formas em que os textos hagiográficos foram criados, sugere diferentes usos e propósitos assim como modos de produção⁴⁷. Ao longo dos tempos, o significado poderia sofrer alterações, ao mesmo tempo que se diferenciavam consoante os locais de produção ou cópia. Da mesma forma que poderiam adquirir diferentes usos dependendo das colecções em que estavam inseridos⁴⁸. Quando um texto ganhava um novo significado mediante o contexto, a diferença entre autor e copista desaparecia, uma vez que copiar e rearranjar textos antigos seria uma actividade tão importante quanto escrever novos⁴⁹.

Robert Bartlett, já várias vezes enunciado neste texto, surge enquanto autor com uma obra de especial importância. Editada em 2013, conseguiu agregar o longo percurso dos estudos hagiográficos. Num laborioso trabalho, apresentou as diferentes vertentes da hagiografia desde o culto dos mártires até ao período da Reforma. É difícil o destaque de uma passagem especial da obra. Dividida em três partes, sublinhamos a importância dos capítulos dedicados ao aparecimento da hagiografia; aos milagres e os

⁴⁵BARTLETT, Robert – Why can the dead do such great things?...p.138.

⁴⁶BARTLETT, Robert – Why can the dead do such great things?...p.141: “The real life of saints, as saints, is when their cult is active, not when they themselves trod the earth”.

⁴⁷GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages...* p.19.

⁴⁸GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages...* p.20: “These associations, these contexts, within which hagiographic texts are embedded, must be our point of departure for understanding one level of meaning of hagiography in medieval society. We cannot understand the “ideal of sanctity” purportedly espoused by such texts if we separate them from these specific contexts. If we want to understand values reflected in the hagiography of a period, texts must be seen in relation to the other texts with which they were associated, read, or gathered, not in relation either to timeless views of Christian perfection or simply to other contemporary hagiographic texts”.

⁴⁹GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages...* p. 21.

seus significados, os padrões, as curas, as punições; e o capítulo dedicado à literatura hagiográfica, em que explorou os tipos literários, as motivações da escrita, os autores e os Livros de Milagres. Importou muito para ambas as vertentes do nosso estudo: para a santidade e para os milagres. Ainda a destacar na obra de Robert Bartlett são as análises dos estudos mais importantes da temática, especialmente pela explanação dos dados de Pierre-André Sigal, “demonstrando” os resultados deste autor no seu estudo sobre milagres, assim como de André Vauchez e de Donal Weinstein e Rudolph Bell.

Dediquemos agora a nossa atenção aos estudos mais concretos dos milagres, sendo impossível não destacar nomes anteriormente abordados. Começamos por referir Martin Heinzelmann⁵⁰, pela recolha de milagres e pelo foco dado aos intervencionados. Também Michel Rouche⁵¹, pela especificidade da sua investigação sobre a temática curativa, registando as principais enfermidades para as quais se procurava auxílio, e ao longo do qual fomos identificando algumas semelhanças com as fontes que estudamos. Michel Rouche salientou a predominância dos milagres curativos, tal como nós, verificando-se desde logo preocupações sociais comuns entre as diferentes fontes, passando assim a aceitar-se a existência de uma construção estabelecida e mais ou menos comum ao espaço europeu, tornando-se um tópico recorrente na escrita, e por isso um modelo definido e repetido.

De grande importância foi o trabalho de Pierre-André Sigal, com o estudo de milhares de milagres na França medieval ao longo dos séculos XI e XII. Conseguimos tecer várias comparações entre os relatos que analisámos e os resultados deste autor. O estudo demonstra a existência de uma linearidade seguida pela literatura hagiográfica dos séculos XI e XII, que vinha desde a Alta Idade Média⁵². O autor considerou que a maioria dos feitos não seriam extraordinários por si, ou seja, não se mostravam

⁵⁰ HEINZELMANN, Martin– “Une source de base de la littérature hagiographique latine: le recueil de miracles”. In *Hagiographie, cultures et sociétés IVe–XIIe siècles*. Paris: Etudes Augustiniennes, 1981. pp. 235–59; *La réécriture hagiographique dans l’Occident médiéval: transformations formelles et idéologiques*, Goullet, Monique; HEINZELMANN, Martin (ed.). Ostfildern: J. Thobercke, 2003; *L’hagiographie mérovingienne à travers ses réécritures*, Goullet, Monique; HEINZELMANN, Martin; Christiane Veyrard-Cosme (ed.). Beihefte der Francia. n.71 (2010).

⁵¹ ROUCHE, Michel – “Miracles, maladies et psychologie de la foi à l’époque carolingienne en France”. In *Hagiographie, culture et sociétés IVe – XIIe siècles*. Paris: Études Augustiniennes, 1981. pp.319-337.

⁵² SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle dans la France médiévale (XI^e–XII^e siècle)*. Paris : CERF, 1985, p.12.

contrários às leis da natureza, como sucederia em casos de transformação da matéria ou levitação. De igual forma, a maior parte dos milagres por nós estudados tampouco demonstrava esse rompimento com a natureza. Trata-se portanto de proezas que a natureza conseguiria executar, sendo que a vertente mirabolante se prendia com as circunstâncias em que esses eventos decorriam. Exemplo dessas circunstâncias miraculosas era o período em que acontecia o milagre, logo a seguir ao pedido de auxílio e/ou ao contacto com relíquias, acções determinantes para a sua realização⁵³.

No caso português, existem autores incontornáveis na introdução do estudo hagiográfico. Começemos por Mário Martins, cuja obra, editada ainda nos anos 50, se revelou pioneira destes estudos a nível nacional⁵⁴. Dedicando-se à análise das peregrinações e dos Livros de Milagres, alertou para a escrita formulada destes relatos, assim como para alguns lugares comuns da descrição das peregrinações.

Também Aires Augusto Nascimento⁵⁵ contribuiu relevantemente para o avanço dos estudos hagiográficos, destacando-se muito pela publicação de fontes.

Destaquemos a investigação dedicada à vertente literária e produção hagiográfica nos estudos de Maria Clara Almeida Lucas⁵⁶ e Cristina Sobral⁵⁷. Assim como o trabalho de síntese de José Mattoso⁵⁸. Um nome fundamental é o de Maria de Lurdes Rosa⁵⁹, que na sua investigação introduz uma história do estudo da hagiografia no nosso país.

⁵³ SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle*...p.68.

⁵⁴ MARTINS, Mário – *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. Lisboa: Edições Brotéria, 1957. 2ªed.

⁵⁵ NASCIMENTO, Aires Augusto - *Ler contra o tempo: condições dos textos na cultura portuguesa: recolha de estudos em hora de vésperas*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Clássicos, 2012; *S. Vicente de Lisboa: legendas, milagres e culto litúrgico*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Clássicos, 201; *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: vida de D. Telo, vida de D. Teotónio, vida de Martinho de Soure*. Lisboa: Colibri, 1998; *Milagres medievais numa colectânea mariana alcobacense*. Lisboa: Colibri, 2004; «Hagiografia», *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*, org. Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani, Lisboa, Caminho, 1993, pp.459-461.

⁵⁶ LUCAS, Maria Clara Almeida Lucas – *Hagiografia Medieval Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984; *Drama dos santos reis magos*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1986.

⁵⁷ SOBRAL, Cristina – “O modelo discursivo hagiográfico”. In *Modelo*. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, Porto: Faculdade de Letras, 1995, pp. 97-107; Hagiografia em Portugal: Balanços e perspectivas. In *Medievalista*, no.3 (2007).

⁵⁸ MATTOSO, José – “Le Portugal de 950 à 1550”. In *Hagiographies. Histoire internationale de la littérature hagiographique latine et vernaculaire en Occident des origines à 1550*. Guy Philippart (dir.). Vol. II. Turnhout : Brepols, 1996, pp. 83-102.

⁵⁹ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal Medieval*. Porto: Fio da Palavra. 2010.

Ficamos assim cientes de um caminho tratado inicialmente do ponto de vista litúrgico e, que, nos anos 40 e 50 do século passado, conheceu uma profunda renovação com figuras como Mário Martins, de que já falamos, Miguel de Oliveira⁶⁰ e Avelino Jesus da Costa⁶¹. Os textos da autora Maria de Lurdes Rosa, desde o final dos anos 90 e início da nova centúria, vieram revelar uma grande ausência de estudos hagiográficos no nosso país, contribuindo decisivamente para impulsionar todos aqueles que se fizeram a seguir. Maria de Lurdes Rosa reconheceu, aliás, muito ter beneficiado dos desenvolvimentos bibliográficos levados a cabo em França, na Itália, na Inglaterra, em Espanha e nos Estados Unidos da América⁶².

Apresentação das fontes

Importa explicitar as fontes que nos propomos estudar e os pontos que consideramos importantes para o conhecimento das mesmas, quer do domínio da escrita, quer dos ambientes em que os textos foram redigidos.

Optámos por seguir uma ordem cronológica, tendo como critério o período de vida de cada santo e, por isso, começámos por S. Rosendo. A fonte pertence ao género *Vita et Miracula* e é composta pela Vida e por 43 milagres. Torna-se fundamental chamar a atenção para a distribuição destes milagres, 42 deles dividem-se por quatro livros de milagres, enquanto na Vida encontramos 1 milagre⁶³. A edição que utilizámos é uma versão traduzida e actualizada por Maria Helena da Rocha Pereira⁶⁴ do texto publicado nos *Portugaliae Monumenta Historica*⁶⁵.

Importa mencionar a questão da autoria do texto. Existe menção a dois monges do mosteiro de Celanova, Estevão e Ordonho, aos quais desde o século XVI se atribuiu a autoria de um texto inicial e uma redacção posterior. Como concluiu Manuel Díaz y

⁶⁰ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.12.

⁶¹ SOBRAL, Cristina – “Hagiografia em Portugal: Balanços e perspectivas”. In *Medievalista*, no.3 (2007).

⁶² ROSA, Maria de Lurdes– *Santos e Demónios*...p.12.

⁶³ Tendo em consideração que os milagres dos livros estão numerados, chamaremos a este mil.43.

⁶⁴ Ordonho, monge de Celanova – *Vida e Milagres de São Rosendo* (Trad., Notas e pref.) Maria Helena da Rocha Pereira. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 2010.

⁶⁵ “S. Rudesinsi Vita et Miracula”. In *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*, vol.I, fasc.I. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1856. pp. 32-46.

Díaz⁶⁶, a hagiografia teria sido redigida por Estêvão, sendo esta primeira versão datada de entre 1140 e 1160, a qual, por sua vez, teria servido para que Ordonho escrevesse os *Sancti Rudesindi Vita et Miracula*, datado de 1172, aquando da visita do Cardeal-legado para os procedimentos da canonização de Rosendo. Seria assim produto da ampliação do texto inicial com novos milagres, ordenados em três livros, com um quarto livro posteriormente adicionado⁶⁷. A sua redacção deve pois ser entendida num contexto de promoção do culto, dada a proximidade da sua canonização, assim como de afirmação da instituição monástica⁶⁸.

A imagem do santo e da sua hagiografia, como indicou Maria de Lurdes Rosa, prendeu-se com a difusão do monaquismo beneditino no território portugalense e galego no século X, bem como com a afirmação de famílias condaís destes territórios. Rosendo passou a identificar-se como a figura do “grande monge, construtor do mosteiro ideal que foi Celanova, conselheiro de reis e ele próprio chefe militar”⁶⁹.

Como acontece com frequência neste tipo de escrita, a *Vita* foi redigida muito depois da sua morte, apresentando o ‘perigo’ de não servir inteiramente para a verificação de momentos da vida real, mas para a demonstração de concepções e intenções dos biógrafos, pela memória e documentos contemporâneos dos santos. Tampouco serve para ilustrar o tipo de santidade experienciada na época em que a pessoa viveu,⁷⁰ mas sim no tempo em que o texto foi redigido.

Como veremos mais adiante, não havia em S. Rosendo uma tradição de milagres durante a vida, visto que apenas se registou um episódio, destacando-se a sua capacidade visionária enquanto prova de ligação divina. No entanto, segundo Maria de Lurdes Rosa, a “sobriedade” transmitida pela imagem do santo era ultrapassada pela imagem de “santo todo-poderoso, vingador e mesmo violento”. As acções de Rosendo, como a defesa, organização e delimitação dos direitos do mosteiro, estavam integradas

⁶⁶ DÍAZ Y DÍAZ, Manuel – “Sobre autor y fecha”. In *Ordoño de Celanova: Vida y Milagres de San Rosendo*. Corunha: Fundación Pedro Barrie de la Maza. 1990, pp.29-54.

⁶⁷ PEREIRA, Maria Helena da Rocha – “prefácio”. In p.7.

⁶⁸ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.22.

⁶⁹ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.22.

⁷⁰ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.22.

nas descrições miraculosas, fazendo da instituição um “grande centro de poder monástico e dons taumatúrgicos”⁷¹.

Ao longo de toda a fonte nota-se a relação estreita e constante entre o sagrado e o divino dentro da instituição. Os monges relacionam-se com o santo através de pedidos, ou pela via mais violenta que envolvia desnudar os altares, sendo estes momentos mais que um simples pedido de auxílio, uma confrontação com o santo que não os protegia conforme havia prometido perto do momento da sua morte ou não reagia de imediato às preces.

A *Vita Sancti Geraldi* terá sido escrita entre 1108 e 1112, pouco depois da sua morte, em 1108, por Bernardo, arcediogo de Braga, seu “discípulo e conterrâneo”⁷². E que seria, mais tarde, bispo de Coimbra. A fonte que utilizámos foi editada nos *Portugaliae Monumenta Historica*⁷³, e para este estudo, recorreremos à edição e tradução de José Cardoso⁷⁴. Com 24 ocorrências miraculosas, o texto mostra uma tradição de milagres em vida assim como póstuma, à qual se acrescentam as profecias, visões e as intervenções divinas em defesa de Geraldo. O género literário obedece ao tipo hagiográfico *Vita et Miracula*, contendo os tópicos recorrentes deste estilo, como a glorificação de Deus, edificação dos fiéis e leitores. Para além do enfoque nas virtudes cristãs existem outros aspectos, típicos da literatura monástica, como a exaltação das técnicas de oração, lágrimas, suspiros e gemidos⁷⁵. A versão que Alexandre Herculano publicou nos PMH teria sido retirada da *Miscellanea de Baluze*, que por sua vez se teria servido de um manuscrito da biblioteca de *Colbert*. Aires Augusto Nascimento alertou para o facto de nunca ter sido encontrada nas bibliotecas portuguesas uma correspondência directa a esse texto, desconhecendo-se igualmente o destino que o manuscrito tomou. O mesmo autor admitiu que a origem ‘francesa’ de Geraldo poderia

⁷¹ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...pp.22-23.

⁷² AMARAL, Luís Carlos – *Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da reconquista (século IX-1137)*. Porto: [Edição de autor], 2007. Dissertação de doutoramento em História da Idade Média, p.387.

⁷³ “*Vita Sancti Geraldi*”. In *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*, vol.I, fasc.I. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1856. pp. 53-59.

⁷⁴ Bernardo, Arcediogo de Braga – *Vida de São Geraldo*. 2ªed. (Trad., notas e pref.) José Cardoso. Braga: Livraria Cruz, 1959.

⁷⁵ FREIRE, José Galdes – *Aspectos literários da Vita Sancti Geraldi*...p.577.

justificar o interesse pelo texto assim como uma possível transmissão do mesmo pelos companheiros do arcebispo que haviam seguido na sua “peregrinação hispânica”⁷⁶.

A escrita revela a proximidade entre Geraldo e a população bracarense, assim como as suas diversas intervenções em prol da mesma, inserindo o texto num período de importante transição em Braga, dada a sua elevação a arquidiocese e tentativas de definição de domínio e poderes. Como apontou Maria de Lurdes Rosa, esta hagiografia decorreu num período de rápidas transformações, uma vez que desde os finais do século XI se faziam sentir as exigências da reforma eclesiástica e litúrgica⁷⁷ no território portugalense⁷⁸.

Uma nova versão fora trazida a público por Pedro Romano Rocha. Inserida no Breviário de Soeiro, datar-se-ia entre os séculos XIV e XV. Ambos os textos teriam sido elaborados pelo mesmo autor, seguem uma mesma linha temporal mas desenvolvimentos distintos. A versão da biblioteca de *Colbert* seria a mais longa das duas, desenvolvendo mais aprofundadamente situações e agentes⁷⁹ e presumivelmente a primeira a ser redigida, quando Bernardo era arcebispo de Braga⁸⁰.

A hagiografia cria a imagem de “um ‘profissional’ da vida monástica”, típica de Cluny, pela importância dada aos momentos de oração, estudo, liturgia e música assim como a organização dos mosteiros e ensino dos monges⁸¹, aspectos enfatizados no texto. Encontramos, portanto, a acção de Geraldo grandemente pautada pela ordem monástica em que se inseria e estreitamente ligada às pretensões reformistas⁸² que

⁷⁶ NASCIMENTO, Aires Augusto – “A *Vita S. Geraldi* de Bernardo, bispo de Coimbra: problemas de datação e de intencionalidade”. In *Ler contra o tempo...* p.451.

⁷⁷ BOESCH-GAJANO, Sofia – “La strutturazione della cristianità occidentale”. In *Storia della santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 2005. p.127. E ainda pp. 130-131, onde é referido: “*Libertas ecclesiae* è il motto che sintetizza la rivendicazione universale e locale, della propria indipendenza da ogni autorità laica come condizione per la riforma e per la sua stessa esistenza, anche se la storiografia più recente ha ridimensionato la netta contrapposizione fra conservatori e riformatori, proponendo di cogliere invece nel movimento di riforma”.

⁷⁸ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...pp.23-24.

⁷⁹ NASCIMENTO, Aires Augusto – “A *Vita S. Geraldi* de Bernardo, bispo de Coimbra: problemas de datação e de intencionalidade”...p.453 “Há, de base, uma intenção biográfica, de cunho edificante, e não um propósito de culto”.

⁸⁰ NASCIMENTO, Aires Augusto – “A *Vita S. Geraldi* de Bernardo, bispo de Coimbra: problemas de datação e de intencionalidade”...p.452-454.

⁸¹ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.24.

⁸² BOESCH-GAJANO, Sofia – “La strutturazione della cristianità occidentale”... p.131: “La riforma della Chiesa, come tutti i movimenti sorretti da una forte ideologia, ha contribuito a delineare

vinham do papado. Nas palavras de Maria de Lurdes Rosa, a escrita mostrava-se “ao mesmo tempo um testemunho emocionado, uma biografia sagrada construída segundo todos os cânones, e um libelo da acção programática do notável e activo grupo de homens que foram os monges de Cluny companheiros de Bernardo de Toledo, promotores da Reforma gregoriana no ocidente da Península”⁸³.

Finalmente, como revela a leitura, o espaço que separa a morte de Geraldo e a redacção da hagiografia serviu para o desenvolvimento do culto, que parece ter sido rápido, como pareceram demonstrar os seus milagres, sendo a procura do seu auxílio imediata após a sua morte⁸⁴. Apesar de, como dissemos, existir uma tradição em vida, os milagres de carácter taumatúrgico surgem apenas no segundo contexto.

No caso de Teotónio, utilizamos a edição crítica e tradução de Aires Augusto Nascimento⁸⁵. Escrita por um clérigo anónimo do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a hagiografia de Teotónio, prior do mesmo mosteiro, foi redigida pouco depois da sua morte, em 1162. Paralelamente, pela ausência de referências, julga-se que a sua composição foi realizada antes da sua canonização, a 18 de Fevereiro de 1163⁸⁶. Esta ausência, que não seria propositada caso o evento tivesse já acontecido, levou Aires Augusto Nascimento a concluir que o texto poderia ter sido escrito nos meses que decorreram entre a morte do prior em 1162 e a canonização, que ocorreu no primeiro aniversário da morte⁸⁷. No entanto, assumiu possíveis intervenções no texto original que seriam já de finais do século: “(...) esta parte do texto foi retocada por alguém menos cuidadoso em evitar anacronismos e com pouco rigor em reconstituir factos e datas ou também em rever a cópia. Esta, que provavelmente corresponde à que nos chegou, terá

un’esemplarità strutturata intorno alla moralità, alla cultura, e soprattutto all’impegno per la difesa della Chiesa e delle sue prerogative a tutti i livelli della gerarchia ecclesiastica”.

⁸³ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.23.

⁸⁴ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.24.

⁸⁵ *Vida de D. Teotónio*. In “Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: vida de D. Telo, vida de D. Teotónio, vida de Martinho de Soure”. (Trad e ed. crítica) Aires Augusto Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

⁸⁶ NASCIMENTO, Aires Augusto – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Entre edificações, saudade e memória*, p. 11, nt.7; ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*... p.15.

⁸⁷ NASCIMENTO, Aires Augusto...p.222 nt 92

sido feita em finais do século XII. As intervenções secundárias não podem, obviamente, pôr em causa a data em que o texto terá sido redigido pelo autor anónimo”⁸⁸.

A leitura da fonte mostra uma tradição de milagres em vida. Contabilizamos um total de nove milagres em que apenas um ocorreu postumamente. Constatamos igualmente outros fenómenos de ligação com o divino, como o caso de profecias e sonhos. Destacamos ainda que estes eventos decorreram maioritariamente dentro da instituição conimbricense, com os próprios clérigos ou, em outros casos, com entidades relevantes no panorama português que se construía.

Identificaram-se no texto dois grandes repositórios de referências. Seria portanto intenção do autor inserir esta *Vita* em “duas tradições específicas, fundamentais para o programa crúzio”. A descrição dos momentos que respeitam ao percurso de Teotónio até à sua ordenação presbiterial descrevia um modelo sacerdotal inspirado sobretudo em Hugo de S. Victor. Também as outras *Vitae* produzidas no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra serviram de recurso para a hagiografia do prior, a saber: a *Vita Martini Sauriense* assim como a *Vita Tellonis*⁸⁹.

A redacção deste texto teve como pano de fundo a expansão de Portugal e consequente transferência do poder para sul, com óbvios impactos nos equilíbrios sociais, mas também nas concepções de santidade. Deu-se, então, início à predominância dos crúzios conimbricenses, cujo modelo se contrapunha ao “pesado e solene” de Cluny. A escrita hagiográfica destacar-se-ia pela imagem de Santa Cruz de Coimbra, contrastante face com os mosteiros do “norte senhorial”, “ (...) o conhecimento profundo da espiritualidade e devoção hierosolimitana, a crítica à corrupção eclesiástica, o aceno da vida comunitária despojada, e a arrojada independência que perpassam nas *Vitae* de Telo e Teotónio – todas são de molde a seduzir um grupo afeiçoado ao imprevisto, ao arriscado e ao novo”⁹⁰.

A hagiografia de S. Teotónio foi considerada como um dos textos fundacionais do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra junto com a *Vida de D. Telo*. Foca-se na divulgação da actuação dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Coimbra, demonstrando um

⁸⁸ NASCIMENTO, Aires Augusto...p.222 nt 90.

⁸⁹ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.19.

⁹⁰ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...pp.27-28.

carácter inovador nos domínios pastorais e culturais. Distinguindo-se pelo “contacto com as classes vilãs, o acompanhamento da pastoral em territórios fronteiriços, proclamação ideológica da guerra santa, atitude tolerante para com os moçárabes e cultura islâmica, transmissão de correntes de pensamento oriundas de Roma e de França, pregação em meio urbano”⁹¹.

Aires Augusto Nascimento afirmou que a escrita hagiográfica conimbricense se destacou pela “ausência de epíteto hagionímico nos seus títulos”⁹², duvidando que o epíteto *beatissimus* estivesse na redacção inicial do texto, o que implicaria uma intervenção secundária. Além disso, apontou para a desnecessidade em considerar o termo com valor hagionímico, isto porque alertou que a canonização não consta do teor do texto, assim como não existem feitos miraculosos após a morte que servissem para o desenvolvimento e divulgação do culto⁹³. A proximidade entre a morte e a redacção da hagiografia não teria permitido a heroicização de Teotónio e tampouco o culto, manifestando-se então uma familiaridade que a ligação com o divino ainda não tinha distanciado⁹⁴.

Quanto ao cunho pessoal que marca a hagiografia, a “emoção pessoal” como lhe chamou Aires Augusto Nascimento, era resultado da participação do hagiógrafo nos factos. A expressão de tal afectividade pode ser demonstrada pelo emprego de autoridades que seriam do conhecimento dos destinatários mais imediatos, a saber, passagens de Jerónimo⁹⁵, Gregório Magno, Agostinho e ainda Hugo de S. Victor⁹⁶. Apesar do recurso a autoridades ser comum na escrita hagiográfica, o mesmo não implicava uma ‘destituição’ emocional do texto. Contudo, não se tratava de um registo puramente emocional e pessoal, uma vez que a redacção hagiográfica pressupunha algum reconhecimento da personagem enquanto marco para uma comunidade,

⁹¹ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.27.

⁹² NASCIMENTO, Aires Augusto – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Entre edificações, saudade e memória*, p.9.

⁹³ NASCIMENTO, Aires Augusto – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Entre edificações, saudade e memória*, p.9, nota.1.

⁹⁴ NASCIMENTO, Aires Augusto – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Entre edificações, saudade e memória*,...p.9.

⁹⁵ NASCIMENTO, Aires Augusto – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Entre edificações, saudade e memória*,...p.11.

⁹⁶ NASCIMENTO, Aires Augusto – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Entre edificações, saudade e memória*,...p.11,nt.7.

excedendo o plano individual, mesmo quando se tratava de personalidades cujo culto ainda não era praticado⁹⁷. Apesar de conhecer pessoalmente Teotónio, como referiu na biografia, o biógrafo fez largo uso de “extractos intertextuais” provenientes das Sagradas Escrituras, cuja dupla função era especialmente importante para o hagiógrafo. Se por um lado as Escrituras eram já um modelo de narrativa sagrada, por outro, eram uma “fonte do alimento espiritual dos crentes”⁹⁸, muito utilizadas na tradição hagiográfica. A escolha dos textos sagrados, citações utilizadas e as personagens a quem eram atribuídos não era ocasional.

Destaca-se o uso destas narrativas em momentos fulcrais do texto, tanto na descrição da Jerusalém celeste como quando aconselhou os seus monges “paternalmente”, sendo que estas referências foram feitas no discurso directo⁹⁹.

Finalmente, estas fontes têm em comum o género literário *Vitae et Miracula*. Narrativas produzidas em ambientes monásticos, que descreviam as vidas dos seus membros respectivas e respectivas comunidades. Género literário entendido como um tanto ‘propagandista’, tentou disseminar ideias recorrendo a actos, feitos e milagres atribuídos às personagens de que se socorriam. Porém, frequentemente produzidos largos anos após a morte dos santos, como no caso de S. Rosendo, estes textos tornam-se ‘perigosos’ para o estudo dos períodos que relatam, divulgando mais do momento em que foram escritos e das pretensões de quem os escreve. Nos três casos em estudo, verificamos a importância das figuras dos santos nos períodos em que se redigiram as Vidas. Em S. Rosendo vemos a acção do monacato beneditino assim como momentos de hostilidade política e social na Galiza. Em S. Geraldo assiste-se aos movimentos reformistas oriundos do papado, a gradual entrada da ordem de Cluny na Península Ibérica e a elevação da metrópole bracarense. Em S. Teotónio, a construção de um novo centro monástico que acompanha a definição territorial, seguindo as conquistas de Afonso Henriques, o primeiro rei e o primeiro santo portugueses presentes no texto.

No que respeita aos milagres, as temáticas das três hagiografias demonstram aspectos comuns, que trataremos mais adiante. Apesar de contornos distintos, as curas

⁹⁷ NASCIMENTO, Aires Augusto – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Entre edificações, saudade e memória*, ...p.11-12.

⁹⁸ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.17.

⁹⁹ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios*...p.18.

de doenças, as possessões demoníacas, os salvamentos de naufragos e outras formas de auxílio à ‘sociedade’ assim como castigos divinos motivados pela ofensa aos santos. Porém, como tentaremos definir neste estudo, os relatos miraculosos não devem ser entendidos exclusivamente pelo seu carácter religioso e pela validação da santidade do indivíduo: o que parecia ser apenas uma demonstração de ligação com a divindade poderia adquirir contornos de ‘luta’ por jurisdições e afirmações de poder que opõem as esferas políticas às religiosas.

Porém apesar das semelhanças, alguns aspectos separam estas fontes. Tomemos como exemplo o tempo que distou entre morte destes santos e a redacção dos textos. Se em S. Rosendo medeia mais de um século, em S. Teotónio é apenas um ano que afasta a redacção da sua vida. Aspecto que pode ser crucial para o estabelecimento de devoções. O distanciamento do primeiro permitiu a definição de um culto com maior peso, que contou com a transmissão exterior aos limites conventuais, algo a que também se assiste em S. Geraldo. Em S. Teotónio, o curto período da sua redacção não teria permitido uma afirmação do santo além de Santa Cruz de Coimbra. Igualmente distinto nos três textos é o vínculo entre o autor e o biografado, se em S. Geraldo e S. Teotónio há uma clara proximidade entre ambas as entidades, no caso de S. Rosendo essa proximidade é apenas da pertença à mesma instituição e, portanto, também de fidelidade à memória longa do santo.

Metodologia e categorias

A categorização individualizada destes relatos assume uma importância significativa num contexto geral da escrita hagiográfica, contribuindo para o entendimento da mensagem do texto. Assim, entre milagres taumatúrgicos que socorrem a sociedade e milagres que colocam em oposição o poder temporal e o poder espiritual, evidenciando as relações conflituosas entre os dois e a procura de domínio em matérias que dizem respeito a ambas as esferas. Ficamos, portanto, mais perto da razão da intervenção divina na sociedade e consequentes significados. Como tal, a análise dedicada aos feitos miraculosos revela alguma importância para o entendimento, não apenas do conflito entre poderes, como do estreito contacto e ligação entre dois mundos.

Para este estudo, definimos as categorias após a leitura dos milagres, visto que assim teríamos uma visão generalizada dos assuntos tratados e, conseqüentemente, dos grupos em que poderíamos inserir os relatos. Contudo, se alguns milagres foram de simples categorização outros revelaram uma complexidade superior, pela possibilidade de se inserirem em mais de que uma categoria. Dada essa dificuldade, procuramos definir os critérios para cada grupo de maneira a conseguir tipificar os milagres com maior fidelidade ao assunto tratado. Se encontramos esferas mais abrangentes no tratamento destes relatos, temos de ter em atenção que as mesmas podem albergar domínios mais estreitos e, por isso, considerar que os vários relatos de uma categoria, mesmo que não se assemelhem, pertencem a uma esfera idêntica. A título de exemplo, se por um lado a categoria “Curativo” era facilmente identificada pela esfera terapêutica que une os milagres, a categoria “Jurisdicional” ao identificar-se com uma vertente mais administrativa, abrigava situações de conflitos entre personalidades políticas coevas assim como com outras questões do foro institucional, motivo pelo qual foram incluídos numa só categoria.

Começamos portanto pelos milagres “Curativos”, onde consideramos os relatos que tratam a cura física das mais variadas doenças dos fiéis. Entre os exemplos mais comuns desta categoria encontramos a cura de casos de cegueira, e o restabelecimento de membros do corpo que, segundo os relatos, recuperaram a mobilidade e funcionalidade. Incluída nesta categoria estava, obviamente, a cura de dores de cabeça, exemplo recorrente das proezas taumatúrgicas. Uma vez que estes parecem ser os casos que mais se repetem nos textos, no seguimento deste estudo abordaremos outros exemplos que achamos necessário salientar.

Na categoria que intitulamos como “Sensibilidade religiosa e Crença” debruçámo-nos sobre ocorrências estreitamente ligadas ao domínio espiritual, onde encontramos um sentimento religioso mais intenso, através do qual se vivenciaram experiências fortemente marcadas pelo mundo espiritual e se procurou a salvação das almas e da possessão demoníaca, amiúde fruto da condenação de pecados. No entanto, a possessão demoníaca não era a única forma de evidenciar o pecado, que poderia ser representado através da presença de serpentes, que por vezes penetravam naqueles que haviam

pecado. Notemos ainda que a existência de pecado nem sempre foi declarada nos relatos.

Consideramos como milagres “Quotidianos e Comunitários” aqueles que testemunharam a intervenção mais recorrente do santo na sociedade em auxílio dos fiéis. A título de exemplo, tomemos os salvamentos de náufragos ou as travessias de barco, episódios frequentes nas fontes que estudamos e cujo desenlace resultava na salvação daqueles que pediam auxílio.

Finalmente, na categoria que consideramos como “Jurisdicional” inseriram-se os milagres que relataram ocorrências sobre domínios vários: como o material e o envolvimento directo de clérigos ou da igreja em querelas com outras entidades. Muitas vezes relacionados com questões de intromissão de senhores em matéria reservada ao clero ou apropriação indevida de património e a sua ocupação, por se revelarem nefastas para as comunidades monacais, são incluídos neste grupo. Como exemplo refiram-se os milagres de S. Rosendo em que alguns poderosos locais oprimiram o mosteiro de Celanova e os seus monges, exercendo sobre eles poderes indevidos, como o caso de Pedro Gonçalves, Munho Vasques e Munho Fúlgur. Cada um deles aplicou a sua autoridade de forma diferente mas, comumente, exerceram poderes indevidos e atentaram directamente contra a instituição. Ainda no domínio jurisdicional, igualmente relacionada com a defesa institucional, em S. Geraldo assistimos à protecção de uma capela face às inundações, apesar das fortes chuvas que fizeram temer o contrário, o que consideramos nesta categoria por se tratar do domínio físico.

Capítulo 1 – Hagiografia

Neste capítulo abordaremos alguns aspectos essenciais da escrita hagiográfica. Ao mesmo tempo que traçamos uma história geral, apontamos outras questões como a escrita e os redactores, num esforço de cruzar essas informações com os dados que apurámos nas fontes que nos propusemos estudar.

Num sentido abrangente a hagiografia é a escrita da vida de santos. No entanto, o desenvolvimento do conceito de santidade desencadeou outros tipos de escritos, novas produções com finalidades e fórmulas distintas, mas que tinham em comum o santo¹⁰⁰. Desta forma nos referimos à redacção de Livros de Milagres, de bulas de canonização, trasladações de relíquias, entre outros textos. Podendo assim alargar o significado da hagiografia aos textos sobre o santo, apesar dos diferentes géneros, assemelhando-se a um conjunto e não apenas um estilo de escrita¹⁰¹. Narrativa que poderia ser perspectivada como um veículo intermediário que permitia a comunicação com Deus¹⁰².

O estudo não pode deixar de lado o facto de se tratar de um relato de cariz biográfico cujos elementos eram moldados à necessidade do que se pretendia contar, tratando-se assim de um texto alvo de culto e cuja análise não poderia ser a mesma que a de um simples documento legal ou administrativo¹⁰³.

As narrativas hagiográficas eram elaboradas a partir de outros textos, com destaque para os Evangelhos¹⁰⁴, sem que nunca existisse o objectivo de os imitar¹⁰⁵.

¹⁰⁰ BARCELLONA, Francesco Scorza – “Le origini”. In *Storia della santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 2005, p.60. “La specificità di queste fonti particolari sta nel fatto che, come ha osservato Hippolyte Delehaye, il documento agiografico si deve riservare «a tutti i documenti scritti, ispirati dal culto dei santi e destinati a promuoverlo»”.

¹⁰¹ Anteriormente trabalhamos estes assuntos; ver SOUSA, Liliana Oliveira – “Os Milagres de São Rosendo e São Geraldo de Braga: Ensaio de tipificação”. *Omni Tempore. Atas dos Encontros da Primavera 2017*. Volume 3 (2018), pp. 52-76. Entre outros autores que estudam o assunto, veja-se principalmente: HEAD, Thomas – “Introduction”. In. (ed.) Thomas Head, *Medieval Hagiography: an anthology*. Nova Iorque: Routledge, 2001, p.xiv.

¹⁰² ROSA, Maria de Lurdes– *Santos e Demónios*...p.15.

¹⁰³ ROSA, Maria de Lurdes– *Santos e Demónios*...p.15-16.

¹⁰⁴ ISAÏA, Marie-Céline – “L’hagiographie, source des normes médiévales. Pistes de recherche”. In *Hagiologia: Études sur la Sainteté en Occident*, vol.9. Turnhout: Brepols Publishers, 2014, pp.9-16.

¹⁰⁵ UYTFANGHE, Marc Van – “Propos liminaires”. In *Hagiologia: Études sur la Sainteté en Occident*, vol.9. Turnhout: Brepols Publishers, 2014, p.15: “Tout le monde sait que l’hagiographie regorge de

Funcionaria, na verdade, como uma validação da redacção¹⁰⁶. Textos repletos de referências, como aponta Maria de Lurdes Rosa, apenas numa visão anacrónica poderiam ser todos eles considerados objectivos¹⁰⁷. De facto, para que o santo cumprisse todos os preceitos dignos de santidade, é-lhe retirada parte da sua individualidade humana¹⁰⁸. Assim, aquilo que era transversal aos santos tinha mais valor que aquilo que compunha a individualidade de cada um. Dessa forma, tornava-se fácil a transposição de factos de uma Vida para outra, atribuindo-se rapidamente detalhes de um indivíduo a outro, recorrendo-se ainda a passagens de autores posteriores¹⁰⁹.

Segundo Marie-Céline Isaïa as fontes tentavam passar a imagem de que a hagiografia era algo exemplar. Repetindo a ideia de que cada hagiógrafo tinha como missão registar na memória o exemplo dos santos, as acções que mereciam ser conservadas e servir de exemplo para a posterioridade, sendo a principal justificação a dimensão pedagógica e moral¹¹⁰. No entanto, segundo a mesma autora, estes textos deveriam ser estudados igualmente enquanto fontes de normas medievais, em vez de serem reduzidos à vertente de exemplaridade, tal como a Sagrada Escritura. Os textos hagiográficos formam, assim, um *corpus* de referências para a sociedade cristã Ocidental¹¹¹. Afinal, a construção mental do reino dos mortos era uma projecção das estruturas morais da sociedade coeva¹¹², nomeadamente a relação de “clientela”¹¹³.

stéréotypes et de lieux communs, qui se transmettent d'un saint à l'autre, souvent même sous forme de pur plagiat, du moins à nos yeux à nous”.

¹⁰⁶ ROSA, Maria de Lurdes – “O «guerreiro dos Crúzios» e o «guerreiro dos guerreiros»: a construção do leigo pelos textos crúzios e a sua recepção”. In *História Religiosa de Portugal*. Carlos Moreira Azevedo (dir.). Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. p.447, “Este actualiza assim uma presença divina que foi histórica e que deixou estatuto especial, revelados ou iluminados pela fé e portanto transmissores de carisma. É ritual a utilização repetida de palavras, frases e mesmo trechos extensos da grande narrativa cristã: a repetição confere solenidade ao presente, religa-os à eternidade”.

¹⁰⁷ ROSA, Maria de Lurdes – “O «guerreiro dos Crúzios» e o «guerreiro dos guerreiros»”...p.447.

¹⁰⁸ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.519.

¹⁰⁹ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.520: “sometimes a whole Life was borrowed, with a simple change of name to apply it to a different saint

¹¹⁰ ISAÏA, Marie-Céline – “L’hagiographie, source des normes médiévales. Pistes de recherche”. In *Hagiologia: Études sur la Sainteté en Occident*, vol.9. Turnhout: Brepols Publishers, 2014, p.18.

¹¹¹ ISAÏA, Marie-Céline – “L’hagiographie, source des normes médiévales...”p.24.

¹¹² MATTOSO, José – “Pressupostos mentais do culto dos mortos”. In *Poderes Invisíveis: o imaginário medieval*. 2ªed. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2013, p.21.

O cristianismo medieval não se resumiu apenas ao culto de santos; no entanto, a Alta Idade Média teria captado e drenado parte essencial das energias espirituais, oferecendo uma fuga religiosa à maioria dos fiéis. A Igreja e os hagiógrafos afirmaram repetidamente que era Deus quem intercedia pelos santos, mostrando que seria difícil incutir no comum dos cristãos esse pensamento: de que Deus estaria longe e os santos estariam perto. Nesse sentido Marc Van Uytfanghe cita Isidoro de Sevilha, quando este disse que os exemplos dos santos eram suficientes como padrão de comportamento. O arcebispo de Sevilha consideraria que a Igreja do seu tempo já teria bastantes modelos pós-bíblicos de perfeição cristã e que, na falta dos livros da Sagrada Escritura, os relatos hagiográficos poderiam substituí-los¹¹⁴.

Em nota final, mesmo considerando-se que a hagiografia é feita de lugares comuns, esses aspectos merecem ser estudados, enquanto representações em que se expressa a exemplaridade. Devendo-se ainda procurar modelos de santidade que permitem fazer desses estereótipos objectos de estudo histórico, em vez da procura do “santo verdadeiro” construído pelo discurso¹¹⁵. Se partes ou a totalidade de algumas vidas eram copiadas de outros autores, seria ainda assim excessivo considerar que as hagiografias estariam desprovidas de valor biográfico, uma vez que em outras situações os hagiógrafos conheceram ou conviveram de perto com o santo¹¹⁶. No nosso trabalho isso verificou-se com S. Geraldo e S. Teotónio, Cujos biógrafos conviveram com os santos cujas vidas viriam a narrar, havendo uma proximidade original em cada texto.

No entanto, mantém-se uma questão importante e para a qual Robert Bartlett chama a atenção. Qual a relação entre a vida do santo e a Vida do santo? Ou seja, qual a relação entre a vida que esse indivíduo teria levado e o significado atribuído às acções descritas na sua biografia que o identificam enquanto santo¹¹⁷. A redacção das Vidas iniciava-se geralmente com o nascimento do santo ou com a sua infância, terminando na sua morte. No entanto, estas são apenas algumas margens da escrita que não eram fixas

¹¹³ VAUCHEZ, André – “O Santo”. In *O Homem Medieval* Jacques Le Goff (dir.); Maria Jorge Vilar de Figueiredo (Trad.) Lisboa: Editorial Presença, 1989. p.212.

¹¹⁴ UYTFANGHE, Marc Van – “Propos Liminaires”...pp.10-11.

¹¹⁵ ISAÏA, Marie-Céline – “L’hagiographie, source des normes médiévales...”p.20.

¹¹⁶ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.522.

¹¹⁷ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.518.

e, por esse motivo, haveria um largo espaço para variações estruturais e temáticas, não existindo necessariamente uma escrita encadeada em eventos cronológicos. Daí muitas hagiografias serem organizadas tematicamente e não cronologicamente, fazendo com que se assemelhassem apenas a recolhas de episódios¹¹⁸.

Vejam agora alguns dos momentos importantes para a consolidação da escrita hagiográfica. Os séculos IV e V foram fundamentais para a construção do estilo hagiográfico¹¹⁹. Iniciou-se a definição de cânones e modelos que seriam respeitados e repetidos por longos séculos¹²⁰. Este momento inaugural teve como um dos objectivos a distinção entre as capacidades sobrenaturais que se associavam a estes homens e as práticas mágicas pagãs¹²¹. Estes textos iniciais debruçaram-se sobre figuras como o eremita Paulo de Tebas, cujo texto foi redigido por S. Jerónimo; a Vida de Santo Antão por Atanásio, bispo de Alexandria; a Vida de S. Martinho por Sulpício Severo e a Vida de Santo Ambrósio por Paulino de Milão¹²².

Pelo final do século IV a literatura dedicada aos santos apresentava alguma estrutura. Data dessa centúria o primeiro calendário cristão¹²³ de que temos conhecimento, assim como as Paixões dos mártires e as Vidas dos ascetas. Tomando grandes proporções, tornar-se-ia o género literário com maior actividade no período medieval¹²⁴.

Conquistou o interesse do público cristão e desde cedo se realizaram leituras das Paixões dos mártires nos dias comemorativos, junto das suas sepulturas¹²⁵. Posteriormente, as leituras não se faziam apenas durante os serviços litúrgicos. Nos

¹¹⁸ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.518.

¹¹⁹ Ainda segundo Sofia Boesch Gajano, no final deste século a escrita mostrava uma evolução política, social e cultural no mediterrâneo, sentida na progressiva e marcada desigualdade entre Ocidente e Oriente, na progressiva cristianização dos espaços romanos e germânicos; a evolução lenta das elites politico-culturais detentoras do poder económico e social do Império e novas estruturas eclesiásticas. BOESCH-GAJANO, Sofia – *La santità*. Bari: Editori Laterza, 2015.p.43; BARCELLONA, Francesco Scorza – “Le origini”...p.68-72.

¹²⁰ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.20-21.

¹²¹ WARD, Benedicta – *Miracles and the medieval mind : theory, record and event, 1000–1215*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press,1993, p.168.

¹²² BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.21; VAUCHEZ, André – “O Santo”...p.212.

¹²³ BARCELLONA, Francesco Scorza – “Le origini”...p.73.

¹²⁴ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...pp.21-22. e 504

¹²⁵ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.506.

mosteiros seria comum terem lugar na sala do capítulo ou de jantar, para além das leituras individuais privadas de cada religioso¹²⁶. A presença destes textos junto da Bíblia e a sua leitura durante as missas ter-lhes-ia conferido um carácter quase litúrgico, sem que houvesse verdadeiramente esse estatuto equivalente¹²⁷. Robert Bartlett refere a descoberta de Bernhard Bischoff, paleógrafo alemão, que encontrou um número substancial de manuscritos de Vidas que davam mostras de terem sido dobrados em tamanho apropriado para transportar, podendo indicar o uso para leitura privada. Vários casos semelhantes foram detectados na Alemanha e na França¹²⁸.

Os textos assumiam tamanhos, formas e estruturas diversas, sendo que muitas destas eram em verso, como, por exemplo, as primeiras narrativas sobre santos¹²⁹.

Em 1090 o italiano Faricius, monge beneditino que se destacara pelo abaciado no mosteiro inglês de Abingdon, formulou três justificações para estes textos. Em primeiro lugar eram uma forma de glorificação a Deus. Em segundo lugar, uma glorificação dos santos, sofrendores que deveriam ser celebrados pelas gerações vindouras. Por último, os feitos deviam servir de inspiração¹³⁰.

Apesar da função exemplar da hagiografia, na prática os santos seriam maioritariamente vistos como patronos a serem louvados e não modelos a serem imitados, eram vistos como produtores de milagres em detrimento de exemplos. Gerava-se assim uma separação entre os devotos e os santos, que nunca poderiam ser verdadeiramente imitados pela ligação que mantinham com Deus¹³¹.

Para além das exemplaridades, clérigos e monges poderiam usar estes textos para reivindicar propriedades e estatutos. Exigências explícitas nas Vidas e nos milagres, como termos oportunidade de analisar num momento posterior. Este era apenas um dos aspectos da escrita hagiográfica, onde o maravilhoso e o sobrenatural ocupavam uma parte considerável. Em alguns casos a própria obra poderia ser um veículo deste poder, tal como a vida de Santa Margarida da Antioquia, cujo texto seria um veículo de perdão

¹²⁶ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.507.

¹²⁷ UYTFANGHE, Marc Van – “Propos liminaires”...p.12.

¹²⁸ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.507-508.

¹²⁹ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.508.

¹³⁰ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.510.

¹³¹ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.511: “But there is one class of person that really did take saints as model: the saints themselves”.

dos pecados¹³².

Dediquemos agora nossa atenção à figura do hagiógrafo. Indispensável na redacção, foi considerado por Maria de Lurdes Rosa como elo de ligação entre dois mundos, autênticos “cronistas do sagrado”. Em grande medida, seriam compiladores em vez de autores, pelas abundantes referências a outros textos¹³³.

Concretamente sobre os redactores, a maioria dos hagiógrafos latinos do início da Idade Média permaneceu anónima. Desconhecendo-se os hagiógrafos, é ainda assim válido acreditar que fossem integrantes do corpo monástico ou clerical associado ao santo¹³⁴. Tal como acontece no caso de S. Teotónio que estudámos, o hagiógrafo manteve-se anónimo mas revela na escrita alguma proximidade para com o prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Existem registos que podem confirmar que um número de hagiógrafos teria alcançado alguma fama pela sua actividade. Relevantes no universo da escrita, receberiam inclusivamente pedidos de Vidas oriundos de comunidades com as quais não teriam qualquer vínculo, não existindo nestes casos um elo mais profundo que ligasse o hagiógrafo ao santo¹³⁵. André Vauchez realça que a distância física e temporal entre ambas as figuras contribuía para a maior admiração daquilo que se entrepunha entre os santos e a sua figura humana. Isto é, aquilo que tinham de mais divino e maravilhoso¹³⁶.

A recompensa do hagiógrafo poderia ser feita de diferentes maneiras. Se por um lado as orações eram uma forma de o compensar, por outro, alguns deles chegavam a ser monetariamente beneficiados. Ao mesmo tempo também esperavam ser protegidos pelo santo sobre o qual escreveriam. O hagiógrafo estava condicionado pela sociedade em que se inseria, sentindo-se nos textos as marcas de desenvolvimentos importantes que ocorreram ao longo de toda a Idade Média. A título de exemplo, a progressiva

¹³² BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.512-513.

¹³³ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e demónios*...p.16. “Os escritores que eram os hagiógrafos obtinham assim textos entretecidos, de que não eram os autores, mas sim os artífices. As suas mãos perpetuavam a manifestação do divino que fora a vida concreta de um santo; os textos que teciam não eram literatura, mas instrumentos religiosos, de devoção e culto”.

¹³⁴ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.513.

¹³⁵ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.514 -516 “The relationship between the hagiographer and the saint he wrote about varied from the emotional and intense to the purely professional”.

¹³⁶ VAUCHEZ, André – “O Santo”...p.224.

necessidade de canonização iniciada no século XII veio influenciar a escrita, formulando-se os textos na tentativa de obtenção de canonização ou, simplesmente como peça do processo¹³⁷.

Nas nossas fontes a recompensa dos hagiógrafos parece ter sido o louvor e mérito pela obra executada. Não foram feitas menções a outros tipos de gratificação e, considerando que nos três casos em estudo, os redactores formavam parte da comunidade mais próxima do santo, o renome e notabilidade seriam suficientes.

Em dois dos casos, S. Geraldo e S. Teotónio, os respectivos hagiógrafos conviveram com os santos, ambos salientam essa relação e, no segundo caso, são diversas as referências ao longo do texto que demonstram constantemente uma relação de afectividade e de familiaridade para com o prior¹³⁸. No caso da Vida do arcebispo bracarense, redigida por Bernardo então arcediogo de Braga e que viria a ser bispo de Coimbra, a relação também mostra alguma proximidade, mais pormenorizadamente relatada num episódio em que o hagiógrafo foi miraculado pelo santo. Por fim, no caso de S. Rosendo, a ligação prende-se essencialmente com o vínculo do mosteiro de Celanova, uma vez que a Vida foi composta séculos após a morte do abade e, consequentemente, não existia a ligação pessoal que foi constatada nos outros dois casos.

Os textos estavam acessíveis a clérigos e monges que soubessem ler e àqueles que compreendessem a leitura em latim. No entanto, estas composições deveriam sair dos limites das instituições, propagando-se o culto dos santos e relíquias a um público mais vasto, divulgando-se essencialmente os momentos específicos das vidas e os milagres. Os textos seriam lidos em público, já desde a Antiguidade, junto dos respectivos túmulos. Por sua vez, a hagiografia em língua vernácula seria um fenómeno tardio, prevendo-se nesse sentido que a compreensão das Vidas não estava ao alcance de todos em virtude da barreira linguística. Contudo, pelas alusões dos hagiógrafos à necessidade de divulgar a fama dos santos, Marc Uytfangh, na esteira de Gilbert Dagron, considerou o aparecimento das “hagiografias espontâneas”, enquanto narrativas transmitidas

¹³⁷ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.515.

¹³⁸ NASCIMENTO, Aires Augusto – “Introdução”. In *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*...p.12 “...expressão de afecto e saudade relativamente a uma personalidade querida que acaba de desaparecer e a quem o hagiógrafo confessa dever toda a sua formação humana e espiritual, no caso de Dom Teotónio”.

oralmente, tanto por clérigos como pelas próprias testemunhas e que, consequentemente, estariam ainda mais sujeitas a transformações¹³⁹.

Para além disso, discutindo-se o texto hagiográfico pelo seu carácter exemplar, é impossível saber se a vertente pastoral foi seguida. Segundo Marie-Céline Isaïa, torna-se para tal essencial o estudo das estratégias de promoção de um modelo em detrimento de outro assim como a forma mais eficaz de os difundir¹⁴⁰.

No que respeita à escrita, foram aplicadas fórmulas que se tornariam comuns no género literário. Segundo André Vauchez, o Ocidente seria herdeiro de uma série de representações mentais de santidade oriundas da Alta Idade Média e que só seriam discutidas nas centúrias seguintes. Entre as características principais que foram herdadas destaca-se a prevalência da figura masculina, a idade adulta, havendo pouco interesse pela infância e a ligação entre nascimentos aristocráticos e a perfeição moral e religiosa¹⁴¹.

Entre os exemplos de fórmulas de escrita comuns encontramos o modelo de humildade dos hagiógrafos, que nos prefácios das obras advertiam para o facto do texto que apresentavam ter sido uma ordem de alguém hierarquicamente superior. Como aponta Robert Bartlett, não invalidando o motivo que enunciavam, seria igualmente credível que essa fosse uma forma de evitarem alguma presunção advinda da escrita da vida e dos feitos de figuras tão importantes¹⁴². No entanto a fórmula de humildade não se ficava por aí, eram ainda comuns as advertências para a incapacidade do próprio hagiógrafo em redigir esses mesmos feitos¹⁴³, aspecto que encontramos nas nossas fontes e comum a outros géneros além do hagiográfico, como a cronística.

Assim, no prólogo da *Vida de S. Rosendo*, Ordonho escreveu: “É sobre a sua concepção e nascimento, vida, morte e virtudes, que, eu, o indigno e incompetente Ordonho, monge do mosteiro de Celanova, tentarei escrever com o auxílio de Deus, o

¹³⁹ DAGRON, Gilbert – “Vie et Miracles de sainte Thècle. Texte grec, traduction et commentaire”. In *Subsidia Hagiographica*, 62. Bruxelas: Société des Bollandistes, 1978. *Apud*. UYTFANGHE, Marc Van – “Propos Liminaires”...pp.14-15.

¹⁴⁰ ISAÏA, Marie-Céline – “L’hagiographie, source des normes médiévales”...p.19-20.

¹⁴¹ VAUCHEZ, André – “O Santo”...p.215.

¹⁴² CURTIUS, Ernst Robert – *European Literature and the Middle Ages*. 3ªed. Oxford: Princeton University Press, 2013, p.85; BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.513.

¹⁴³ CURTIUS, Ernst Robert – *European Literature*...pp.84-85.

mais verdadeira e concisamente que puder, aquilo que for possível, do que ouvi, do que conheci pessoalmente e até do que encontrámos em livros e nos documentos dele”¹⁴⁴.

No caso de S. Teotónio, desde cedo se verifica a relação entre o hagiógrafo e o santo: “é por isso que todas as vezes que intento emitir palavras sempre me ficam rasos os olhos, a voz se embarga e os soluços interrompem as palavras da minha composição”¹⁴⁵. No prólogo, deixa patente a fórmula de humildade, de que fez uso por diversas vezes ao longo do texto, “venerarei a sua memória através das letras; a verdade, porém, é que me considero não estar à altura do tratamento de tão grande varão e melhor fora que contemplasse tal varão e não falasse dele. Efectivamente os pequenos engenhos não aguentam os grandes temas e quanto maior e mais excelente for o que há para dizer, tanto mais fica frustrado aquele que não pode desenvolver em palavras a magnitude das coisas”¹⁴⁶. Admitindo que vai buscar força a Deus para narrar uma vida cujos feitos mereciam ser honrados¹⁴⁷.

Como anteriormente afirmámos, a construção do texto hagiográfico nem sempre seguia uma ordem cronológica de eventos. Iniciando-se no nascimento ou na infância, surgindo assim informações cruciais para o conhecimento da sua naturalidade e estatuto social da respectiva família¹⁴⁸.

Já em crianças a maioria deles destacava-se pelo comportamento rigoroso, demasiado adulto para as suas idades, por vezes tidos como *puer senilins* ou *puer senex*¹⁴⁹. Lugar-comum que se estendia à restante literatura medieval e não exclusivamente à hagiografia, assim como parecia igualmente recorrente na antiguidade pagã, mantendo-se relevante até ao século XVII tanto na literatura profana como cristã¹⁵⁰.

¹⁴⁴ Ordonho, monge do mosteiro de Celanova – *Vida de S. Rosendo* ...p.13

¹⁴⁵ *Vida de D. Teotónio*...p.138.

¹⁴⁶ *Vida de D. Teotónio*...p.138.

¹⁴⁷ *Vida de D. Teotónio*...p.141.

¹⁴⁸ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.524.

¹⁴⁹ CURTIUS, Ernst Robert – *European Literature*...p.98, “All early and high periods of a culture extol the young man and at the same time honor age. But only late periods develop a human ideal in which the polarity youth-age works towards a balance; BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.526.

¹⁵⁰ CURTIUS, Ernst Robert – *European Literature*...p.99.

Uma das indicações comuns era a de que o santo seria de ascendência nobre¹⁵¹, quer de sangue quer de espírito, traduzida na virtude e piedade. Os hagiógrafos pareciam querer alguém de boas famílias ao mesmo tempo que demonstravam outras qualidades que seriam ainda mais desejadas¹⁵². No entanto, esta exigência não se verificava exactamente em todo o lado, no conjunto dos países mediterrânicos, como por exemplo na Itália: a *vox populi* elegia frequentemente homens que não teriam origens nobres nem teriam sido distinguidos pelas suas funções, mas pela vivência que haviam levado e dedicação a Deus e ao próximo. O que contrastava com os santos bispos em França e na Inglaterra do século XIII¹⁵³. Ainda assim, a nobreza foi um aspecto que verificamos nos nossos três santos, tanto pelas origens familiares como pela elevação espiritual.

Outro lugar-comum seriam os sonhos premonitórios das mães dos futuros santos¹⁵⁴, alertadas para as concepções e nascimentos. Identificámos frequentemente nas nossas fontes estes aspectos. Em S. Rosendo verificou-se a linhagem nobre, a concepção miraculosa, a revelação divina feita à mãe e a ligação com Deus desde a infância, que se estenderia por toda a vida. Vejamos essas vertentes por partes: acerca da família, o hagiógrafo sublinhou com especial ênfase a linhagem de Rosendo, “descendente de uma ilustríssima árvore genealógica real, pois o pai era o Conde Guterre e a mãe, de nome Ilduara”. O seu nascimento seria também muito desejado pelos pais, Ordonho indicou que na vida de ambos apenas faltava o nascimento de um filho. Ora, o filho desejado era Rosendo, cuja primogenitura é discutível acreditando-se que teria afinal um irmão mais velho¹⁵⁵. Foi neste sentido que Guterre e Ilduara

¹⁵¹ VAUCHEZ, André – “O Santo”...p.215. O requisito de uma linhagem nobre não seria um aspecto imposto pela classe dominante, mas uma concepção com raízes na Antiguidade tardia cristã assim como do paganismo germânico, e que seria partilhada por todas as classes, “de que a perfeição moral e espiritual dificilmente se poderia desenvolver fora de uma linhagem ilustre”.

¹⁵² BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.525. “Hagiographers wanted their subjects to be of good family but also to stress that there were even more desirable qualities”.

¹⁵³ VAUCHEZ, André – “O Santo”...p.219-220: Nos países mediterrânicos e, sobretudo, em Itália, onde a proporção de santos provenientes de classes dirigentes é muito menos elevada, a situação é muito diferente. Os santos bispos, que, em França e em Inglaterra, no século XIII, eram numerosos, desaparecem do campo onde a opinião pública meridional ia escolher os seus heróis.

¹⁵⁴ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.525.

¹⁵⁵ PEREIRA, Maria Helena da Rocha – “Ordonho monge de Celanova: Vida de S. Rosendo bispo e confessor”. In *Vida e Milagres de São Rosendo*..., p.13, nt.1.

procuraram ajuda junto de santos para o sucesso na fertilidade¹⁵⁶. Finalmente foi na igreja de S. Salvador no Monte Córdova, em Salas (actual Santo Tirso), que a mãe prometeu entregar o filho a Deus caso a gravidez se concretizasse, recebendo em troca uma advertência divina, indicando-lhe que teria um filho santificado por Deus¹⁵⁷.

A sua infância foi, tal como em muitos outros textos deste género, pautada pelo comportamento distinto face a outras crianças, realçado pelo hagiógrafo por possuir “carácter notável”. Sobressaindo neste relato a indicação do momento em que teria dado início às “primeiras falas”, “não com ninharias e brincadeiras, como costuma suceder na infância, mas, entregando-se ao estudo das letras, foi merecedor de aprender a palavra de Deus”. A sua juventude foi um momento de continuidade do comportamento passado assim como o desenvolvimento da sua reputação por toda a Hispânia. A humildade, castidade, paciência e caridade valeram-lhe alcançar o “cume das ordens sagradas”. Atributos típicos no género hagiográfico, que explicavam ter ocupado o bispado de Dume com apenas 18 anos¹⁵⁸.

No que toca à *Vida de S. Geraldo* há também menção a uma linhagem nobre de Cahors, lugar de nascimento do santo, assim como um destaque dos pais: “seus pais, na verdade, já por nobreza, já por secular poder, eram assaz influentes”. Não sendo particularizado o momento do nascimento, a narrativa focou a infância, momento em que foi entregue a Deus no mosteiro de Moissac, dando início ao estudo da Regra e à sua vida monástica. Verificamos igualmente o modelo de *puer senex*, com o hagiógrafo a especificar que o seu comportamento e virtude, desde os começos da vida monástica, eram invejados pelos mais velhos. Entre as suas qualidades, destacava-se a humildade que afastava de quaisquer vícios corruptos da humanidade¹⁵⁹.

Eleito guarda-livros no mosteiro de Moissac, cargo que ocupou por diversos anos, ao mesmo tempo que se distinguia pelos conhecimentos em gramática e música, ensinando “com cuidado, os monges menos instruídos tanto Música como Artes”¹⁶⁰.

Num segundo momento, tal como vimos em S. Rosendo, a sua reputação também

¹⁵⁶ *Vida de S. Rosendo*...p.13.

¹⁵⁷ *Vida de S. Rosendo*...p.13-15.

¹⁵⁸ *Vida de S. Rosendo*...pp.17-19.

¹⁵⁹ *Vida de S. Geraldo*...pp.5-6.

¹⁶⁰ *Vida de S. Geraldo*...p.6.

se expandiu, consequência do “dom da ciência e a arte de ensinar”, até que foi levado pelo Arcebispo de Toledo, Bernardo, tendo ficado a reger a capela da Igreja de Toledo e ainda incumbido do ensinamento dos monges. Ao longo de toda a obra é dado um grande destaque ao seu papel enquanto educador, que viria a ser uma vez mais comprovado pelo desempenho em Braga. A diocese bracarense passava por momentos turbulentos e o seu clero acabou por mostrar interesse em trazer Geraldo para Braga, uma vez que no bispado não se encontrava homem com valor para tal. A descrição feita pelo hagiógrafo apresenta uma imagem paralela, de um lado Braga e o seu clero “falho de toda a orientação” e Geraldo que, enquanto era escolhido para bispo, continuava as suas tarefas sem desconfiar destas circunstâncias. Chegado a Braga, o hagiógrafo descreveu que Geraldo encontrou um lugar “despovoado e quase em ruínas, tomado de grande espanto, agradeceu a Deus o facto de lhe haver concedido um lugar em que houvesse de amofinar-se, cansar-se das fadigas apostólicas”¹⁶¹.

O comportamento da população bracarense contrastava muitíssimo com a descrição de Geraldo, contribuindo assim para as comparações tecidas após a restauração diocesana. O novo bispo distinguiu-se por ter incutido na comunidade palavras de pregação e disciplinado os clérigos¹⁶².

Por seu turno, o hagiógrafo de Santa Cruz de Coimbra definiu, inicialmente, o seu biografado. Também a sua origem era significativa, primeiramente através do nome que lhe fora atribuído¹⁶³ e, depois, salientando o seu percurso doutrinal¹⁶⁴. Natural de Ganfei, diocese de Tui, era filho de Oveco e Eugénia¹⁶⁵, caracterizados como pais “honestos e piedosos”. Parte de uma linhagem “respeitabilíssima” que exaltou ao longo

¹⁶¹ *Vida de S. Geraldo...* pp.6-9

¹⁶² *Vida de S. Geraldo...* p.10. O hagiógrafo descreve uma sociedade dominada pelo “incesto, o roubo, a fornicção, o furto, o homicídio, o ódio, e em outros géneros de crimes que levam o homem à morte”.

¹⁶³ *Vida de D. Teotónio...* p.141. “A esta linha respeitabilíssima da sua genealogia exaltou-a ele com a piedade do seu carácter, exornou-a com actos de probidade, por tal forma que não foi sem presságio de certa magnitude do Espírito Santo que lhe deram o nome Teotónio, de origem grega, que em latim equivale a divino”.

¹⁶⁴ *Vida de D. Teotónio...* p.141.

¹⁶⁵ MARQUES, José – “S. Teotónio e a cultura no século XII”. In *Monção: entre muralhas, com tantas portas quantos os sentidos*. Monção: Universidade do Minho/ Casa Museu de Monção, 2014, p.73. Filho de D. Oveco Mogueimes e Eugénia, nasceu em Tardinhade, Ganfei, em 1082. Foi educado pelo tio D. Crescónio, ainda abade no mosteiro beneditino de S. Bartolomeu de Tui, e em 1092 bispo de Coimbra.

da vida pelas virtudes e carácter, Teotónio foi educado pelos pais dedicando-se posteriormente ao “estudo espiritual dos textos”¹⁶⁶.

Na fase inicial da adolescência foi para Coimbra com o tio materno e mestre, o bispo de Coimbra, D. Crescónio. Numa idade que o hagiógrafo caracterizou como “ingrata”, Teotónio deixou de lado o caminho “esquerdo com os prazeres do século”, seguindo o “desejo do céu”, considerando-o reflectido e grave apesar da pouca idade e adjectivando-o de “prudente” e “discreto”¹⁶⁷. Pautava a sua vida pela humildade e modéstia, catequizando os povos, absolvendo-os dos seus pecados e exortando-os à penitência. Mantinha-se indiferente à alegria e à tristeza, afastando-se ou mantendo um contacto muito restrito com mulheres¹⁶⁸.

O momento da morte era de particular importância e, por isso, os autores dedicavam-lhe especial atenção. Como poderemos comprovar nas hagiografias estudadas eram circunstâncias acerca das quais os santos poderiam ter conhecimento prévio¹⁶⁹.

A cena da morte adquiria um valor importante. Muitas seriam públicas, outras seriam serenas com o santo a receber a comunhão e a morrer pacificamente enquanto estava rodeado pelos seus seguidores. Outros relatos poderiam ainda enfatizar o sofrimento do santo, sendo recorrentes os recursos à Paixão de Cristo. Nestes momentos os santos poderiam, inclusivamente, ouvir excertos da narrativa da Paixão, cuja pretensão seria a de afastar os demónios¹⁷⁰.

Vemos acontecimentos semelhantes nas três hagiografias, onde o momento da morte foi grandemente valorizado e onde os santos estavam rodeados pelos mais próximos. Sentindo a morte aproximar-se, Rosendo reuniu com os seus monges, prometendo-lhes o mosteiro assim como a protecção divina, e nomeando ainda o abade que lhe sucederia¹⁷¹. O momento da morte foi minuciosamente descrito pelo hagiógrafo, decorrendo numa quinta-feira pela hora de completas. O momento foi assistido por

¹⁶⁶ *Vida de D. Teotónio*...p.143.

¹⁶⁷ *Vida de D. Teotónio*...p.143.

¹⁶⁸ *Vida de D. Teotónio*...pp.145-147.

¹⁶⁹ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.530.

¹⁷⁰ BARTLETT, Robert – *Why do the dead do such great things?*...p.530.

¹⁷¹ *Vida de S. Rosendo*...pp.29-31.

todos os integrantes do mosteiro “a chorarem muito pela sua ausência, mas regozijando-se com a sua gloriosa felicidade”. O hagiógrafo focou-se ainda na caracterização imediata do santo, ou seja, a sua ascensão divina: “foi coroado, com felicidade, com a falange dos santos, por meio do manto imarcescível e da coroa inesgotável, pelo Remunerador de todos os bens”¹⁷².

Este episódio da narrativa passou a focar outra personagem, que viria também a ser considerada santa, num esforço de comprovar e assegurar a santidade de Rosendo. Senhorinha de Basto, na ocasião da morte do abade de Celanova, ouviu vozes que cantavam “salmos no Céu e a dizerem *te Deum laudamus*”, enquanto realizava o ofício de completas com as suas monjas¹⁷³.

Prestemos agora atenção ao caso de Geraldo, que se distinguiu de S. Rosendo em alguns aspectos. O momento da morte deu continuidade à imagem do arcebispo reformador e preocupado com as comunidades. Em missão pastoral às terras de Trás-os-Montes onde ainda ergueu uma nova igreja no lugar de Bornes, cuja consagração reuniu um grande número de indivíduos. Aí, prevendo o dia da morte, Geraldo ordenou que colocassem o seu leito junto da igreja que erigiu, permitindo-lhe assistir ao serviço litúrgico¹⁷⁴.

Mais perto do momento da morte pediu, igualmente, que lhe fosse trazido um crucifixo de prata e, num largo pranto, acusou-se das suas faltas. Requereu ainda que o seu corpo fosse envolto em cinza e em cilício, pedindo que no momento da sua morte encomendassem a sua alma. Ao mesmo tempo, um dos seus clérigos adoecera e, nessa circunstância, o seu espírito viu anjos que traziam um “precioso diadema em que se incrustavam gemas de raro preço”, indicando-lhe que se destinava a Geraldo, que seria levado no dia seguinte. Depois disto, parecendo já morto, contactou novamente com os monges e, identificando ainda uma presença maligna, expulsou-a. Confirmando-se o que fora dito pelos anjos, Geraldo morreu no dia seguinte, depois de ter ouvido a missa e comungado. As exéquias foram assistidas por indivíduos de todas as representações sociais, chorosos pela perda de Geraldo, que o hagiógrafo definiu como “orfandade”,

¹⁷² *Vida de S. Rosendo*...p.31.

¹⁷³ *Vida de S. Rosendo*...p.31.

¹⁷⁴ *Vida de S. Geraldo*...pp.29-31.

evidenciando o desaparecimento de uma figura fundamental. Uma vez mais seguindo uma fórmula recorrente, o hagiógrafo sublinha a santidade: “o seu espírito reina nos Céus com os bem-aventurados e os confessos”¹⁷⁵. Face ao abade de Celanova, o momento que antecedeu a morte de Geraldo pareceu um pouco inquietante, pelo pranto de Geraldo, que transmitiu uma imagem de alguma agitação, assim como foi marcado pela presença de um espírito maligno.

Vejam os finalmente o caso de S. Teotónio. Antes da sua morte teve uma visão, onde observou, a meio do claustro, uma torre que se elevava acima dos cumes do mosteiro. Via-se nessa torre carregando na mão uma lança sem ponta, comprida e branca. Encontrou-se com um varão de “hábito resplandecente”, que teria ordens divinas, e que lhe disse: “homem de Deus, tens trabalhado muito e por longo tempo tens peregrinado com a sobrecarga do peso da carne, mas fica tranquilo porque estás a chegar o dia em que por um breve trabalho terás o gozo da bem-aventurança eterna, de facto, já lutaste bem neste mundo e venceste sem ferro tudo o que estava ao dispor: é isto o que esta lança sem ponta significa; dá, pois, graças ao distribuidor de todos os bens, porque depressa tomarão cuidado de ti e, ao subires em peregrinação para a antiga morada, fica sabendo de antemão que Deus onipotente fez por ti muito bem a este local e continuará a fazê-lo”. Além disso, mostrou-lhe uma escada até ao céu pela qual subiram os elementos purificados da comunidade. O homem veio a identificar-se como o Apóstolo Pedro¹⁷⁶.

Advertido de que a sua morte estaria para breve, recebeu o sacramento da unção, abençoou os monges e consolou-os da sua tristeza. Acabaria por morrer a um sábado após a hora das matinas dos defuntos. E, tal como S. Geraldo, e segundo o costume, cristão foi colocado na cinza e no cilício encarando a morte “na posse das suas faculdades” e com alegria. Ainda no momento da morte, como poderemos ver num dos milagres, um espírito maligno estaria pronto para atacar Teotónio, não o conseguindo e a sua alma ascende aos céus. A sua perda foi sentida por toda a cidade¹⁷⁷, tal como sucedeu no caso de S. Geraldo.

¹⁷⁵ *Vida de S. Geraldo*...pp.31-33.

¹⁷⁶ *Vida de D. Teotónio*...pp.197-199

¹⁷⁷ *Vida de D. Teotónio*...p.199.

No entanto, outras fontes hagiográficas poderiam representar mortes dolorosas, o que seria um fenómeno importante a questionar dentro da santidade¹⁷⁸. Nos casos que estudámos e como pudemos analisar, nenhuma das mortes pareceu ser um evento doloroso. Apesar de terem sido registados alguns momentos de inquietação, os santos já estavam alertados para as suas mortes.

Reconhecidos como santos ainda em vida, o período da morte poderia ser causador de alguma ansiedade, pela espera que significaria uma transição fulcral para um novo estado. O santo poderia tornar-se um alvo de competição e de rivalidade, logo patente nas disputas entre o local onde nasceu e o local onde morreu¹⁷⁹, situação que não verificamos nas nossas fontes.

¹⁷⁸ BARTLETT, Robert –*Why do the dead do such great things?*...p.531.

¹⁷⁹ BARTLETT, Robert –*Why do the dead do such great things?*...p.532.

Capítulo 2 – Milagres

Sabemos já que, tal como a escrita das Vidas, a redacção dos milagres apresenta aspectos que se repetem entre os diversos textos, independentemente dos locais de produção. Efectivamente, verificam-se elos comuns entre as diferentes produções literárias. Se anteriormente se questionou a vida e a Vida, agora questionamos a relação entre os registos miraculosos e os eventos descritos. Pergunta para a qual é impossível uma resposta definitiva e que seria irrelevante no entendimento de Benedicta Ward. Apesar disso, continua a ser uma questão importante no estudo dos milagres, maioritariamente para a compreensão das complexidades deste tipo de registos¹⁸⁰.

Entre os milagres destacam-se temas recorrentes, com especial relevância para as curas, as punições, o salvamento e libertação de devotos. Seguindo as palavras de Jacques Le Goff, “os milagres são particularmente numerosos nos domínios em que a fragilidade do homem medieval é maior: no que diz respeito ao corpo, com numerosas curas; no que respeita às parturientes e às crianças, vítimas privilegiadas da miséria da Idade Média em termos fisiológicos e da medicina”¹⁸¹. Pretendemos neste subcapítulo indicar alguns dos aspectos frequentes nos milagres, apresentando os resultados mais significativos avançados por diferentes autores.

Segundo Pierre-André Sigal, o milagre seria um fenómeno que ia além da experiência de uma alteração, comportando diferentes fases, sendo de igual modo prova essencial que assegurava a santidade do indivíduo¹⁸². Na sua investigação, o autor fez uma análise mais detalhada das fases que formavam o milagre. O fenómeno tinha início no momento da evocação do santo, abrindo portas ao contacto entre ambos os lados.

¹⁸⁰ WARD, Benedicta – *Miracles and the medieval mind*...p.201: “But what was the connection between record and event? This question, impossible to answer and largely irrelevant as regards miracles in the Middle Ages, is nevertheless worth exploring in this attempt to understand the complexities of accounts of medieval miracles. In shrine collections the relationship was by no means simple; in the Lives of the saints tradition and the process of canonization came into play; while in monastic records propaganda predominated. How flexible were such records? To what extent and in what manner was it possible to alter material?”.

¹⁸¹ LE GOFF, Jacques – “O homem medieval”...p.26.

¹⁸² BOESCH-GAJANO, Sofia – *La santità*...p.23: “Senza santità non vi è miracolo, ma senza miracolo non vi è santità”.

Esse desencadeamento seria igual para os milagres póstumos ou em vida, junto ou longe das relíquias, seguindo práticas rituais ou de modo improvisado¹⁸³.

Encetado o processo, importa saber quanto tempo de espera decorreria até à sua realização. Por vezes o milagre poderia concretizar-se imediatamente após o primeiro contacto com o santo. Efectivamente, segundo Pierre-André Sigal, seriam mais frequentes os casos de brevidade. Contudo, noutros episódios, os futuros miraculados teriam de esperar semanas. O mesmo autor evidenciou diferenças temporais entre os milagres realizados em vida e os póstumos. No que toca aos milagres em vida, grande parte tendia a dar-se imediatamente após a acção do santo, demorando apenas algumas horas. Contudo, também existiriam processos mais demorados e graduais, como seria o caso de um milagre realizado por Bernardo de Claraval. Neste exemplo, um homem cuja cintura estava inchada pela acumulação de líquidos foi curado no vigésimo dia a contar desde a primeira intervenção do santo. Relativamente aos milagres póstumos, o tempo balizado entre a invocação ou ida ao santuário e a conclusão parecia não ser demorado, realizando-se muitas das vezes no próprio dia em que o processo foi desencadeado. Todavia, é evidente que neste cenário também haveria excepções, com casos que chegavam a ultrapassar uma semana¹⁸⁴.

Entre o nosso conjunto de milagres póstumos percebemos que, numa parte significativa do tempo, o fiel permaneceu em vigílias, junto do santo durante, pelo menos, uma noite. Em certos casos teriam passado dias à espera do milagre. Em conformidade com o que verificámos na bibliografia, a maioria deles ocorreu pouco tempo depois da evocação.

Os sucessivos adiamentos da finalização em alguns episódios poderiam ser considerados como um período de atraso. Nesse sentido, discutiu-se o aspecto premeditado do prolongamento da espera, considerando-se que os santos apreciariam a persistência e resiliência dos devotos. Em alguns casos, os hagiógrafos justificavam a demora enquanto consequência de uma falha cometida pelo devoto, que culminaria no adiamento do milagre. Finalmente, certas orações poderiam nunca surtir efeito e o

¹⁸³ SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle*...p.68.

¹⁸⁴ SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle*...pp.68-69.

devoto não conseguiria alcançar o feito miraculoso¹⁸⁵. O tema da santidade foi um tópico bastante discutido e nem sempre homogeneamente aceite ao longo dos séculos, especialmente a importância e fidedignidade das relíquias e dos santos. Segundo Robert Bartlett, alguns teólogos medievais, como Alberto Magno, defenderam a instantaneidade enquanto factor fundamental para a validação do milagre, ou seja, só poderiam ser considerados feitos miraculosos se ocorressem logo após o contacto com o santo¹⁸⁶. Quando decorriam de um modo gradual passariam a ser comparados ao decurso da natureza, o que recorrentemente sucedia, contrastando com o requisito do imediatismo¹⁸⁷.

Nos exemplos que presentemente nos propusemos estudar, verificamos estes dois tipos de milagres. Também a ser referenciados são os casos em que os devotos esperaram durante largos períodos de tempo e mesmo assim não conseguiram o milagre pelo qual expectavam, tal sucedeu num dos nossos exemplos, em que um cavaleiro roubou o gado do mosteiro de Celanova e, apesar o de ter devolvido, não conseguiu obter a cura do santo. No entanto, estes relatos não teriam uma grande representatividade, uma vez que importava essencialmente deixar bem evidentes os milagres dos santos¹⁸⁸.

Explanados alguns dos aspectos principais destes relatos, assim como parte das discussões que se desenvolveram em torno dos mesmos, achamos importante esclarecer aspectos da sua escrita, bem como determinados elementos que parecem ser transversais às fontes deste género.

Cedo se registaram as histórias de milagres em vida ou póstumos¹⁸⁹, que poderiam ser anexados à Vida ou apresentados enquanto obras autónomas¹⁹⁰. Refira-se aliás que foram, ao longo da Idade Média, uma das formas literárias mais usuais. No entanto, não existiria uma uniformidade na quantidade destes relatos, visto que a alguns santos

¹⁸⁵ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...pp.362-365.

¹⁸⁶ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.361 citando a *Summa theologica* de Alberto Magno “a true miracles requires...that it is accomplished, not slowly and gradually like a work of nature, but instantaneously and at once.”.

¹⁸⁷ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.361.

¹⁸⁸ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.361.

¹⁸⁹ UYTFANGHE, Marc Van – “Propos Liminaires”...pp. 13-14. Cada milagre viria a comprovar a santidade do indivíduo assim como a sua presença junto de Deus, no caso de milagres *post-mortem*”.

¹⁹⁰ BOESCH-GAJANO, Sofia – *La santità*...p.22.

poder-se-iam atribuir centenas de milagres, e noutros casos apenas algumas dezenas. Outros poderiam conter apenas um único evento miraculoso, porém as vidas sem milagres ou com poucos seriam minoritárias, prevalecendo aquelas com maior número de relatos¹⁹¹.

Não existindo uniformidade entre o número de feitos miraculosos, notam-se outros aspectos comuns à escrita de milagres. Numa visão generalista, as colecções seriam redigidas ao longo de diversos anos, passando pela mão de vários autores, muitas vezes anónimos e sem indicações cronológicas que permitam datar fielmente esses manuscritos¹⁹².

Os milagres poderiam ser compilados de várias formas. Uma delas seria pela presença de um livro no santuário, sob a responsabilidade de um clérigo ou monge encarregue da redacção de relatos¹⁹³. Ao mesmo tempo, o monge poderia procurar junto dos seus pares descrições de milagres a que o próprio não teria assistido¹⁹⁴. Vemos este aspecto mais claramente em S. Rosendo, quando Ordonho procurou fazer essa recolha, redigindo os milagres que lhe foram contados pelos restantes integrantes do mosteiro de Celanova, assim como por outros indivíduos.

A composição dos Livros de Milagres reflectiria interesses próprios dos seus produtores, como as instituições¹⁹⁵. Contudo, consoante a magnitude do culto, a recolha dos relatos não se faria num só local, nem estariam cronologicamente limitados, incluindo diversas gerações. Não se supunha que os milagres terminariam e, por esse motivo, a recolha nunca estaria verdadeiramente concluída. Assim sendo, os Livros poderiam sofrer acrescentos por largos períodos de tempo, motivo pelo qual alguns teriam começos elaborados, com os seus prefácios e prólogos, mas poucas conclusões ou autorias¹⁹⁶. No caso dos Livros de Milagres de S. Rosendo, o quarto e último tem uma devida conclusão e indicação da autoria de Ordonho, sendo possível presumir que

¹⁹¹ UYTFANGHE, Marc Van – “Propos Liminaires”...p.13.

¹⁹² BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.562

¹⁹³ WARD, Benedicta – *Miracles and the medieval mind*...p. 166. Os Livros de Milagres poderiam adquirir uma importância tão grande como os *ex-votos*.

¹⁹⁴ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.562.

¹⁹⁵ WARD, Benedicta – *Miracles and the medieval mind*. ...p.201. A autora comenta a vertente didáctica dos milagres enquanto instrumentos de reconhecimento de poderes eclesiásticos ou políticos, mesmo quando a fonte dos milagres não fossem os Livros de Milagres mas histórias seculares.

¹⁹⁶ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.562.

este não seria um exemplar ao qual se daria continuidade, mas uma obra pensada de forma a seguir uma estrutura com início e fim, visando um objectivo a alcançar que seria a canonização.

Embora um aspecto recorrente dos Livros de Milagres fosse a redacção objectiva e directa dos eventos, isto não impedia que outros casos apresentassem uma narrativa ‘floreada’ e pormenorizada. Muitas vezes esses detalhes sublinhavam aspectos pouco relevantes, servindo apenas o propósito de engrandecimento do texto e conferindo-lhe maior veracidade pelo enredo criado. O uso do discurso directo seria igualmente enriquecedor para o enredo¹⁹⁷. Nos milagres que estudámos, averiguámos que alguns relatos eram mais objectivos e sintetizados, sendo apenas indicado o género do miraculado e o milagre de que foi alvo. Porém, nem todos os registos se apresentavam dessa forma: outros alongavam-se na descrição dos eventos, situando geográfica e temporalmente os aspectos relatados, construindo uma narrativa que acompanha os intervenientes da história. Nesses episódios eram mencionados os nomes e, geralmente, as proveniências geográficas, relatando-se com minúcia os acontecimentos aparentemente mais relevantes para a instituição ou para o santo, como os milagres punitivos em que saía reforçada a primazia do santo face ao alvo da punição¹⁹⁸. O relato alongava-se e dedicava especial importância a acontecimentos concretos e interacções entre as personagens, que muitos milagres curativos não comportam, uma vez que apenas pretendem demonstrar as capacidades taumatúrgicas do santo e não demarcar a sua posição enquanto personagem de valor e autoridade na comunidade. Quanto à organização, nos três casos parece haver alguma harmonia cronológica, seguindo-se uma ordem linear. Preferencialmente, como no caso de S. Rosendo, esses dados cronológicos eram apresentados pelas menções aos abaciados. No que respeita aos

¹⁹⁷ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?* ...p. 564-566: “A similar strong realization of the narrative is effected by the use of direct speech, a literary technique notable in many miracle accounts. Medieval authors knew, both from the traditions of classical rhetoric and from the everyday experience of telling stories, that good dialogue could give life and clarity to a story. Much of this had to be made up, but there was generally no objection to such invention.”

¹⁹⁸ VAUCHEZ, André – “O Santo”...p.47. “As agressões e as violações perpetradas contra a vida e os bens dos monges por militares indisciplinados em busca de fortuna ou por senhores sem escrúpulos e ambiciosos, são, inevitavelmente, julgados pela cultura monástica como fruto de violência cega e de malvadez diabólica”. “Nas crónicas monásticas, a consequência habitual de tais façanhas implica, para o réu, desgraças e castigos por parte de Deus ou por obra dos homens que, neste caso, são o braço armado da justiça divina”.

restantes santos em estudo, os milagres fundem-se com outros eventos da Vida, seguindo uma estrutura inserida no decurso das actividades quotidianas destes indivíduos.

2.1.Temas correntes

A maioria dos milagres analisados pelos autores demonstra a predominância das curas. Por esse motivo, estes relatos revelam importância para o entendimento dos conhecimentos médicos medievais, pelos vocábulos empregues e no apontamento de falhas nas curas¹⁹⁹. Nas nossas fontes fomos constatando a procura de ajuda médica antes da miraculosa, assim como o uso de medicações.

Por vezes os santos poderiam ainda recomendar tratamentos naturais aos doentes, num comportamento que parecia rivalizar com o papel do físico, tal como termos oportunidade de constatar nos relatos em que os miraculados se dirigiram aos sepulcros depois de não terem conseguido o auxílio médico. De notar que o destaque das curas milagrosas revelar-se-ia fundamental no momento de proliferação de processos de canonização²⁰⁰.

Determinados santos pareciam distinguir-se na cura de doenças específicas, aspecto atractivo para os peregrinos. No entanto, esta não seria uma tendência, prevalecendo maioritariamente aqueles que lidavam com as doenças mais comuns do seu tempo²⁰¹. Tendo em consideração os milagres por nós estudados, não identificamos uma doença motivadora de maior afluência de procura junto dos três santos.

Vejamos a análise dos milagres desenvolvida por Pierre-André Sigal, cuja categorização Robert Bartlett considerou moderna mas aplicável às terminologias medievais encontradas nos relatos²⁰². Como já explorámos, Pierre-André Sigal não considerava a maioria dos feitos extraordinários, à excepção dos milagres de ressurreição, de transformação da matéria ou levitação, estes dois últimos exemplos que não encontramos nas nossas fontes. Reatando a mesma ideia, vimos que o aspecto

¹⁹⁹ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...pp.349-351.

²⁰⁰ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...pp.349-351.

²⁰¹ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.354.

²⁰² BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.352.

mirabolante considerado pelo autor seria a circunstância em que se desenrolavam, após o pedido de auxílio ou utilização de relíquias²⁰³.

A maioria dos milagres curativos que Pierre-André Sigal identificou era póstuma²⁰⁴, conclusão idêntica à de André Vauchez²⁰⁵ nos processos de canonização que estudou²⁰⁶.

Vejamos agora as tipologias de doença/cura que partilhamos com o autor. As incapacidades motoras/paralisias representavam 34.4% das curas com 931 casos²⁰⁷. Por sua vez, as cegueiras e infecções oculares com 475 ocorrências, reflectiam 17.5% dos milagres curativos. Estas doenças concretas seriam bem distinguidas nas descrições, pelo uso de materiais que poderiam isolar o olho assim como pelos inchaços naturais, no entanto a origem destas problemáticas era raramente identificada²⁰⁸. O mesmo sucedia com a surdez e mudez que, com 302 casos e representando 11.1% das curas, raramente sugeria um motivo para a doença, que era apenas descrita como de nascença ou de causa accidental²⁰⁹. Os relatos de doenças mentais, com 241 episódios, representavam 8.8% das curas, e permitiam entender a concepção de loucura na Idade Média: assistia-se então a uma loucura caracterizada em termos *médicos*, descrevendo-se recorrentemente como uma *loucura furiosa* e, nos casos em que a loucura se associava à possessão demoníaca, caracterizava-se com termos demonológicos. Em ambos os casos, estes doentes distinguiram-se pela agressividade exacerbada e agitação²¹⁰.

Os tumores e úlceras representaram 4.5% das curas, contando um total de 124 milagres. A estas doenças estariam associadas descrições explícitas do aspecto visual da enfermidade, focando-se no horror associado à doença, assim como o fascínio da cura²¹¹.

²⁰³ SIGAL, Pierre-André – *L'homme et le miracle*...p.68.

²⁰⁴ SIGAL, Pierre-André – *L'homme et le miracle*...p.289.

²⁰⁵ VAUCHEZ, André – *La sainteté en occident aux derniers siècles*...p.tabela 34, 587.

²⁰⁶ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.342.

²⁰⁷ SIGAL, Pierre-André – *L'homme et le miracle*... pp.239-243.

²⁰⁸ SIGAL, Pierre-André – *L'homme et le miracle*...pp.228-233.

²⁰⁹ SIGAL, Pierre-André – *L'homme et le miracle*...pp.233-236.

²¹⁰ SIGAL, Pierre-André – *L'homme et le miracle*...pp.236-239.

²¹¹ SIGAL, Pierre-André – *L'homme et le miracle*...pp.246-247.

As “febres”, com um total de 112 casos e representando 4.1% das curas, eram essencialmente um sintoma motivado por outra doença. Podendo ser, no entanto, caracterizadas enquanto enfermidade específica, tal como nos exemplos que estudámos. Sobre estas, seriam avançados outros dados como as durações e frequências, que se dividiam entre quotidianas, terças, quartãs, entre outras²¹², que também encontramos nas nossas fontes.

Estas não eram as únicas curas representadas na escrita hagiográfica. Pierre-André Sigal identificou outras que pareciam ser menos frequentes, como as ressurreições, problemas digestivos, ergotismo e doenças da pele²¹³. Visto que, à excepção de uma ressurreição, não encontrámos estes exemplos nas nossas fontes, não incidimos detalhadamente sobre as mesmas.

Entre os milagres não curativos, destacam-se as visões, as punições, a protecção de perigos, a libertação de prisioneiros²¹⁴ e a glorificação dos santos²¹⁵. Igualmente comuns seriam os que Benedicta Ward apelidou de “milagres monásticos”, num sentido mais lato e não como uma tipologia. Eram aqueles onde se descrevia a vivência coeva dentro dos mosteiros, o que parece ter sido recorrente ao longo do século XII²¹⁶.

Nos santos em que baseámos o nosso estudo encontrámos exemplos destas tipologias, à excepção das visões, que não considerámos milagres por não envolver uma transformação final. Entendemos, contudo, ter em atenção as visões dos devotos quando estas lhes permitiam alcançar o santo e, conseqüentemente, o milagre que pretendiam, como faremos no subcapítulo dedicado ao conhecimento dos cultos. No entanto, pela importância que adquiriam, achamos ser conveniente analisar mais detalhadamente os milagres punitivos.

²¹² SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle*...pp.244-246.

²¹³ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.343, tabela 9.1; SIGAL, Pierre-André – “La guérison miraculeuse”. In *L’homme et le miracle*...pp.227-264.

²¹⁴ VAUCHEZ, André – O Santo...p.215: Sendo esta uma actividade recorrente, e alguns casos ainda em vida distinguiram-se pela libertação de prisioneiros, como o exemplo de S. Cesário de Arles ou S. Germano de Paris que chegaram a vender ornamentos eclesiásticos para libertarem prisioneiros, o que ajudou a criar uma *fama sanctitatis*. Por sua vez, Didier de Cahors destacou-se pelo acolhimento de prisioneiros sem distinção de culpados ou inocentes, empenhando-se na integração dos mesmos na sociedade

²¹⁵ BARTLETT, Robert – p.344; SIGAL, Pierre-André – “Miracle et la vie quotidienne”. In *L’homme et le miracle*...pp.265-310.

²¹⁶ WARD, Benedicta – *Miracles and the medieval mind*...p.192.

Se as curas revelavam um dos aspectos mais positivos dos santos, as punições poderiam ostentar uma vertente mais negativa, sentenciadora, com alvos específicos²¹⁷. O que fazia destes milagres um tópico recorrente de escrita. Os castigos mais comuns surgiam na forma de diversas doenças como as cegueiras, feridas ou na forma de possessões demoníacas. Obviamente mais graves eram as punições de morte súbita²¹⁸.

As punições surgiam, tendencialmente, enquadradas em milagres póstumos, como avançou Pierre-André Sigal²¹⁹. De acordo com este autor, em 470 milagres punitivos que identificou, 421 decorreram postumamente e apenas 49 em vida²²⁰. Além disto, destaquemos o aspecto ambivalente desta categoria, pois para se proteger um lado ter-se-ia de punir o outro²²¹. Como se pode antever, geralmente o santo protegeria os monges da sua instituição, ou até mesmo o seu cenóbio, contra todos aqueles que se insurgissem ou violentassem qualquer um deles. Robert Bartlett exemplifica com os milagres de S. Bavão, santo merovíngio do século VII, e que se aplica às fontes que estudámos. S. Bavão castigava aqueles que haviam prejudicado o mosteiro de Gante, Bélgica, protegendo os seus dependentes²²², tal como conseguimos ver na defesa levada a cabo por S. Rosendo, punindo em prol da protecção dos monges do mosteiro de Celanova.

Considerando que a protecção da comunidade e instituições era uma das principais funções do santo, seria esperado que esses milagres fossem do agrado das comunidades e a sua divulgação comprovava a influência e poderio face aos inimigos²²³.

²¹⁷ KLANICZAY, Gábor – “Miracoli di punizione e maleficia”. In *Miracoli: Dai segni alla storia*. Sofia Boesch Gajano; Mariela Modica (cord.). Roma: Viella, 2011.p.99: “i vendetta, è di particolare interesse per il confronto con il *maleficium*. I santi punivano frequentemente quelle persone che esprimevano scetticismo, dubbio o miscredenza nelle loro capacità sovranaturali. Essi si vendicavano se non erano trattati con la dovuta riverenza o se venivano offesi personalmente”.

²¹⁸ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.401.

²¹⁹ Esta seria uma tendência verificada por outros autores, a predominância de eventos póstumos. WARD, Benedicta – *Miracles and the medieval mind* ...p.166.

²²⁰ SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle*...p.276-282 e p.289; BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.344, tabela 9.2 e p.404.

²²¹ SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle*...p.277.

²²² BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.404. "Some concern failure to pay rent or dues to the monastery, others relate the punishment of those who had usurped or damaged the property of the abbey, or describe how the saint protects his own dependants, and several involve enforcement of respect for the saint's feast-day".

²²³ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.404.

Pierre-André Sigal dividiu as punições em dois grupos. No primeiro encontrar-se-iam os ataques perpetrados sobre domínios da instituição ou aos membros da comunidade onde se inseria o santo. No segundo, os desrespeitos directamente dirigidos ao santo, o labor nos dias celebrativos e a violação dos espaços sagrados. Segundo este autor, a construção da narrativa variava de acordo com estas duas categorias. No papel de vítimas, os clérigos poderiam considerar que uma "tragédia" imediata seria a punição do santo. Enquanto no segundo caso, a punição de quem maltratava o santo era admitida pelo próprio castigado²²⁴.

Durante algum tempo, a historiografia sugeriu uma preferência de milagres curativos em detrimento dos punitivos. Sobre isto, Robert Bartlett²²⁵ cita autores cujos resultados contribuíram para essa discussão, nomeadamente Pierre-André Sigal²²⁶ e André Vauchez. O primeiro, cuja investigação abordou os séculos XI e XII, afirmou que os castigos não ultrapassavam os 10%. Por sua vez, na obra do segundo, representavam cerca de 3% ao longo do século XIII²²⁷. Contudo, esta tendência não poderia ser explicada simplesmente com a crescente bondade dos santos, mas sim pela necessidade e consequente aumento gradual dos processos de canonização, que pareciam favorecer a demonstração da beneficência dos santos, em detrimento da exibição do castigo e morte de inimigos²²⁸. Observa-se assim o processo de escrita como instrumento para a construção da figura santificada. Apesar de utilizados para canonização, os milagres de

²²⁴SIGAL, Pierre-André – *L'homme et le miracle*...pp.276-277; BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.407: "Sigal's analysis carefully identifies who does the constructing and in what circumstances: the come-uppance of an arrogant usurper is construed by the victims, while the punishment for supercilious arrogance is recognized by the perpetrator"; UYTFANGHE, Marc Van – "Propos Liminaires"...p.13: Os relatos miraculosos por si comportam um âmbito normativo quando se tratam de milagres punitivos e principalmente destinados a fazer respeitar um mandamento, exemplificando com o descanso dominical.

²²⁵BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...pp.407-408.

²²⁶SIGAL, Pierre-André – *L'homme et le miracle*...p.289: Num total de 470 ocorrências (421 póstumos e 49 em vida), representam apenas 9.8% dos milagres analisados pelo autor.

²²⁷VAUCHEZ, André – *La sainteté en occident aux derniers siècles*...p.547, tabela 31.

²²⁸BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.407: "It might be argued that those proposing a case to the papacy would wish to stress beneficent miracles, such as healing, rather than sudden death of enemies". Ainda sobre outras diferenças entre os milagres em Vidas e os milagres utilizados no processo de canonização, como a fórmula de escrita em que no primeiro caso se pretendia um maior apelo emocional para com os leitores ou ouvintes e, no segundo caso, eram textos pensados para juizes dos quais dependia o aval dos cultos; WARD, Benedicta – *Miracles and the medieval mind*...p.167.

S. Rosendo demonstram ainda, no século XII, a punição mortal dos inimigos sem que tal prejudicasse a imagem do santo. Neste caso, pelo contrário, pareciam seguir a regra de que a defesa da instituição e dos monges estaria em primeiro lugar e representava um peso considerável na preservação da sua imagem e honra. Também em S. Geraldo verifica-se a morte de alguns inimigos, o que, tal como no exemplo anterior, contribuía positivamente para a sua glorificação.

Como fomos enunciando, constatamos paralelismos entre as informações divulgadas na bibliografia que consultámos e os milagres que compuseram o nosso corpo de trabalho. Como teremos oportunidade de abordar no restante capítulo, não só as fórmulas de escrita como também os conteúdos dos milagres seguiam um padrão que poderia ser aplicado a todos os casos de santos independentemente do espaço e do tempo, contribuindo para a compreensão destes textos enquanto formulações e instrumentos/estratégias de divulgação e afirmação.

2.2. Tipificação dos milagres

Apresentado o estado da arte e as temáticas correntes que foram encontradas na bibliografia estudada, passamos à tipificação do conjunto de relatos. Para dispor os nossos dados, começaremos por introduzir as categorias e depois exporemos os milagres que foram incluídos em cada uma. O tratamento será dividido por cada santo, com algumas comparações, começando a análise por S. Rosendo, passando a S. Geraldo e finalmente S. Teotónio.

Segue-se uma tabela resumo onde se faz a contabilização dos milagres por tipologia.

Tabela 1- *Resumo das tipificações de S. Rosendo, S. Geraldo e S. Teotónio*

Santos	Distribuição de milagres por tipologia			
	Sensibilidade religiosa e crença	Quotidiano ou comunitário	Curativo	Jurisdicional
S. Rosendo	11	7	20	5
S. Geraldo	3	5	10	6
S. Teotónio	5	2	—	2
Total	18	14	30	13

2.2.1. “Curativo”

Iniciamos pela categoria “Curativo” que se destaca pelo número de milagres comportados²²⁹, um total de 30 que se divide apenas por dois santos, S. Rosendo e S. Geraldo. Na hagiografia de S. Teotónio foram feitas referências a curas que, no entanto, não foram identificadas como “milagrosas”. Curas que eram feitas através da aplicação de “medicinas”, mas que ainda assim eram louvadas enquanto capacidades terapêuticas do santo²³⁰. Há, no entanto, a indicação de que alguns monges doentes teriam sido curados logo que S. Teotónio orou por eles; porém, esses feitos não foram descritos como milagres que possamos contabilizar²³¹.

Na Vita de S. Rosendo classificámos 20 milagres²³² como “curativos”, grupo em que se inseriu a maioria dos milagres deste santo. A esfera “curativa” comporta uma grande variedade de enfermidades e, pelo largo número de relatos, conseguimos em alguns casos agrupar as enfermidades e atentar nas diferenças entre os relatos, desde as causas das doenças, a duração, curas e outros aspectos que devam ser sublinhados. Assim, entre os 20 milagres encontram-se seis relatos de cegueira²³³. Apesar de terem em comum a cegueira, os casos apresentam diferenças consideráveis, como a duração da enfermidade. Em algumas situações a cegueira parecia ser de curta duração, com o miraculado a perder a visão e a recuperá-la quando auxiliado pelo santo. Noutras

²²⁹ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.353: “It is certainly not surprising, in a world of malnutrition, poor sanitation and ineffective medicine, to find a large population suffering from crippling ailments, eye disease, and problems with hearing and speech”.

²³⁰ *Vida de D. Teotónio*...p.175: “Quê, hei-de lembrar o seu carinho e a sua solicitude para com os doentes, a quem fazia cumular com admiráveis atenções e cuidados, a quem soerguia com o favor da sua visita e com a doçura do seu rosto, a quem acima de tudo prestava um cuidado mais que vigilante e a quem servia como se fosse a Cristo?”; p.185: “Àqueles, porém, que recebia, procurava atentamente prestar-lhes os cuidados de alma e de corpo, imitando o que faria um médico muito sabedor (...) fornecer remédios para a cura que fossem de acordo com a qualidade das feridas, de forma a não dar a um o que prejudicaria nem retirar a outro o que o auxiliaria ...”.

²³¹ *Vida de D. Teotónio*... p.183: “Repetidas vezes vimos alguns irmãos doentes recobrem a saúde logo que ele orou de joelhos por eles”.

²³² “Livro Primeiro dos Milagres de S. Rosendo Bispo e Confessor”. In. *Vida de S. Rosendo*...p.51, mil.3; p.51, mil.4; p.53, mil.5; “Livro Segundo dos Milagres do Bispo S. Rosendo”. In *Vida de S. Rosendo*...p.63, mil.13; p.63, mil.14; p.65, mil.16; “Livro Terceiro dos Milagres de S. Rosendo”. In *Vida de S. Rosendo*...p.75, mil.22; p.75-77, mil.23; p.77, mil.24; p.77, mil.25; p.77, mil.26; p.79, mil.27; p.79, mil.28; “Livro Quarto. Milagres acrescentados por Ordonho”. In *Vida de S. Rosendo*...p.87, mil.34; p.89, mil.35; p.89, mil.36; p.91, mil.37; p.91, mil.38; p.95, mil.40; p.95, mil.41.

²³³ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3; p.53, mil.5; “Livro Segundo...” p.63, mil.13; “Livro Terceiro...” p.79, mil.28; “Livro Quarto...” p.87, mil.34; p.95, mil.41.

situações poderia durar vários anos, como o exemplo de uma mulher cuja cegueira durou nove anos, apesar de viver perto do mosteiro e de recitar preces diárias diante do sarcófago e ouvir os ofícios diurnos e nocturnos²³⁴. Exemplo semelhante é o de um homem que perdeu a visão durante sete anos, e apesar de procurar auxílio médico e fazer peregrinações por capelas, só encontrou a cura no santo que estudámos²³⁵. Outros relatos referiam cegueiras que poderiam ser de nascença, como foi mencionado acerca de um rapaz cego que foi levado ao mosteiro de Celanova em busca de auxílio. Não havendo indicação concreta da duração da cegueira foi descrito apenas como “rapaz cego”, levando a considerar que neste caso a doença não seria temporária. Acabou curado após pedido de auxílio junto do sepulcro do santo e de uma visão em que S. Rosendo lhe falou²³⁶.

Tratando ainda das perdas de visão, sublinhemos um relato de uma mulher que ficou cega e encontrou auxílio ao fazer uma vigília junto do sepulcro de S. Rosendo. Recuperada a visão, regressou a casa e prometeu uma nova vigília. Passado um ano do sucedido voltou ao sepulcro por estar novamente cega e por o seu filho estar possuído pelo demónio, consequência do incumprimento da promessa da mulher ao santo. Feitas novas vigílias a mulher recuperou a visão e o filho foi liberto²³⁷. No entanto, não há informações concretas acerca da causa da primeira cegueira, sendo óbvio que a segunda ocorreu como punição pelo incumprimento da promessa.

²³⁴ “Livro Primeiro...” p.53, mil.5 “...recitava todos os dias preces diante do sarcófago do santíssimo varão e ouvia também diligentemente os ofícios do dia e da noite. Quando o dia se aproximava, começou a fazer a ablução das mãos do modo habitual, diante da basílica. Como visse as suas próprias mãos, receosa de que o espírito maligno a iludisse, voltou para casa. Mas, como era seu hábito, foi à igreja de noite, e, fazendo a Deus, com lágrimas, as suas orações, segundo o costume, mandou chamar o sacristão, e declarou que via. E este, por sua vez disse-lhe: «Vai, e dá graças a Deus». E quando o sol já estava na segunda hora, passados nove anos de cegueira, depois de ter ficado a ver, graças ao bem-aventurado Rosendo, a todos revelou o milagre.”

²³⁵ “Livro Segundo...” p.63, mil.13.

²³⁶ “Livro Quarto...” p.87, mil.34 “Um outro rapaz cego, da região de Candeda, foi levado ao Mosteiro de Celanova, para pedir ao Senhor remédio para a sua vista, pelos méritos de S. Rosendo. Uma vez transportado para dentro da Igreja pelos pais e monges, junto ao sepulcro do santo corpo, e feita uma oração por ele ao Senhor, ficou quieto por instantes, como que adormecido. Enquanto os outros esperavam o desfecho da situação, apareceu ao dito rapaz, que estava privado da luz exterior, um bispo que, segundo ele próprio afirmou depois, lhe dizia: «Ergue-te, em nome do Senhor; e vai com saúde»...”

²³⁷ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3 “...Entrou, pois, em Celanova e fez vigília diante do túmulo do santo varão. Ao dealbar, a mesma que fora cega começou a ver o brilho do sol. Com a vista assim recuperada, volta a casa. Um ano depois, encontra-se diante do sepulcro do santo varão com um filho atormentado pelo demónio, cega como antes, porque não observara a vigília de S. Rosendo, como prometera. Feitas assim as vigílias, recupera de novo a vista e a criança é liberta do demónio”.

Neste grupo de milagres “curativos” encontramos também dois casos de febres²³⁸. Um de “febres quartãs” que persistiram ao longo de um ano²³⁹ e outro de “febres violentas” que se arrastaram por “longo tempo”, não sendo feita uma indicação específica à duração²⁴⁰. Ambos foram curados pela intervenção de S. Rosendo.

Existem quatro ocorrências de maleitas em um ou mais membros do corpo²⁴¹. Num dos casos o miraculado havia perdido a mobilidade corporal por doença que o hagiógrafo não conseguiu identificar. Nesta perda incluiu-se a visão, a audição e a sensibilidade. Notemos que este caso de cegueira não está incluído naqueles que anteriormente referimos por se relacionar essencialmente com a perda de mobilidade corporal²⁴². Existe outro relato onde foi dito como o miraculado havia caído da mula e deslocara o braço. Este caso deve ser salientado por se tratar do bispo de Lugo que, conhecendo a fama dos milagres de S. Rosendo, não acreditava nas suas capacidades miraculosas²⁴³. Porém, quando deslocou o braço pediu auxílio ao santo e no mesmo dia recuperou²⁴⁴. No terceiro encontramos um miraculado cuja mão estava inutilizada, com os dedos dobrados para a palma da mão e que recuperou com a ida ao mosteiro, pela oração e pela interacção com relíquias do santo, entre as quais o anel de bispo²⁴⁵.

²³⁸ “Livro Terceiro...” p.77, mil.25, mil.26.

²³⁹ “Livro Terceiro...” p.77, mil.25: “...estava fortemente atacado por febres quartãs. Depois de, durante um ano, nem pela visita a igrejas, nem pela actuação dos médicos, sentir alívio...”.

²⁴⁰ “Livro Terceiro...” p.77, mil.26 “... Depois como fosse torturado por elas durante longo tempo, a ponto de, por cansaço, não se poder mover de forma alguma de lugar para lugar, apresenta-se no seu cavalo perante S. Rosendo...”

²⁴¹ “Livro Segundo...” p. 65, mil.16; “Livro Terceiro...”, p.75, mil.22; “Livro Quarto...”, p.91, mil.37, mil.38.

²⁴² “Livro Segundo...” p.65, mil.16: “... ficou radicalmente privado do uso de todas as partes do corpo, por causa de não sei de que doença. Por isso, como não visse, nem ouvisse, nem sentisse nada, foi levado pelos pais, na minha presença, ao túmulo de S. Rosendo. E aí esteve jazente o tempo de recuperar a sua integridade física.”

²⁴³ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.405: O desrespeito e especialmente a ignorância para com o santo e a sua identidade eram um motivo para punição imediata.

²⁴⁴ “Livro Segundo...” p.75, mil.22: “Também o bispo de Lugo, de nome João, costumava apoucar com as suas palavras o bem-aventurado varão Rosendo. Certo dia, estando, segundo o seu costume, a dizer que ele carecia do poder divino, subitamente, a mula que cavalgava espantou-se e ele caiu ao chão. O braço sobre o qual tombou saiu do seu lugar, e ficou prostrado semi-morto durante bastante tempo, quase sem sentidos. Depois, voltando a si pouco a pouco, assim se dirigia a S. Rosendo, em silenciosa oração, dizendo: «Ó bem-aventurado Rosendo, se podeis, concedei-me, rogo-vos, ficar incólume, e doravante tereis em mim quem exalte a vossa santidade». A verdade é que nesse mesmo dia alcança a cura, conforme me recorde de ter tido conhecimento por aqueles que até hoje o ouviram do próprio”.

²⁴⁵ “Livro Quarto...” p.91, mil.37: “...ganhou fé de que recuperaria a saúde, e foi ao Mosteiro e sepulcro. Levaram-no ao bem-aventurado, e os monges que estavam presentes trouxeram o anel do santo pontífice e outras relíquias suas e colocaram-nas na própria mão fechada, sobre os dedos dobrados e demasiado

Destacamos este relato por ser dos poucos em que houve maior contacto com as relíquias portáteis de S. Rosendo, visto que a grande maioria dos milagres não recorreu a estas, mas apenas ao toque do túmulo do santo. O último exemplo deste conjunto deve igualmente ser destacado, especialmente pela descrição violenta do momento da cura. Trata de um homem que desde a juventude tinha pernas paralisadas e, gradualmente perdera o uso dos restantes membros. Um dia, quando se realizava o ofício da missa, o homem que estava deitado no chão entre as colunas do sepulcro começou a pedir auxílio em grande sofrimento. Quando os monges chegaram encontraram o homem de pé e "viram-no apoiando nos seus pés, a clamar, e ouviram os seus ossos a ranger com força e dureza, e viram-lhe correr sangue das articulações"²⁴⁶. Esta descrição, inserida no conjunto dos milagres "curativos", retrata com maior realismo a cura do miraculado, distinguindo-se dos outros relatos do mesmo grupo que não evidenciaram essa 'dureza'.

Restam quatro milagres relacionados com perturbações na face²⁴⁷ e um na garganta, com a remoção de uma espinha²⁴⁸. Entre aqueles que afectaram a face vejamos o exemplo de um camponês que em Domingo de Ramos abandonou os ofícios divinos para trabalhar na sua própria vinha e, conseqüentemente foi punido pelo santo²⁴⁹. No momento da refeição o fumo que saía do guisado espalhou-se pela cara, deixando-lhe a boca de lado bem como um olho inchado. Após o sucedido recitou orações que mesmo assim não lhe valeram a cura, apenas alcançada após a ida ao sepulcro de S. Rosendo, onde celebrou vigílias por três dias. Ao quarto dia foi curado

apertados. Depois de orarem por ele, deixaram-no diante do túmulo do santo. Quando, porém, voltaram ao pé dele, depois de certo espaço de tempo, àqueles dedos que pouco antes se enclavinhavam, mirrados, na palma, conforme dissemos, encontraram-nos móveis. Tentaram tocá-los, erguendo primeiro, sem dor alguma, o polegar, depois os outros, que vinham a seguir, distendidos e direitos; o anel com a cápsula de prata, em que está, foi encontrado maravilhosamente à mostra na palma da mão..."

²⁴⁶ "Livro Quarto..." p. 91, mil.38: "...No decurso dela, começou a angustiar-se excessivamente de modo espantoso, e a chamar em grandes vozes, dizendo: «Socorro, irmãos, socorro, que eu estou a ser dilacerado e torturado, como se fosse devorado por cães». E, assim, clamando com voz muito áspera, começou a erguer-se e a agarrar-se às colunas do próprio sepulcro. Os frades, acorrendo de todos os lados, viram-no apoiando nos seus pés, a clamar, e ouviram os seus ossos a ranger com força e dureza, e viram-lhe correr sangue das articulações. E assim, pelos méritos e intercessão do santo confessor e pela misericórdia de Cristo, ficou distendido e recuperou a saúde."

²⁴⁷ "Livro Terceiro..." p.77, mil.24; p.79, mil.27; Livro Quarto... p.89, mil.36; p.95, mil.40.

²⁴⁸ "Livro Quarto..." p.89, mil.35.

²⁴⁹ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.406 Igualmente recorrentes eram os relatos de indivíduos que ignorando um dia santo ou a festividade do padroeiro, optando por trabalhar em vez do devido descanso, eram conseqüentemente punidos. Estes representariam o combate levado a cabo pela Igreja ao trabalho nos dias santos.

prometendo uma visita anual ao sepulcro do santo. Porém, o homem não cumpriu a promessa que fizera e padeceu novamente da mesma doença, vendo-se obrigado a regressar ao sepulcro para aí ser curado novamente²⁵⁰.

Não sendo possível agrupar os restantes relatos pelas suas naturezas distintas, vejamos os próximos milagres separadamente. Começamos pelo de um cônego de Santiago, que incumbido de uma embaixada pelo rei de Portugal e pelo de Leão chegou doente ao mosteiro de Celanova, sem que essa doença fosse especificada. Não alcançando a cura através de tratamentos, pediu ao abade do mosteiro para visitar o sepulcro do santo. Aí abraçou o túmulo e após preces e vigílias alcançou a cura durante o sono²⁵¹.

Noutra descrição encontramos uma mulher era atormentada por uma “raiva violenta”, sem conseguir cura por via medicinal. Para ser levada ao sepulcro foi amarrada com cordas pelo marido e, já diante do santo, bebeu da “pedra rasa” do túmulo e foi curada²⁵². A descrição não é minuciosa quanto à “raiva” que atormentava a mulher, desconhecendo-se a causa de tal enfermidade, assim como os sintomas²⁵³.

Finalmente, outro milagre isolado em que o miraculado, por motivos de fé, recorria a aros de ferro para sofrer fisicamente²⁵⁴. Os ferros eram mantidos em algumas

²⁵⁰ “Livro Terceiro...” p. 79, mil.27: “...Quando, terminado o trabalho, estava sentado à mesa, o fumo do guisado que tinha sido colocado na sua frente, ao que lhe pareceu, espalhou-se de tal modo pelo rosto que lhe pôs a boca de lado e um olho inchado. Perante isto, dirigiu-se às igrejas, recitou orações, mas não recebeu saúde alguma. Finalmente, dirigiu-se ao sarcófago de S. Rosendo, e aí ficou três dias e celebrou vigílias. Ao quarto dia, vendo-se são, prometeu que havia de visitar anualmente o sepulcro do santo varão. E, como depois não cumprisse, recebeu de novo a doença que perdera. Depois de voltar outra vez, regressou novamente livre da dor...”.

²⁵¹ “Livro Terceiro...” pp. 75-77, mil.23: “...um certo cônego da Igreja de Santiago, por nome Pedro tendo sido incumbido de uma embaixada dos reis de Leão e de Portucale, veio por acaso a Celanova, já doente. E aí foi tomado de uma tal enfermidade que se não pensava que de modo algum viesse a ter saúde. Contudo, dirige muitas súplicas ao abade do Mosteiro, até alcançar ser posto diante do túmulo de S. Rosendo. Logo, por ordem do abade e seguro pelas mãos de alguns, o cônego foi levado pelo sacristão da Igreja à presença do santo varão. Seguidamente, prostrou-se ante o sepulcro dele e, apesar de ter uma grande dor, cinge o túmulo com os braços, encostando o ventre ao mesmo tempo. Até, que, com soluços e longas preces, depois de ter feito vigílias, através do entorpecimento do sono, alcança de S. Rosendo a saúde, conforme soube por aqueles que ainda o ouviram dele”.

²⁵² “Livro Segundo...” p.63, mil.14.

²⁵³ SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle...* pp. 236-239: Os distúrbios mentais foram recorrentemente associados à raiva e violência, assim como às possessões demoníacas.

²⁵⁴ “Livro Primeiro...” p.51, mil.4: “...O qual, para levar vida mais austera e chorar mais demoradamente os seus pecados no jejum e na oração, e ainda na flagelação da carne, se cingia com aros de ferro. Ora como, com o crescer da carne, se cingia com aros de ferro, de que os braços estavam rodeados, já estivessem cobertos, e o aro, que cingia o ventre, se não visse por causa das feridas inchadas pela rotura

partes do corpo até que começaram a provocar maiores danos físicos ao homem, que não os conseguia tirar sofrendo com as dores. Passou uma noite junto da sepultura de S. Rosendo e, ao nascer do dia, os ferros quebraram-se e o homem foi encontrado pelos monges. Destacamos este relato pela importância que assumiu nas interações privadas e práticas religiosas individuais extremas.

Passemos à *Vida de S. Geraldo* em que tipificámos dez milagres na categoria “Curativo”. Distingue-se de S. Rosendo, antes de mais, por ser uma amostra menor, com apenas metade dos relatos. Ainda assim, é a categoria com maior número de milagres atribuídos ao arcebispo de Braga.

Nos dez milagres encontram-se três que indicaram a perda de mobilidade de membros, embora subsistam distinções entre os acontecimentos. Primeiro encontramos uma mulher “que habitava um hospício” e que por doença súbita, não identificada pelo hagiógrafo, ficou paralisada e com o corpo coberto de lepra. Levada ao sepulcro, fez vigílias e preces durante um tempo não especificado, recuperando a saúde²⁵⁵. No segundo caso surgiu uma mulher que perdeu o uso dos membros no espaço de um ano, alcançando igualmente a cura pela intervenção de S. Geraldo²⁵⁶. Finalmente, o último milagre deste grupo incide sobre um rapaz surdo, cego e “paralítico de pés e mãos” que deposto junto do túmulo recuperou a saúde e regressou a casa, sem recorrer ao carro em que fora transportado²⁵⁷. Refira-se que, neste caso, não foram especificadas informações

da carne, sofria de uma grande e intolerável dor. Na verdade, não podia ser melhorado com remédios, nem aliviado pelo socorro de qualquer instrumento...”.

²⁵⁵ *Vida de S. Geraldo*...pp.38-39, mil.16: “Também na mesma cidade havia uma mulherzinha que habitava um hospício e que, acometida de doença súbita, ficou paralítica de todos os membros. O seu corpo cobriu-se-lhe também de tanta lepra que as carnes lhe caíam incessantemente. Levada, porém, num carrinho ao túmulo do Beato Geraldo, aí fez, durante muito tempo, vigílias e inúmeras preces. Por último, S. Geraldo, atendendo os suspiros e o compungimento da mulherzinha, descontraiu os membros, deu-lhes o movimento e limpou-a inteira da lepra”.

²⁵⁶ *Vida de S. Geraldo*...p.40, mil.19: “Também no bispado de Braga se diz que havia uma mulher que amolancara por espaço dum ano, destituída do uso dos membros. Mas, na verdade, uma vez posta na presença do corpo do Santo, derramou copiosas lágrimas e pediu com fé que S. Geraldo se compadecesse dela. E as suas lágrimas – não há dúvida – não foram em vão vertidas. Mal conseguiu a saúde para o seu corpo, voltou alegre e cheia de júbilo”.

²⁵⁷ *Vida de S. Geraldo*...p. 42, mil.23: “Vivia um homem na vila de Sequeira que tinha um filho surdo, cego e paralítico de pés e mãos. Depuseram-no confiante aos pés do Beato Geraldo; permaneceu nessa postura quase imóvel, esperava o auxílio da habitual clemência. Foi-lhe restituída sem demora a liberdade de membros; e, fazendo uso de seus movimentos, – o que dava à saciedade testemunho de virtude – voltou ao seio dos seus sem o auxílio de carro”.

como: há quanto tempo estaria naquela condição e se a cegueira e a surdez seriam igualmente curadas ou apenas a paralisia.

Pela sua natureza diversificada não conseguimos agrupar os restantes milagres. Há um registo de cefaleias, de que um clérigo sofria sem alcançar a cura, até se dirigir ao sepulcro de S. Geraldo, onde permaneceu durante a noite em oração e foi curado à meia-noite²⁵⁸.

À semelhança dos milagres prévios e relativos a S. Rosendo, também este santo removeu uma espinha da garganta, desta vez a uma criança. Previamente cuidada com mezinhas pelas dores que sentia, sem que se soubesse a origem, foi levada pela mãe ao sepulcro de S. Geraldo onde permaneceu toda a noite até que foi removida a espinha. Na noite seguinte o santo surgiu à mãe da criança numa visão, informando-a acerca do motivo das dores, destacando-se neste milagre a intervenção do santo que, no final, esclareceu o sucedido²⁵⁹.

Um milagre remeteu para a cura da asma de uma mulher, que sofrera da doença durante quatro anos sem encontrar o alívio médico²⁶⁰. Outro vira a cura de uma infecção ocular, especificada como um “apostema”, que se desenvolveu pelo resto da face. Depois de curado este miraculado dirigiu-se ao sepulcro com oferendas²⁶¹. Outro milagre tratou de uma fístula, diagnosticada pelos médicos e tratada com ervas medicinais, sem cura. O miraculado, piorando gradualmente, implorou pelo auxílio de S. Geraldo e recuperou a saúde quando visitou a sepultura do santo²⁶². Encontramos também o caso de uma rapariga com problemas mentais, sendo inclusivamente caracterizada como “tolinha” pelo hagiógrafo, cuja doença provocava “ataques de raiva”. A rapariga havia errado pelos montes durante um ano, fruto da sua condição, e

²⁵⁸ *Vida de S. Geraldo...*, p. 37, mil.14.

²⁵⁹ *Vida de S. Geraldo...* pp.37-38, mil. 15: “...Na noite seguinte, apareceu, sem embargo, em visão o santo e glorioso varão à mãe do menino e falou-lhe dest’arte: “o sofrimento que afligia o teu filho (embora o não soubesse) era insuportável. Na verdade, uma espinha se lhe atrancara na garganta, a qual, enterrada embora na carne, eu extraí por virtude de Nosso Senhor Jesus Cristo a Quem invoquei””.

²⁶⁰ *Vida de S. Geraldo...* pp.39-40, mil.18.

²⁶¹ *Vida de S. Geraldo...*, p.39, mil.17: “...diz-se haver um homem a quem, na vista, se lhe gerou um terrível apostema. A violência do tumor manifestara-se-lhe com uma tal inchação que quase lhe parecia já saltar da cara. Sentindo dores medonhas, pedia incessantemente o auxílio de S. Geraldo. E o beato confessor, com a costumada piedade, deu-lhe o remédio da cura...”.

²⁶² *Vida de S. Geraldo...* p.36, mil.12.

foi curada graças à acção do santo²⁶³. Finalmente, o último milagre que identificámos como “Curativo” envolveu o próprio hagiógrafo, que tomava medicamentos para evitar a expectoração. Porém, um dia em que estava ocupado pelos serviços que prestava à rainha D. Teresa não pôde recorrer ao medicamento e “daí que os humores defluíam fora do normal e ajuntaram-se-me na laringe, à maneira de tumor”, impedindo-o de respirar e de se alimentar. Procurou novamente ajuda na medicina, sem sucesso e, sem mais alternativa recorreu ao santo, lembrando-se das suas proezas curativas. Passou a noite junto do túmulo de Geraldo em oração e, na manhã seguinte o “tumor” da garganta rebentou quando tossia²⁶⁴, ficando curado.

2.2.2. “Comunitário e Quotidiano”

Analiseemos agora os relatos inseridos na categoria “Comunitário e Quotidiano”, composta por um total de catorze milagres, surgindo novamente S. Rosendo com maior representatividade dentro da mesma.

Em S. Rosendo identificámos sete milagres nesta categoria²⁶⁵. Dois casos relataram travessias de barco, sendo que em ambos os momentos os miraculados estavam impedidos de atravessar a margem pela ausência de embarcação. No primeiro caso, dois homens que pretendiam atravessar o rio encontram a embarcação na margem

²⁶³ *Vida de S. Geraldo...* p.40, mil.20: “Lembre-se ainda que se levou ao túmulo do mesmo confessor uma rapariguinha tolinha que durante um ano errara furiosa peoa andurria e impérvios dos montes. O Beato Geraldo obrou também nela milagre que se visse; sem dúvida, passados os acessos de fúria, concedeu-se-lhe, por intercessão de S. Geraldo, voltasse ao seu juízo”.

²⁶⁴ *Vida de S. Geraldo...* pp. 43-45, mil.24: “Acostumara-me eu, quando a ocasiãourgia, e com a subministração duma droga, a evitar a expectoração; mas, ocupado no serviço da egrégia rainha D. Teresa, a quem ao tempo servia, não pude eu, como de costume, satisfazer o uso do medicamento. E daí que os humores defluíam fora do normal e ajuntaram-se-me na laringe, à maneira de tumor. Este entumescceu de tal arte que quase me entupiu os gorgomilos e mal me deixava respirar. Na realidade, não alcançava engolir nem comida nem bebida pelo esófago, por efeito de seu excessivo aperto. Por causa de tamanha sufocação, perdera a loquela. Para tentar debelar tamanho mal provocado pelo apostema, experimentei muitas e várias medicinas. Como, por fim, endurecesse tanta matéria reimosa, julguei intimamente que morria. Distribuí pelos clérigos, monges e pobres as minhas reservas pecuniárias, já sem esperança na vida do corpo. Por último, lembrando-me do patrocínio que S. Geraldo costumava dispensar a aflitos e enfermos, ainda que minguido de forças, fui-me ao seu túmulo e aí me quedei tempo sem fim a chorar. (...) E, manhã a romper, encaminhei-me para casa, voltei para a minha cama, acompanhado da virtude do bem-aventurado confessor. De facto, uma tossezinha tomou-me de repente e inesperadamente o tumor da garganta rebentou e, assim, me livre do perigo iminente da morte...”.

²⁶⁵ “Livro Primeiro...” p.55, mil.8; p.57, mil.10; “Livro Segundo...” p.63, mil.15; p.65, mil.17; “Livro Terceiro...” p.75, mil.21; p.79-81, mil.30; p.93, mil.39.

contrária. Após pedirem auxílio a S. Rosendo a embarcação desprende-se dessa margem e veio ter com os homens que, por fim, atravessaram o rio²⁶⁶. No segundo caso o miraculado era um monge do mosteiro de Celanova encarregue de se dirigir ao mar e trazer peixe para a instituição, encontrando no local o seu abade. Porém, afastou-se do abade que fez a travessia, ficando para trás com os servos e não sendo transportado pelos marinheiros, mesmo a troco de dinheiro. Sem auxílio, rezou a S. Rosendo e, miraculosamente, a embarcação veio ter com o monge sem que os marinheiros a conduzissem²⁶⁷.

Três milagres aludiram à libertação de indivíduos que teriam sido injustamente aprisionados²⁶⁸. No primeiro caso um homem foi encarcerado e violentado por um cavaleiro e respectivos carrascos. Depois de ter pedido ajuda a S. Rosendo, o homem foi visitado em sonho pelo santo que lhe disse para avançar, libertando-se dessa forma dos opressores e, pouco depois, dirigiu-se ao sepulcro com oferendas²⁶⁹. No segundo caso um homem foi aprisionado dentro do mosteiro de Celanova pelo procurador da própria instituição, num período conturbado de lutas internas em Orense. Após um pedido de auxílio, o santo visitou-o enquanto dormia e disse-lhe para se levantar uma vez que o havia libertado das cadeias. O homem obedeceu ao santo, passando pelas sentinelas e conseguindo escapar a salvo. Tal como no exemplo anterior também este regressou ao mosteiro para dar graças ao santo²⁷⁰. Finalmente o último caso de libertação tratou de um homem capturado por um cavaleiro e levado para o mosteiro de Tominho, onde foi maltratado, chegando a ser atirado ao chão com os braços presos numa lança “à maneira de crucifixo”. As freiras do mosteiro de Tominho que assistiam à violência prostraram-se em choro em frente ao altar de S. Rosendo que existia no mosteiro. Uma das freiras, perante a inoperância do santo, ameaçou-o com o “desnudar” do altar caso o homem não fosse auxiliado. Apercebendo-se dos pedidos das freiras, os homens que aplicavam

²⁶⁶ “Livro Primeiro...” p. 55, mil.8.

²⁶⁷ “Livro Terceiro...” pp. 79-81, mil.30.

²⁶⁸ “Livro Primeiro...” p. 57, mil.10; “Livro Terceiro...” p.75, mil.21; “Livro Quarto...” p.93, mil.39.

²⁶⁹ “Livro Primeiro...” p. 57, mil.10: “...no próprio sono mereceu ouvir S. Rosendo a falar assim: «Levanta-te, homem, levanta-se, nada temas, avança tranquilo. Mas cumpre com as tuas acções o voto que fizeste». Despertou do sono, e, levado pela mão de S. Rosendo, saiu em segurança por entre os guardas...”.

²⁷⁰ “Livro Terceiro...” p. 75, mil.21.

os maus-tratos desafiaram o santo, afirmando que o prisioneiro não conseguiria escapar durante a noite. No entanto, o soldado foi libertado e quando os malfeitores acordaram já não o encontraram”²⁷¹. Este relato é exemplificativo do confronto entre quem participou no pedido do milagre e o santo, neste caso as freiras de Tominho e, em específico, uma que reagiu mais empenhadamente à inoperância de S. Rosendo. É igualmente exemplo da falta de credulidade nos poderes do santo por parte daqueles que exerciam violência e que foram confrontados com a veracidade das suas proezas, tal como já assistimos em momentos anteriores.

Os dois milagres que restam desta categoria não foram passíveis de se associarem como os anteriores²⁷². Num dos casos foi o próprio hagiógrafo que relatou momentos em criança quando fora mandado estudar²⁷³, tarefa que o aborrecia, chegando a ser preso com cadeias pelo seu mestre. Não sossegando, o mestre dirigiu-se ao sepulcro de S. Rosendo e rezou para que o espírito da criança se abrisse à aprendizagem, caso estivesse destinada ao grau de sacerdote. Como concluiu o hagiógrafo, acabou mesmo por serenar e não muito tempo depois seria monge no próprio mosteiro de Celanova.

Por fim, o último milagre desta categoria envolveu o roubo de vestes de um abade do mosteiro de S. Cláudio de Leão, que se encontrava no mosteiro de Celanova. O dito abade mandou no seu cavalo um monge que lhe era desconhecido e, quando este não chegou no dia previsto, julgou que havia fugido com o animal. Além disto as suas vestes também foram furtadas, sem haver mais pormenores concretos desta ocorrência. Desanimado, foi até ao sepulcro de S. Rosendo pedir que os seus bens fossem restituídos, dizendo: “se sois santo, restitui o que tirastes, já que o não guardastes”. A caminho do mosteiro um monge encontrou o ladrão das vestes e devolveu-as ao abade

²⁷¹ “Livro Quarto...” p. 93, mil.39: “...E até uma delas, pela amargura que lhe ia no coração, indo para arrancar os panejamentos que estavam sobre ele, dizia assim: «Ó bem-aventurado Rosendo, se não vos dignardes socorrer-nos e libertar aquele desgraçado homem, desnudarei completamente o vosso altar». E tendo-se aqueles homens apercebido disto, alguns, exaltados pelo espírito do orgulho e pelo ímpeto do furor e da crueldade, diziam assim: «A Deus e a S. Rosendo desafio, em como este homem não fugirá nem se evadirá esta noite». A estas palavras, por intermédio do seu bem-aventurado confessor Rosendo, a misericórdia de Deus libertou de tal modo aquele homem, que a túnica de que estava revestido à manira de crucifixo, como dissemos, ficou na lança com as citadas cordas. Quando despertaram, pela manhã, e não encontraram o homem, retiraram-se confundidos do Mosteiro, dizendo a todos os que lá estavam: «Guardai bem as relíquias do santíssimo Rosendo»...”.

²⁷² “Livro Segundo...” p. 63, mil.15; p.65, mil.17.

²⁷³ “Livro Segundo...” p.63, mil.15.

e, passados três dias, apareceu o cavalo²⁷⁴. Mais um episódio onde o santo foi desafiado a agir em prol da defesa daquele que pediu a sua intervenção.

Em S. Geraldo categorizamos cinco²⁷⁵ milagres como “Comunitário e Quotidiano”. Dentro desta categoria encontramos três casos de naufrágio²⁷⁶, entre os quais dois relativos a crianças enquanto receptores do milagre. O primeiro caso desenrolou-se no rio Cávado, numa embarcação onde deveria seguir Geraldo e que enfrentou uma tempestade. Perante esta dificuldade o barqueiro fugiu para se salvar, abandonando o barco e as crianças que seguiam. Situado na margem, Geraldo pediu a Deus para salvar as crianças e, ao terminar a oração, a embarcação chegou a salvo à margem “mercê das preces do santo”, prova evidente da sua ligação divina²⁷⁷. O segundo caso envolvendo crianças, ocorreu no momento do transporte do corpo de Geraldo no rio Tâmega. Enquanto atravessavam o rio, o barco onde seguiam dois “rapazinhos” virou e, as crianças foram arrastadas pela corrente. Quando os presentes se aperceberam da situação imploraram pela ajuda de Geraldo e, nesse mesmo momento, as crianças foram salvas²⁷⁸. O terceiro caso envolveu um clérigo de Braga que enfrentou uma tempestade aquando do regresso de Jerusalém. Temendo o naufrágio, o clérigo e os restantes viajantes pediram auxílio a Geraldo, e logo que findou a tempestade todos chegaram a salvo ao porto²⁷⁹.

²⁷⁴ “Livro Segundo...”, p.65, mil.17.

²⁷⁵ *Vida de S. Geraldo*...pp. 20-21, mil.3; pp. 22-24, mil.5; pp.34-35, mil.10; pp.40-41, mil.21; pp.41-42, mil.22.

²⁷⁶ *Vida de S. Geraldo*...pp. 20-21, mil.3; pp. 34-35, mil.10; pp.40-41, mil.21.

²⁷⁷ *Vida de S. Geraldo* ...pp. 20-21, mil.3: “... Entumecendo, porém, o dorso do rio por mor do vento e das ondas que se erguiam, a frágil embarcação começou furiosamente de ser açoitada, e porque distava da água obra duma só polegada, entrou se vogar sobre não pequenas ondas. Conhecendo, porém, o barqueiro o perigo que os ameaçava, saltou à água e, a nadar, salvou-se. Mas, porque as crianças ficavam sem remos e começavam já a correr perigo, e, porque ainda pediam em unísono, ao homem de Deus o auxílio da oração, o próprio homem de Deus que estava na margem do rio, esbagoando fileiras de lágrimas, rogou finalmente a Deus usasse de misericórdia e livrasse do perigo a seus pequenos companheiros. Finda, porém, a oração, o barquito chegou a bom porto e remansosamente; e, assim, as crianças, mercê das preces do santo varão, escaparam a um naufrágio iminente”.

²⁷⁸ *Vida de S. Geraldo*...pp.34-35, mil.10: “...Com efeito, atravessavam o rio, num barquito, dois rapazinhos; as, encrespando-se o dorso do mesmo rio que na sua braveza, os arrastou para longe do local. Mal se ouviu isto, todos os que estavam presentes, imploraram a compaixão do Beato Geraldo e pediram com maior devoção que os rapazinhos ficassem incólumes. E, na verdade, alcançada a misericórdia do santo confessor, imediatamente os pequenitos saíram sãos e salvos do perigo”.

²⁷⁹ *Vida de S. Geraldo*...pp.40-41, mil.21.

Outro relato envolveu embarcações, desta vez durante a travessia do rio Cávado por Pelágio, monge de Braga²⁸⁰. Regressando da acção pastoral, chegou ao rio e viu-se impedido de fazer a travessia, uma vez que a embarcação estava na margem contrária e não encontrava ninguém para lha trazer, o que o impedia de comparecer nas festividades que decorriam na Sé Metropolitana. Lamentando a situação, pediu auxílio a Geraldo para não faltar às celebrações e assim o barco desprende-se da margem e foi ter com ele, permitindo-lhe a travessia. Finalmente, o último milagre aqui tipificado tratou de um casamento forçado, o de Tota, identificada como dona de grande património invejado por alguns ricos-homens, que conspiravam contra ela²⁸¹. Foi então que traçaram um plano que envolvia um homem de baixo nascimento, Ordonho, que deveria raptar e casar com Tota. Levado a cabo o plano, Tota encomendou a “sua inteireza de corpo e alma” a Deus e a Geraldo e, na primeira noite, trocou as suas vestes com as da criada de quarto. Tota, vestida como a criada, saiu do palácio fingindo ir buscar água e, clamando auxílio divino, andou fugida na mata evitando o caminho público. Entretanto, percebida a troca, foram enviados homens à sua procura. Ao terceiro dia a mulher saiu da mata e através de um clérigo informou o arcebispo Geraldo acerca do sucedido, que enviou arcediagos ao seu esconderijo para a trazerem. O relato terminou com Tota a dizer que foi pela confiança na santidade de Geraldo que se salvou.

Na *Vida de S. Teotónio* tipificámos dois milagres como “Comunitário e Quotidiano”. O primeiro caso foi o impedimento do naufrágio, em Málea, da embarcação onde seguia Teotónio quando regressava da sua segunda viagem a Jerusalém²⁸². Enquanto os restantes viajantes já não tinham esperança de sobreviver, Teotónio apelava a Deus pela sua misericórdia assim como apelava à confissão conjunta, conseguindo por fim salvar a embarcação²⁸³. Destacamos na descrição a

²⁸⁰ *Vida de S. Geraldo*...pp.41-42, mil.22.

²⁸¹ *Vida de S. Geraldo*...pp. 22-24, mil.5.

²⁸² *Vida de D. Teotónio*...pp.155-157, mil.1.

²⁸³ *Vida de D. Teotónio*...pp.155-157, mil.1: “...Dom Teotónio, tinha-se prostrado em oração também em lágrimas e, todo voltado para Deus, depois dos salmos e das ladainhas, invocou o Senhor da vida e do alento, do seguinte modo: Senhor, Senhor Jesus Cristo, filho de Deus vivo, filho de Santa Maria, tu que com o Pai e o Espírito Santo és um só Deus em suprema trindade e em verdadeira unidade, socorre-nos, pois estamos colocados em perigo extremo, a fim de que, libertos das fúrias das ondas do mar, mereçamos ver o glorioso sepulcro da tua santa ressurreição, pois para o venerarmos e oscularmos viemos dos confins do mundo, e demos graças pela tua libertação.

referência a uma criatura terrível que todos vêm no meio da tempestade e tentam identificar²⁸⁴, perigo este que cresceu à intempérie e confrontou os homens com um outro mundo maravilhoso.

O segundo milagre desta categoria relatou as dificuldades de um parto da rainha D. Mafalda, que a colocava em perigo de morte. Por esse motivo, mandou chamar Teotónio para receber a bênção e logo depois o filho nasceu e foi restabelecida a sua saúde²⁸⁵.

2.2.3. “Sensibilidade Religiosa e Crença”

Na *Vida de S. Rosendo* caracterizámos onze milagres como “Sensibilidade Religiosa e Crença”²⁸⁶. Em dois deles os miraculados expeliram serpentes, sendo que numa das vezes foi especificada a presença do animal enquanto símbolo do pecado. Os restantes casos tipificados foram de possessão demoníaca. Chamemos ainda a atenção para um relato que envolveu possessão demoníaca e que não foi incluído nesta categoria mas sim na “Jurisdicional”, dado que o mote da possessão se inseria maioritariamente nos parâmetros dessa categoria. Destaquemos o facto de as “possessões” terem sido

Exortava também a todos e, consolando-se com as palavras que podia, admoestava-os a que se confessassem uns aos outros e se perdoassem de coração e, acreditando em Deus e orando-lhe, pusessem nele toda a sua esperança, anunciando-lhes que, se fossem perseverantes, proximamente havia de chegar a clemência do Redentor. Assim aconteceu. Efectivamente, enquanto isto decorria no navio, Deus omnipotente que de modo extraordinário aterrorizara os seus espíritos de forma mais extraordinária lhes manifestou a sua misericórdia.

Eis que de modo inesperado o sopro da brisa começou a tornar-se mais ameno e a pouco e pouco desfizeram-se as montanhas de água e o mar ficou calmo...”.

²⁸⁴ *Vida de D. Teotónio*...pp.155-157, mil.1: “...Aliás, a momentos de terror outros maiores se acrescentaram: de facto a juntar a isso, crescia o medo da morte com o aparecimento, à vista de todos no meio daquele perigo de mar, de um animal monstruoso e extremamente terrífico, tão assustador que a nenhum outro animal se poderia comparar e que, segundo o santo nos referia, parecia ter uns olhos como se fossem tochas de fogo a arder. Uns diziam que era um dragão, outros que era um monstro, outros que era o demónio...”.

²⁸⁵ *Vida de D. Teotónio*...p.179, mil.2: “...a rainha Mafalda, filha do Conde Amadeu, corria perigo de morte devido a dificuldades de parto; mulher sensata, como era, e bem firmada na fé, apenas uma solução encontrou junto de si, a de que se merecesse ser benzida por aquele santo varão imediatamente lhe chegaria o remédio do Omnipotente. Foi ele, pois, chamado por nobres varões e ele foi junto dela. Ora, logo que ele fez o sinal da cruz e a benzeu, pela virtude de Deus imediatamente a mãe deu à luz um filho a seus pés e, logo depois, cheia de alegria pelo êxito do nascimento do filho, se restabeleceu admiravelmente de saúde”.

²⁸⁶ “Livro Primeiro...”p.53, mil.6; p.53, mil.7; p.55, mil.9; “Livro Segundo...”p.61, mil.12; p.65, mil.18; p.67, mil.19; “Livro Terceiro...”p.79, mil.29; “Livro Quarto...”p.85, mil.31; p.87, mil.32; p.87, mil.33.

usadas frequentemente enquanto representações de distúrbios mentais²⁸⁷. Para o nosso estudo, adequou-se tipificarmos esses eventos numa categoria distinta dos milagres “curativos”, uma vez que aqueles identificados como distúrbios mentais não foram associados à imagem do demónio.

Começemos pelos dois casos das serpentes. Em primeiro lugar temos uma mulher que pelos seus pecados fora penetrada por uma serpente e, sentindo dores violentas prostrava-se em frente de igrejas vizinhas, até que foi levada ao sepulcro de S. Rosendo. Aí foi auxiliada pelas preces dos monges e a serpente foi expelida pela boca e morta pelos presentes²⁸⁸. O segundo expôs o caso de uma criança, servo no mosteiro de Celanova que, enquanto guardava gado, atirou um bastão que caiu junto de espinhos, ao apanhar o bastão entrou-lhe uma serpente pela boca e desceu até ao ventre. Foi levado pelos pais ao sepulcro de S. Rosendo, onde suplicaram pela ajuda do santo até que a serpente saiu do rapaz²⁸⁹. No entanto, apesar de este caso apresentar contornos semelhantes ao anterior, não aludiu a pecados que poderiam estar na origem do acidente, bem como a comportamentos dos pais que pudessem ter influenciado esta “possessão”, como aconteceu no milagre em que a criança surgiu possuída pelo incumprimento de promessa da mãe²⁹⁰.

Como dissemos anteriormente, os casos restantes foram pautados pela possessão demoníaca. O primeiro deles foi o de uma mulher atormentada pelo diabo que a fazia delirar de loucura, ao ponto de ser presa com correntes. Os pais, "dominados pelo enfado de tão dilatado perigo", planeavam deixar a rapariga, porém; foram alertados em sonho a levarem-na ao sepulcro do santo onde deveriam fazer orações. Procedendo

²⁸⁷ SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle...* pp. 236-239.

²⁸⁸ “Livro Primeiro...”p.53, mil.6: “...quando certa mulher dormia junto à parede, penetrou nela uma serpente, chamada por força dos seus pecados. Retorcida por uma dor violenta, prostrava-se em frente da entrada das igrejas vizinhas, até que a apresentaram, finalmente, diante do sepulcro do santo Bispo. Assim, auxiliada pelas preces dos monges, e devido ao fulgor das virtudes do santíssimo Rosendo, a serpente é expelida pela sua boca, de forma que, ao fugir, é agarrada e morta pelos circunstantes...”.

²⁸⁹ “Livro Primeiro...”p.53, mil.7: “...certo rapaz, que morava perto deste mosteiro – pois era servo dele – quando andava a guardar gado, atirou-lhe com um bastão, como sucede muitas vezes, e este caiu no meio de uns espinhos. E, como ele se inclinasse incautamente, sem suspeitar de nada, para apanhar o pau, por acaso uma serpente não muito grande saltou para a boca dele e desceu-lhe ao ventre. Os pais do rapaz, depois de saberem disto, apresentaram-no diante do túmulo de S. Rosendo e imploraram-lhe com o claustro dos monges que livrasse o seu próprio servo. E assim, depois de expulsar e expelir a cobra pela boca, o rapaz ficou curado”.

²⁹⁰ “Livro Primeiro...”p.51, mil.3.

desta forma, no final da oração a rapariga caiu e o espírito saiu “a uivar”²⁹¹ libertando-a de tão grave perigo.

Outro caso tratou de uma criança tomada pelo demónio durante algum tempo até que foi levada pela mãe ao sepulcro de S. Rosendo. Aí a mãe pediu auxílio ao santo e “entregou” o seu filho como servo. Desta forma o demónio começou a afastar-se com grande ruído libertando a criança²⁹². Outra criança foi atacada e possuída durante as festividades de S. Rosendo no exterior do oratório. Por inspiração divina dirigiu-se à igreja e atirou-se para o túmulo do santo, onde adormeceu; os monges que iam em procissão depararam-se com a criança e salmodiaram o responso “*Sancte Rudesinde*” que, uma vez terminado, resultou na libertação da criança²⁹³.

Ainda o exemplo de duas irmãs que foram possuídas pelo diabo. Inicialmente uma delas fora possuída e pedira auxílio ao santo, celebrando vigílias até que o demónio a deixou. Contudo, apoderou-se da irmã. Oito dias depois dirigiram-se ao mosteiro de Celanova com oferendas e foram levadas até ao sepulcro, onde o diabo pediu que o expulsassem. Passaram algumas noites em vigílias no sepulcro e regressaram a casa, recuperadas²⁹⁴. Outra mulher foi possuída e procurou ajuda junto de algumas igrejas, levando inclusivamente oferendas, mas não conseguindo libertar-se. Dirigiu-se a Celanova onde orou junto do túmulo do santo e fez vigílias durante a noite, reunindo os monges que oravam com ela, quando o demónio foi finalmente expulso²⁹⁵.

²⁹¹ “Livro Primeiro...”p.55, mil.9.

²⁹² “Livro Segundo...”p.65, mil.18: “...como não alcançasse saúde alguma, a sua progenitora é aconselhada por alguns monges a levar o filho ao túmulo de S. Rosendo. Obedecendo imediatamente ao conselho deles, colocou-se diante do túmulo do Santo, dizendo assim: «Ó S. Rosendo, este filho é meu, mas é vosso servo. A partir de hoje vo-lo entrego e deixo, e fazei o que vos aprouver», Dizendo isto, começou a afastar-se. Coisa admirável! O demónio imediatamente se retirou com grande ruído. A criança ergueu-se e chamou a mãe...”.

²⁹³ “Livro Quarto...”p.87, mil.33.

²⁹⁴ “Livro Primeiro...”p.67, mil.19: “...Porém, sucedeu que, ao deixar esta mulher, ele assaltou a irmã. Por conseguinte, cerca de oito dias depois, ambas chegam a Celanova com oferendas diante do sarcófago e contam o sucedido. Seguidamente, são apresentadas diante do sarcófago de S. Rosendo, onde imediatamente o inimigo assim fala pela boca da rapariga: «Ponde-me cá fora, já que não posso de modo algum repousar, diante da virtude do santo varão». Dizem-lhe repetidas vezes os monges: «Sai, miserável, sai, infeliz, que, com o auxílio de Deus, não permanecerás aqui de forma alguma». Finalmente, depois de passarem em vigília umas noites ante o sepulcro do bem-aventurado prelado, voltam juntas para as suas casas, com a alegria da saúde recuperada”.

²⁹⁵ “Livro Terceiro...”p.79, mil.29.

Também uma “religiosa” oriunda de “França” esteve possuída pelo demónio durante muito tempo, visitando os templos de muitos Apóstolos e outros santos sem conseguir melhorar. Teve conhecimento de S. Rosendo através de uma revelação divina, que a informou que encontraria solução junto desse santo. Dirigiu-se então para a Galiza, onde procurou o mosteiro e permaneceu em orações e vigílias durante dias até recuperar²⁹⁶.

Os dois casos que consideramos que devem ser destacados apresentam uma imagem do diabo diferente dos relatos anteriores. Num destes, um cavaleiro que viera ao mosteiro de Celanova com a rainha D. Urraca injuriou o sacristão da instituição que, acidentalmente, lhe pisara a fímbria do manto. Como punição por ter injuriado o sacristão, foi possuído pelo diabo, caindo “lá do alto, em baixo, no pavimento, no meio dos que celebravam os ofícios”. Atemorizados, os monges levaram o cavaleiro para junto do túmulo de S. Rosendo, rogando o seu auxílio com preces. Finalmente libertou-se pelos pedidos e “emendou satisfatoriamente aquilo em que fora delinquente, doando ao mosteiro, dos seus próprios tributos, presentes bons, por ter sido restituído à sua integridade”. Atentemos que este caso se distingue de outros uma vez que o cavaleiro foi punido como consequência do seu comportamento e, nesse sentido recorreu-se ao diabo para interpretar a figura do castigador. Por sua vez, a libertação só aconteceu por meio do arrependimento sincero do cavaleiro, que no final doou bens à instituição. O último caso desta categoria a destacar é o de um homem possesso pelo demónio “pela força dos pecados”. Chegado ao mosteiro de Celanova percebeu que seria novamente atacado pelo demónio e foi levado pelos monges para junto do túmulo do santo, implorando por auxílio. Interrogado pelos monges acerca do motivo da possessão, o demónio respondeu: “Não entrei neste homem por nenhum motivo, se não por causa da promessa que fez à bem-aventurada Maria, de ir à sua morada, e que não cuidou de cumprir. Mas até eu sair dele (pois sairei), a não ser que arrepie caminho imediatamente, e se apresse a cumprir a promessa, logo o tomarei de novo e o possuirei, como se me pertencesse. Porém, se cumprir a promessa, não terei nele mais poder”. Os monges perguntam então pela sua saída ao qual o demónio respondeu: “Quando forem

²⁹⁶ “Livro Quarto...”p.87, mil.32.

horas de se celebrar a missa, agarrai-o pelo dedo polegar e segurai-o, apertando-lhe fortemente o nariz, e assim me retirarei dele, para nunca mais voltar o resto do tempo”. O relato descreve a saída do demónio conforme as indicações dadas pelo mesmo, ou seja, enquanto os monges se preparavam para a missa foi colocada no homem a estola do bispo e foram cumpridas as indicações dadas, até que o demónio se retirou “confuso”²⁹⁷. Uma vez mais assistimos a um demónio que desempenhou a função castigadora, desta vez pelo incumprimento da promessa feita à Virgem, tomando uma posição, em ambos os casos, quase de “defensor” da personagem religiosa. Nestas situações os demónios parecem ser enviados pelo próprio santo, para castigar. Outro aspecto a ser destacado é a referência feita no início do relato à igreja onde se encontrava o sepulcro de S. Rosendo, a “igreja da Bem-aventurada Maria, Mãe de Deus”²⁹⁸. Quando o demónio falou ficamos a saber que a possessão se devia à falta de promessa a Maria, o que justificou a menção específica à igreja no início deste milagre e não nos restantes, reforçando a importância da mesma. Também a sublinhar é a utilização da estola do bispo, ocorrência onde as relíquias não corpóreas desempenharam um papel na realização do milagre.

Por fim, o milagre que não está nos Livros mas sim na *Vita*: proeza realizada em vida de S. Rosendo e na qual encontramos dois homens que estavam a trabalhar nas obras do telhado do mosteiro onde era abadessa Senhorinha, “parente dele”. Os dois homens teriam pensado mal de Rosendo e Senhorinha e, conseqüentemente, foram punidos pela possessão que os atirou ao chão sem vida. Os homens foram levados para junto do altar da igreja, onde Rosendo os ressuscitou, motivado pelos pedidos dos que estavam presentes. Assim, recordando a história de Lázaro, ressuscitou os homens depois de os ungir com os óleos bentos²⁹⁹.

Na *Vida de S. Geraldo* categorizamos três milagres como “Sensibilidade Religiosa e Crença”³⁰⁰. Dois destes “salvaguardaram” especialmente o arcebispo

²⁹⁷ “Livro Quarto...”p.85, mil.31.

²⁹⁸ “Livro Quarto...”p.85, mil.31: “Ora certo homem, pela força dos pecados há muito possesso do demónio, veio ao Mosteiro de Celanova, onde repousa o corpo de bem-aventurado Rosendo, na Igreja da Bem-aventurada Maria, Mãe de Deus...”.

²⁹⁹ *Vida de S. Rosendo*...pp.25-27, mil.43.

³⁰⁰ *Vida de S. Geraldo*...pp.33-34, mil.9; p.35-36, mil.11; p.36-37, mil.13.

bracarense, tratando-se em ambos os casos de milagres póstumos, envolvendo o transporte do corpo do arcebispo e do seu túmulo, respectivamente. O transporte do corpo de Geraldo enfrentara dificuldades advindas da geografia do percurso, ultrapassadas pela invocação dos presentes, que pediram auxílio a Deus durante a travessia do rio Tâmega, acabando por se realizar sem dificuldades³⁰¹. No caso do túmulo, decidiu-se ir buscar um sepulcro de mármore a Tibães. Antes de se destinar ao arcebispo, o túmulo fora pensado para um magnate local; porém, o seu transporte foi excepcionalmente árduo, consequência da vida pecadora que o homem levou. Estas dificuldades resultaram na desistência da ideia de sepultar aí o homem³⁰². Contrariamente, o traslado da mesma sepultura revelou-se simples quando se destinou a Geraldo, graças à sua santidade³⁰³. Em suma, os relatos descrevem grandes dificuldades nos transportes, que são ultrapassadas pela acção divina.

O último caso desta categoria explanou o exorcismo de um rapaz levado até ao sepulcro de Geraldo pela mãe, que pediu auxílio ao santo e passadas apenas algumas horas, foi libertado³⁰⁴.

³⁰¹ *Vida de S. Geraldo*...pp.33-34, mil.9: "...Mas, porque a máxima diversidade tanto de montes como de vales dificultava o caminho para a trasladação do corpo, uma senhora nobre, uma tal Ausenda, ofereceu-lhes o maior número de homens e veio com o corpo santíssimo até um rio que chama Tâmega. Porque o rio transbordava do leito, despertou neles a maior curiosidade em como poderiam fazer atravessar o rio ao féretro que transportava o corpo glorioso. Havia aí um moinho, por causa do qual uma sebe composta de estacas e pedras se estendia pelo meio do rio e por onde podia passar de pé, a custo, tão-só um homem. Como se tenha topado com esta caniçada, a nobre dama, de modo que todos a ouvissem, exclamou em alta voz: «Caríssimos irmãos, peçamos todos, numa prece única, a Nosso Senhor Jesus Cristo que, se o nosso patrono, quer dizer: o venerável Geraldo, é um dos Santos de Deus, como cremos, por este recinto da sebe nos depare hoje, e ao séquito fúnebre, sem perigo, fácil trânsito. Mal acabava a oração, diz que os homens que transportavam o santo corpo, atravessaram aquela cercadura sem incómodo algum. Achamos ainda bem não passar em silêncio sobre este milagre que se obrou na presença dos que estavam na margem do rio».

³⁰² *Vida de S. Geraldo*...pp.35-36, mil.11: "...Daí que pareceu oportuno aos bracarense que deveriam ir buscar um sepulcro de mármore que, tempos antes, tinha sido trazido da colina de Tibães. Efectivamente, havia tempos atrás morrido um magnate português, os Tivienses, por não haverem à mão sepulcro onde o sepultassem, escavaram na colina, onde fora o cemitério dos reis, e trouxeram para o mosteiro o referido mausoléu de mármore onde sepultaram o mencionado prócere. Mas, porque, em sonhos, parecia arder naquele sepulcro, tiraram-no daquele e enterraram-no noutra, e assim até à morte do Beato Geraldo permaneceu vazio aquele sepulcro..."

³⁰³ *Vida de S. Geraldo*...pp.35-36, mil.11: "...De certo, o transporte do túmulo de Braga para Tibães afigura-se haver sido difícil e laborioso, porque se fazia para dar sepultura a um homem criminoso e pecador; mas a recondução do mesmo de Tibães para Braga, foi, sem dúvida, leve e suave e sem custo algum, porquanto era para inumar um varão santo e justo..."

³⁰⁴ *Vida de S. Geraldo*...pp.36-37, mil.13.

Relativamente a S. Teotónio, tipificámos cinco³⁰⁵ milagres em “Sensibilidade Religiosa e Crença”. Quatro são relativos a exorcismos e um ao momento da morte do prior. Todos os casos de exorcismo tiveram como miraculados os membros do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, dois monges, um leigo professo e um criado. Alguns relatos foram bastante explícitos quanto aos demónios ou espíritos responsáveis pelas possessões. No primeiro caso o monge viu “espíritos tétricos e muito negros a disparar dardos contra si e a ameaça-lo”. Quando o prior foi ter com o monge os espíritos desvaneceram-se e não voltaram a aparecer³⁰⁶. O segundo monge era atormentado pelo diabo ao mesmo tempo que estava a dar início à sua vida religiosa³⁰⁷.

No caso do leigo professo, “via continuamente e sem interrupção a sombra de um africano muito negro que lhe atirava setas a toda a força de arco estendido”. Cada vez que Teotónio se aproximava do homem o diabo deixava de o atormentar. Inteirando-se do sucedido, o prior reconheceu que tais ataques eram sinal de castigo divino, obrigando o homem a confessar o pecado de adultério que cometera³⁰⁸. Outro exemplo, desta vez com S. Teotónio, do diabo que castigou os pecadores e que foi ao encontro dos exemplos que vimos anteriormente com S. Rosendo. O último exorcismo foi o de um criado do mosteiro que foi possuído durante a morte de Teotónio. O diabo tentou possuir a alma do prior e, impossibilitado, atacou o criado durante meia hora, retirando-

³⁰⁵ *Vida de D. Teotónio*...pp.179-181, mil.3; p.181, mil.4; p.181, mil.5; p.201, mil.8; p. 201,mil. 9.

³⁰⁶ *Vida de D. Teotónio*...pp.179-181, mil.3: “...via espíritos tétricos e muito negros a disparar dardos cruéis e ininterruptos contra si e a ameaçá-lo com veemência. Com o terror da sua tétrica imagem, voltava-se de um lado para o outro. Por vezes caía do leito, com o olhar transtornado, não podia suportar a visão deles e, em voz alterada, dizia isso mesmo aos que estavam com ele. De verdade, estes não podiam ver os espíritos malignos, mas reconheciam a sua presença na palidez e na tremura dele quando ficava agitado. Ora, logo que aquele homem de grande santidade veio ter com ele veio ter com ele em gesto de amabilidade, no mesmo instante, os espíritos malignos se acobertaram e desvanecendo-se pelos ares da brisa em parte alguma voltaram a aparecer ...”.

³⁰⁷ *Vida de D. Teotónio*...p.181, mil.5.

³⁰⁸ *Vida de D. Teotónio*...p.181, mil.4: “...Era facto que via continuamente e sem interrupção a sombra de um africano muito negro que lhe atirava setas a toda a força de arco estendido; em gritos à toa, apontava ele o seu inimigo que esta de frente, contra o muro; com o dedo dizia mesmo como ele era, muito embora os irmãos não conseguissem vislumbrá-lo. O desgraçado vivia mais angustiado com o terror do que com a doença. Toda as vezes, porém, que o escondia, não ousando sequer atirar-lhes dardos na sua presença. Sabendo disso, aquele homem de Deus, como quem conhecia a razão pela qual ele estava a pagar castigo tão horroroso, disse-lhe: “Confessa, miserável, confessa o pecado de adultério porque prevaricaste”. Tal circunstância foi imediatamente tornada manifesta e evidente, como o prior dissera”.

se "confundido, deixando a impressão de que a alma do bem-aventurado do meu senhor subiu livremente para os céus"³⁰⁹.

O último milagre aqui categorizado foi uma demonstração de santidade de Teotónio. Foi visto um globo de estrelas descer do céu para o claustro do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra de "tão refulgente luz sidérea e lançando de longe tais raios sobre o que o rodeava que causou a admiração de todos", fenómeno que seria entendido como aviso da morte próxima do prior, que realmente aconteceu no dia seguinte³¹⁰.

2.2.4. "Jurisdicional"

Em S. Rosendo inserimos cinco milagres na categoria "Jurisdicional", registando-se episódios de variadas naturezas, desde ataques à instituição monacal de Celanova, até aos seus membros ou património. Assim, apesar de todos estes relatos exemplificarem ataques contra a instituição, vamos agrupá-los entre ataques aos monges, à propriedade e ao mosteiro.

Encontramos dois relatos de ataques aos monges de Celanova e, dados os agentes envolvidos, fazemos uma descrição dos momentos importantes³¹¹. No primeiro relato, a infanta Elvira "oprimiu a herança do mosteiro com um cruelíssimo tributo" e o abade da instituição, Pelágio, fugiu, enquanto a mesma infanta colocou à frente da instituição monacal Pedro Gonçalves que, por sua vez, oprimiu os monges retirando-lhes, inclusivamente, parte da alimentação. Devastados pela conduta de Pedro Gonçalves, os monges ajoelharam-se junto do túmulo do santo e um deles, "já decrépito, erguendo o bastão em que se apoiava, bateu no monumento, queixando-se assim com grandes lamentações: "Porque nos congregaste aqui, Rosendo? Porque nos iludiste sob aparências de uma vida religiosa que agora compreendemos que era falsa em ti? (...) Se és santo, liberta-nos". Após a exigência de auxílio, quando Pedro Gonçalves repousava no leito, rebentou pelo meio "com grande estrondo, e imediatamente morreu aquele estranho". Ao saber do acontecimento, a infanta Elvira abandonou o mosteiro e

³⁰⁹ *Vida de D. Teotónio...*p.201, mil.8.

³¹⁰ *Vida de D. Teotónio...*p.201, mil.9: "Por outra parte, um dia antes de ele ter deixado o século, foi visto um imenso globo de estrelas a descer do céu para meio do claustro, tão refulgente com a luz sidérea a lançando de longe tais raios sobre o que o rodeava que causou a admiração de todos".

³¹¹ "Livro Primeiro..."p.49, mil.1; p.51, mil.2.

procurou o abade, restituindo-lhe o cargo³¹². Novamente estamos perante um relato onde o pedido feito toma forma de confrontação com o santo, que não havia respondido às preces. Nota-se a dureza das palavras do monge, que reivindica a protecção da comunidade que deveria ser assegurada pela santidade de Rosendo.

O segundo ataque aos monges foi levado a cabo por um cavaleiro que, por se encontrar doente, foi enviado pelo conde D. Raimundo ao mosteiro de Celanova, onde foi tratado “com todas as honras, e serviam-lhe o que era necessário”. Contudo, pedindo coisas supérfluas que lhe foram negadas pelo despenseiro, “tratou-o mal e desonestamente, postou-se, num ataque de fúria, diante da dispensa e mandou a um negro que quebrasse as portas e trouxesse de lá o que queria, castigando energicamente o monge, se ele se opusesse. Assim que os monges souberam disto, tanto eles como o despenseiro acorreram ao sepulcro do santíssimo varão Rosendo e rogaram-lhe com muitas lágrimas que defendesse, junto deles, a sua casa, que ele mesmo dera aos pobres e não aos soldados”. Com o pedido de ajuda dos monges, o cavaleiro ficou mudo e morreu no dia seguinte³¹³.

No ataque à propriedade temos um relato que envolveu um cavaleiro chamado Munho Fúlgor, que assaltou as manadas de bois do mosteiro passando-as indevidamente para o seu domínio. Roubado o gado, os monges pediram auxílio ao santo. Nesse dia um dos animais foi preparado para ser comido e, quando o cavaleiro o provou, “por castigo de Deus, é tomado por violenta enfermidade”. Perante esta situação, decidiu restituir o que havia roubado ao mosteiro e fazer uma oferenda ao santo de acordo com as suas possibilidades; “um presente segundo as minhas disponibilidades, pois eu sou violentamente constrangido pela sua ira”³¹⁴. Restituídos os bens e feita a oferenda, o cavaleiro morreu na mesma semana do incidente e acabou sepultado no mosteiro de Celanova.

Os dois casos restantes demonstram ataques ao mosteiro e devem ser sublinhados devido aos agentes envolvidos. O primeiro destes relatos exprimiu o ataque feito por

³¹² “Livro Primeiro...”p.49, mil.1.

³¹³ “Livro Primeiro...”p.51, mil.2.

³¹⁴ “Livro Segundo...”p. 61, mil.11.

Afonso Henriques, “tido” por rei de Portugal, ao mosteiro de Celanova³¹⁵. O relato indicou que o invasor “oprimia” Fernando II de Leão, corrompendo alguns dos cavaleiros do monarca³¹⁶, referindo ainda que algumas igrejas sofreram danos provocados por pilhagens, entre as quais o próprio mosteiro de Celanova, cuja propriedade ficou reduzida. O exército portugalense viria a cercar a cidadela de Sandim, pertencente à instituição, sendo que no final Afonso Henriques foi expulso pela acção de S. Rosendo³¹⁷. No entanto, outras “cidades” foram arrebatadas por Vasco, conde de Afonso Henriques, a saber Santa Cruz e Castro Laboreiro, onde teria sido erigido o castelo de Birreto, procedendo-se ainda à distribuição dos bens do mosteiro pelos cavaleiros. Os ataques fizeram com que o abade Pelágio abandonasse a instituição, acompanhado por alguns monges. Entretanto, agravaram-se os conflitos, o que veio aumentar a ira do santo³¹⁸, que foi constatada por alguns indivíduos que tiveram “contacto” com S. Rosendo nos momentos que se seguiram. Um cavaleiro viu em sonhos o santo, no meio de uma multidão vestida de branco, e pediu-lhe para mostrar o rosto uma vez que estava de costas, sendo que o santo lhe respondeu que estava irado contra o conde pelos bens que possuía e que se vingaria tanto dele como do rei. De forma semelhante, um camponês avistou o santo acompanhado de uma multidão de branco, tal como o cavaleiro havia sonhado. Perguntou de quem se tratava a um indivíduo desse grupo, que lhe respondeu que era S. Rosendo, “que se apressava a arrebatrar os seus haveres ao inimigo”. Igualmente a mulher de um cavaleiro foi advertida pelo santo enquanto dormia, sendo-lhe transmitido que ao fim de oito dias

³¹⁵ “Livro Segundo...”pp. 67-71, mil.20.

³¹⁶ “Livro Segundo...”pp. 67-71, mil.20: “...A este soberano oprimia-os nalguns pontos o rei Afonso de Portucale, pois que lhe tinha apanhado à traição certos cavaleiros, que aparentavam ser mais antigos, e afastara ou alterara o ânimo deles com não pequena quantia, a fim de apoiarem ocultamente o seu partido, tanto por conselhos como por acções, e nada ajudarem o seu senhor...”.

³¹⁷ “Livro Segundo...”pp. 67-71, mil.20 “...Ora, neste prosseguimento, algumas igrejas sofreram os maiores danos, devido à pilhagem dos seus bens. Entre as quais o Mosteiro de Celanova, pelo saque das suas propriedades, quase ficou reduzido a nada sob tão iníquo jugo. Finalmente, o supradicto rei de Portucale cercou em primeiro lugar, com um poderoso exército, uma cidadela do mesmo convento, de nome Sandim, que fica próximo do rio Arnoia. E o muito bem-aventurado bispo Rosendo expulsou-o maravilhosamente com os coriscos intoleráveis da trovada do céu...”.

³¹⁸ “Livro Segundo...”pp. 67-71, mil. 20: “...Feito isto assim, o abade Pelágio, sobrinho do abade Ficário, abandona o convento com alguns monges, devido a tanta perseguição, e vai ter com o rei Fernando, que o tratou honrosamente, e lhe entregou o Mosteiro Samonense. Entretanto, como se preparasse o citado forte, para fazer edificações, surgiu uma disputa entre os homens do Mosteiro e os servos do rei, pelo facto de as searas estarem a ser cortadas para os cavalos que aí laboravam....”.

Afonso Henriques seria preso e os bens do mosteiro seriam restituídos, o que veio a suceder. Assim, o rei viria a sofrer, em Badajoz, uma fractura no fêmur “por justa sentença de Deus”, tendo ainda sido mantido prisioneiro por quase dois meses por Fernando II de Leão. Por sua vez, o castelo de Birreto foi destruído por ordem do rei leonês e o abade de Celanova recebeu a herança do mosteiro³¹⁹. Por fim, o conde viria a ser “derrubado com os seus cúmplices, sem ter onde reclinar a cabeça”, assim como o seu mordomo Afonso Boi, que “algum tempo antes rebentou pelo meio”³²⁰.

Ao longo deste relato miraculoso revelou-se uma clara distinção entre Fernando II de Leão e Afonso Henriques, com a preferência do primeiro pelas formas de tratamento que foram utilizadas. A acção do rei e conde portugalenses despertou a ira do santo, cuja intervenção viria a colocar fim à ocupação portugalense e a punir os agentes principais. Neste relato, para além da longa descrição acerca das incursões e fortificações adquiridas, foi também a primeira vez em que S. Rosendo apareceu a um conjunto alargado de pessoas ao mesmo tempo, através de sonhos e visões, esclarecendo a sua raiva face à força portugalense e advertindo para a iminência da derrota da mesma. Entre estes visitados houve um cavaleiro, a mulher de outro cavaleiro e um camponês, não parecendo haver, além da sua localização, uma ligação imediata entre estes agentes e consequente razão para que fossem alertados pelo santo. Contudo, a importância do evento descrito seria justificativa para o grande número de aparições, único entre as três Vidas analisadas.

³¹⁹ “Livro Segundo...”pp. 67-71, mil.20: “....E assim sucedeu que, desde este tempo, em que o mencionado monarca tentou lesar o Mosteiro de Celanova, sempre em tudo se houve mal. Na verdade, perdeu, ele mesmo em pessoa, uma fortificação, de nome Cedofeita, que obtivera injustamente, e Deus Omnipotente, com uma faísca celeste, entregou-a ao rei Fernando. Além disso, quando atacava a cidade de Badajoz, veio sobre ele ocultamente, devido a uma embaixada sarracena, o rei Fernando com o exército, e levou-o para longe dessa cidade, bastante ferido com fractura do osso fêmur, por justa sentença de Deus. E teve-o sob prisão quase dois meses. Até que obteve dele todas as cidades fortificadas que arrebatara fraudulentamente, tanto de Límia como de Toronho. Pois, quando o mesmo rei foi feito prisioneiro a primeira vez, alguns viram nesse momento, segundo se afirma, S. Rosendo. Ora esse rei, apesar de livre das cadeias, permaneceu inutilizado até ao último dia, em que a alma lhe saiu do corpo. Depois disto, o castelo de Birreto, que se afirma ter durado dois anos, depois do começo da sua edificação, é destruído por ordem do rei Fernando e o citado abade recebe com direito plenário toda a herança de Celanova. E nessa fortificação, todo o tempo que permaneceu, ninguém pôde ouvir os sinos do Mosteiro, como antes ou depois se ouviram...”.

³²⁰ “Livro Segundo...”pp. 67-71, mil.20.

O segundo e último relato aludiu ao ataque perpetrado por Fernando Rodrigues de Castro à instituição. Destacamos o título do milagre: "Do paralítico que não era transportado senão num carro, por mãos alheias", que não reflecte o evento descrito. Fernando Rodrigues de Castro dirigiu-se a Celanova com "grande saque de terras e do património do santíssimo Rosendo". Assaltou o mosteiro e quando repousava com os seus cavaleiros, junto de uma fogueira na hospedaria, os monges reuniram-se no túmulo do santo pedindo auxílio, muitos chegaram inclusivamente a descobrir o túmulo do panejamento exigindo a defesa³²¹. Enquanto os monges faziam o 'pedido', Fernando Rodrigues de Castro foi tomado pelo diabo e atirado ao fogo, enquanto os seus cavaleiros o tentaram socorrer. Entretanto o diabo falou, dizendo que foi enviado por Deus como seu vingador e meirinho, pelo saque e invasão do mosteiro. Avisados, os cavaleiros levam-no para junto do túmulo do santo, onde permaneceu durante a noite. Na manhã seguinte foi novamente tomado pelo diabo que, quando questionado sobre a sua expulsão, respondeu que sairia com a condição de que fossem restituídos os bens saqueados e que os cavaleiros jurassem que nunca mais regressariam àquelas terras para fazer mal. O abade e os monges foram chamados e os cavaleiros fizeram o juramento, acabando por libertar Fernando Rodrigues de Castro e, após a restituição dos bens, abandonaram o mosteiro "com grande temor"³²².

³²¹ "Livro Quarto..."p.97, mil.42: "...Alguns deles, de ânimo amargurado, descobriram o túmulo do precioso panejamento com que estava coberto e prorromperam com lágrimas nestas palavras: «Ó Rosendo santíssimo, levantai-vos! Porque dormis, senhor? Levantai-vos e não nos rejeiteis para sempre. Porque voltastes a vossa face? Esquecesteis a nossa tribulação? Levantai-vos, senhor! Ajudai-nos e livrai-nos. Recordai-vos do vosso testamento e da vossa promessa de nos defender dos malfetores. Eis que já não basta devastar a terra pátria e o vosso património, mas mesmo aqui, sob as vossas asas, não nos consentem servir a Deus»".

³²² "Livro Quarto..."p. 97, mil.42: "...Enquanto os monges do dito Mosteiro diziam, lacrimosos, estas palavras e outras semelhantes, o diabo arrebatou o citado barão e deitou-o ao fogo, apesar da oposição dos seus soldados, que o puxam. E, como os mesmos soldados o retirassem da fogueira, a espernear e a estrebuchar, dizem aqueles dos circunstantes ainda vivos que o diabo, falando pela boca dele, respondeu: «Permiti-me queimar o ladrão do santíssimo Rosendo, pois que o Senhor me constituiu vingador e meirinho dele. Pois saqueou audaciosamente a sua terra, e ainda agora, vindo irreverentemente aqui, à sombra dele, ousou invadir o Mosteiro, que o santo em pessoa erigiu, e dissipar os seus bens atrozmente». Então os soldados pegaram no dito fidalgo, a estrebuchar, como acima se diz, e a espumar, e pousaram-no junto do túmulo do bem-aventurado Rosendo, na igreja; e aí ficou jazente, semi-morto, toda aquela noite. Quando amanheceu, de novo o diabo o arrebatou. E, interrogando-o os circunstantes por que modo o largaria, respondeu assim: «Só se antes restituir todo o que roubou e ele mesmo e os seus soldados prestarem juramento, em como jamais entrará nesta terra e neste Mosteiro para fazer mal; até lá não o largarei»".

Na *Vida de S. Geraldo* tipificámos seis³²³ milagres na categoria “Jurisdicional”, sendo que a maioria dos relatos mostrou um ataque directo ao arcebispo³²⁴, os outros a foram a defesa de um clérigo³²⁵ e a de uma capela³²⁶. Dediquemos maior atenção aos ataques a Geraldo pelos miraculados e pelas ocorrências que representam.

Em primeiro lugar encontrámos Egas Pais que vivera incestuosamente “uma, duas e três vezes”, tal como o seu filho. Foi alertado por Geraldo acerca deste comportamento, que lhe pediu para renunciar à vivência que levava e fizesse penitência. Apesar da advertência, Egas Pais manteve o comportamento e, conseqüentemente foi afastado da Igreja e excomungado³²⁷. Mais tarde, pela acção do conde D. Henrique todos os magnatas foram reunidos na igreja de Guimarães e enquanto celebrava a missa Geraldo viu Egas Pais, parou o ofício e apontou para o excomungado. Egas Pais "movido de instintos diabólicos" recusou-se a sair da igreja, saindo apenas a mando do conde D. Henrique e aos olhos de todos foi “acometido do espírito maligno”. Terminado o ofício, o cavaleiro caiu aos pés de Geraldo implorando "misericórdia e perdão, pois que reconheceu haver-se desviado da senda da verdade e haver tido por mestre o diabo". Perdoado pelo arcebispo, foi reconciliado com a igreja e perdoado pelos seus pecados³²⁸. O segundo caso tomou contornos semelhantes ao anterior, Afonso Peres e Paio Peres viviam de forma incestuosa e foram alertados por Geraldo

³²³ *Vida de S. Geraldo*...pp. 15-17, mil.1; p. 17-20, mil.2; p. 21-22, mil.4; pp. 24-25, mil.6; pp. 25-27, mil.7; pp. 27-28, mil. 8.

³²⁴ *Vida de S. Geraldo*...pp. 15-17, mil.1; pp. 17-20, mil.2; pp. 24-25, mil.6; pp. 27-28, mil.8.

³²⁵ *Vida de S. Geraldo*...pp. 21-22, mil.4.

³²⁶ *Vida de S. Geraldo*...pp. 25-27, mil.7.

³²⁷ *Vida de S. Geraldo*...pp. 15-17, mil.1: “...Daí que o Beato Geraldo, entre outros, a um certo militar que se chamava Egeas Pais, e que muitos anos vivera incestuosamente, uma, duas e três vezes, como a um filho, advertiu carinhosamente, pedindo-lhe renunciasse a tão grande pecado e fizesse penitência. O militar, porém, incorrigível e de dura cerviz, a instâncias do diabo, não quis dar ouvidos às palavras do santo varão; antes, desprezando o santo correctivo, resolveu persistir em seu nefando propósito. Por isso, assim como a membro pútrido, porque não pode curar-se com medicamento algum, se amputou do corpo, assim também o militar não querendo, obstinado, receber o remédio da Penitência, com o gládio do anátema, foi separado do corpo da Igreja...”.

³²⁸ *Vida de S. Geraldo*...pp. 15-17, mil.1: “...Porém, Deus que resiste aos soberbos e ama acabadamente aos humildes, quis abater a soberbez do ímpio, e, para respeito do santo varão, dignou-se deste modo, operar um milagre na presença dos assistentes, para que não perecesse aquele criminoso, e os outros, aterrados com tal vingança, não ousassem cometer tamanho crime. Acabado, portanto, o ofício da missa, o satânico militar, atrás lembrado, caiu prosternado aos pés do Beato Geraldo a implorar misericórdia e perdão, pois que reconheceu haver-se desviado da senda da verdade e haver tido por mestre o diabo. Ao qual o homem de Deus o reconciliou, na verdade, com a Santa Madre Igreja e discreta e sabiamente, lhe concedeu o perdão dos pecados cometidos e agiu com ele muito misericordiosamente”.

acerca das suas condutas. Porém, ignoraram os avisos e prosseguiram com os seus comportamentos, praticando “muitos vícios e algumas desonestidades”. Mesmo ignorado, Geraldo prosseguiu a sua tarefa de doutrinar até que ambos os homens lhe impediram o acesso às suas terras, ocupando-as indevidamente, ao mesmo tempo que impediram os clérigos que estavam sob sua alçada de obedecerem ou se sujeitarem ao arcebispo. Paio Peres chegou ainda a blasfemar contra Geraldo³²⁹. Pelo sucedido ambos os homens caíram na ira do conde D. Henrique e da rainha D. Teresa, perdendo as suas fortificações e herdamentos. A descrição do milagre revela a pobreza em que caiu Paio Peres que “demandou afanosamente, sozinho, a pé com seu filho pequenino, e com seu galgo, terra de mouros”, mais tarde acabaria por se converter e morrer desterrado com os mouros e num estado de “quase prisioneiro”. Quanto a Afonso Peres morreu em guerra contra os Sarracenos e o seu corpo foi devorado pelos abutres e corvos no deserto³³⁰. Finais trágicos que serviram para punir divinamente os homens que haviam desrespeitado Geraldo e ignorando os seus avisos, escolhendo actuar contra o arcebispo.

Outro caso de ataque a Geraldo envolveu Ordonho, que já anteriormente foi mencionado na categoria “Comunitário e Quotidiano” aquando da descrição do rapto e casamento forçado de Tota. Neste relato, o homem excedia o poder da sua administração, violando igrejas e extorquindo pela violência os bens dos clérigos e

³²⁹ *Vida de S. Geraldo...* pp. 17-20, mil.2: “...Embora lhe devessem dar ouvidos e estar submissos pelo benefício do correctivo, praticaram, em contra partida, em conjunto, muitos vícios e algumas desonestidades. Todavia, o Venerável Geraldo, passando em silêncio ofensas e afrontas contra si perpetrados, a fim de que caíssem em si e não perseverassem no crime, entrou de os admoestar mais a miúdo. Contudo, eles, cada vez mais relapsos, não só desprezavam os doestos do santo varão, senão que cortaram e interdisseram soezmente ao beatífico varão o acesso à sua terra, e proibiram aos clérigos e abades que estavam sob sua alçada, que obedecessem ao venerável varão ou se lhe sujeitassem. E ainda, para cúmulo da sua iniquidade, um deles, a saber: Paio Pires irou-se despudoradamente contra o varão do Senhor, dirigiu-lhe irreverentemente um sem-número de blasfémias, chamando-lhe falso monge, hipócrita e simoniaco e dizendo-lhe que a sua santidade não valia um só gaulês. O santo varão escudado, sem dúvida, na paciência, querendo transmutar o mau no bom, convidava-os sem cessar, a emendar-se...”

³³⁰ *Vida de S. Geraldo...* pp. 17-20, mil.2: “...Aconteceu, com efeito, por vontade divina, que estes incorressem na ira do seu senhor, quer dizer: do Conde D. Henrique e de sua esposa a formosa Rainha D. Teresa e perderam absolutamente todos os ópidos que possuíam, fortificações, herdamentos e todos os haveres; e chegaram a tal pobreza que Paio Pires demandou afanosamente, sozinho, a pé, com seu filho pequenino, e com seu galgo, terra de mouros. Quanto ao outro seu irmão Afonso, acabou por pedir o mesmo refúgio. E este, na verdade, desejando vingar-se nos cristãos, trouxe sobre eles um numeroso exército de sarracenos; e os sarracenos fizeram a guerra com os cristãos, guerra essa em que foi morto; a seu corpo, o devoraram abutres e corvos, no deserto. Paio, porém, converteu-se à religião dos mouros e morreu entre eles como desterrado e quase prisioneiro. Indubitavelmente, julgamos que deste modo se vingou Deus para respeito do santo varão”.

instituições. Mantendo uma postura semelhante aos casos anteriormente descritos, S. Geraldo apelou à sua emenda, que manteve seu comportamento. O arcebispo dirigiu-se então ao Castelo de Lanhoso, onde se encontrava Ordonho, que se negou a descer à chegada do arcebispo e ainda o injuriou. Perante esta atitude, foi condenado por Deus, morrendo “de maneira vergonhosa” nesse mesmo local onde se negara à correcção³³¹, validando uma vez mais a santidade de Geraldo.

O último milagre que representa os ataques directos ao arcebispo de Braga envolveu igualmente um “magnate da região”. Desta vez Soeiro Mendes que, sem licença do Vigário bracarense, sujeitou a si um clérigo de uma igreja não especificada. Ao inteirar-se do caso, Geraldo chamou Soeiro Mendes para que se justificasse, afirmando que os direitos eclesiásticos não deveriam pertencer a leigos. Soeiro Mendes manteve o seu comportamento, alimentando a contenda entre ambos os poderes. Confrontando e desafiando o arcebispo, disse-lhe que aquele que dos dois injuriou o outro não viveria até ao final daquele ano. Nesse sentido, em menos de meio ano Soeiro Mendes morreu em terra estranha “como um vilanaz”³³². Representando, como nos casos anteriores, a defesa divina de Geraldo e o confronto entre poder espiritual e temporal.

Os últimos dois milagres desta categoria abordam a defesa de um clérigo e de uma capela. No primeiro, uma querela entre um arcediogo de nome Mido e um monge que não foi especificado, motivada pela entrada de uma igreja que o arcediogo havia recebido de um leigo. Indignado, o monge pactuou com dois bandidos e armou-lhe uma cilada. Dessa maneira, quando o arcediogo passou na vizinhança do monge, foi

³³¹ *Vida de S. Geraldo*...pp. 24-25, mil.6: “...Mas ele, imbuído do veneno da velha serpente, quedando-se arrogante no cimo do seu castelo, não só se negou a descer até junto do varão do Senhor, senão que, proferindo palavras injuriosas contra o Santo de Deus, recusou emendar-se de haver andado mal. Sem embargo, Deus, que a cada um paga segundo as obras, quis mostrar nele a sua vingança. Realmente, havendo-o os seus inimigos agredido, por aquela altura, naquele lugar em que o Santo de Deus estivera para falar com ele, aonde o sacrílego se recusara descer, mataram-no de maneira vergonhosa”.

³³² *Vida de S. Geraldo*...pp. 27-28, mil.8: “...Até que por fim, turvado dum excesso de cólera, o tirano, como que pretendendo pôr fim à prática, proferiu uma frase, exprimindo-se deste modo: «Ambos, eu e vós, peçamos a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Gloriosa Virgem Maria que a aquele que de nós nesta contenda injuriou o outro, não chegue vivo ao fim do presente ano». E o Beatífico varão que lhe tornou: «Porque, irmão, não acolhes os ensinamentos da doutrina evangélica e te recusas a seguir o direito canónico, pelejamos que este assunto deve tratar-se e julgar-se na providência e nos designios d’Aquele a Quem aludiste na tua oração». Dito isto, o aludido prócere retirou-se, e sem chegar a meio ano, morreu não na sua terra, mas em terra estranha, como um vilanaz”.

perseguido pelos bandidos. Apercebendo-se do perigo que corria, rezou a Geraldo e a mula em que seguia correu mais que os cavalos dos inimigos, alcançando uma velocidade até então nunca vista e escapando aos bandidos³³³. No último relato no caminho de regresso da Sé de Orense a Braga, Geraldo e a sua comitiva depararam-se com fortes chuvas. Temendo a inundação da capela, Geraldo pediu auxílio divino e ao chegarem a Braga encontraram a capela que previam inundada pelas chuvas, sem qualquer problema, salvando desta vez a instituição bracarense, não de ataques provenientes de senhores locais mas de um desastre natural³³⁴.

Em S. Teotónio inserimos nesta categoria dois milagres. O primeiro apresentou o salvamento de um membro da instituição de Santa Cruz de Coimbra, e o outro seguiu uma esfera mais política, onde o santo desempenhou um papel importante, mas que não estava ligado de forma tão directa ao mosteiro. Assim, no primeiro milagre Honorico, presbítero do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, foi incumbido de uma tarefa: ir a Lisboa com seiscientos soldos destinados à construção da igreja de São Vicente. Porém, num ermo entre Coimbra e Santarém foi atacado por “salteadores sarracenos” que o levaram para Elvas como cativo. Tendo conhecimento do sucedido, Teotónio pediu aos restantes monges para orarem por ele. Feito isto, o presbítero foi libertado ao fim de quinze dias, apresentando-se “de saúde, livre e desimpedido, sem grande aparato, sem perda e sem diminuição de património, com todo o montante dos soldos e com doze cativos da fé cristã que lhe haviam sido confiados”³³⁵. Libertando-se pelo mérito de Teotónio junto de Deus.

O segundo e último milagre a ser analisado nesta categoria tem uma importância acrescida, considerando o panorama político português da altura. Afonso Henriques dirigiu-se ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra para falar com Teotónio, contando-lhe o plano de assalto à cidade de Santarém, um “tipo de combate não costumado”. Ao mesmo tempo que lhe contou a estratégia, encomendou-lhe a sua alma, demonstrando a possibilidade de falhar o ataque dada a novidade do mesmo, levando o hagiógrafo a comentar, "como se houvesse de ir-se deste mundo". O rei "indicou-lhe bem assim, sob

³³³ *Vida de S. Geraldo*...pp. 21-22, mil.4.

³³⁴ *Vida de S. Geraldo*...pp. 25-27, mil.7.

³³⁵ *Vida de D. Teotónio*...pp.183-185, mil.6.

sigilo, o dia em que pensava actuar e pediu-lhe empenhadamente que nesse dia com os irmãos fizesse orações de comunidade por ele e partiu". No dia seguinte um mensageiro chegou ao mosteiro com a tarefa de informar acerca da conquista da cidade "na noite subsequente do referido dia em que isto se passou no mosteiro, que, à meia-noite, o rei a tomou milagrosamente"³³⁶.

2.3. Miraculados

Neste ponto passaremos a conhecer os miraculados e a estudar as informações recolhidas acerca deles. Nos textos que temos vindo a analisar foram encontrados diversos dados que possibilitaram essa identificação. Embora nem sempre sejam abundantes, as informações permitem-nos compreender alguns aspectos interessantes, nomeadamente os diferentes tratamentos concedidos às diversas personagens, desde figuras do poder local, a reis ou outros representantes do poder.

Na maioria dos relatos foi visível uma carência de dados acerca do miraculado. Importa por isso expor, que uma parte considerável dos milagres não se focou na apresentação destes indivíduos, não sendo, portanto, de interesse significativo descrever quem eram os miraculados, ou então pensamos que não se tratavam de informações imprescindíveis à verosimilhança do relato.

Em contrapartida, a análise dos milagres nestes moldes permitiu a observação de outros aspectos relevantes. Um dos quais respeitante à rede de fieis, parecendo que a mesma seria mais alargada nuns santos do que noutros. Em S. Rosendo destacaram-se camponeses, cavaleiros, clérigos e poderosos locais. Em S. Geraldo, identificámos alguns poderosos bracarenses, assim como outras camadas sociais presentes quando o seu corpo foi recebido em Braga. Já em S. Teotónio, apesar da restrição espacial dos milagres, conseguimos encontrar alguns dados que permitiram a caracterização dos integrantes do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Veremos individualmente cada santo e apresentaremos os miraculados divididos entre homens, mulheres e crianças, facilitando a análise dos dados e permitindo perceber que indivíduos recorriam a cada santo. Dentro destes grupos iremos dar maior

³³⁶ *Vida de D. Teotónio...*p.189, mil.7.

ênfase a algumas personagens consoante os dados que conseguimos recolher, como a onomástica, origem social, proveniência geográfica e o tratamento concedido pelo hagiógrafo, cuja caracterização positiva ou negativa demonstraria a sua opinião face aos miraculados.

Optamos por essa distinção entre homens e mulheres, uma vez que pelas nossas leituras, conseguimos verificar que essa divisão seria comum nas fontes hagiográficas. Ou seja, em alguns casos um santo seria maioritariamente procurado por homens, enquanto outro poderia ser procurado por mulheres, parecendo existir já a formação de preferências entre cultos, motivadas pelos aspectos distintos de cada um³³⁷. Igualmente, encontrar-se-iam outras estruturas sociais marcantes na definição da rede de devotos. A tipologia de santidade estaria então condicionada pelas estruturas sociais e políticas do espaço em que se situava, averiguando-se que em muitos casos aqueles considerados cultos populares pareciam destinar-se essencialmente a indivíduos de origens modestas: principalmente serventes, aprendizes, peregrinos pobres, artesãos e pequenos comerciantes. Contrariamente, os cultos locais poderiam apresentar um maior número de devotos das classes dirigentes³³⁸.

Em S. Rosendo encontrámos 28 homens miraculados. Entre estes, sete clérigos, não exclusivamente do mosteiro de Celanova³³⁹. O primeiro, sem que fosse apresentado o seu nome, foi distinguido como um monge que dizia ser abade do mosteiro de S. Cláudio de Leão. Ao longo do milagre foram mencionados os monges do mosteiro de Celanova, o ladrão que furtou as vestes do suposto abade de S. Cláudio de Leão e, finalmente, um monge que era desconhecido do abade já citado. Contudo não conseguimos compreender se o monge era do mosteiro de Celanova visto que a menção não foi explícita; porém visto que seria desconhecido do abade de S. Cláudio poderíamos considerar que pertencesse a Celanova³⁴⁰.

Seguidamente temos dois miraculados, João, bispo de Lugo, e Pedro, Cónego da Igreja de Santiago. O primeiro desses negava as proezas do santo mas quando

³³⁷ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.347.

³³⁸ VAUCHEZ, André – *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age*... p.186.

³³⁹ “Livro Segundo...” p.65, mil.17; “Livro Terceiro...” p.75, mil.22; p.77, mil.24; p.77, mil.25; pp.79-81, mil.30; “Livro Quarto...” p.91, mil.37; p.95, mil.41.

³⁴⁰ “Livro Segundo...” p.65, mil.17.

necessitou de auxílio, rezou a S. Rosendo que acabaria por curá-lo³⁴¹. O segundo estava incumbido de uma embaixada pelos reis de Leão e Portugal e já se encontrava no mosteiro de Celanova quando ocorreu o milagre. No segundo relato foi feita referência ao sacristão, ao abade e aos monges de Celanova que o levaram até ao sepulcro.

Segue-se o milagre de Pelágio, arqui-diácono de Celanova³⁴². Em quinto lugar temos Munho, monge do mosteiro de Fonte Arcada, que o relato localizou “junto de Portucale”. Em nota crítica Maria Helena da Rocha Pereira chamou a atenção para a distinção que Díaz y Díaz fez entre o mosteiro dedicado a S. Salvador da Póvoa do Lanhoso no arcebispado de Braga, da Igreja de Santiago na diocese do Porto. No mesmo relato foi feita alusão aos monges de Celanova³⁴³.

Em sexto lugar, o miraculado foi Munho, monge do mosteiro de Celanova, sem mais informações acerca do mesmo. Trata-se do milagre que decorreu nas “bandas do mar” em que o monge foi enviado para ir buscar peixe para o mosteiro. No mesmo relato foram identificadas figuras como o abade de Celanova, Pelágio Ficário, os servos do mesmo, outro clérigo e também os servos deste segundo, assim como alguns marinheiros, que não sabemos se seriam os ditos servos, pois não foi explicitamente referido³⁴⁴. Foi também alvo de milagre um clérigo cujo nome não foi indicado, sendo apenas mencionada a sua naturalidade: Vila de Laredo, Límia, o que possivelmente corresponde a uma actual freguesia do concelho de Redondela na província de Pontevedra. Ainda segundo o que escreveu Maria Helena da Rocha Pereira, Díaz y Díaz leu “dubitativamente” Lareiroá que poderia corresponder a Santa Maria de Laroá, Xinzo de Limia em Orense. Foram também mencionados os monges de Celanova no mesmo relato³⁴⁵. O último clérigo miraculado foi Sancho, monge do mosteiro de Celanova e que anteriormente ao milagre fora monge do mosteiro de S. Facundo. Na narrativa cruzámo-nos com os restantes monges da instituição³⁴⁶.

³⁴¹ “Livro Terceiro...” p.75, mil.22.

³⁴² “Livro Terceiro...” p.77, mil.24.

³⁴³ “Livro Terceiro...” p.77, mil.25.

³⁴⁴ “Livro Terceiro...” pp.79-81, mil.30.

³⁴⁵ “Livro Quarto...” p. 91, mil.37.

³⁴⁶ “Livro Quarto...” p. 95, mil.41.

Encontramos três cavaleiros. Munho Vasques “soldado do rei” que fora enviado pelo Conde D. Raimundo para o mosteiro de Celanova por estar doente e onde foi tratado “com todas as honras”. Ainda assim foi retratado negativamente pela maneira como procedeu com o despenseiro da instituição. Além da sua actividade militar não foram apresentados mais dados acerca deste homem, como a sua proveniência, de que doença padecia, ou de onde viera quando fora enviado pelo conde. O agente principal do milagre, o cavaleiro, representou a confrontação com o poder eclesiástico, de onde saiu derrotado. Para além de Munho Vasques, participaram na acção os monges do mosteiro de Celanova, especialmente o responsável pela despensa e um negro a quem o cavaleiro havia pedido que quebrasse as portas da despensa para obter o que queria³⁴⁷.

Seguidamente o exemplo de Munho Fúlgur, cavaleiro, o mesmo que atacara o gado do mosteiro de Celanova e que, ao comer um dos animais, ficou enfermo. Não foi especificada a proveniência do cavaleiro, porém, quando mandou devolver os animais ao mosteiro, referiu-se a S. Rosendo como seu senhor, tornando Celanova uma possível proveniência³⁴⁸. Munho Fúlgur acabou por morrer e ser enterrado no mosteiro, o que poderia significar a sua naturalidade geograficamente próxima assim como distinção social.

Em terceiro lugar, um dos cavaleiros que chegou ao mosteiro com a rainha Urraca, de quem não se conhece o nome nem proveniência. O cavaleiro fora punido pelo santo através da possessão por ter maltratado um monge do mosteiro de Celanova como já vimos anteriormente. Quando foi libertado do demónio o cavaleiro acabou por doar “dos seus próprios tributos, presentes bons” à instituição. Existem outros indivíduos mencionados no milagre, a saber, os monges de Celanova, o sacristão alvo da fúria do cavaleiro, a rainha Urraca e os restantes cavaleiros da rainha³⁴⁹.

Entre os restantes homens distinguem-se alguns miraculados por serem socialmente caracterizados como nobres ou poderosos locais. Um destes foi Afonso

³⁴⁷ “Livro Primeiro...” p.51, mil.2: “...mandou a um negro que quebrasse as portas e trouxesse de lá o que queria...”; p.50, mil.2 “...et cuidam ethiopo ut portas frangeret imperavit...”.

³⁴⁸ “Livro Segundo...” p.61, mil.11: “... «Restituo todos os bois e levai ao meu senhor, o bispo Rosendo, o mais depressa possível, um presente segundo as minhas possibilidades, pois que sou violentamente constrangido pela sua ira» ...”.

³⁴⁹ “Livro Segundo...” p. 61, mil.12.

Henriques, rei de Portugal, e outros que foram com ele a Orense, como os seus cavaleiros, em que se destaca um conde Vasco. No final do milagre foi ainda referido o mordomo desse conde, de nome Afonso Boi. No mesmo relato foram mencionadas outras personagens que receberam indicações divinas acerca da acção do santo contra os portugueses³⁵⁰.

Temos ainda o milagre de Pedro Nunes, identificado como um homem que detinha “poder em muita coisa”³⁵¹, trata-se do evento em que o miraculado engoliu uma espinha de peixe e não a conseguiu retirar. Segundo o relato, seria proveniente de Milmanda, provavelmente a freguesia de Santa Maria de Milmanda, em Ancebedo, na província de Orense³⁵². Foi feita alusão a conflitos anteriores entre Pedro Nunes e o mosteiro de Celanova, importando assim a maneira como o hagiógrafo descreveu a sua ida ao sepulcro, dizendo que apesar de já ter hostilizado o mosteiro, Pedro Nunes procurou ajuda junto do santo. No milagre participaram os monges, que auxiliaram o homem junto do sepulcro e que o repreenderam pelo seu comportamento face ao mosteiro, procurando assim uma “correção” por parte daquele que recebeu o milagre³⁵³. Finalmente foi miraculado Fernando Rodrigues de Castro, caracterizado como “um fidalgo ilustre e poderoso”³⁵⁴. Pelo papel que desempenhou no reinado de Fernando II de Leão, Fernando Rodrigues de Castro foi dos miraculados mais afamados do seu tempo. Conhecido como “o castelhano”, cognome que o distinguia³⁵⁵, teria abandonado Castela em 1160, tornando-se vassalo do rei leonês. Provavelmente nascido em 1125 e morto em 1185, foi considerado por Jaime de Salazar y Acha uma das

³⁵⁰ “Livro Segundo...” pp. 67-71, mil.20.

³⁵¹ “Livro Quarto...” p.89, mil.35: “(...) pois que, à conta de ter poder em muitas coisas, hostilizara abertamente o Mosteiro de Celanova”.

³⁵² PEREIRA, Maria Helena da Rocha – *Vida e Milagres de São Rosendo*...p.89, nt.100.

³⁵³ “Livro Quarto...” p.89, mil.35: “(...) acabou por vir ao túmulo do bem-aventurado Rosendo, coagido pela angústia da necessidade e confiado, mesmo assim, em que podia por benefício dele, ser curado pela graça de Deus. (...) Quando o levaram lá, disseram-lhe alguns que ali estavam presentes: «Amigo, recordai-vos de que muitas vezes fostes hostil a este lugar. Por isso, arrependei-vos primeiro; depois, prometei fielmente que vos emendareis o resto do tempo; então acreditamos de verdade que Deus vos dará a saúde por intermédio do bem-aventurado Rosendo». Dito isto, reconheceu a sua culpa, prometeu emendar-se e orou juntamente com os presentes para merecer a saúde... voltou para casa, emendado para o resto do tempo da malícia e intranquilidade que anteriormente testemunhara ao Mosteiro”.

³⁵⁴ “Livro Quarto...” p.97, mil.42.

³⁵⁵ SALAZAR Y ACHA, Jaime de – “El linaje castellano de Castro en el siglo XII”. In *Anales de la Real Academia Matritense de Heráldica y Genealogía*. 1991. p. 41.

personagens mais turbulentas do seu tempo. Da linhagem dos Castro, foi punido através da possessão demoníaca por ter saqueado a propriedade do mosteiro de Celanova, sendo inclusivamente atirado ao fogo pelo diabo já dentro da instituição. Por sua vez, os monges pediram, ou exigiram, a protecção do santo, sentindo-se abandonados pelo mesmo. Neste milagre o diabo que possuía Fernando Rodrigues de Castro expressou que cumpria a função de meirinho e vingador do santo, advertindo os restantes cavaleiros de que Fernando Rodrigues de Castro seria libertado após a devolução dos bens saqueados e depois de todos jurarem não regressar ao mosteiro³⁵⁶. A forma aparentemente violenta com que os monges interagiram com o santo, como verificamos no último milagre e em outras ocasiões, estava essencialmente relacionada com a obrigação que o santo tinha de proteger a sua comunidade e, em especial, os monges da instituição onde se encontravam as suas relíquias. Sem a resposta do santo, os monges poderiam danar os seus bens, bater nos túmulos ou despir os altares enquanto acto de coerção e alcance da protecção³⁵⁷.

³⁵⁶ “Livro Quarto...” p.97, mil.42 “Ora no tempo do ilustríssimo rei Fernando, de preclara memória, pai do gloriosíssimo príncipe, o rei Afonso, um fidalgo ilustre e poderoso, de nome Fernando Rodrigues de Castro, veio ao Mosteiro de Celanova, como grande saque de terras e do património do santíssimo Rosendo. (...) Alguns deles, de ânimo amargurado, descobriram o túmulo do precioso panejamento com que estava coberto e prorromperam com lágrimas nestas palavras: «Ó Rosendo santíssimo, levantai-vos! Porque dormis, senhor? Levantai-vos e não nos rejeiteis para sempre. Porque voltastes a vossa face? Esqueceste a nossa tribulação? Levantai-vos, senhor! Ajudai-nos e livrai-nos. Recordai-vos do vosso testamento e da vossa promessa de nos defender dos malfeitores. Eis que já não basta devastar a terra pátria e o vosso património, mas mesmo aqui, sob as vossas asas, não nos consentem servir a Deus». Enquanto os monges do dito Mosteiro diziam, lacrimosos, estas palavras e outras semelhantes, o diabo arrebatou o citado barão e deitou-o ao fogo, apesar da oposição dos seus soldados, que o puxavam. (...) E, como os mesmos soldados o retirassem da fogueira, a espernear e a estrebuchar, dizem aqueles dos circunstantes ainda vivos que o diabo, falando pela boca dele, respondeu: «Permiti-me queimar o ladrão do santíssimo Rosendo, pois que o Senhor me constituiu vingador e meirinho dele. Pois saqueou audaciosamente a sua terra, e ainda agora, vindo irreverentemente aqui, à sombra dele, ousou invadir o Mosteiro, que o santo em pessoa erigiu, e dissipar os seus bens atrozmente». (...)E, interrogando-o os circunstantes por que modo o largaria, respondeu assim: «Só se antes restituir todo o que roubou e ele mesmo e os seus soldados prestarem juramento, em como jamais entrará nesta terra e neste Mosteiro para fazer mal; até lá não o largarei.» Os soldados então, chamando o abade e os monges, com o citado príncipe, prestaram por ele o juramento acima referido. Uma vez prestado, ficou são e incólume na mesma hora, e, depois de ter restituído integralmente a presa, todos se retiraram do Mosteiro com grande temor”.

³⁵⁷ GEARY, Patrick – “Coercion of Saints in Medieval Religious Practice”. In *Living with the dead...* pp.116-124.

Entre os miraculados incluíram-se servos do mosteiro, como João, sobre quem não existem mais informações além do nome e de que viveria perto da instituição. Neste relato foram também mencionados os pais do servo que o levaram até ao sepulcro³⁵⁸.

Outros homens miraculados não tiveram associados dados sociais que os caracterizassem. Como no exemplo de dois homens cujos nomes tampouco foram registados, assim como as suas proveniências. Sabe-se apenas que a travessia do rio Cávado fazia parte do caminho que percorriam, uma vez que foi nas margens desse rio que ocorreu o milagre, vindo um barco ter com os homens depois de pedirem o auxílio de S. Rosendo³⁵⁹.

Encontrámos igualmente um homem aprisionado que, tendo pedido ajuda, foi visitado pelo santo durante o sono. Do miraculado não sabemos o nome nem a naturalidade, apenas que o milagre ocorreu “nas partes do Deza” e que o homem conheceria o santo, em consequência da sua invocação em que afirmou a sua pretensão de visitar o sepulcro. Neste relato participaram outros indivíduos, como o cavaleiro que havia aprisionado o homem, assim como os seus carrascos. Importa destacar a forma como o miraculado foi caracterizado. O hagiógrafo descreveu que o mesmo fora “injustamente retido”, não indicando o motivo pelo qual foi preso, referindo apenas que os carrascos o interrogavam na tentativa de receberem do homem determinada informação que, segundo o hagiógrafo, o homem “não tinha”³⁶⁰. Apesar de não se saber concretamente quem era este miraculado, o redactor parece ser-lhe favorável, possivelmente por se tratar de um fiel do santo.

Segue-se um homem sobre o qual tivemos poucos dados, sabendo-se apenas que era proveniente das “alturas da Terra de Campos”, Tui. No relato foram mencionadas “várias pessoas” a quem o homem teria perguntado pelo santo e que lhe indicaram que estaria no “território de Límia, junto de Celanova”³⁶¹. Tampouco foram revelados o nome e os dados geográficos do miraculado, possesso por não respeitar a promessa que

³⁵⁸ “Livro Segundo...” p.65, mil.16.

³⁵⁹ “Livro Primeiro...” p.55, mil.8.

³⁶⁰ “Livro Primeiro...” p.57, mil.10.

³⁶¹ “Livro Segundo...” p.57, mil.13.

fizera à Virgem. No relato foi indicada a presença de crianças no mosteiro aquando da sua chegada³⁶², assim como os monges de Celanova³⁶³.

Temos também o caso de Miguel, miraculado sobre o qual não foram indicadas informações além do nome. Foi ainda relatada a presença da mãe que o levou ao sepulcro e dos monges que estavam presentes³⁶⁴. Por último, um homem do qual não se indicou o nome, proveniência ou dados sociais. Apenas se sabe que o miraculado foi aprisionado em Toronho, sem que essa indicação especificasse se se tratava da proveniência, sendo depois levado para o mosteiro feminino de Tominho³⁶⁵.

Outro miraculado que apresentamos é Pedro Gonçalves, que foi colocado no mosteiro de Celanova por acção da Infanta Elvira e, por maltratar os monges, foi alvo de punição divina, “rebentando pelo meio”. A única descrição retratou-o como um apostatado a levar vida secular. Ainda neste relato aparecem mencionados outros indivíduos, como a Infanta D. Elvira, irmã de Afonso VII, igualmente descrita de maneira pejorativa pelos comportamentos face ao mosteiro. Na resolução do milagre, após a morte de Pedro Gonçalves, a Infanta temeu S. Rosendo, dando-se uma alteração no seu comportamento³⁶⁶. Ambos, a infanta Elvira e Pedro Gonçalves, foram agentes fundamentais no milagre, especialmente na vertente de conflito face ao mosteiro que foi então defendido pelo santo, que vingou os monges face à atitude abusiva do poder temporal. Foram ainda mencionados outros agentes que teriam vindo com a infanta,

³⁶² “Livro Quarto...” p.85, mil.31: “(...) E chegando diante da mesma Igreja, e reconhecendo que em breve seria arrebatado pelo demónio habitual, tomou a faca que tinha na bainha, e deu-a às crianças que estavam à sua volta, dizendo: «Guardai isto e levai-me à porta da Igreja, onde jaz o corpo de S. Rosendo, e atentai em mim, pois vou ser assaltado sem demora pelo demónio do costume». Dito isto, as crianças fugiram com medo, e imediatamente se realizou o que fora anunciado. É arrebatado, atirado por terra, é gravemente macerado e atormentado. Ao verem isto, as crianças, que antes haviam fugido aterrorizadas, acorreram, tanto elas como outras”.

³⁶³ “Livro Quarto...” p.85, mil.31: “(...) Surgem os monges, que o levam ao túmulo do santíssimo Rosendo, implorando esforçadamente o seu auxílio, para que se dignasse usar misericordiosamente de misericórdia com aquele mísero”.

³⁶⁴ “Livro Quarto...” p.91, mil.38.

³⁶⁵ “Livro Quarto...” p.93, mil.39.

³⁶⁶ “Livro Primeiro...” p.49, mil.1: “(...) a infanta Elvira, irmã do mesmo rei, morava nesta província. E ela afligiu por muitas maneiras o abade Pelágio, de boa memória, que repousa, desde há pouco, perto da Igreja de S. Miguel, e oprimiu a herança do mosteiro com um cruelíssimo tributo (...) Advertida da sua morte, Elvira ergueu-se e, com passos rápidos, sem ser levada por nenhum jumento, com um medo enorme do santo prelado Rosendo, chegou a Vila Nova. E de motu próprio procura o Abade Pelágio e transfere-o honrosamente para o mosteiro, reintegrando-o em todos os seus bens”.

como cavaleiros, damas e outros não especificados³⁶⁷. Outros contribuíam de forma mais decisiva na história: os monges e o abade de Celanova, Pelágio.

No que respeita ao homem libertado dos aros de ferro encontramos algumas indicações. Não foi possível conhecer o seu nome, apenas que se tratava de um homem que “levava vida santa”. Na sua vida austera estavam incluídas práticas como o jejum, a oração e a autoflagelação, à qual acrescia o uso dos aros de ferro para prender os braços e ventre. O mesmo relato indicava que o homem morava perto do mosteiro e que prestava ajuda aos monges³⁶⁸. No entanto, o milagre seguinte, cujo alvo se tratava da sua mulher, forneceu novos dados. Nesse relato foi dito que o homem levava uma vida solitária num monte, denominado Sandim³⁶⁹, já depois da concretização do seu milagre.

Outro miraculado foi João, descrito como um “leigo da força Auriense”. O milagre teve lugar num momento de conflitos internos em Límia, assim como de ataques ao mosteiro de Celanova levados a cabo por uma milícia popular Auriense. João foi caracterizado como estrangeiro, provavelmente ‘francês’. Foi igualmente feita referência ao procurador do mosteiro de Celanova que assaltou e aprisionou o miraculado³⁷⁰.

O caso de Pelágio destacou-se da maioria dos miraculados. Quando foi alvo do milagre ainda usava o “hábito de leigo”. Desconhece-se a sua proveniência, sabendo-se apenas que foi ao sepulcro de S. Rosendo no seu cavalo. O que o distinguiu face aos outros miraculados foi o facto de, no momento em que o seu testemunho foi redigido, já integrara a comunidade monacal de Celanova. Outra peculiaridade deste miraculado foi a de ter roído a pedra do sepulcro do santo, consumindo-a³⁷¹.

Também ignoramos o nome do miraculado que já anteriormente tivemos oportunidade de analisar e que teria abandonado os ofícios na vigília do Dia de Ramos, mas seria um proprietário, uma vez que abandonou os ofícios para trabalhar “na sua própria vinha” e morava perto do rio Minho. Houve também menção ao sacristão do

³⁶⁷ “Livro Primeiro...” p.49, mil.1 “...Resolveu portanto o supradito Pedro expulsar os monges do claustro e a citada Elvira permanecesse com os cavaleiros e damas e com todos os outros, no claustro e no refeitório, ou no dormitório dos frades...”.

³⁶⁸ “Livro Primeiro...” p.51, mil.4.

³⁶⁹ “Livro Primeiro...” p.53, mil.5.

³⁷⁰ “Livro Terceiro...” p.75, mil.21 “como era estrangeiro”; p.74, mil.21 “Qui cum francigena esset”.

³⁷¹ “Livro Terceiro...” p.77, mil.26.

mosteiro, que prestou serviços ao homem na segunda vez que este se dirigiu ao sepulcro, um ano após a primeira visita³⁷². Finalmente dos dois homens libertos dos demónios e ressuscitados apenas sabemos que trabalhavam nas obras do mosteiro de S. João de Vieira³⁷³.

Particularizemos agora as mulheres, que representam onze dos miraculados de S. Rosendo em apenas dez milagres³⁷⁴, comecemos pelas miraculadas de quem não tivemos informações sociais³⁷⁵. Iniciemos com o caso da mulher que, após ter recuperado a visão num primeiro milagre, não cumpriu a promessa e além de ter ficado novamente cega, o seu filho foi possuído. Não sabemos o seu nome, apenas que era proveniente da “Terra de Campos”, tal como outro miraculado a que já aludimos. Foi também feita menção a pessoas que lhe indicaram o local do sepulcro do santo, sem que as mesmas fossem especificadas³⁷⁶.

Temos o episódio da mulher que seria casada com o homem que se autoflagelava. Tampouco houve menção ao nome e da proveniência, porém, pelas indicações que obtivemos do marido, a miraculada também deveria morar perto do mosteiro. Hipótese que poderia ser aceite pela indicação de que a mulher assistia aos ofícios diurnos e nocturnos com regularidade, e ainda rezava diariamente junto do sarcófago. Contrariamente ao homem, a descrição não pormenorizou se a mulher prestava auxílio aos monges, também eles mencionados no relato³⁷⁷.

A mulher que fora penetrada por uma serpente devido aos seus pecados, não teve referência ao nome ou proveniência. Sabemos no entanto que dormia junto a uma parede quando surgiu a serpente. Ainda de sublinhar a designação de pecadora que lhe fora atribuída³⁷⁸. Participaram no relato os monges de Celanova, que pediram o auxílio do santo em prol da mulher.

³⁷² “Livro Terceiro...” p.79, mil.27.

³⁷³ *Vida de S. Rosendo...* pp.25-27, mil.43.

³⁷⁴ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3; p.53, mil.5; p.53, mil.6; p.55, mil.9; “Livro Segundo...” p.63, mil.14; pp.67-71, mil.20; “Livro Terceiro...” p.79, mil.29; “Livro Quarto...” p.89, mil.36; p.95, mil.41.

³⁷⁵ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3; p.53, mil.5; p.53, mil.6; p.55, mil.9; “Livro Segundo...” pp.67-71, mil.20; “Livro Quarto...” p.89, mil.36; p. 95, mil.41.

³⁷⁶ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3.

³⁷⁷ “Livro Primeiro...” p.53, mil.5.

³⁷⁸ “Livro Primeiro...” p.53, mil.6: “...penetrou nela uma serpente, chamada por força dos seus pecados...”.

No caso seguinte apresentamos uma mulher possuída e levada pelos pais junto do sepulcro do santo. Estes teriam sido advertidos, por intervenção divina, e aconselhados a proceder desse modo³⁷⁹. Igualmente miraculadas foram duas irmãs. O evento iniciou-se com uma das irmãs possuída pelo demónio e que se libertou após pedir o auxílio do santo, o que não evitou que o demónio atacasse a outra irmã. Foi apenas referido que eram naturais “do mesmo país” do mosteiro. No relato participaram ainda os monges que intervieram na expulsão do demónio³⁸⁰.

Seguiu-se o caso de uma jovem mulher³⁸¹ de quem também não se conhece o nome ou a proveniência. Trata-se da rapariga que se dirigiu ao sepulcro em busca de cura para o rosto que estava inchado³⁸², sendo que no relato surgem também os monges do mosteiro de Celanova.

Finalmente a mulher que ficara cega e fora aconselhada a visitar o sepulcro pelo sacristão do mosteiro de Celanova. Ambos partilhavam a mesma proveniência geográfica, a região de Límia, mais concretamente Ginzo, actualmente na província de Orense³⁸³. No milagre é referido o sacristão que a aconselhou e a recebeu no mosteiro.

Atentemos agora nos casos mais esclarecedores quanto à posição social das miraculadas. Temos em primeiro uma mulher cujo nome desconhecemos mas sabemos que ela e o homem que a acompanhava eram ambos escravos do mosteiro de Celanova, relato que já analisamos anteriormente. Não sabemos mais nada acerca da miraculada, apesar de ter sido levada pelo homem ao sepulcro, havendo ainda um leigo que teria assistido ao acontecimento e o relatou ao hagiógrafo³⁸⁴, como mais adiante teremos oportunidade de explicar.

³⁷⁹ “Livro Primeiro...” p.55, mil.9.

³⁸⁰ “Livro Segundo...” pp. 67-71, mil.20.

³⁸¹ “Livro Quarto...” p.88, mil.36: “Puella”; “muliercula”.

³⁸² “Livro Quarto...” p.89, mil.36: “A sua face estava já de tal forma inchada que, com a inflamação, os olhos se tinham fechado, e a cabeça e toda a face haviam-se entumecido até ficarem tão horrendas, que quem se aproximava mas podia olhar para ela, tal era o horror. Tinha crescido também na parte do rosto, por baixo de um dos olhos, um tumor semelhante a um pequeno pomo, que parecia ser como que o ponto de partida de toda a inchação”.

³⁸³ “Livro Quarto...” p.95, mil.41: “Na região de Límia, num lugar, a que o vulgo chama Ginzo, certa mulher, privada da luz dos olhos, devido a grande doença, ficou muito tempo cega...”.

³⁸⁴ “Livro Segundo...” p.63, mil.14: “Da mesma forma, noutra ocasião, certa mulher era atormentada por uma raiva violenta; tanto ela como o marido, estavam submetidos ao mosteiro, por motivo de escravatura...”.

Segue-se o caso de uma mulher identificada como uma “dona” natural de Límia. No relato participaram também os monges de Celanova³⁸⁵. Finalmente uma freira cujo nome tampouco foi registado, sabendo-se no entanto que era proveniente de território francês.

Em S. Rosendo encontram-se sete referências a crianças alvo de milagre³⁸⁶. Todos eram do género masculino e nem sempre foram perceptíveis as idades que teriam. No entanto, pela terminologia utilizada sabe-se que eram crianças e num dos casos era ainda amamentado pela mãe³⁸⁷, tratando-se do mais jovem do grupo.

O primeiro relata o caso de um rapaz cuja mãe foi alvo de um milagre de S. Rosendo em que recuperou a visão. Porém, passado um ano e não cumprindo a promessa feita ao santo, a criança ficou possuída e foi apenas libertada após a ida ao sepulcro. As informações sobre a criança são apenas as que caracterizam a mãe, como a sua proveniência da Terra de Campos³⁸⁸.

Segue-se o episódio em que um rapaz foi penetrado por uma serpente. Não sabemos o seu nome mas tratava-se de um servo do mosteiro de Celanova e morava perto do mesmo³⁸⁹. Enquanto passeava o gado do mosteiro foi penetrado por uma serpente. No milagre há ainda menção aos pais do rapaz que o levaram ao sepulcro do santo.

Em terceiro temos o relato, desta vez contado na primeira pessoa³⁹⁰, em que o hagiógrafo narrou a sua experiência com o santo, que ocorreu quando iniciara os estudos. Como o próprio descreveu, os métodos empregues pelo mestre afastaram-no dos estudos. Por essa razão o mestre invocou o santo, numa tentativa de “encaminhar” o jovem. Apesar de ser contada a experiência pessoal não foram feitas menções explícitas sobre a proveniência do próprio hagiógrafo. No entanto poderíamos aceitar que estaria

³⁸⁵ “Livro Terceiro...” p.79, mil.29: “A uma dona natural de Límia impelia-a fortemente o poder do demónio...”.

³⁸⁶ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3; p.53, mil.7; “Livro Segundo...” p.63, mil.15; p.65, mil.18; “Livro Terceiro...” p.79, mil.28; “Livro Quarto...” p.87, mil.33; p.87, mil.34.

³⁸⁷ “Livro Terceiro...” p.79, mil.28.

³⁸⁸ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3.

³⁸⁹ “Livro Primeiro...” p.53, mil.7: “Item alio tempore quidam puer, qui circa hoc monasterium, era enim famulus, morabatur, cum pecora custodiret, fuste projecto, ut fit post peccudes, cecidit inter uepres...”.

³⁹⁰ “Livro Segundo...” p.63, mil.15 “Occultandum etiam illud non este necesse, quod cum in primo tenere etatis flore litterarum studii a parentibus traderer...”.

cerca de Celanova uma vez que o mestre se dirigiu ao sepulcro do santo e o jovem viria a ser monge no mosteiro de Celanova pouco tempo depois³⁹¹.

Também uma criança chamada João foi alvo de milagre³⁹², do qual não se conhecem mais dados. No entanto apesar de não haver informações acerca da sua proveniência poderíamos aceitar que viveria perto do mosteiro, dada a referência de que a mãe o levava à igreja e só depois é que, não alcançando a cura, foi aconselhada pelos monges a ir ao sepulcro. Importa ainda a sublinhar que foi a mãe a rezar pelo filho e que o “deu” enquanto servo ao santo³⁹³.

Segue-se outro rapaz de quem não foram feitas menções ao nome nem proveniência, trata-se de uma criança possuída pelo demónio nas comemorações dedicadas a S. Rosendo³⁹⁴. Apesar de não ter sido especificada a proveniência do rapaz, sabe-se que esteve presente nas festividades do santo e, na conclusão do relato foi revelado que a criança teria vivido muitos anos. Estes dados revelam um conhecimento acerca da criança que seria improvável caso vivesse longe, uma vez que tampouco foram feitas referências a visitas posteriores ao sepulcro³⁹⁵.

Outra criança cujo nome se desconhece era proveniente de Candeda³⁹⁶, topónimo que segundo Maria Helena da Rocha Pereira existe em Orense, Candeda, tal como Candedo em Pontevedra, Candedo em Murça e em Vinhais. Segundo a mesma autora Díaz y Díaz utiliza o termo *Canderee* que traduz como Canderei, que é referenciado num documento do mosteiro de Ramirás em Celanova, Orense. Não são apresentadas mais informações acerca da criança, apenas mencionados os pais que o levaram ao sepulcro, assim como os monges do mosteiro de Celanova.

Por fim, a criança que era ainda amamentada e que teria perdido a visão³⁹⁷. Sabe-se que o nome era Martinho mas não existiam dados sociais ou geográficos, porém no final do relato o hagiógrafo aludiu aos pais da criança como testemunhas do

³⁹¹ “Livro Segundo...” p.63, mil.15.

³⁹² “Livro Segundo...” p.64, mil.18: “...puerulus, Iohannes nomine...”.

³⁹³ “Livro Segundo...” p.65, mil.18: “... «Ó S. Rosendo, este filho é meu, mas é vosso servo. A partir de hoje vo-lo entrego e deixo, e fazei o que vos aprouver» ...”.

³⁹⁴ “Livro Quarto...” p.88, mil.33: “...puer quidam in turba foris extra oratorium ab imundo spiritu gravitar inuaditur et torquetur...”.

³⁹⁵ “Livro Quarto...” p.87, mil.33.

³⁹⁶ “Livro Quarto...” p.86, mil.34: “Alter quidam puer caecus de terra Canderte...”.

³⁹⁷ “Livro Terceiro...” p.78, mil.28: “Infantulus quidam, Martinus nomine, cum a matre sua nutriretur...”.

acontecimento³⁹⁸. Apesar de a referência não ser esclarecedora no que respeita à proveniência dos mesmos, ou seja, uma possível proximidade face ao mosteiro. Como teremos oportunidade de ver no subcapítulo dedicado aos cultos, estes não tinham conhecimento do santo e inicialmente procuraram ajuda noutras capelas, o que poderia significar um afastamento geográfico.

Dediquemo-nos agora à análise da *Vida de S. Geraldo*, cabe sublinhar que nem todos os milagres tiveram um miraculado, como é o caso da inundação da capela de Braga que foi evitada pela santidade do arcebispo. Neste caso em particular foi Geraldo quem rezou em prol da capela e conseguiu fazer com que não fosse inundada³⁹⁹, não consideramos assim um miraculado mas um milagre em benefício da instituição. Dois milagres são directamente em benefício do santo, sendo que o propósito de ambos foi a validação da sua santidade. Por esse motivo não os incluímos na listagem dos homens⁴⁰⁰

Na *Vida de S. Geraldo* encontramos 13 homens miraculados distribuídos por 12 milagres⁴⁰¹. Vejamos em primeiro lugar os clérigos⁴⁰². O primeiro clérigo miraculado foi Mido um arcediogo que, como tivemos oportunidade de analisar anteriormente, esteve envolvido em problemas com um monge, pela entrada de uma igreja que recebera de um leigo⁴⁰³. Não foram fornecidas mais informações acerca de Mido nem do monge com quem tivera problemas, tampouco há indicações acerca da capela em questão. No milagre, para além dos envolvidos descritos, faziam igualmente parte dois malfetores que armadilhavam o arcediogo.

O segundo caso trata de um clérigo de nome Ssegudo que procurou na sepultura de S. Geraldo a cura para uma fístula na perna, não existiram mais referências que possam particularizar Ssegudo como a sua proveniência⁴⁰⁴. Seguidamente temos um

³⁹⁸ “Livro Terceiro...” p.79, mil.28: “...eis aqui...até agora servem de testemunhas...”.

³⁹⁹ *Vida de S. Geraldo*... pp.25-27, mil.7.

⁴⁰⁰ *Vida de S. Geraldo*...pp.33-34, mil.9; pp.35-36, mil.11.

⁴⁰¹ *Vida de S. Geraldo*...pp. 15-17, mil.1; pp. 17-20, mil.2; pp.21-22, mil.4; pp.24-25,mil. 6; pp.27-28, mil.8; p.36, mil.12; p.37, mil.14; p.39, mil.17; pp.40-41, mil.21; pp.41-42, mil.22; p.42, mil.23; pp.43-45, mil.24.

⁴⁰² *Vida de S. Geraldo*... pp.21-22, mil.4; p.36, mil.12; p.37, mil.14; pp.40-41, mil.21; pp.41-42, mil.22; pp.43-45, mil.24.

⁴⁰³ *Vida de S. Geraldo*... pp.21-22, mil.4.

⁴⁰⁴ *Vida de S. Geraldo*... p.36, mil.12.

clérigo de Panóias que sofria de cefaleias, neste caso não foi revelado o seu nome identificando-se apenas pela proveniência e por ser clérigo⁴⁰⁵.

Em terceiro lugar foi relatado o caso de Honorico, clérigo de Braga que na iminência de naufragar quando voltava de Jerusalém, orou ao santo pedindo auxílio⁴⁰⁶. No mesmo milagre são ainda referenciados outros indivíduos que seguiam na viagem e oraram com o clérigo. O milagre seguinte trata de Pelágio, identificado como monge, que pediu auxílio ao santo para atravessar o rio Cávado, com o objectivo de assistir às festividades que decorriam na Sé de Braga. Apesar de não serem mencionadas informações geográficas concretas sobre o monge é dito que fora companheiro de Geraldo e, uma vez que ia às festividades bracarenses, poder-se-ia considerar que o monge era de Braga. Para além destas referências, os monges bracarenses foram caracterizados como seus colegas⁴⁰⁷. Finalmente, o último clérigo miraculado é Bernardo, arcediogo de Braga e redactor desta *Vita*. Bernardo introduziu-se como “gaulês”, que viera para Braga pela acção de Geraldo⁴⁰⁸. Apesar da sua naturalidade, convém notar que estava em Braga aquando do milagre, não contanto a informação sobre a sua proveniência como exemplo de difusão de culto.

Sobre os restantes homens, agrupemos aqueles que detinham algum poder na região bracarense. O primeiro miraculado foi Egas Pais, identificado como um cavaleiro que vivia de forma incestuosa⁴⁰⁹. O milagre teve lugar na Igreja de Guimarães, na presença do Conde D. Henrique, da Condessa D. Teresa assim como de muitos outros magnatas que ali se encontravam. Sobre Egas Pais a hagiografia não fez outras referências, no entanto o mesmo estaria identificado em outras fontes. José Mattoso admite, segundo indicações de autores como Fr. Leão de Santo Tomás, que se trataria de Egas Pais de Penagate, que segundo os livros de linhagens seria o fundador do

⁴⁰⁵ *Vida de S. Geraldo...* p.37, mil.14.

⁴⁰⁶ *Vida de S. Geraldo...* pp.40-41, mil.21.

⁴⁰⁷ *Vida de S. Geraldo...* pp.41-42, mil.22: “Um monge chamado Pelágio (ou Paio) que fora companheiro zeloso do bem aventurado Geraldo, em vida deste, regressando um dia da sua acção pastoral chegou, ao rio Cávado, mas não pôde (...) Mas, porque se atrigava por estar presente à festividade que devia celebrar-se na Sé Metropolitana, a angústia de fazer a travessia acicatou-lhe e amargurou-lhe a alma (...), e contou aos seus colegas de Braga”.

⁴⁰⁸ *A Vida de S. Geraldo...* pp.43-45, mil.24: “Eu, Bernardo gaulês de nação, trazido para Braga pelo Beato Geraldo, e também por ele alçapremado, na Igreja bracarense, à máxima dignidade do arcediagado, quero dar testemunho do que a mim particularmente aconteceu, e de maneira extraordinária...”.

⁴⁰⁹ *A Vida de S. Geraldo...* pp.15-17, mil.1.

mosteiro de Rendufe. Acrescenta José Mattoso que Egas Pais de Penagate teria vivido na região do entre Homem e Cávado no período que trata a hagiografia, segundo documentos datados entre 1082 e 1110, tendo inclusivamente acompanhado o Conde D. Henrique até ao arcebispo Geraldo⁴¹⁰.

Identificado como “*miles*” na hagiografia, denominação que segundo José Mattoso seria “inferior” à qualidade de Egas Pais de Penagate, tratando-se “provavelmente, um personagem superior ao simples cavaleiro”. Contudo, o autor explica o emprego deste termo, considerando que pela sua origem franca, o hagiógrafo poderia recorrer ao termo *miles* enquanto sinónimo de nobre e “evitar a palavra pouco clássica de *infanzion*”⁴¹¹, desconhecida das escolas monásticas além-Pirenéus. Além do mais, o *Livro do deão* identifica Egas Pais de Penagate como o alferes de D. Henrique, tornando o termo *miles* mais apropriado para o hagiógrafo. Assim “nada se opõe, portanto, a que o personagem que se submeteu à penitência pública imposta por São Geraldo fosse o fundador de Rendufe”, apesar de não serem feitas referências ao nome da mulher e do seu grau de parentesco⁴¹², tal como ocorre em outros casos na *Vita* e que permitem um maior grau de certeza sobre estes indivíduos.

No segundo milagre são dois os miraculados. Paio Peres e Afonso Peres ambos acusados de viver de forma incestuosa. No texto foram retratados como “poderosos da região”⁴¹³ e irmãos. Porém, quando tentamos conhecer estes indivíduos, o grau de parentesco referido na hagiografia torna-se mais de difícil compreensão. Assim, na reedição de 1985 José Mattoso não identifica com certeza estes indivíduos, pela falta de vestígios sobre os mesmos à excepção da *Vita*⁴¹⁴. No mesmo ano em outra obra sugere que não seriam irmãos, sendo provável um grau de parentesco mas não tão próximo⁴¹⁵.

⁴¹⁰ MATTOSO, José – *A nobreza medieval portuguesa: A família e o poder*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. pp.272-273; MATTOSO, José – *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros: A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*. 2ª ed. Lisboa: Guimarães editores, 1985. p.136.

⁴¹¹ MATTOSO, José – *A Nobreza medieval portuguesa* ...pp.272-273.

⁴¹² MATTOSO, José – *A Nobreza medieval portuguesa* ...p.273.

⁴¹³ *A Vida de S. Geraldo*...pp.17-20, mil.2: “...encontrou no bispado dois poderosos da região igualmente contaminados da moléstia do incesto...”.

⁴¹⁴ MATTOSO, José – *A Nobreza medieval portuguesa* ...p.272.

⁴¹⁵ MATTOSO, José – *Ricos-homens, Infanções e Cavaleiros*...p.133: “Paio Peres e Afonso Peres, que apesar do mesmo patronímico não devem ser irmãos: o segundo deve ser primo de Egas Ermiges, filho de seu tio Pedro Viegas, e o primeiro deve ser Paio Peres «Romeu», senhor de Paiva, que está associado à

Contudo, apesar do grau de parentesco entre ambos os homens não ser absolutamente claro, o que verdadeiramente importa realçar no relato é a existência de conflitos e tensões entre estes homens, poderosos locais, e o arcebispo de Braga⁴¹⁶.

Outro poderoso miraculado foi Soeiro Mendes, um “magnate da região” bracarense, que também travou um conflito contra o arcebispo, tendo sido igualmente punido com a morte. Depois de ter sujeitado a si um clérigo e da recusa a obedecer a Geraldo, Soeiro Mendes morreu em menos de meio ano após desafiar o arcebispo. No relato há menção ao clérigo que ficou sujeito a Soeiro Mendes, ao vigário bracarense e a Geraldo. Segundo José Mattoso, o Soeiro Mendes identificado na *Vida de S. Geraldo* seria Soeiro Mendes da Maia, “o Bom”, que teria morrido entre 1103 e 1108 fora do país⁴¹⁷, o que corresponde à descrição da hagiografia que diz que “morreu não na sua terra, mas em terra estranha, como um vilanaz”⁴¹⁸.

José Mattoso agrega alguns argumentos para esta identificação como o termo “magnate” com que é designado, o desaparecimento do seu nome do plano político e da corte após a viagem do Conde D. Henrique em 1101-1103 em que ficou a governar o condado com D. Teresa. Soeiro Mendes desempenhara então um papel de importância junto do Conde D. Henrique, enquanto governador de várias terras e representante do conde na administração do condado⁴¹⁹. Senhor de importância no seu tempo⁴²⁰ enfrentou o arcebispo bracarense pela questão da nomeação de clérigos, que se traduziu numa punição divina reforçando a autoridade eclesial⁴²¹.

família de Riba Douro, por sua mãe ter casado em primeiras núpcias, segundo parece, com Egas Moniz I de Riba Douro”.

⁴¹⁶ Sobre o parentesco de Paio Peres e Afonso Peres ver: MATTOSO, José – *A Nobreza medieval portuguesa* ...pp.272-273; MATTOSO, José – *Ricos-homens, Infâncias e Cavaleiros*...p.133 e p.154; AMARAL, Luís Carlos – *Formação e desenvolvimento*...pp.413-414.

⁴¹⁷ MATTOSO, José – *A Nobreza medieval portuguesa* ... p.162.

⁴¹⁸ *Vida de S. Geraldo*...pp.27-28, mil.8.

⁴¹⁹ MATTOSO, José – *A Nobreza medieval portuguesa* ...p.162.

⁴²⁰ MATTOSO, José – *Ricos-homens, Infâncias e Cavaleiros*...p.51: “Soeiro Mendes da Maia, cujo epíteto, o Bom, mostra bem ter na sua época atingido o cume da riqueza e do poder.”; MATTOSO, José – *Ricos-homens, Infâncias e Cavaleiros*...p.52 “Se é certo o parentesco que o Livro Velho atribui a sua mulher Gontrode Moniz, este casamento viria confirmar tudo o que dissemos acerca da importância social de Soeiro Mendes, pois ela seria irmã de Ximena Moniz, a concubina de Afonso VI e mãe da condessa D. Teresa.”.

⁴²¹ MATTOSO, José – *Ricos-homens, Infâncias e Cavaleiros*...p.52.

Apesar de não conhecermos bem socialmente esta próxima personagem, associava-se ao Conde D. Henrique. O miraculado era Ordonho e seria um homem de baixo nascimento⁴²² que surge em dois milagres, o primeiro deles tratou do seu casamento com Tota, como já explanamos no subcapítulo anterior. E, no segundo milagre foi alvo de punição divina por contestar o arcebispo Geraldo no castelo de Lanhoso⁴²³. No entanto, não conseguimos saber de forma detalhada quem era aquele homem, que José Cardoso traduz como um “feitor”. Contudo, a sua proximidade ao poder político, e abuso do mesmo, assim como a sua recusa a obedecer ao arcebispo⁴²⁴ valeram-lhe castigo semelhante a outros poderosos locais.

Por fim, dois dos miraculados de quem não são apresentados dados sociais⁴²⁵. Este foi também um dado importante, visto que da totalidade dos homens miraculados em apenas dois não foram reconhecidos dados que os permitam caracterizar. Assim, o primeiro destes era proveniente da Vila de Coucieiro⁴²⁶, actualmente freguesia do concelho de Vila Verde, Braga. O segundo caso tratou de um rapaz da Vila de Sequeira⁴²⁷, actualmente freguesia de Sequeira no concelho de Braga. Neste segundo milagre foi apenas mencionado o pai do rapaz que o levou até ao sepulcro de S. Geraldo. Apesar de não serem feitas referências concretas à idade do rapaz, apenas identificado como “filho”, colocamos nesta categoria dedicada a adultos uma vez que as crianças que encontramos nos milagres foram devidamente destacadas como tal. Ambos

⁴²² *Vita Sancti Geraldi* capítulo 12, p.56: “Cum quodam igitur egergii Comitris Henrici villico de servili genere orto, Ordonio vociato...”.

⁴²³ *A Vida de S. Geraldo*...pp.24-25, mil.6: “...Porém, o Beato Geraldo, cheio de humildade e mansidão, desejando arrastar aquele sacrílego da iniquidade, encaminhou-se para o chamado castelo de Lanhoso, onde o relapso se encontrava, e, avançando por escarpas, subiu quase até ao cimo do reduto, no intuito de reconciliar com Deus aquele perverso homem... proferindo palavras injuriosas contra o Santo de Deus, recusou emendar-se de haver andado mal. Sem embargo, Deus, Que a cada um paga segundo as obras, quis mostrar nele a sua vingança. Realmente, havendo-o os seus inimigos agredido, por aquela altura, naquele lugar em que o Santo de Deus estivera para falar com ele, aonde o sacrílego se recusara descer, mataram-no de maneira vergnhosa”.

⁴²⁴ *A Vida de S. Geraldo*...pp.24-25, mil.6: “Ainda o referido feitor, excedendo sobremaneira o poder da sua administração, ousava violar igrejas e extorquir pela violência os bens dos clérigos e das igrejas. Daí que, muito agastado, o varão de Deus o tenha exortado frequentemente a emendar-se...”.

⁴²⁵ *A Vida de S. Geraldo*...p.39, mil.17; p.42, mil.23.

⁴²⁶ *A Vida de S. Geraldo*...p.39, mil.17: “Também na vila que chamam Coucieiro, diz-se haver um homem a quem, na vista, se lhe gerou um terrível apostema...”.

⁴²⁷ *A Vida de S. Geraldo*...p.42, mil.23: “Vivia um homem na vila de Sequeira que tinha um filho surdo, cego e paralítico de pés e mãos...”.

os milagres especificaram apenas os miraculados pelas suas proveniências, não fazendo sequer alusão aos seus nomes.

Passemos às mulheres miraculadas⁴²⁸. Entre as mulheres temos apenas uma sobre a qual são apresentados dados sociais, apesar de não termos conseguido identificá-la fora da hagiografia. Referimo-nos ao milagre em que Tota, a miraculada, se viu forçada a casar mas conseguiu escapar na noite do casamento. Foi dito que a mulher era “dona de grande património” e proveniente da região de Braga.⁴²⁹ No mesmo relato foi ainda mencionado Ordonho, que já tivemos oportunidade de caracterizar no momento anterior, assim como um clérigo que encontrou Tota na mata em que se escondia e o arcebispo Geraldo. De salientar que a mulher detinha ainda propriedade em Nogueiró, património que viria a legar ao arcebispo após o milagre⁴³⁰.

As restantes mulheres não foram socialmente caracterizadas, especificando-se acerca de cada uma exclusivamente a proveniência⁴³¹. No primeiro exemplo a miraculada, que estava paralisada e com lepra, era proveniente da cidade de Braga, sabendo-se ainda que no momento em que necessitou o auxílio do santo habitava um hospício⁴³². A segunda miraculada, que sofria de asma, era proveniente de entre os rios Homem e Ave⁴³³, no milagre são também mencionados os filhos e o marido da miraculada que, como já foi referido, pretendiam divulgar o acontecimento miraculoso e reverenciar o santo. Segue-se uma miraculada que perdera o movimento dos membros e era igualmente proveniente do bispado de Braga⁴³⁴. Por fim, uma mulher sobre a qual não foram apresentados quaisquer dados. Identificada como “rapariguinha”, escolhemos

⁴²⁸ *A Vida de S. Geraldo*...pp.22-24, mil.5; pp.38-39, mil.16; pp.39-40, mil.18; p.40, mil.19; p.40, mil.20.

⁴²⁹ *A Vida de S. Geraldo*...pp.22-24, mil.5: “Conta-se ainda que na mesma região havia uma dama de nome Tota, que era de sangue nobre e possuía abundantemente grande cópia de fazendas. Alguns ricos-homens de Portugal invejando, sem dúvida, assaz a sua opulência, tramavam contra ela infamando-a e detraindo-a, a fim, de lograrem, de qualquer modo, os seus bens...”.

⁴³⁰ *A Vida de S. Geraldo*...pp.22-24, mil.5: “...Em seguida legou ao beatífico o seu melhor património, ao que chamam Nogueiró...”.

⁴³¹ *A Vida de S. Geraldo*...pp.38-39, mil.16; pp.39-40, mil.18; p.40, mil.19.

⁴³² *A Vida de S. Geraldo*...pp.38-39, mil.16: “Também na mesma cidade havia uma mulherinha que habitava um hospício e que, acometida de doença súbita, ficou parálitica de todos os membros...”.

⁴³³ *A Vida de S. Geraldo*...pp.39-40, mil.18: “Entre os dois rios, isto é, entre o Homem e o Cávado, vivia uma mulher que quatro anos suportara uma doença a que os médicos chamam asma...”.

⁴³⁴ *A Vida de S. Geraldo*...p.40, mil.19: “Também no bispado de Braga se diz que havia uma mulher que amolancara por espaço dum ano, destituída do uso dos membros...”.

caracterizá-la tal como as mulheres por se tratar de uma jovem e não especificamente criança⁴³⁵.

Por fim, vejamos as crianças alvo de milagres⁴³⁶. No primeiro relato não foi referenciado o número exacto dos miraculados, tratava-se de um grupo de crianças que seguia com o arcebispo Geraldo. Não foram indicados os nomes ou a proveniência das crianças, assim como a razão para se encontrarem com o arcebispo⁴³⁷. As crianças que seguiam numa barça prestes a naufragar, foram salvas pela acção do arcebispo. O milagre ocorreu no rio Cávado e foi mencionado Geraldo, que se encontrava na margem e o barqueiro que perante o perigo fugiu da embarcação⁴³⁸.

Em segundo lugar foram miraculados dois “rapazinhos” que estavam presentes no momento do transporte do corpo do arcebispo. Tal como no exemplo anterior, estas crianças também seguiam num barco e corriam risco de naufragar⁴³⁹. Salvaram-se graças àqueles que assistiam ao transporte e que clamaram o auxílio de S. Geraldo. Também miraculado foi um rapaz possuído, filho de “uma senhora de qualidade” e proveniente de Braga⁴⁴⁰. Por último, outro rapaz proveniente da cidade de Braga e que engolira uma espinha de peixe, no milagre participou ainda a mãe que o levou ao sepulcro.

Estes exemplos de crianças em risco de afogamento, que como podemos verificar são inexistentes em S. Rosendo, pareciam ser temas comuns no género literário. Assim, segundo as nossas leituras, a par dos milagres de ressurreição, haveria outra tendência que demonstrava a sobrevivência de vítimas aparentemente mortas. Culminando em diversos fenómenos de salvamento de crianças envolvidas em acidentes, onde o salvamento de crianças afogadas ou naufragadas contava com uma representatividade significativa. Apesar de se terem tornado mais regulares enquanto se encaminha para a

⁴³⁵ *A Vida de S. Geraldo*...p.40, mil.20.

⁴³⁶ *A Vida de S. Geraldo*...pp.20-21, mil.3; pp.33-34, mil.10; p.36-37, mil.13; pp.37-38, mil.15.

⁴³⁷ *A Vida de S. Geraldo*...pp.20-21, mil.3: “...Mas, porque as crianças ficavam sem remos e começavam já a correr perigo...”.

⁴³⁸ *A Vida de S. Geraldo*...pp.20-21, mil.3: “...Conhecendo, porém, o barqueiro o perigo que os ameaçava, saltou à água e, a nadar, salvou-se...”.

⁴³⁹ *A Vida de S. Geraldo*...pp.33-34, mil.10: “Com efeito, atravessavam o rio, num barquito, dois rapazinhos; as, encrespando-se o dorso do mesmo rio que na sua braveza, os arrastou para longe do local...imediatamente os pequenitos saíram sãos e salvos do perigo”.

⁴⁴⁰ *A Vida de S. Geraldo*...pp.36-37, mil.13: “No termo de Braga havia uma senhora de qualidade que tinha um filho a quem o porco sujo acometia...”.

Baixa Idade Média⁴⁴¹, demonstraram aqui uma tendência nos milagres de S. Geraldo que se encaixa no percurso hagiográfico europeu e nos moldes de redacção.

Passamos a analisar os miraculados de S. Teotónio. Reforçando o que já fora dito anteriormente, os milagres de S. Teotónio ocorreram quase exclusivamente dentro do mosteiro, o que resulta na prevalência de miraculados masculinos⁴⁴². O primeiro miraculado era um leigo professo no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Não foi indicado o nome do homem nem outros dados identificativos⁴⁴³, sabe-se apenas que via a “sombra de um africano”, o que se devia ao pecado de adultério. O segundo miraculado era monge do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e igualmente atormentado por um espírito. Tampouco são fornecidos dados significativos acerca do homem, apenas que estava a iniciar da sua vida religiosa⁴⁴⁴.

Foi também miraculado o presbítero de Santa Cruz de Coimbra, Honório. Tratava-se do presbítero enviado a Lisboa com dinheiro destinado à construção da igreja do mártir S. Vicente. Honório foi “apanhado por uns salteadores sarracenos num ermo” entre Coimbra e Santarém, e levado depois para Elvas⁴⁴⁵. O presbítero acaba por ser libertado ao fim de quinze dias “sem diminuição de património”. Também clérigo mas não directamente relacionado com o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra foi o monge de nome Samuel proveniente de Inglaterra, mas que veio para Portugal com o exército francês para a tomada da cidade de Lisboa. Adoentado foi enviado para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde começou a ver “espíritos tétricos” sendo libertado pelo prior⁴⁴⁶.

Finalmente o último homem relacionado com o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra era um criado que foi atacado por um espírito maligno no momento da morte

⁴⁴¹ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.353.

⁴⁴² *Vida de D. Teotónio*...p.181, mil.4; p.181, mil.5; pp. 183-185, mil.6; p.201, mil.8.

⁴⁴³ *Vida de D. Teotónio*...p.181, mil.4: “De tormento também semelhante se sentia vítima no mosteiro certo leigo que aí havia professado...”.

⁴⁴⁴ *Vida de D. Teotónio*...p.181, mil.5: “Havia, além deste, um outro irmão no mosteiro, homem de grande piedade, a quem o inimigo do género do humano logo no início da sua vida religiosa costumava atormentar...”.

⁴⁴⁵ *Vida de D. Teotónio*...pp. 183-185, mil.6.

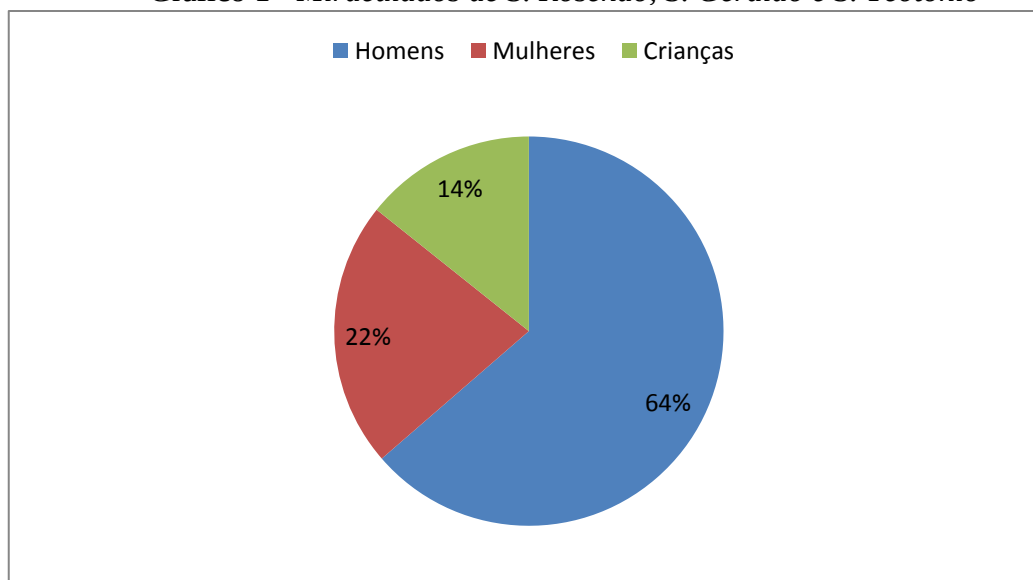
⁴⁴⁶ *Vida de D. Teotónio*...pp.179-181, mil.3.

de Teotónio⁴⁴⁷. Não existem mais informações sobre o criado e foram também mencionados os restantes integrantes da instituição.

Por fim, o último homem foi Afonso Henriques, apesar do milagre não ter sido especificamente para o rei, este pediu a ajuda do prior de Santa Cruz de Coimbra. O milagre dizia respeito à conquista da cidade de Santarém cujo ataque fora feito por assalto, motivando o pedido de auxílio por parte rei, dada a novidade da estratégia e a insegurança associada⁴⁴⁸.

A única mulher miraculada foi a rainha D. Mafalda, referida como filha do Conde Amadeu⁴⁴⁹ e, como já vimos, foi auxiliada por Teotónio durante o parto.

Gráfico 1 - *Miraculados de S. Rosendo, S. Geraldo e S. Teotónio*



2.4. Geografia dos milagres

Passemos à análise da geografia dos milagres. Pretendemos neste subcapítulo identificar o local onde se realizaram os milagres, assim como o sítio onde tiveram lugar

⁴⁴⁷ *Vida de D. Teotónio*...p. 201, mil. 8: "...num repente, fremindo e enraivado, aquele perturbado atirou-se de rompante sobre um dos criados do mosteiro e atormentou-o sem piedade por quase meia hora..."

⁴⁴⁸ *Vida de D. Teotónio*...p.189, mil.7: "...veio ele ter com aquele homem de Deus e manifestou-lhe só a ele o seu plano, ao mesmo tempo que lhe encomendou a sua alma como se houvesse de ir-se deste mundo; indicou-lhe bem assim, sob sigilo, o dia em que pensava actuar e pediu-lhe empenhadamente que nesse dia com os irmãos fizesse oração de continuidade por ele e partiu..."

⁴⁴⁹ *Vida de D. Teotónio*...p.179, mil.2.

as evocações dos santos. Contabilizaremos os milagres que ocorreram junto do santo, quer na sua presença quer próximo do seu túmulo, e os que ocorreram em outros locais.

Importa perceber onde se desenrolaram estes acontecimentos, ao mesmo tempo que procuramos compreender se existiam distinções entre os milagres junto do santo ou dos sepulcros, daqueles que se desenrolaram longe. Esta temática importa, significativamente, ao estudo dos miraculados e das suas proveniências, assim como ao assunto da divulgação e conhecimento dos cultos dos santos.

Assim, uma vez que já conhecemos os miraculados, procuramos dar continuidade ao seu estudo e perceber se existiu mobilidade por parte dos mesmos em busca do milagre. A presença dos peregrinos permitiu constatar que, gradualmente, a procura e a fama do santo se difundiu por espaços cada vez mais afastados. Segundo os exemplos fornecidos por Robert Bartlett, em localidades mais pobres ou maioritariamente femininas, poderia surgir uma clientela masculina mais poderosa e natural de locais mais afastados⁴⁵⁰. Nos nossos relatos verificamos essa procura por indivíduos vindos de localidades mais longínquas face às instituições onde se encontravam os santos, no entanto, nem sempre conseguimos identificar os seus dados sociais e assim perceber onde se inseriam socialmente para verificarmos as tendências enunciadas pelo autor.

Os espaços dedicados à veneração poderiam ficar dentro das igrejas ou mosteiros, o que causaria alguns transtornos no normal funcionamento das instituições motivado pela forte afluência de fiéis. Assim, cada vez mais se optou pela presença dos santos fora destas instituições, permanecendo em espaços adjacentes. Os túmulos poderiam ainda ser colocados sobre colunas, deixando algum espaço por baixo. Na sua obra Robert Bartlett ilustra este estilo recorrendo ao túmulo de S. Rosendo, exemplificando com os milagres em que os devotos se deitaram nesse espaço das colunas⁴⁵¹. Esta seria uma medida resultante da crescente afluência às instituições pelo apelo às relíquias, fazendo com que o posicionamento das mesmas fosse cuidadosamente pensado para se adaptar ao crescente número de fiéis⁴⁵².

⁴⁵⁰ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?* ...p. 348.

⁴⁵¹ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?* ...p. 255.

⁴⁵² SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle* ...p.39: “dans plusieurs église, la disposition même des reliques s’adapta à cette coutume, dans le cadre du mouvement général d’élévation des reliques qui suivit

Segundo o que pudemos verificar a partir de outros exemplos, estes espaços nem sempre se revelaram de fácil acesso. Especialmente quando se tratavam de mosteiros, onde a presença da comunidade laica nem sempre era desejada. O incómodo sentido pelos monges resultaria muitas vezes na proibição da realização de milagres⁴⁵³.

Nos milagres que analisámos, foram raros os casos de fiéis impedidos de visitar o túmulo do respectivo santo. Encontrámos em S. Rosendo algumas excepções em que o miraculado tivera de pedir autorização para visitar o santo e só o pôde fazer quando devidamente autorizado pela instituição. Como poderemos ver mais adiante neste subcapítulo.

Continuando nos nossos exemplos, tampouco encontrámos impedimentos impostos a um grupo específico, como poderia ocorrer com as mulheres, pela interdição nos espaços exclusivamente masculinos. Por exemplo, em S. Teotónio, sendo miraculada a rainha D. Mafalda foi-o fora do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Comecemos a análise pelos três milagres que decorreram dentro do mosteiro de Celanova, mas não junto do sepulcro de S. Rosendo⁴⁵⁴. O primeiro milagre tratou da punição de Pedro Gonçalves que, como já observamos, terminou com a sua morte, “rebentando” pelo meio após o pedido de auxílio dos monges. O milagre ocorreu no interior do mosteiro, uma vez que o miraculado se encontrava “no seu leito” quando morreu, porém, o pedido de auxílio aconteceu junto do túmulo do santo⁴⁵⁵.

O segundo milagre é referente à punição de Munho Vasques, que havia maltratado o despenseiro do mosteiro. Como castigo pelos seus actos, fora possuído pelo demónio, recebendo esse castigo dentro do mosteiro. Por sua vez, os monges pediram a ajuda do santo junto do sepulcro. Contudo, a descrição não pormenorizou sobre se Munho Vasques também se encontrava junto do sepulcro, referindo

la période carolingienne. La solution adoptée consista à placer le sarcophage du saint sur des colonnes, à peu près à hauteur d’homme, pour que les pèlerins pussent facilement passer audessous”.

⁴⁵³ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?* ...pp.345-346.

⁴⁵⁴ “Livro Primeiro...” p.49, mil.1; p.51, mil.2; “Livro Terceiro...” p.75, mil.21.

⁴⁵⁵ “Livro Primeiro...” p.49, mil.1: “...prostraram-se de joelhos nus, e com lágrimas e soluços, perante o túmulo de S. Rosendo...”.

exclusivamente a ida dos monges e do despenseiro. Como punição, Munho Vasques ficou mudo e morreu no dia seguinte à ocorrência, dentro da instituição⁴⁵⁶.

O terceiro milagre dentro do mosteiro refere-se ao homem, João, preso por um procurador da instituição. Aprisionado⁴⁵⁷, o homem pediu auxílio a S. Rosendo e, visitado pelo santo enquanto dormia, foi conduzido pelo mesmo conseguindo escapar às sentinelas e libertando-se⁴⁵⁸.

O milagre da mulher que seria casada com o homem que se autoflagelava teria ocorrido diante da “basílica”, não sendo este local especificado como junto do túmulo ou mesmo dentro da instituição⁴⁵⁹.

A maioria dos milagres aconteceu junto do sepulcro de S. Rosendo⁴⁶⁰, cuja localização não foi especificada ao longo dos relatos. A ida ao espaço ficava assinalada através de termos como: “túmulo”⁴⁶¹, que apareceu 20 vezes; “sepulcro”⁴⁶², com 15 ocorrências; “sarcófago”⁴⁶³, com quatro e um caso que foi utilizada a expressão “o sítio onde estava o corpo do dito e santíssimo Confessor”⁴⁶⁴. Por vezes os relatos empregaram mais que um destes termos para se referirem ao local onde estava o santo. Para além destes identificámos uma alusão mais concreta ao espaço em que estaria

⁴⁵⁶ “Livro Primeiro...” p.51, mil.2: “...Nessa mesma hora o militar ficou mudo, e no dia seguinte morreu...”.

⁴⁵⁷ “Livro Terceiro...” p.75, mil.21: “...encerrado com todo o rigor na prisão, dentro da cerca do Mosteiro...”.

⁴⁵⁸ “Livro Terceiro...” p.75, mil.21: “...Levantando-se imediatamente, atravessou pelo meio das sentinelas e regressou incólume aos seus bens...”.

⁴⁵⁹ “Livro Primeiro...” p.53, mil.5.

⁴⁶⁰ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3; p.51, mil.4; p.53, mil.6; p.53, mil.7; p.55, mil.9; “Livro Segundo...” p.61, mil.12; p.63, mil.13; p.63, mil.14; p.65, mil.16; p.65, mil.18; p.67, mil.19; “Livro Terceiro...” pp.75-77, mil.23; p.77, mil.24; p.77, mil.26; p.79, mil.27; p.79, mil.28; p.79, mil.29; “Livro Quarto...” p.85, mil.31; p.87, mil.32; p.87, mil.33; p.87, mil.34; p.89, mil.35; p.89, mil.36; p.91, mil.37; p.91, mil.38; p.95, mil.40; p.95, mil.41; p.97, mil.42.

⁴⁶¹ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3; p.51, mil.4; p.53, mil.7; “Livro Segundo...” p.61, mil.12; p.63, mil.13; p.63, mil.14; p.65, mil.16; p.65, mil.18; “Livro Terceiro...” p.75-77, mil.23; p.79, mil.28; p.79, mil.29; “Livro Quarto...” p.85, mil.31; p.87, mil.33; p.89, mil.35; p.89, mil.36; p.91, mil.37; p.91, mil.38; p.95, mil.40; p.95, mil.45; p.97, mil.42.

⁴⁶² “Livro Primeiro...” p.51, mil.3; p.51, mil.4; p.53, mil.6; p.55, mil.9; “Livro Segundo...” p.63, mil.14; p.67, mil.19; “Livro Terceiro...” p.77, mil.24; p.77, mil.26; p.79, mil.27; “Livro Quarto...” p.87, mil.32; p.87, mil.33; p.87, mil.34; p.91, mil.37; p.91, mil.38; p.97, mil.42.

⁴⁶³ “Livro Primeiro...” p.53, mil.5; “Livro Segundo...” p.67, mil.19; “Livro Terceiro...” p.79, mil.27; “Livro Quarto...” p.95, mil.41.

⁴⁶⁴ “Livro Quarto...” p.89, mil.35.

sepultado, “Onde repousa o corpo de bem-aventurado Rosendo, na Igreja da Bem-aventurada Maria, Mãe de Deus”⁴⁶⁵.

É complexa a validação da localização exacta do santo. Segundo Francisco Carvalho Correia, S. Rosendo teria sido sepultado na igreja de S. Pedro, cuja identificação tampouco é seguramente conhecida, podendo-se tratar desde uma capela independente lado do mosteiro de Celanova até uma nave ou a abside da igreja monástica⁴⁶⁶. Na primeira canonização, a de 1172, os restos mortais foram levados para uma outra capela, que se encontraria junto da porta do claustro. Nesta nova capela foram depositados os restos mortais num “sarcófago de pedra, levantado sobre quatro colunas, com passagem livre, por sob o monumento funerário do santo”⁴⁶⁷. Além disso, foi nesta data que se fizeram as primeiras divisões dos despojos de S. Rosendo, como o crânio que foi levado para Roma e outras relíquias para o mosteiro de Tominho⁴⁶⁸, de que tivemos menção nos nossos milagres. Para além da referência de relíquias no mosteiro de Tominho⁴⁶⁹, encontrámos outras descrições em que essa transladação já teria acontecido antes do milagre, o que resultou no acesso a algumas relíquias por parte de miraculados⁴⁷⁰. Além disso, retomando à descrição que citamos do sarcófago, alguns milagres descreveram o sepulcro de pedra assim como as colunas no local onde o santo se encontrava⁴⁷¹, um dos miraculados chegou inclusivamente a deitar-se entre as mesmas⁴⁷². Além da referência à capela de Santa Maria, os milagres não indicavam directamente o espaço onde estaria sepultado o santo.

⁴⁶⁵ “Livro Quarto...” p.85, mil.31.

⁴⁶⁶ CORREIA, Francisco Carvalho—“Bulas de canonização de S. Rosendo”. In *Rudesindus*...p.139. Sobre o assunto da capela, Frei Leão de S. Tomás referia que S. Rosendo estava sepultado na capela de S. João, onde se teria mantido até à visita do cardeal e da canonização.

⁴⁶⁷ CORREIA, Francisco Carvalho —“Bulas de canonização de S. Rosendo” ...p.139.

⁴⁶⁸ CORREIA, Francisco Carvalho —“Bulas de canonização de S. Rosendo” ...p.139.

⁴⁶⁹ “Livro Quarto...” p. 93; mil.39.

⁴⁷⁰ “Livro Quarto...” p.89, mil.36: “o anel do santo, que lhe fora tirado do dedo por ocasião da transladação”; p.91, mil. 37: “...o anel do santo pontífice e outras relíquias suas e colocaram-nas na própria mão fechada, sobre os dedos dobrados e demasiado apertados... o anel com a cápsula de prata, em que está, foi encontrado maravilhosamente à mostra na palma da mão...”.

⁴⁷¹ “Livro Quarto...” p.91, mil.38: “...começou a erguer-se e a agarrar-se às colunas do próprio sepulcro...”; “Livro Quarto...” p.95, mil.41: “...E, palpando com as mãos as colunas, em que se apoiava o túmulo de S. Rosendo...”.

⁴⁷² “Livro Quarto...” p.91, mil.38: “...diante do túmulo, e aí ficasse deitado no chão, entre as colunas do sepulcro...”.

Atentemos nos vinte e nove milagres que ocorreram junto do santo. Importa referir que a visita ao sepulcro nem sempre se revelou fácil, alguns relatos especificaram que os miraculados eram levados pelos integrantes do mosteiro de Celanova até ao santo e, em alguns casos, aquele que procurou a ajuda do santo teve de pedir autorização para conseguir aceder ao sepulcro. Nem sempre encontramos indicações relativas à chegada dos miraculados, nem casos de impedimentos por parte da instituição ao local. Assim, a mulher cujo filho viria a ser possuído, dirigiu-se ao sepulcro do santo no milagre inicial em que recuperou a visão. A descrição indica apenas que a mulher chegou a Celanova e se dirigiu ao sepulcro, sucedendo o mesmo na segunda ida⁴⁷³.

O homem que se autoflagelava também foi miraculado diante do túmulo do santo, onde teria passado a noite em que ocorreu o milagre. Como já vimos, este conhecia o mosteiro e os monges, não havendo uma descrição minuciosa da sua ida ao sepulcro⁴⁷⁴.

Também o milagre da mulher penetrada por uma serpente e que, desconhecendo o santo foi levada até ao sepulcro, não sendo especificado como lá chegou nem quem a levou⁴⁷⁵. Quanto ao rapaz igualmente penetrado por uma serpente, foi miraculado no sepulcro e levado pelos pais, já conhecendo o mosteiro por ser servo da instituição⁴⁷⁶. A outra mulher possuída pelo demónio foi igualmente levada pelos pais ao sepulcro, não se relevando qualquer problema com a sua entrada nesse espaço⁴⁷⁷.

O cavaleiro possuído por ter maltratado o sacristão de Celanova que, acidentalmente, lhe pisara a fimbria do manto foi levado pelos monges até ao túmulo⁴⁷⁸. A possessão aconteceu no mosteiro e aquele chegou, inclusivamente, a cair no meio dos monges que celebravam os ofícios, sendo depois libertado junto do túmulo do santo. O

⁴⁷³ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3.

⁴⁷⁴ “Livro Primeiro...” p.51, mil.4.

⁴⁷⁵ “Livro Primeiro...” p. 53, mil.6.

⁴⁷⁶ “Livro Primeiro...” p.53, mil.7.

⁴⁷⁷ “Livro Primeiro...” p.55, mil.9.

⁴⁷⁸ “Livro Segundo...” p.61, mil.12: “...alguns dos monges levam-no em braços, juntamente com a turba popular, ao túmulo de S. Rosendo...”.

homem, da Terra de Campos, que ficara cego também foi miraculado no sepulcro, descrevendo-se a sua chegada a Celanova e imediato toque no túmulo⁴⁷⁹.

A mulher submetida ao mosteiro e que perdera a visão foi levada ao sepulcro de S. Rosendo pelo marido. Foi dito que a mulher teria bebido “da pedra rasa” do túmulo, recuperando a visão⁴⁸⁰. Maria Helena da Rocha Pereira não conseguiu identificar este acto, notamos apenas que demonstra o maior contacto com o túmulo do santo, nem sempre demarcado nos relatos ou que maioritariamente se limita ao toque. Por sua vez João, o servo do mosteiro que ficou imobilizado, foi transportado pelos pais até ao túmulo, contando com a presença do hagiógrafo que, como vimos anteriormente, assistiu ao milagre⁴⁸¹.

Outro miraculado, João, que estaria possuído foi levado pela mãe à igreja de Celanova, onde se celebravam missas. No entanto, não conseguindo a libertação, a mãe foi aconselhada pelos monges a levar o filho ao túmulo de S. Rosendo, onde sucedeu o milagre imediatamente após a advertência⁴⁸². No caso das duas irmãs possuídas, que seriam provenientes de uma local perto do mosteiro, ambas chegaram ao mosteiro de Celanova e foram levadas até ao sarcófago do santo⁴⁸³.

O cônego da Igreja de Santiago, Pedro, que teria chegado doente ao mosteiro de Celanova, encontrava-se cada vez mais enfermo e teve de suplicar, diversas vezes, ao abade do mosteiro até ser levado pelo cônego e pelo sacristão ao sepulcro⁴⁸⁴. Nota-se aqui uma possível interdição ao local, o que não se constatou nos relatos que temos vindo a descrever.

⁴⁷⁹ “Livro Segundo...” p.63, mil.13: “...Ouvindo isto, de súbito, toma o caminho em direcção às regiões ocidentais, até que chegou a Celanova. E, ao tocar no sagrado túmulo, alcança perfeitamente a luz dos olhos...”.

⁴⁸⁰ “Livro Segundo...” p.63, mil.14: “...E, como a não auxiliasse nenhum remédio com que se libertasse por seu marido ao sepulcro de S. Rosendo. Feito isto, e depois de ela beber da pedra rasa do túmulo do Santo, foi restituída à saúde antiga, como se nunca tivesse sentido mal nenhum...”.

⁴⁸¹ “Livro Segundo...” p.65, mil.16: “...foi levado pelos pais, na minha presença, ao túmulo de S. Rosendo...”.

⁴⁸² “Livro Segundo...” p.65, mil.18: “...Por último, como não alcançasse saúde alguma, a sua progenitora é aconselhada por alguns monges a levar o filho ao túmulo de S. Rosendo...”.

⁴⁸³ “Livro Segundo...” p.67, mil.19 “...Seguidamente, são apresentadas diante do sarcófago de S. Rosendo...”.

⁴⁸⁴ “Livro Terceiro...” pp.75-77, mil.23: “...Contudo, dirige muitas súplicas ao abade do Mosteiro, até alcançar ser posto diante do túmulo de S. Rosendo. Logo, por ordem do abade e seguro pelas mãos de alguns, o cônego foi levado pelo sacristão da Igreja à presença do santo varão...”.

Pelágio, que viria a ser monge de Celanova após o milagre, também foi miraculado junto do túmulo do santo. Desconhecemos a sua proveniência, sabendo apenas que chegara de cavalo ao mosteiro, fazendo vigílias junto do santo. Nessa mesma noite, encontrando-se sozinho, aproximou-se do sepulcro onde roeu e engoliu um pouco da pedra⁴⁸⁵. Não temos no relato referência aos monges nem a restrições no acesso ao sepulcro, ficando inclusivamente o miraculado sozinho durante a noite.

O homem que morava perto do rio Minho e que trabalhou no Dia de Ramos, também se dirigiu ao sarcófago de S. Rosendo, permanecendo aí por três dias. Quando foi curado, prometeu uma visita anual e, não a cumprindo, ficou novamente doente tendo de regressar ao sepulcro⁴⁸⁶. Neste relato não foi explicitada a forma como o mesmo chegou ao sepulcro e como entrou.

Martinho, a criança que perdera a visão, foi levado pelos pais ao túmulo do santo, após terem recorrido a outras capelas. Não sabemos a proveniência mas, como supusemos anteriormente, por não conhecerem S. Rosendo e recorrerem a outros santos, poderiam estar afastados do mosteiro⁴⁸⁷. Semelhante foi o caso da mulher de Límia atentada pelo demónio, chegada ao sepulcro de S. Rosendo depois de ter procurado auxílio junto de outras capelas⁴⁸⁸.

O homem, de proveniência desconhecida, possuído pelo demónio como castigo pelo incumprimento da promessa à Virgem foi miraculado junto do túmulo, levado pelos monges e, fez referência ao local do mesmo. Como mencionámos brevemente, foi sublinhada a sepultura do santo na “Igreja da Bem-aventurada Maria”, menção que recebeu destaque pelo motivo do castigo do homem⁴⁸⁹.

⁴⁸⁵ “Livro Terceiro...” p.77, mil.26: “...apresenta-se no seu cavalo perante S. Rosendo. E, fazendo aí vigílias por espaço de uma noite, enquanto todos descansavam, aproximou-se do sepulcro do bem-aventurado varão, quase que rastejando pelo solo; depois de roer com os dentes um pouco da pedra e de o engolir, adormeceu...”.

⁴⁸⁶ “Livro Terceiro...” p.79, mil.27: “...dirigiu-se ao sarcófago de S. Rosendo, e aí ficou três dias e celebrou vigílias...”.

⁴⁸⁷ “Livro Terceiro...” p.79, mil.28: “...chegam ao túmulo de S. Rosendo e rogam-lhe, com súplicas, o auxílio dos seus benefícios...”.

⁴⁸⁸ “Livro Terceiro...” p.79, mil.29: “...onde recitou uma oração não pequena diante do túmulo de S. Rosendo, fez vigílias toda a noite, reuniu os monges à sua prece e, orando com eles, recebeu de Deus a saúde, por intermédio de S. Rosendo...”.

⁴⁸⁹ “Livro Quarto...” p.85, mil.31.

Também a freira “francesa”, aconselhada por uma revelação divina a dirigir-se ao sepulcro de S. Rosendo. Trata-se do exemplo em que a miraculada seria proveniente do local mais longínquo face ao mosteiro, apesar de não ser referido com especificidade a sua proveniência. Porém, tendo conhecido o santo por uma revelação divina, não seria um exemplo de difusão desse culto fora da Galiza. Ainda contrariamente a outros relatos, não foi referida a divulgação do milagre por via da própria, não se podendo, consequentemente, apontar a freira como veículo de divulgação do culto⁴⁹⁰.

A criança possuída durante as festividades dedicadas a S. Rosendo também foi miraculada junto do túmulo. Como supusemos anteriormente, a criança poderia habitar nas redondezas do mosteiro, pelas indicações fornecidas acerca dos anos seguintes ao evento miraculoso. Aquando da possessão a criança foi divinamente advertida a ir para a igreja e a deitar-se sobre o túmulo do santo, onde foi encontrada pelos os monges que iam em procissão⁴⁹¹.

Segue-se o milagre do rapaz proveniente da região de Candeda. Foi levado até ao túmulo do santo pelos pais e pelos monges, onde recuperou a visão⁴⁹². Já Pedro Nunes de Milmada, que tinha na garganta uma espinha de peixe, teve de rogar aos monges para poder ir ao túmulo do santo⁴⁹³. Nota-se neste caso um impedimento, por parte dos integrantes da instituição, em deixar que Pedro Nunes chegasse ao túmulo, uma vez que teve de rogar para tal. No entanto, o entrave seria compreensível tendo em conta que, como referido anteriormente, o homem hostilizara o mosteiro, conflito presente na memória dos monges que imediatamente lembraram ao homem as suas acções.

A rapariga que tinha um abcesso foi levada para junto do túmulo e, na face, foi-lhe colocado o anel de bispo de S. Rosendo, já depois da trasladação das suas relíquias. Foi assim curada, não se conhecendo a sua proveniência⁴⁹⁴. O clérigo da Vila de Laredo, Límia, cuja mão estava imobilizada também foi miraculado junto do túmulo do santo, para onde foi encaminhado pelos monges. Igualmente neste caso foram utilizadas

⁴⁹⁰ “Livro Quarto...” p.87, mil.32.

⁴⁹¹ “Livro Quarto...” p.87, mil.33.

⁴⁹² “Livro Quarto...” p.87, mil.34.

⁴⁹³ “Livro Quarto...” p.89, mil.35.

⁴⁹⁴ “Livro Quarto...” p.89, mil.36.

reliquias do santo, mais concretamente o anel numa cápsula de prata, colocada na mão imobilizada⁴⁹⁵.

Estas relíquias móveis não corpóreas poderiam estar destinadas ao uso exclusivo por parte de indivíduos de um estrato social superior. Se no segundo caso poderíamos constatar essa “reserva” das relíquias para um grupo específico, uma vez que o miraculado era clérigo. Não conseguimos validar essa proposta a partir do primeiro milagre, uma vez que não foi feita a distinção social da miraculada, acreditamos porém que pertencendo a um grupo social privilegiado, a fonte tê-la-ia distinguido como tal, visto que fez essa distinção noutros casos. A utilização destas relíquias, colocadas sobre a enfermidade, seria uma prática antiga no Ocidente e comumente encontrada nos séculos XI e XII⁴⁹⁶.

O homem, de nome Miguel, do qual se desconhece a proveniência, foi transportado até ao túmulo por estar imobilizado. Segundo o relato, o homem seria transportado diariamente para junto do sepulcro, não se sabendo ao final de quantos dias se teria concretizado o milagre⁴⁹⁷.

Segue-se o caso do monge Sancho, antigo membro da comunidade monacal do mosteiro de S. Facundo anteriormente ao milagre. Por ter a língua paralisada, dirigiu-se por diversas vezes ao túmulo de S. Rosendo à procura de cura, foi dito, inclusivamente, que o monge tinha vontade de bater⁴⁹⁸ no túmulo com o bastão que usava para se apoiar⁴⁹⁹. Foi encontrado pelos monges junto do túmulo e, em conjunto, iniciaram um resposno, que terminou com a cura do monge Sancho.

A mulher proveniente de Ginzo de Límia, que ficara cega, foi aconselhada pelo sacristão do mosteiro de Celanova, que seria natural da mesma terra, a dirigir-se ao

⁴⁹⁵ “Livro Quarto...” p.91, mil.37.

⁴⁹⁶ SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle* ...pp.41-42.

⁴⁹⁷ “Livro Quarto...” p.91, mil.38: “Transportado e introduzido junto do sepulcro do bem-aventurado, ficou lá alguns dias, persistindo em orações e vigílias. Porém, certo dia, como, segundo o costume, fosse levado de manhã por mãos alheias para diante do túmulo...”.

⁴⁹⁸ GEARY, Patrick – “Negotiating”. In *Living with the dead*...pp.95-125: Os maus tratos perpetrados ao santo seriam uma forma de reivindicação dos fiéis ao santo, uma vez que o mesmo, ao não realizar os milagres, estaria a danar a relação de reciprocidade para teria com a comunidade.

⁴⁹⁹ “Livro Quarto...” p.95, mil.40: “E, como permanecesse mudo por largo espaço de tempo, afligia-se extremamente com tristeza e dor, querendo muitas vezes bater no túmulo de S. Rosendo com o bastão em que se apoiava para este modo insinuar que o mesmo bem-aventurado confessor, se quisesse, lhe restituiria a saúde”.

santo. Chegada ao mosteiro, o sacristão encaminhou-a até à igreja onde se encontraria o túmulo, recuperando a visão ao final de alguns dias⁵⁰⁰.

Finalmente, o último milagre junto do túmulo foi o de Fernando Rodrigues de Castro, punido através da possessão demoníaca pelo saque ao património do mosteiro de Celanova. Apesar do momento da possessão ter acontecido no mosteiro, mais concretamente na hospedaria onde estaria Fernando Rodrigues de Castro e os cavaleiros que o acompanharam, a libertação teve lugar junto do túmulo, para onde os mesmos cavaleiros o levaram⁵⁰¹. Foi também junto do túmulo que monges pediram a protecção do santo face àqueles homens⁵⁰². Como anteriormente referimos, Fernando Rodrigues de Castro foi libertado após a devolução dos bens saqueados e da promessa de não regressar ao mosteiro.

Os restantes milagres ocorreram em espaços afastados do santo e do mosteiro. Como o caso dos dois homens que se viram impossibilitados de atravessar o rio Cávado e, por isso, pediram o auxílio do santo. O milagre deu-se então na margem do rio, com uma embarcação que foi ter com os homens⁵⁰³. Por seu turno, o miraculado preso por um cavaleiro e liberto pelo santo encontrava-se nas “partes de Deza”, actualmente na província de Pontevedra, realizando-se aí o milagre⁵⁰⁴.

Também o milagre de que foi alvo Munho Fúlgur, castigado por assaltar o gado do mosteiro de Celanova, decorreu fora da instituição. Relembramos que anteriormente o apontamos como um possível local, por ter denominado o santo como seu senhor. Não sabemos com especificidade onde teria decorrido o milagre, possivelmente na sua propriedade onde adoecera depois de comer um dos animais que havia roubado. Munho Fúlgur tentou obter o auxílio do santo, enviando ofertas e restituindo o gado, não

⁵⁰⁰ “Livro Quarto...” p. 95, mil.41.

⁵⁰¹ “Livro Quarto...” p.97, mil.42: “Então os soldados pegaram no dito fidalgo, a estrebuchar, como acima se diz, e a espumar, e pousaram-no junto do túmulo do bem-aventurado Rosendo, na igreja; e aí ficou jazente, semi-morto, toda aquela noite”.

⁵⁰² “Livro Quarto...” p.97, mil.42: “...todos os monges congregados se reuniram ao pé do túmulo do santíssimo Rosendo, a rogar-lhe que os defendesse, a eles e aos seus bens, conforme prometera”.

⁵⁰³ “Livro Primeiro...” p.55, mil.8.

⁵⁰⁴ “Livro Primeiro...” p.57, mil.10.

conseguindo evitar a punição e morrendo na mesma semana em que teria cometido o delito⁵⁰⁵.

Igualmente desconhecido foi o local do milagre de que foi alvo o hagiógrafo na sua juventude. Sabe-se que a evocação do santo teve lugar junto do sepulcro, por via do mestre, que pediu a ajuda de S. Rosendo para controlar o comportamento do jovem⁵⁰⁶. Poderia ainda ser tido em consideração uma possível escola monástica no mosteiro, o que explicaria a ida do mestre ao sepulcro, contudo não foi possível apurar tal dado. Outro milagre cuja evocação aconteceu junto do sepulcro foi o do monge que seria abade do mosteiro de S. Cláudio de Leão. O monge, cujas vestes teriam sido furtadas, pediu ao santo para que fossem encontradas, assim como o seu cavalo desaparecido depois de ser levado por um monge desconhecido. Os bens furtados foram resgatados por um monge de Celanova, que encontrou o ladrão já longe do mosteiro e o cavalo regressou passados três dias⁵⁰⁷.

O milagre do bispo de Lugo, João, que caiu da mula e se magoou no braço não foi claro quanto ao percurso, não havendo dados acerca da localização do incidente⁵⁰⁸.

Pelágio, um arqui-diácono, dirigiu-se duas vezes a Celanova e, procurando a cura de uma deformidade no nariz identificada como “spunlia”, encostou o local afectado ao sepulcro do santo. Apesar das idas ao sepulcro, milagre veio a ter lugar durante o ofício da missa, desaparecendo a deformidade quando derramou água pela face.

Três milagres decorreram em diferentes instituições monásticas. O primeiro desenrolou-se no mosteiro de Fonte Arcada, na fonte identificado como “junto de Portucale”. Deverá tratar-se da igreja de S. Salvador na freguesia de Fontarcada na Póvoa de Lanhoso, Braga. O miraculado era monge nessa instituição e foi curado da febre que teve durante um ano⁵⁰⁹. No segundo caso o miraculado encontrava-se preso “nas partes de Toronho”, correspondente ao actual território de Tui, e levado para o mosteiro de Tominho, Pontevedra, onde miraculosamente foi libertado. A evocação do santo foi feita pelas freiras do mosteiro de Tominho que tinham um altar dedicado a S.

⁵⁰⁵ “Livro Segundo...” p.61, mil.11.

⁵⁰⁶ “Livro Segundo...” p.63, mil.15.

⁵⁰⁷ “Livro Segundo...” p.65, mil.17.

⁵⁰⁸ “Livro Terceiro...” p.75, mil.22.

⁵⁰⁹ “Livro Terceiro...” p.77, mil.25.

Rosendo onde estariam algumas das suas relíquias que, como vimos anteriormente, haviam sido trasladadas de Celanova⁵¹⁰. Por fim, os homens ressuscitados ainda em vida do abade de Celanova receberam o milagre junto do altar da igreja do mosteiro de S. João de Vieira, actual freguesia de Mosteiro em Vieira do Minho, Braga⁵¹¹.

O milagre em que Afonso Henriques e a sua comitiva foram punidos desenrolou-se em diferentes espaços, no entanto todos teriam uma ligação ao mosteiro. Em primeiro lugar foi especificada a chegada do rei a Sandim, uma “cidadela” pertencente ao mosteiro e que ficaria próxima do rio Arnóia⁵¹². Este nome, Sandim já foi enunciado anteriormente, onde se fez alusão a um monte com o mesmo nome em Celanova. Foram referidas outras cidadelas da autoridade do mosteiro, a saber Santa Cruz e Castro Laboreiro⁵¹³. Foram também indicadas fortificações, mais concretamente em Birreto⁵¹⁴ e Cedofeita⁵¹⁵.

Por fim, o último milagre deu-se nas “bandas do mar”, única descrição específica do espaço. Trata-se do milagre de que foi alvo um dos monges de Celanova, Munho, que ficara encarregue de trazer peixe para a instituição. No entanto, o espaço onde se situa o mosteiro está afastado do mar, levando a questionar se esse mar do relato não poderia ser um outro espaço, como rio ou lago, existentes nas proximidades da instituição, hipótese que tem ainda em consideração a referência a margens. No entanto, as menções que fomos encontrando a rios foram sempre devidamente especificadas e, neste caso, em que foi referido o mar, não haveria probabilidade de troca dos termos.

⁵¹⁰ “Livro Quarto...” p.93, mil.39.

⁵¹¹ *Vida de S. Rosendo...* pp.25-27, mil.43.

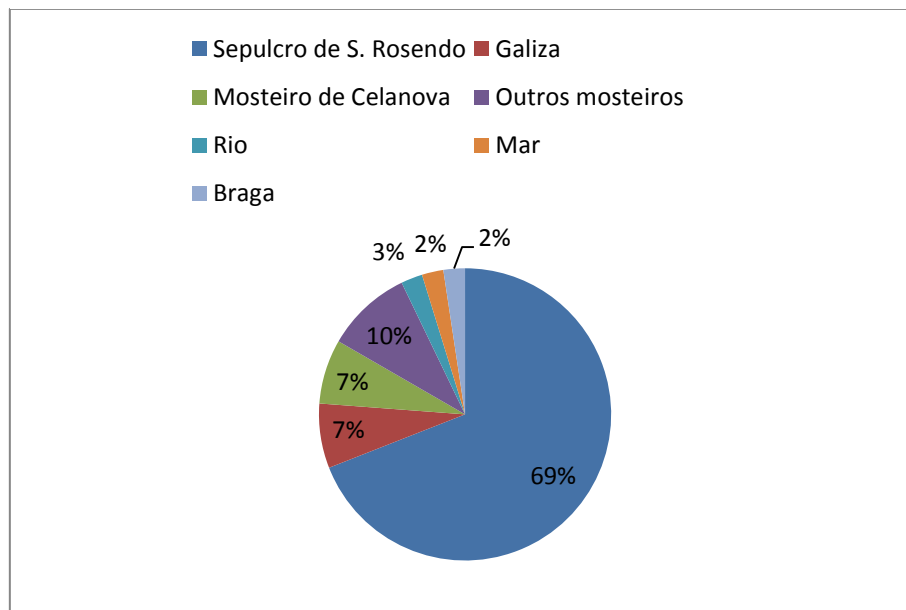
⁵¹² DÍAZ Y DÍAZ, Manuel [et. al.] – *Ordoño: Vida de San Rosendo...* p.185: O rio Arnóia era um afluente do Rio Minho

⁵¹³ DÍAZ Y DÍAZ, Manuel [et. al.] – *Ordoño: Vida de San Rosendo...* p.187: Segundo Manuel Díaz y Díaz, a localização de Santa Cruz assim como de Castro Laboreiro é dificultosa, no entanto o autor fornece algumas possibilidades para identificar estes locais.

⁵¹⁴ DÍAZ Y DÍAZ, Manuel [et. al.] – *Ordoño: Vida de San Rosendo...* p.187; PEREIRA, Maria Helena da Rocha... in *Vida e Milagres de São Rosendo*, trans. Maria Helena da Rocha Pereira, p.69. Segundo Maria Helena da Rocha Pereira em nota crítica nesta tradução, Alexandre Herculano teria indicado que o castelo de Birreto poderia ser o mesmo de Cedofeita que é mencionado mais adiante. No entanto, esta localização foi contestada por Manuel Díaz y Díaz, que a identifica com Santa Eulália de Barredo em Orense.

⁵¹⁵ DÍAZ Y DÍAZ, Manuel [et. al.] – *Ordoño: Vida de San Rosendo...* p.191: Possivelmente o castelo na província de Pontevedra.

Gráfico 2- *Geografia dos milagres de S. Rosendo*



Passemos agora à análise dos milagres de S. Geraldo, cujos espaços também se apresentaram diversificados. Não apenas na sua vida mas, como também milagres após a sua morte, que nem sempre tiveram lugar junto do seu túmulo.

Quatro milagres localizaram-se em rios ou margens⁵¹⁶. No primeiro destes os miraculados foram as crianças prestes a naufragar no rio Cávado⁵¹⁷. Também no rio Cávado foi miraculado Pelágio, que não encontrou embarcação para fazer a travessia do rio e chegar à Sé Metropolitana⁵¹⁸. Os dois relatos restantes tiveram lugar no rio Tâmega e incidiram sobre transporte do corpo de S. Geraldo aquando da sua morte⁵¹⁹ e o iminente naufrágio de dois rapazes que seguiam numa embarcação no mesmo momento em que se transportava o corpo do santo⁵²⁰.

⁵¹⁶ *Vida de S. Geraldo...* pp.20-21, mil.3; pp. 33-34, mil.9; pp.34-35, mil.10; pp.41-42, mil.22.

⁵¹⁷ *Vida de S. Geraldo...* pp.20-21, mil.3: “...ao chegar junto do rio a que se chama Cávado...”.

⁵¹⁸ *Vida de S. Geraldo...* pp.40-41, mil.22: “Um monge chamado Pelágio fora companheiro zeloso do bem aventurado Geraldo, em vida deste, regressando um dia da sua acção pastoral chegou, ao rio Cávado, mas não pôde, realmente atravessar...”.

⁵¹⁹ *Vida de S. Geraldo...* pp.33-34, mil.9: “...veio com o corpo santíssimo até um rio que chama Tâmega...”.

⁵²⁰ *Vida de S. Geraldo...* pp.34-35, mil.10: “...dois rapazinhos; as, encrespando-se o dorso do mesmo rio que na sua braveza, os arrastou para longe do local...”.

Um milagre ocorreu no mar. O local não foi especificado, no entanto tratava-se do percurso de regresso de Jerusalém, viagem empreendida pelo clérigo de Braga Honorico⁵²¹, em perigo de naufrágio o clérigo orou e pediu o auxílio de S. Geraldo.

Vejam os milagres dos poderosos locais, cujas ocorrências se diversificaram significativamente. Em primeiro lugar, Egas Pais miraculado publicamente na Igreja de Guimarães, pormenor importante no reforço da imagem do santo que castigou um magnata em frente aos restantes presentes e aos condes portugalenses⁵²². No caso dos miraculados Paio Peres e Afonso Peres foram punidos com a morte. Ambos demandaram por “terra de mouros”. Paio Peres morreu no exílio “como desterrado e quase prisioneiro”, já Afonso Peres morreu em batalha contra cristãos⁵²³. No milagre de Soeiro Mendes, também punitivo pela nomeação de um clérigo para uma igreja do seu senhorio⁵²⁴, assim como pelas acções para com S. Geraldo, acabou por morrer em terra desconhecida “como um vilanaz”⁵²⁵. Sobrepondo-se novamente o poder espiritual, cada vez mais autónomo, numa luta contra “o exercício arbitrário dos tradicionais poderes patronais nestas matérias”⁵²⁶.

Alguns milagres ocorreram em Braga ou nas freguesias de Braga. O milagre de que foi alvo Mido, arcediogo de Braga que recebera de um leigo a entrada de uma igreja e, por esse motivo, travou um conflito com um monge. Foi miraculado num local não especificado, “perto da vizinhança do tal monge”⁵²⁷. No caso de Tota, nobre bracarense,

⁵²¹ *Vida de S. Geraldo*...pp.40-41, mil.21: “Um clérigo de Braga, de nome Honorico, quando voltava, num navio, de Jerusalém, levantou-se no mar uma tempestade medonha”.

⁵²² *Vida de S. Geraldo*...pp.15-17, mil.1: “...na Igreja de Guimarães, com a assistência do Conde D. Henrique e da sua esposa a encantadora Rainha a Senhora D. Teresa, e com ele uma multidão de próceres, reparou que com outros estava na Igreja o referido excomungado...”.

⁵²³ *Vida de S. Geraldo*...pp.15-17, mil.2: “...chegaram a tal pobreza que Paio Pires demandou afanosamente, sozinho, a pé, com seu filho pequenino, e com seu galgo, terra de mouros. Quanto ao outro seu irmão Afonso, acabou por pedir o mesmo refúgio. E este, na verdade, desejando vingar-se nos cristãos, trouxe sobre eles um numeroso exército de sarracenos; e os sarracenos fizeram a guerra com os cristãos, guerra essa em que foi morto; a seu corpo, o devoraram abutres e corvos, no deserto. Paio, porém, converteu-se à religião dos mouros e morreu entre eles como desterrado e quase prisioneiro.”; MATTOSO, José – *A nobreza medieval portuguesa*...p.271 “...foram espoliados dos seus bens por terem incorrido na ira do conde D. Henrique e procuraram refúgio em terras de mouros. Afonso Peres teria morrido em combate com os cristãos. O irmão veio a falecer no exílio.”.

⁵²⁴ AMARAL, Luís Carlos– *Formação e Desenvolvimento*...pp.415-416.

⁵²⁵ *Vida de S. Geraldo*...pp.27-28, mil. 8: “Dito isto, o aludido prócere retirou-se, e sem chegar a meio ano, morreu não na sua terra, mas em terra estranha, como um vilanaz”.

⁵²⁶ AMARAL, Luís Carlos– *Formação e Desenvolvimento*...p.416.

⁵²⁷ *Vida de S. Geraldo*...pp.21-22, mil.4.

miraculada na noite do casamento, conseguindo assim escapar ao matrimónio, escondeu-se numa mata até ser encontrada por um clérigo que informou S. Geraldo acerca do acontecimento⁵²⁸. Associado a Tota estava Ordonho, o homem que forçou o casamento e que viria a travar conflitos com o arcebispo pela administração que exercia e extorsão de monges e igrejas. Alvo de um milagre punitivo acabou por morrer no castelo de Lanhoso⁵²⁹. Na “Vila de Coucieiro” foi miraculado o homem que tinha um apostema no olho, o homem pediu o auxílio do santo até que foi curado e, no final, visitou o sepulcro de S. Gerado com oferendas⁵³⁰. O milagre do clérigo que sofria de cefaleias teve lugar em Panóias, onde residia o homem, que passou a noite a orar ao santo até que foi curado⁵³¹. Igualmente, o evento milagroso que impediu a inundação da capela teve lugar em Braga⁵³². Por fim, o milagre do transporte do túmulo destinado a S. Geraldo que foi facilitado ao longo do percurso entre Tibães e Braga⁵³³.

Os restantes oito milagres tiveram lugar junto da sepultura do santo⁵³⁴. Encontramos diferentes termos indicativos deste lugar, como “sepultura”⁵³⁵, “sepulcro”⁵³⁶, “túmulo”⁵³⁷ assim como outras referências à presença do corpo do santo. O primeiro destes trata do clérigo Sengudo com uma fístula na perna e que foi curado junto da sepultura⁵³⁸. No segundo exemplo foi miraculado o rapaz possuído, oriundo do termo de Braga. A sua mãe ter-se-ia dirigido ao sepulcro do santo, pedindo auxílio para o filho⁵³⁹, no entanto não foi indicado onde se encontraria o rapaz, ficando a ideia de

⁵²⁸ *Vida de S. Geraldo*...pp.22-24, mil.5.

⁵²⁹ *Vida de S. Geraldo*...pp.24-25, mil.6: “Porém, o Beato Geraldo, cheio de humildade e mansidão, desejando arrastar aquele sacrílego da iniquidade, encaminhou-se para o chamado castelo de Lanhoso ... Realmente, havendo-o os seus inimigos agredido, por aquela altura, naquele lugar em que o Santo de Deus estivera para falar com ele, aonde o sacrílego se recusara descer, mataram-no de maneira vergonhosa”.

⁵³⁰ *Vida de S. Geraldo*...p.39, mil.17: “Também na vila que chamam Coucieiro...”.

⁵³¹ *Vida de S. Geraldo*...p.37, mil.14: “Residia nas Panoias um clérigo que padecia de mal ruim de cabeça a que os médicos chamam cefaleias”.

⁵³² *Vida de S. Geraldo*...pp.25-27, mil. 7.

⁵³³ *Vida de S. Geraldo*...pp.35-36, mil. 11.

⁵³⁴ *Vida de S. Geraldo*...p.36, mil.12; pp.36-37, mil.13; pp.37-38, mil.15; pp.38-39, mil.16; pp.39-40, mil.18; p.40, mil.19; p.40, mil.20; p.42, mil.23.

⁵³⁵ *Vida de S. Geraldo*...pp.36, mil.12; pp.37-38, mil.15.

⁵³⁶ *Vida de S. Geraldo*...pp.36-37, mil.13.

⁵³⁷ *Vida de S. Geraldo*... pp.38-39, mil.16; p.40, mil.20.

⁵³⁸ *Vida de S. Geraldo*... pp.36, mil.12.

⁵³⁹ *Vida de S. Geraldo*...pp.36-37, mil.13: “Aproximando-se ela do sepulcro do Santo com humilde devoção, pediu com fervor, a misericórdia do beatífico varão para o seu filho...”.

que a mãe actuou sozinha. No episódio da criança bracarense com a espinha de peixe na garganta, foi levada pela mãe à sepultura do santo onde ficou curado⁵⁴⁰. Igualmente miraculada junto do túmulo, a mulher de Braga paralisada e com lepra, levada até ao santo com o auxílio de um carro⁵⁴¹.

Também aqui inserimos a mulher com asma, proveniente de entre o Homem e Cávado. Neste relato não foi utilizado nenhum dos termos anteriormente enunciados, sendo dito que a mulher se dirigiu ao beato⁵⁴². Semelhante foi o exemplo da mulher que habitava no bispado de Braga, que perdera a mobilidade dos membros. Levada até ao túmulo, desconhecendo-se quem a levou, e fazendo-se referência ao corpo do santo⁵⁴³. Neste espaço deu-se ainda o milagre da rapariga com problemas mentais, desconhecendo-se como e por quem foi levada⁵⁴⁴.

Por fim, o último miraculado foi o rapaz de Sequeira que ficara cego, surdo e paralisado. Uma vez que o relato abordou o pai do miraculado, poderíamos considerar que foi ele quem o teria levado, sem que essa informação esteja explícita. No final do registo, foi referido que depois de curado voltou para casa sem auxílio de carro, não sendo indicado o recurso ao veículo na sua ida⁵⁴⁵.

Por fim, o milagre de que foi alvo o hagiógrafo. Apesar de ter pedido o auxílio do santo junto do seu túmulo, especificando que o mesmo se encontrava na capela de S. Nicolau, o milagre só ocorreu na sua casa, onde ficou curado⁵⁴⁶.

⁵⁴⁰ *Vida de S. Geraldo...*pp.37-38, mil.15: “Foi por isso que com o menino nos braços, correu aflita e chorosa à sepultura de S. Geraldo...”.

⁵⁴¹ *Vida de S. Geraldo...*pp.38-39, mil.16: “Levada, porém, num carrinho ao túmulo do Beato Geraldo, aí fez, durante muito tempo, vigílias e inúmeras preces”.

⁵⁴² *Vida de S. Geraldo...*pp.39-40, mil.18: “...foi-se ao beato confessor, esperando de dia e de noite que lhe apareceria o alívio...”.

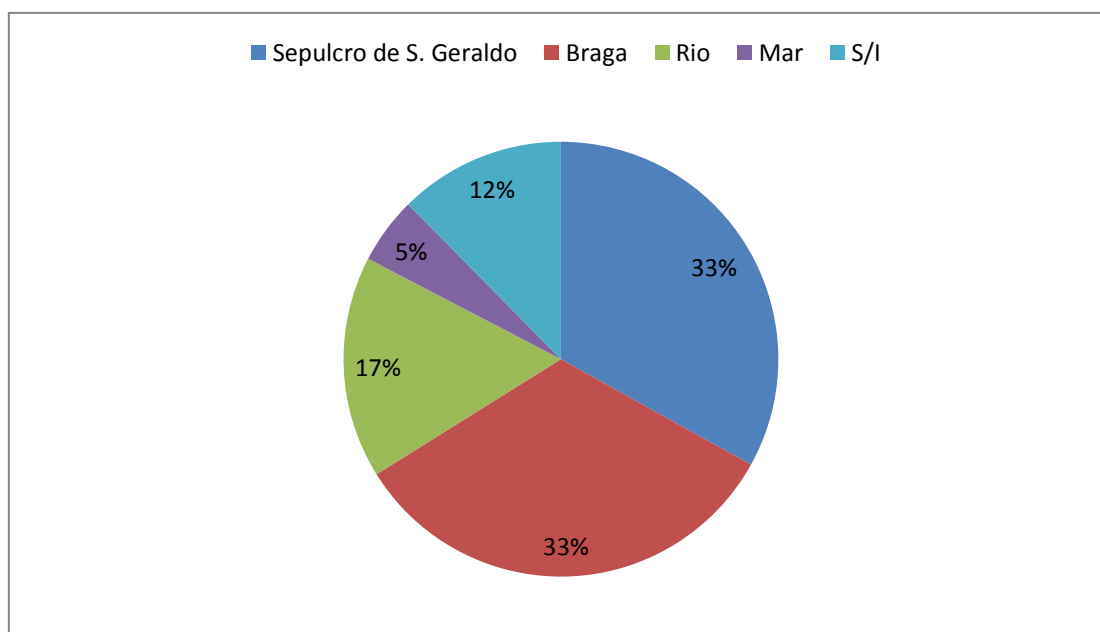
⁵⁴³ *Vida de S. Geraldo...*p.40, mil.19: “Mas, na verdade, uma vez posta na presença do corpo do Santo, derramou copiosas lágrimas e pediu com fé que S. Geraldo se compadecesse dela”.

⁵⁴⁴ *Vida de S. Geraldo...*p.40, mil.20 “Lembre-se ainda que se levou ao túmulo do mesmo confessor uma rapariguinha tolinha...”.

⁵⁴⁵ *Vida de S. Geraldo...*p.42, mil.23: “Depuseram-no confiante aos pés do Beato Geraldo”.

⁵⁴⁶ *Vida de S. Geraldo...*pp.43-45, mil.24: “Repeti esta oração muitas vezes e passei toda a noite e vigília, na capela de S. Nicolau, em frente do seu sepulcro. E, manhã a romper, encaminhei-me para casa, voltei para a minha cama, acompanhado da virtude do bem-aventurado confessor. De facto, uma tossezinha tomou-me de repente e inesperadamente o tumor da garganta rebentou e, assim, me livre do perigo iminente da morte, por mercê de Deus onipotente e de S. Geraldo”.

Gráfico 3 - *Geografia dos milagres de S. Geraldo*



Os milagres de S. Teotónio decorreram na sua maioria dentro do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra⁵⁴⁷ e, mesmo nos casos que não decorreram nesse espaço, os monges e o prior teriam orado em prol do milagre⁵⁴⁸. Apenas dois ocorreram em espaços afastados da instituição mas contaram em ambos os casos com a presença do prior⁵⁴⁹.

Entre os milagres que aconteceram dentro do mosteiro conimbricense, encontra-se o do monge francês, Samuel, que se encontrava no mosteiro por doença. Entretanto, começou a ver “espíritos tétricos”, expulsos pela acção do prior⁵⁵⁰. De maneira semelhante, o leigo que teria professado no mosteiro era visitado por um espírito que lhe atirava flechas, sendo libertado pelo prior após confessar o pecado de adultério que S. Teotónio identificou como sendo a causa das visões⁵⁵¹.

Também um monge que estaria em início de vida religiosa era atormentado pelo demónio, libertado também ele pelo prior⁵⁵², tal como nos exemplos anteriormente apresentados. Do mesmo modo foi miraculado o criado que, no momento de morte de S.

⁵⁴⁷ *Vida de D. Teotónio*...pp.179-181, mil.3; p.181, mil.4; p.181,mil.5; p.201, mil.8; p.201, mil.9.

⁵⁴⁸ *Vida de D. Teotónio*...pp.183-185, mil.6; p.189, mil.7.

⁵⁴⁹ *Vida de D. Teotónio*...pp.155-157, mil.1; p.179, mil.2.

⁵⁵⁰ *Vida de D. Teotónio*...pp. 179-181, mil.3.

⁵⁵¹ *Vida de D. Teotónio*...p.181, mil.4.

⁵⁵² *Vida de D. Teotónio*...p.181, mil.5.

Teotónio, ficou possuído pelo demónio que havia tentado possuir a alma o prior. A possessão prosseguiu por meia hora, representando para os que assistiam um sinal de que a alma de S. Teotónio teria chegado ao céu⁵⁵³. Por fim, o último milagre na véspera da sua morte, quando um globo de estrelas desceu do céu para o meio do claustro do mosteiro⁵⁵⁴.

Dois milagres ocorreram fora de Santa Cruz de Coimbra, mas tiveram uma peça fundamental para a sua concretização dentro da instituição: as orações de S. Teotónio e dos monges. Em primeiro lugar foi o caso da libertação presbítero Honório cativo em Elvas, encarregue de ir a Lisboa com seiscentos soldos destinados à construção da igreja de S. Vicente. S. Teotónio pediu aos monges que orassem por Honório, libertado passados 15 dias⁵⁵⁵. Em segundo lugar, o milagre da conquista de Santarém, em que a pedido do rei S. Teotónio orou, incentivando os monges ao mesmo, sendo a cidade tomada na mesma noite em que rezaram⁵⁵⁶.

⁵⁵³ *Vida de D. Teotónio*...p.201, mil.8: "...fremindo e enraivado, aquele perturbado atirou-se de rompante sobre um dos criados do mosteiro e atormentou-o sem piedade por quase meia hora. Depois, retirou-se confundido, deixando a todos a impressão de que a alma bem-aventurada do meu senhor subiu livremente para céus".

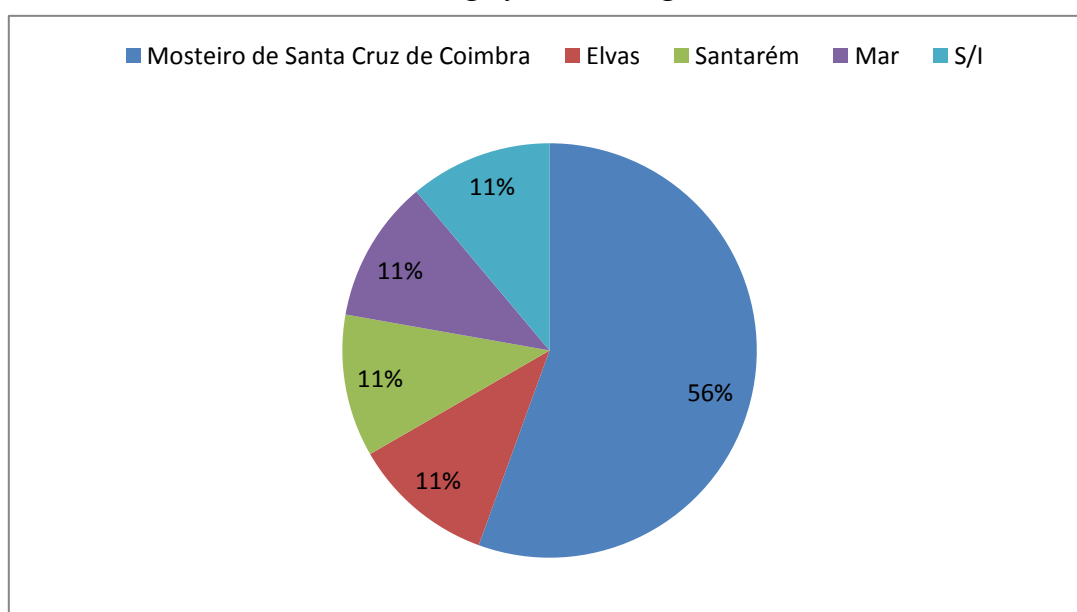
⁵⁵⁴ *Vida de D. Teotónio*... p.201, mil.9.

⁵⁵⁵ *Vida de D. Teotónio*...pp.183-185, mil. 6: "O santo, porém, que havia sido invadido por uma tristeza em sumo grau, pela qual se manifestava uma dor de coração, diligentemente dirige-se a todos os irmãos para que se mantenham solícitos da situação do seu confrade e sofram com ele, de harmonia com o Apóstolo que diz "quando sofre um dos membros devem sofrer como ele todos os outros" e que com fé nas suas orações pedissem por ele àquele que disse aos seus discípulos: "tudo o que pedirdes na oração acreditai que o receberei"; que estivessem cientes de que o Senhor ouviria as suas preces se persistissem em manter-se em oração diante de Deus, que se lembrassem também dos Apóstolos de Cristo que, permanecendo reunidos em oração, mereceram arrebatá-lo o príncipe dos Apóstolos às cadeiras de Herodes e a toda a expectativa do povo dos judeus".

⁵⁵⁶ *Vida de D. Teotónio*...p.189, mil. 7: "No dia marcado, pois, o prior expôs o assunto a todos os irmãos em capítulo. Com modos de súplica, dispôs que, de pés descalços, se fizessem ladainhas públicas e também orações privadas... Foi, efectivamente, na maior noite subsequente do referido dia em que isto se passou no mosteiro, que, à meia-noite, o rei a tomou milagrosamente".

Finalmente, os restantes dois milagres afastados do mosteiro e que contaram com a presença de S. Teotónio. Em primeiro lugar o salvamento da embarcação em que S. Teotónio seguia na sua segunda viagem a Jerusalém⁵⁵⁷. A tempestade teve início no “promontório de Málea” ou Maleia, região susceptível a esses fenómenos naturais⁵⁵⁸. O segundo foi o parto da rainha D. Mafalda, facilitado após a bênção de S. Teotónio, não sendo apontado o local onde teve lugar⁵⁵⁹.

Gráfico 4 - *Geografia dos milagres de S. Teotónio*



2.5. Conhecimento e divulgação dos cultos

Revelou-se fundamental para o nosso estudo conhecer a maneira como os fiéis chegavam até ao santo. As proezas do santo alcançavam o seu público de maneiras

⁵⁵⁷ *Vida de D. Teotónio...* pp.155-157, mil.1.

⁵⁵⁸ GROTE, George – *A History of Greece*. Vol.II. Londres: [S.N.]. 1846, p.294. Na sua história da Grécia, George Grote descreveu o cabo em questão, onde fica comprovado que desde cedo se verificavam os perigos da navegação: “It was accounted a prodigious advantage to escape the necessity of sailing around Cape Malea; and the violent winds and currents which modern experience attest to prevail around that formidable promontory, are quite sufficient to justify the apprehensions of the ancient Greek merchant, with his imperfect apparatus for navigation”.

⁵⁵⁹ *Vida de D. Teotónio...* p.179, mil. 2.

diferenciadas. Nas nossas fontes sobressaíram duas formas principais: por um lado miraculados que foram informados por terceiros acerca do culto quando o desconheciam ou, por outro lado, um conhecimento já disseminado das proezas do santo, contribuindo para a formação dos respectivos cultos. Em ambas as formas evidenciámos que a reputação do santo já estava em construção ou até algo consolidada graças a essa propagação.

Para garantir a sua duração, os cultos tiveram uma necessidade gradual de obter uma concordância clerical, assim como a aprovação da autoridade eclesiástica⁵⁶⁰. Porém, uma grande parte das devoções manteve, durante muito tempo, uma santidade a nível local, que consistiu num encontro mais ou menos harmonioso entre as concepções religiosas dos fiéis e as exigências dos clérigos. Dependendo dessas práticas locais, as formas de santidade, tal como a manutenção dos cultos, divergiam significativamente consoante os espaços e os tempos⁵⁶¹.

Importa distinguir os milagres ocorridos em prol de integrantes das instituições a que pertenciam os santos dos da restante comunidade, uma vez que a fama dentro da instituição seria compreensível e não exemplifica a realidade destas práticas na sociedade. Ainda em alguns casos, não era o reconhecimento difundido na comunidade nem as indicações de terceiros que davam a conhecer ao futuro miraculado as capacidades do santo até então desconhecidas, mas sim as interferências divinas que os informavam acerca do santo e como lhes traria a ajuda que procuravam.

Para além deste aspecto inicial é relevante procurar informações que ajudem a perceber a construção do culto. Independentemente de como os futuros miraculados conheceram os cultos, importa saber de que forma contribuíram para a sua divulgação quando finalizado o milagre. É necessário perceber se existiam indicações, nos relatos, que permitissem verificar o papel dos miraculados na divulgação oral dos acontecimentos e, se não directamente os miraculados, outras testemunhas. A forma de divulgação dos milagres que temos em estudo são os livros de milagres e as Vidas

⁵⁶⁰ VAUCHEZ, André – *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge*...p.185: “Par définition, le culte d’un saint a besoin pour durer du concours du clergé et de dévotions bien attestées se situent-elles au niveau de la sainteté locale, qui constitue une lieu de rencontre entre les conceptions religieuses des fidèles et les exigences des clercs”.

⁵⁶¹ VAUCHEZ, André – *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge*...p.186.

destes santos, mas queremos saber de que maneira o hagiógrafo tomou conhecimento dos mesmos. Nesse sentido são relevantes factores como a sua presença na instituição ou até a assistência no momento do milagre, assim como se aquilo que escreveu resultou de relatos conhecidos dentro das instituições e que só depois foram redigidos.

Igualmente consideráveis para a redacção eram as divulgações dos miraculados ou testemunhas que poderiam ser membros da comunidade religiosa ou outros peregrinos que se encontravam no santuário⁵⁶². Este aspecto comporta uma importância generalizada ao género literário, o hagiógrafo encontrar-se-ia comprometido com a veracidade dos factos e, para tal, a divulgação dos acontecimentos em primeira mão seria sempre preferível⁵⁶³.

Os milagres podiam contribuir na disseminação dos cultos nas proximidades das instituições a que os santos estavam vinculados, ao mesmo tempo que serviam para uma difusão mais alargada através dos fiéis de proveniência longínqua. Alguns dos miraculados faziam promessas de divulgar as proezas dos santos após a concretização do milagre, contribuindo dessa forma para o alargamento da fama do santo e consequentemente a área de influência e de domínio do culto do mesmo. Noutros relatos foi feita a indicação da própria divulgação pelos miraculados ou por indivíduos que assistiram aos milagres.

Além da disseminação, é importante mencionar a existência de relações directas que se construíram entre o santo e a mesma comunidade envolvente⁵⁶⁴. Através das nossas leituras, denotámos uma ligação que privilegiava a comunidade onde se encontrassem as suas relíquias. A comunidade apresentava-se em escala, sendo que a mais próxima do santo era composta pelo grupo de clérigos ou monges que ocupavam a igreja ou mosteiro em que as suas relíquias se encontravam. Essa congregação, por seu turno, estava incumbida do cuidado do santuário e da composição dos textos hagiográficos que viriam a publicitar os poderes do santo⁵⁶⁵, o que traria maior

⁵⁶² SIGAL, Pierre-André – *L'homme et le miracle*...p.131.

⁵⁶³ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...pp.364-365.

⁵⁶⁴ Acerca da relação entre o santo, a comunidade religiosa e a população destacamos o que apresenta Patrick Geary no ponto dedicado à negociação da sua obra *Living with the dead*. GEARY, Patrick – “Negociation”. In *Living with the dead*...pp.95-125.

⁵⁶⁵ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.221.

reconhecimento ao santuário⁵⁶⁶. Da mesma forma que desempenhavam um papel fundamental na mediação entre as populações locais e o santo⁵⁶⁷. Espacialmente, a terras em volta dessas igrejas ou mosteiros eram consideradas propriedade do santo⁵⁶⁸. Assim, como já tivemos oportunidade de analisar, aquando das categorizações dos milagres e como poderemos ver neste subcapítulo, em alguns dos relatos, nomeadamente no caso de S. Rosendo, os monges exigiam do santo a protecção dos domínios do mosteiro que consideravam sua propriedade e, por isso, sua responsabilidade. O grupo mais próximo do santo não era o limite da sua influência, apesar de serem os principais beneficiários do seu prestígio. Porém, esse grupo poderia ser aumentado pela comunidade leiga vizinha, clientela potencial, desde que não representasse hostilidade à casa do santo⁵⁶⁹.

Na *Vida de S. Rosendo* sete milagres ocorreram por interferência directa dos monges do Mosteiro de Celanova, quer no conjunto mais alargado em que um grupo de monges pediu auxílio pela segurança geral, quer individualmente por necessidades do foro pessoal⁵⁷⁰. Nestes casos, por pertencerem à comunidade monacal, já conheciam as proezas de S. Rosendo não havendo informações relevantes acerca da origem dessa instrução.

Nove milagres aconteceram pela interferência divina junto do miraculado⁵⁷¹. Alguns miraculados que desconheciam a existência do santo, foram informados através de sonhos ou visões sobre as capacidades do mesmo, sendo advertidos a visitar o santo para a resolução dos seus problemas⁵⁷². Em dois dos milagres aqueles que foram

⁵⁶⁶ SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle dans la France médiévale...* pp.13-14.

⁵⁶⁷ GEARY, Patrick – *Living with the dead...* p.95.

⁵⁶⁸ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.221.

⁵⁶⁹ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.222: “The fact that saints embodied enduring property claims in this way explains why they have been called “Undying Landlords”. Esta é uma expressão que Bartlett retira de David Rollason “Saints and Relics in Anglo-Saxon England”; “Saints took Orders, cities, guild, nations and kingdoms under their wing, and were constantly celebrated by their protagonists for appealing to and unifying the high and the low, of both sexes, from far and wide, even if this was sometimes a wish rather than a fact”.

⁵⁷⁰ “Livro Primeiro...” p.49, mil. 1; p.51, mil. 2; “Livro Segundo...” p.67, mil. 11; p. 61, mil. 12; “Livro Terceiro...” pp.79-81, mil. 30; “Livro Quarto...” p.95, mil. 40; p.97, mil. 42.

⁵⁷¹ “Livro Primeiro...” p.51, mil. 3; p.55, mil. 9; “Livro Segundo...” p.63, mil. 13; p.63, mil. 15; pp.67-71, mil. 20; “Livro Terceiro...” p.77, mil. 25; “Livro Quarto...” p.87, mil. 32; p.87, mil. 33; p.91, mil. 38.

⁵⁷² SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle...* pp.138-139: A prática de vigílias de oração nocturnas, nos séculos XI e XII, teria sido uma continuação da tradição vinda da alta Idade Média. Constituindo, tal

alertados a visitar o sepulcro eram os pais dos miraculados e, assim, os responsáveis pelos mesmos⁵⁷³. No primeiro destes exemplos, tratava-se de uma mulher “torturada pelo espírito imundo” durante longo período, ao ponto de ser presa com cadeias para evitar perigos mortíferos. Os pais da mulher, agastados pela situação, “pois que a guardavam o dia inteiro e ao mesmo tempo eram macerados pelas vigílias da noite”, planearam abandoná-la. No entanto foram advertidos por uma revelação divina de que deveriam levar a filha ao sepulcro de S. Rosendo, onde velaram durante a noite, quando acabaram de rezar o espírito que possuía a filha saiu a “uivar” e a família regressou a casa com a rapariga curada⁵⁷⁴.

O segundo caso deve ser igualmente destacado, pela menção do hagiógrafo à intervenção divina junto da mãe do rapaz alvo do milagre. Trata-se da ocorrência em que um rapaz perdera a mobilidade e cuja descrição violenta da cura destacámos no subcapítulo anterior. A sua mãe recebeu a indicação da visita ao sepulcro não através de um sonho nem de visão, mas por uma ideia que lhe foi incutida divinamente. Deve-se sublinhar a referência do hagiógrafo acerca da tarefa divina de propagação do culto⁵⁷⁵. Igualmente importante foi o episódio de confronto entre o santo e Afonso Henriques, tanto pela actuação de S. Rosendo junto do rei, como as visões e sonhos que alguns intervenientes indirectos tiveram e onde foram alertados para a punição do rei, que seria levada a cabo pelo santo, parecendo que estes alertados já conheceriam S. Rosendo⁵⁷⁶. Também o milagre que mencionámos anteriormente sobre a infância do hagiógrafo aludiu à inspiração divina que moveu o mestre a orar ao santo⁵⁷⁷.

como nos séculos anteriores, condições favoráveis à multiplicação de sonhos e de visões em que apareceriam os santos.

⁵⁷³ “Livro Primeiro...” p.55, mil. 9; “Livro Terceiro...” p.91, mil. 38.

⁵⁷⁴ “Livro Primeiro...” p.55, mil. 9.

⁵⁷⁵ “Livro Terceiro...” p.91, mil. 38: “...Mas, por inspiração divina, que queria que o nome do santo confessor fosse mais largamente apregoado entre os homens, entrou no coração da mãe dela a ideia de o levar ao Mosteiro de S. Rosendo...”.

⁵⁷⁶ “Livro Segundo...” pp.67-71, mil. 20.

⁵⁷⁷ “Livro Segundo...” p.63, mil.15: “...Entretanto, como não sossegasse de modo algum, apesar de prece com cadeia, por inspiração divina, o meu mestre dirigiu-se ao sepulcro de S. Rosendo, acendeu uma vela, e, de joelhos, recitou uma oração...”.

Em oito registos, os futuros miraculados já tinham conhecimento das capacidades de S. Rosendo anteriormente ao milagre⁵⁷⁸. Nos relatos compreendemos que aquando do problema para o qual necessitavam auxílio, os miraculados recordaram-se do santo. Verificando-se assim a construção uma rede de crentes graças à fama que circulava sobre as proezas mirabolantes. Nestes casos decidimos destacar alguns relatos pela peculiaridade das suas ocorrências. Assim, apontemos o caso do homem que recorria a aros de ferro enquanto forma de punição corporal, foi dada a indicação de que já conhecia as capacidades do santo, tendo inclusivamente assistido a alguns dos seus milagres, uma vez que morava cerca do mosteiro e ainda servia os monges⁵⁷⁹. Quando necessitou de ajuda para se soltar dos aros lembrou-se imediatamente de S. Rosendo. O segundo caso foi o da mulher desse mesmo miraculado, que ficando cega recorreu igualmente ao santo⁵⁸⁰, não se fizeram alusões mais concretas a como a mulher conheceu o culto e as capacidades do santo mas, tratando-se da esposa de um miraculado – havendo a referência a que este evento ocorre depois – e, como ficámos a saber anteriormente que moravam perto da instituição, seria compreensível aceitar que a mulher tivesse conhecimento prévio do santo. Neste relato tampouco houve referência a qualquer relação servil da mulher para com o mosteiro.

No entanto, nem todos os pedidos de auxílio foram feitos dentro da instituição. Para se verificar isso, vejamos exemplos onde foi possível deduzir que os miraculados já conheciam as proezas do santo, evocando S. Rosendo a partir de lugares externos ao mosteiro. Como o caso de dois homens que queriam atravessar o rio mas a embarcação estava na margem contrária. Junto ao rio os dois homens discutiram o que haveriam de fazer, até que abordaram os milagres de S. Rosendo e, em conjunto, pediram o auxílio do santo⁵⁸¹. Também um homem preso com cadeias pediu o auxílio do santo, revelando

⁵⁷⁸ “Livro Primeiro...” p.51, mil. 4; p.53, mil.5; p.55, mil. 8; p.57, mil. 10; “Livro Segundo...” p.67, mil.19; “Livro Terceiro...” p.75, mil. 22; “Livro Quarto...” p.89, mil.35; p.89, mil.36.

⁵⁷⁹ “Livro Primeiro...” p.51, mil.4: “...E assim, tendo visto os milagres que se faziam por intermédio do santo varão – pois morava perto do mosteiro e servia os monges como podia – passou uma noite inteira diante do túmulo dele, e, ao romper da aurora, jazia semi-morto...”.

⁵⁸⁰ “Livro Primeiro...” p.53, mil.5.

⁵⁸¹ “Livro Primeiro...” p.55, mil.8: “...Depois de discutirem entre si durante muito tempo o que haviam de fazer, sucedeu que abordaram o assunto dos milagres de S. Rosendo. Depois de contarem muitos milagres que Deus operara por seu intermédio, exclamaram em uníssono: «S. Rosendo, se é verdade o

o conhecimento dos milagres a que se acrescentou a referência que fez sobre já ter o objectivo de visitar o sepulcro do santo antes de precisar do seu auxílio⁵⁸². Estas informações revelavam a existência de devoção e de peregrinações que não seriam motivadas unicamente pela necessidade de milagres. O último caso trata do bispo de Lugo que conhecia a fama do santo mas não acreditava em tais feitos, até que ao necessitar de ajuda orou em pedido de auxílio, que foi concretizado⁵⁸³.

Três milagres foram em benefício de indivíduos ligados ao mosteiro. Em dois destes relatos houve a referência à condição de servitude⁵⁸⁴ e, num à condição de escravatura⁵⁸⁵. Em ambos ficou claro que os indivíduos conheciam as habilidades mirabolantes já que pedem auxílio quase de imediato, não foi referida a origem deste conhecimento mas, tratando-se de servos e escravos da própria instituição poderíamos concluir que estivessem informados, tal como no caso do homem liberto dos aros de ferro onde se sublinhou o serviço prestado aos monges e ao conhecimento dos milagres. Comum a estes casos foi a origem do conhecimento, que derivava da proximidade com a instituição e da condição de servitude, e não tanto pela generalização da fama.

Um milagre ocorreu fora do mosteiro de Celanova, mais concretamente no mosteiro de Tominho em Pontevedra, instituição feminina que mantinha um altar dedicado a S. Rosendo⁵⁸⁶. Prova da disseminação do culto não unicamente pela via popular. Por sua vez as relíquias teriam chegado ao mosteiro de Tominho após a transladação do santo. Com a realização deste milagre, conseguimos assistir à expansão da influência de S. Rosendo, uma vez que a fragmentação, como verificamos neste caso,

que habitualmente ouvimos acerca de vós, socorrei-nos e velai, para que façamos a travessia a são e salvo»...”.

⁵⁸² “ Livro Primeiro...” p.57, mil.10 “...no silêncio da noite profunda assim falou: «S. Rosendo, confessor de Cristo, vede as torturas e padecimentos físicos que sofro injustamente. Livrai-me, santíssimo pai. Pois eu já me propunha ir à presença da vossa sepultura»...”.

⁵⁸³ “Livro Terceiro...” p.75, mil.22 “...costumava apoucar com as suas palavras o bem-aventurado varão Rosendo. Certo dia, estando, segundo o seu costume, a dizer que ele carecia do poder divino, subitamente, a mula que cavalgava espantou-se e ele caiu ao chão. O braço sobre o qual tombou saiu do seu lugar, e ficou prostrado semi-morto durante bastante tempo, quase sem sentidos. Depois, voltando a si pouco a pouco, assim se dirigia a S. Rosendo, em silenciosa oração, dizendo: «Ó bem-aventurado Rosendo, se podeis, concedei-me, rogo-vos, ficar incólume, e doravante terei em mim quem exalte a vossa santidade»...”.

⁵⁸⁴ “Livro Primeiro...” p.53, mil.7; “Livro Segundo...” p.65, mil.16.

⁵⁸⁵ “Livro Segundo...” p.63, mil.14.

⁵⁸⁶ “Livro Quarto...” p.93, mil.39.

aliada ao desenvolvimento de relíquias secundárias, provocou uma mudança significativa no domínio dos santos pela libertação dos limites impostos pelos santuários⁵⁸⁷.

Três miraculados desconheciam o santo e foram aconselhados a visitá-lo. Estes casos apresentam aspectos em comum, trata-se de mulheres que já teriam procurado ajuda junto de igrejas sem conseguirem solução para os seus problemas⁵⁸⁸. No primeiro, a miraculada visitou igrejas vizinhas até que foi levada ao sepulcro⁵⁸⁹. No segundo, foi aconselhada a mãe de uma criança possuída pelo demónio, que apesar de ser levada à igreja não se conseguiu libertar. Nesse sentido a mãe foi então advertida por alguns monges da instituição a visitar o sepulcro⁵⁹⁰. Por último foi o sacristão do mosteiro de Celanova que, oriundo da mesma terra que a miraculada, aconselhou a mulher a ir até ao sepulcro com “devoção e oferendas”, após esta ter peregrinado por vários lugares santificados e templos⁵⁹¹.

Oito milagres demonstram que o miraculado se dirigiu ao sepulcro de S. Rosendo mas não explicitam como teriam conhecido o culto. Sabemos apenas que tratando-se ou não da primeira escolha os indivíduos acabam por se dirigir ao sepulcro do respectivo santo⁵⁹².

O milagre realizado ainda em vida do abade de Celanova ocorreu a pedido daqueles que estavam presentes e assistiram à possessão e morte dos dois homens⁵⁹³. Consideramos então exemplo de confiança na santidade de Rosendo, quando ainda não estava definida uma “tradição” de milagres que se destacou postumamente.

Em alguns dos casos foi mencionada a proveniência dos miraculados, sendo possível encontrar indivíduos oriundos de zonas próximas ao mosteiro ou da província onde se situa o mesmo. Admitimos assim que alguns destes poderiam conhecer a fama do santo, dada a proximidade ao local. No entanto, contrariamente a relatos onde fora

⁵⁸⁷ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.263.

⁵⁸⁸ “Livro Primeiro...” p.53, mil.6; “Livro Segundo...” p 65, mil.18, “Livro Quarto...” p.95, mil.41.

⁵⁸⁹ “Livro Primeiro...” p.53, mil.6.

⁵⁹⁰ “Livro Segundo...” p.65, mil.18.

⁵⁹¹ “Livro Quarto...” p. 95, mil.41.

⁵⁹² “Livro Terceiro...” p.77, mil.24; p.77, mil.26; p.79, mil.27; p. 79, mil.28; p.79, mil.29; “Livro Quarto...” p.85, mil.31; p. 87, mil.34; p. 89, mil. 36.

⁵⁹³ *Vida de S. Rosendo*...pp.25-27, mil.43.

admitido o conhecimento prévio do santo, nestes milagres não foram feitas tais alusões. Um dos casos teve como miraculado um clérigo e, por essa razão poderíamos considerar que o mesmo conhecia o santo, uma vez que pareceu ir ao sepulcro de S. Rosendo assim que necessitou de auxílio sem que, no entanto, fosse mencionado o conhecimento prévio ou o aconselhamento. Torna-se então perceptível que o homem teria conhecimento do culto apesar de tal não ser mencionado⁵⁹⁴. Outro miraculado dirigiu-se ao sepulcro e, tal como no caso anterior, não sabemos como é que conheceu o santo, no entanto este episódio destacou-se dos restantes, uma vez que mais tarde o próprio miraculado viria a ser monge no mosteiro de Celanova⁵⁹⁵.

Porém a ida ao sepulcro de S. Rosendo nem sempre fora a primeira hipótese dos miraculados, que procuraram ajuda em diferentes igrejas até que chegaram ao santo. No que toca às devoções particulares, percebemos que nem sempre conhecemos as razões que levavam os fiéis a escolher um santo em detrimento de outro. Confrontando-se com centenas de opções, a escolha de um em particular para ser venerado nem sempre seria explícita. Uma das formas de escolha envolvia uma selecção preliminar de diversos santos. Como poderemos ver nos milagres que estudámos, aquele que realizou o milagre nem sempre foi a primeira escolha dos fiéis. Verificamos então a prática dessa selecção prévia de santos a visitar, mas da qual não conseguiram resultados, até encontrar aquele capaz de realizar o milagre e, conseqüentemente, a ser venerado pelo indivíduo⁵⁹⁶. Após essa procura inicial falhada, os relatos terminam com os devotos a alcançar o santo indicado, sendo finalmente alvo de milagre⁵⁹⁷.

Tomemos o exemplo do homem que na vigília de Ramos abandonou o ofício divino e foi punido. Este dirigiu-se a várias igrejas onde recitou orações sem conseguir auxílio, apenas quando se dirigiu ao sepulcro do santo, onde permaneceu por três dias e foi curado⁵⁹⁸. Com contornos semelhantes, os pais de uma criança que perdeu a visão procuraram a cura por “capelas dos santos com luminárias” e ainda pela aplicação de medicinas, sem resultados. Apenas no sepulcro de S. Rosendo é que a criança foi

⁵⁹⁴ “Livro Terceiro...” p.77, mil.24

⁵⁹⁵ “Livro Terceiro...” p.77, mil.26.

⁵⁹⁶ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.233.

⁵⁹⁷ BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things?*...p.361.

⁵⁹⁸ “Livro Terceiro...” p.79, mil.27.

curada⁵⁹⁹. Outra mulher possuída pelo demónio acorreu a algumas igrejas com oferendas mas apenas foi libertada quando em Celanova⁶⁰⁰.

Finalmente, três casos ocorreram dentro do mosteiro de Celanova, sem que envolvessem directamente a comunidade monacal⁶⁰¹. Os miraculados já se encontravam na instituição aquando do evento para o qual precisavam de resolução, tornando-se mais fácil o contacto com o sepulcro do santo. Destacamos ainda que não foi referido o conhecimento das capacidades de S. Rosendo anteriormente ao milagre, porém, por se encontrarem no mosteiro, teriam maiores hipóteses de passarem a conhecer o santo.

Dediquemo-nos agora ao processo de divulgação dos milagres de S. Rosendo. Alguns dos relatos foram divulgados através de testemunhas, que deram a conhecer o sucedido. Nem sempre existiram informações relevantes acerca dessas testemunhas, destacando-se que algumas constituíam o grupo monacal celanovense. Determinados vocábulos ajudaram a identificá-las, ao mesmo tempo que autenticaram a veracidade dos factos a que assistiram.

Um total de 25 milagres foram dados a conhecer pelas testemunhas, convém, no entanto, distingui-las pela forma de divulgação dos acontecimentos e da sua intervenção nos mesmos⁶⁰². Nesse sentido, dezassete milagres foram contados por testemunhas directas, que afirmaram ter presenciado os respectivos eventos⁶⁰³. Entre as quais conseguimos encontrar membros integrantes do mosteiro⁶⁰⁴, sublinhando que dois deles chegaram inclusivamente a auxiliar os miraculados enquanto lá estavam⁶⁰⁵. Por outro lado, identificámos oito testemunhos indirectos, não havendo referências concretas à sua

⁵⁹⁹ “Livro Terceiro...” p.79, mil.28.

⁶⁰⁰ “Livro Terceiro...” p.79, mil.29.

⁶⁰¹ “Livro Segundo...” p.65, mil.17, “Livro Terceiro...” p.75, mil.21, pp.75-77, mil.23.

⁶⁰² “Livro Primeiro...” p.49, mil.1; p.51, mil.2; p.51, mil.4; p.53, mil.6; p.55, mil.8; p.55, mil.9; “Livro Segundo...” p.61, mil.11; p.61, mil.12; p.63, mil.13; p.63, mil.14; p.65, mil.16; p.65, mil.17; p.65, mil.18; p.67, mil.19; “Livro Terceiro...” p.75, mil.22; pp.75-77, mil.23; p.77, mil.25; p.79, mil.27; p.79, mil.28; p.79, mil.29; “Livro Quarto...” p.85, mil.31; p.87, mil.32; p.91, mil.38; p.93, mil.39; p.95, mil.40.

⁶⁰³ “Livro Primeiro...” p.51, mil.2; p.51, mil.4; p.53, mil.6; p.55, mil.8; p.55, mil.9; “Livro Segundo...” p.61, mil.11; p.63, mil.13; p.63, mil.14; p.65, mil.16; p.65, mil.17; p.65, mil.18; “Livro Terceiro...” p.79, mil.27; p.79, mil.28; p.79, mil.29; “Livro Quarto...” p.85, mil.31; p.93, mil.39; p.95, mil.40.

⁶⁰⁴ “Livro Primeiro...” p.49, mil.1; p.51, mil.2; p.51, mil.4; p.53, mil.6; p.55, mil.9; “Livro Segundo...” p.61, mil.11; p.61, mil.12; p.65, mil.17; p.65, mil.18; p.67, mil.19; “Livro Terceiro...” p.77, mil.25; p.79, mil.27; p.79, mil.29; “Livro Quarto...” p.95, mil.40.

⁶⁰⁵ “Livro Terceiro...” p.79, mil.27: “...como logo afirmou o sacristão que lhe prestou auxílio nalgumas coisas”; p.79, mil.29: “...recebeu de Deus a saúde, por intermédio de S. Rosendo, segundo afirmação feita pelo guardião da mesma Igreja, que lhe prestou serviço nalgumas coisas”.

presença no decurso do milagre. No entanto, foram elas que divulgaram os acontecimentos e foram referenciadas pelo hagiógrafo enquanto a fonte do conhecimento dos milagres⁶⁰⁶, destacamos os casos em que seria mais seguro considerar que a sua participação é indirecta⁶⁰⁷. Não podemos, no entanto, descartar a hipótese de que as restantes testemunhas indirectas tenham assistido aos eventos, apenas não foram identificadas dessa forma e, por esse motivo, não podemos depreender como conheceram os milagres.

Quanto aos termos que referimos anteriormente, entre os 26 casos que encontramos, identificámos quatro em que a testemunha foi especificamente mencionada, seguindo-se uma validação do seu relato pelo emprego da seguinte terminologia, “monge venerado”⁶⁰⁸, “leigo honrado”⁶⁰⁹, “testemunhas seguras”⁶¹⁰ e “verídica narração”⁶¹¹. Sendo que todos estes demonstraram a importância da reputação e idoneidade.

Sete milagres foram conhecidos pelo hagiógrafo por meio da divulgação directa dos miraculados⁶¹². Através dos quais foi possível a redacção e ainda a atribuição de validade às narrativas, por serem contadas por aqueles que vivenciaram o milagre. Em dez não identificamos dados concretos quanto à forma como o hagiógrafo teve conhecimento dos milagres para os redigir⁶¹³. No entanto, tendo estes milagres

⁶⁰⁶ “Livro Primeiro...” p.49, mil.1; “Livro Segundo...” p.61, mil.12; p.67, mil.19; “Livro Terceiro...” p.75, mil.22; pp.75-77, mil.23; p.77, mil.25; “Livro Quarto...” p.87, mil.32; p.91, mil.38.

⁶⁰⁷ “Livro Segundo...” p.61, mil.12: “...realizou-se um outro admirável milagre, de que me lembro de ter tido conhecimento por certo monge venerado, que se recordava de o ter ouvido de um bem-aventurado que o presenciara...”; Livro Terceiro...” p.75, mil.22: “...A verdade é que nesse mesmo dia alcança a cura, conforme me recordo de ter tido conhecimento por aqueles que até hoje o ouviram do próprio.”; pp.75-77, mil.23: “...conforme soube por aqueles que ainda o ouviram dele.”; p.77, mil.25: “...segundo soube por um honrado monge do nosso Mosteiro, que estava ali e declarava tê-lo ouvido, tanto do próprio como de todos os religiosos”.

⁶⁰⁸ “Livro Segundo...” p.61, mil.12.

⁶⁰⁹ “Livro Segundo...” p.63, mil.13; p.63, mil.14.

⁶¹⁰ “Livro Quarto...” p.91, mil.38.

⁶¹¹ “Livro Quarto...” p.93, mil.39.

⁶¹² “Livro Primeiro...” p.53, mil.5: “...depois de ter ficado a ver, graças ao bem-aventurado Rosendo, a todos revelou o milagre.”, p.57, mil.10; “Livro Segundo...” p.63, mil.15: “...Conforme depois ouvi dele amiudadas vezes...”; “Livro Terceiro...” p.75, mil.21: “... Não muito depois, voltando a dar graças àquele santo varão, a todos expôs, na minha presença, o que referi.”; p.77, mil.24: “...conforme depois lhe ouvi dizer...”; p.77, mil.26 “...segundo ouvi àquele bem-aventurado...”; pp.79-81, mil.30: “...segundo soube pelo próprio...”.

⁶¹³ “Livro Primeiro...” p.51, mil.3; p.53, mil.7; “Livro Segundo...” pp.67-71, mil.20; “Livro Quarto...” p.87, mil.33; p.87, mil.34; p.89, mil.35; p.89, mil.36; p.91, mil.37; p.95, mil.41; p.97, mil.42.

decorrido junto do sepulcro de S. Rosendo, à qual se soma a informação de que alguns receberam auxílio por parte de membros do mosteiro, seria aceitável que o hagiógrafo os redigisse por serem de conhecimento geral na instituição, visto tratar-se do lugar onde se desenrolaram. Podemos também aceitar que seriam especialmente divulgados dentro da instituição aqueles eventos miraculosos que descreviam conflitos com o mosteiro⁶¹⁴.

Separadamente dos restantes, o milagre ocorrido em vida de S. Rosendo foi divulgado pelos dois homens envolvidos. No entanto, não podemos considerar essa divulgação como sendo directa uma vez que apenas foi redigida pelo hagiógrafo mais de um século depois, entendemos então considerá-lo como um evento conhecido entre a comunidade de Celanova, por se ter realizado em vida do santo e por ter sido testemunhado pelos presentes. Para além disso era conhecido ainda exteriormente, uma vez que aconteceu numa outra instituição monacal e foi igualmente incluído na *Vida de Santa Senhorinha*⁶¹⁵.

Passemos à análise da *Vida de S. Geraldo*. O arcebispo de Braga, ao praticar milagres em vida, participou activamente no desenvolvimento de alguns deles. Vejamos portanto três milagres que ocorreram na presença do santo⁶¹⁶, o primeiro foi uma punição divina, abordada no subcapítulo anterior, que teve lugar na igreja de Guimarães perante Geraldo e os que ali estavam⁶¹⁷. O segundo contou igualmente com a intervenção de S. Geraldo, que orou em auxílio das crianças que seguiam numa embarcação em risco de naufragar⁶¹⁸. Finalmente, a inundação da igreja evitada pelo pedido do arcebispo⁶¹⁹. Poderemos considerar estes milagres como provas da ligação divina de Geraldo, não havendo informações relevantes acerca do conhecimento por parte dos miraculados mas, contribuindo para a construção da fama de santidade em torno do arcebispo bracarense, uma vez que esses eventos tiveram assistência e, consequentemente, divulgação “pública” pelos testemunhos directos.

⁶¹⁴ “Livro Segundo...” pp.67-71, mil.20; “Livro Quarto...” p.97, mil.42.

⁶¹⁵ *Vida de S. Rosendo*... pp.25-27, mil.43.

⁶¹⁶ *Vida de S. Geraldo*... pp.15-17, mil.1; pp.20-21, mil.3; pp.25-27 mil.7.

⁶¹⁷ *Vida de S. Geraldo*... pp.15-17, mil.1.

⁶¹⁸ *Vida de S. Geraldo*... pp.20-21, mil.3.

⁶¹⁹ *Vida de S. Geraldo*... pp.25-27, mil.7.

Cinco milagres aludiram especificamente ao conhecimento prévio da fama do santo, que mesmo em vida demonstrava uma rede de fiéis em desenvolvimento, fundamentalmente a nível local⁶²⁰. Vejamos como fora descrita essa “rede”, recorrendo ao exemplo que um arcediogo escapou a uma cilada por ter orado a S. Geraldo, sublinhando-se no final do relato que escapou somente pela fé depositada no arcebispo⁶²¹. Experiência semelhante sucedeu com Tota que fora raptada para casar e conseguiu fugir, escondendo-se numa mata e pedindo o auxílio de S. Geraldo⁶²². Seguindo uma mesma trajectória, um clérigo que navegava numa embarcação em risco de naufragar pediu o auxílio do santo, descrito como “seu patrono”⁶²³. Seguem-se exemplos de milagres póstumos que ocorrem imediatamente a seguir à morte de Geraldo⁶²⁴, por exemplo com o transporte do corpo e a travessia do rio Tâmega, em que Ausenda, a mulher que forneceu o grupo de homens para o transporte do santo, pediu a todos que rezassem e referiu que Geraldo era um santo de Deus. Após a oração conjunta foi possibilitada a travessia e prosseguida a viagem até Braga⁶²⁵. O último ocorreu no seguimento da travessia do rio Tâmega, avistando-se duas crianças que eram arrastadas pela corrente, os presentes pediram a ajuda de S. Geraldo e as crianças foram salvas⁶²⁶. Estes relatos demonstram uma construção de culto iniciado ainda em vida do arcebispo

⁶²⁰ *Vida de S. Geraldo...* pp.21-22, mil.4; p.22-24, mil.5; pp.33-34, mil.9; pp.34-35, mil.10; pp.40-41, mil.21.

⁶²¹ *Vida de S. Geraldo...* pp.21-22, mil.4: “...Contudo, mas o arcediogo deu fê que eles corressem à desfilada atrás de si, sem saber ao certo que devesse fazer, entregou-se ao beatífico varão e as suas orações, e começou a apertar de esporas à mula; e, por vontade de Deus, tão grande, de contínuo, foi a sua coragem na corrida, que a mula venceu, na carreira, os fogosos cavalos dos inimigos, ela que, nem antes nem ao depois, conseguira nenhures, a despeito de acicatada, atingir tal velocidade. O tal arcediogo, por ter fé no temor do venerável varão ausente, livrou-se, deste modo, da cilada”.

⁶²² *Vida de S. Geraldo...* pp.22-24, mil.5: “...Depois, pedindo afincadamente o auxílio de Cristo e do Beato Geraldo, evitou fugir pelo caminho público e, por muito tempo, andou escondida no arvoredado de determinada mata (...) Mas, porque Deus se amerceou dela e porque a fiúza no homem de Deus veio em seu socorro, não houve aí busca alguma que desse com a matrona (...) Assim, chegada que foi a matrona à presença do varão de Deus, agradeceu-lhe muitíssimo, e contou a todos como, confiando na santidade do santo varão, fugira do perigo...”.

⁶²³ *Vida de S. Geraldo...* pp.40-41, mil.21.

⁶²⁴ SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle...*, p.172: Os milagres póstumos adquiriam uma especial importância para a construção da reputação dos santos e para a organização das comunidades religiosas.

⁶²⁵ *Vida de S. Geraldo...* pp.33-34, mil.9: “ «Caríssimos irmãos, peçamos todos, numa prece única, a Nosso Senhor Jesus Cristo que, se o nosso patrono, quer dizer: o venerável Geraldo, é um dos Santos de Deus, como cremos, por este recinto da sebe nos depare hoje, e ao séquito fúnebre, sem perigo, fácil trânsito» ”.

⁶²⁶ *Vida de S. Geraldo...* pp.34-35, mil.10.

e que foi atestada logo após a sua morte, uma vez mais compreendemos que a assistência do milagre contribuiu para a disseminação da fama a um nível local.

Oito não descreveram o conhecimento do culto ou proezas por parte dos miraculados⁶²⁷. Nas descrições assistimos apenas à ida ao sepulcro daqueles que procuraram a ajuda do santo, sobressaindo a escassez de informações relativas ao que antecedeu a essa visita. Apenas em dois destes milagres encontramos tentativas de resolução dos problemas antes de recorrer ao santo⁶²⁸. Consequentemente foram inexistentes as indicações directas sobre o conhecimento das proezas de S. Geraldo, que teriam movido os miraculados a procurar o santo. Contudo, atentando nas informações geográficas fornecidas, a maioria destes miraculados seria da região bracarense e, tendo em consideração que notámos o desenvolvimento de um culto, maioritariamente local, durante a vida do arcebispo, poderíamos considerar a proveniência geográfica estes indivíduos enquanto justificação para o conhecimento das capacidades mirabolantes de S. Geraldo. Dois episódios não abordaram a questão do conhecimento das capacidades miraculosas do santo, assim como não especificaram a naturalidade dos miraculados, impedindo uma visão mais aproximada da disseminação do culto⁶²⁹. No entanto, um destes fez referência a um clérigo enquanto miraculado, aceitando-se que o seu conhecimento prévio se poderia dever ao meio eclesiástico⁶³⁰.

Dois milagres especificaram uma ligação estreita entre o santo e o miraculado, em ambos os casos teria existido um vínculo entre ambos, demonstrando que o conhecimento das proezas atribuídas a S. Geraldo advinha dessa ligação durante a vida do santo⁶³¹. No primeiro caso foi apresentado um monge que havia sido companheiro de Geraldo e que, chegado ao rio Cávado se viu impedido de atravessar, uma vez que o barco estava a margem contrária. Pedindo em oração a assistência do santo, o barco veio em sua direcção. Importa destacar que neste relato S. Geraldo foi descrito como “seu senhor”⁶³². O segundo diz respeito ao hagiógrafo, cuja ligação ultrapassava a tarefa da

⁶²⁷ *Vida de S. Geraldo...* pp.36-37, mil.13; p.37, mil.14; pp.37-38, mil.15; pp.38-39, mil.16; p.39, mil.17; pp.39-40, mil.18; p.40, mil.19, p.42, mil.23.

⁶²⁸ *Vida de S. Geraldo...* p.37, mil.14; pp.37-38, mil.15.

⁶²⁹ *Vida de S. Geraldo...* p.36, mil.12; p.40, mil.20.

⁶³⁰ *Vida de S. Geraldo...* p.36, mil.12.

⁶³¹ *Vida de S. Geraldo...* pp.41-42, mil.22; pp.43-45, mil.24.

⁶³² *Vida de S. Geraldo...* pp.41-42, mil.22.

redacção da Vida, afirmando o próprio que fora Geraldo quem o trouxera para Braga⁶³³. No decurso do relato, o hagiógrafo que não conseguia a cura através de medicação recordou-se dos enfermos curados pelo santo e, também ele, recorreu a S. Geraldo⁶³⁴.

Três milagres não resultaram de pedidos do miraculado, distinguindo-se pelo carácter punitivo resultado do confronto com o santo, como já analisamos no subcapítulo dedicado à tipificação dos milagres. Por não decorrerem pela evocação do santo mas como castigo divino, não podemos explorar a vertente do conhecimento por parte dos miraculados. Serviu, contudo, como prova da santidade de Geraldo que ainda em vida foi defendido por Deus perante o confronto com estes miraculados⁶³⁵.

Finalmente, um milagre que tampouco demonstrou o conhecimento do culto pelos miraculados, visto que não existiu propriamente um agente alvo do milagre e tampouco um pedido para a ocorrência do mesmo. Trata-se da deslocação do túmulo para S. Geraldo que, como visto anteriormente, foi facilitado pela santidade do mesmo, servindo pela demonstração da ligação divina⁶³⁶.

Vejamos então de que forma se fez a divulgação dos milagres de S. Geraldo. Alguns miraculados foram os responsáveis pela disseminação dos eventos, no entanto ao contrário do que acontecia com S. Rosendo, não existiram menções à divulgação feitas directamente ao hagiógrafo. Pareceu haver uma forma de difusão “generalizada” ou popular, em que o miraculado contou o milagre como forma de agradecimento pela sua concretização, louvando o santo ao mesmo tempo que contribuía para o alargamento do culto. Sete milagres ficaram conhecidos através dos miraculados⁶³⁷, sendo que um deles foi experienciado pelo próprio hagiógrafo, que contou como o recebeu do santo⁶³⁸.

⁶³³ *Vida de S. Geraldo*... pp.43-45, mil.24: “Eu, Bernardo gaulês de nação, trazido para Braga pelo Beato Geraldo, e também por ele alçapremado, na Igreja bracarense, à máxima dignidade do arcediagado, quero dar testemunho do que a mim particularmente aconteceu, e de maneira extraordinária...”

⁶³⁴ *Vida de S. Geraldo*... pp.43-45, mil.24: “...Por último, lembrando-me do patrocínio que S. Geraldo costumava dispensar a aflitos e enfermos, ainda que minguado de forças, fui-me ao seu túmulo e aí me quedei tempo sem fim a chorar...”

⁶³⁵ *Vida de S. Geraldo*... pp.17-20, mil.2; pp.24-25, mil.6, pp.27-28, mil.8.

⁶³⁶ *Vida de S. Geraldo*... pp.35-36, mil.11.

⁶³⁷ *Vida de S. Geraldo*... pp.22-24, mil.5: “...e contou a todos como, confiando na santidade do santo varão, fugira do perigo...”; p.37, mil.14: “...Depois o clérigo, glorificando por toda a parte, a Deus e ao Beato Geraldo...”; pp.37-38, mil.15: “...por toda a banda, celebrou os milagres de S. Geraldo.”; p.39, mil.17: “...trouxe ao seu túmulo o que a maré copiosamente lhe proporcionou. Dando imensas graças, glorificou propenso a Nosso Senhor Jesus Cristo e a S. Geraldo...”; pp.39-40, mil.18: “...seu homem e seus filhos reverenciaram a S. Geraldo, – foi o que, por seu turno, prometeu.”; pp.41-42, mil.22

Existem sete milagres cujas exposições deixaram perceber a existência de testemunhas, uma vez que sucederam em locais públicos⁶³⁹. Distingue-se do que verificamos na *Vida S. Rosendo*, em que as testemunhas eram na sua generalidade clérigos que prestaram auxílio ao miraculado ou outros que teriam assistido aos acontecimentos, sem que tivessem ocorrido em lugares públicos, ou seja junto do sepulcro. Três desses milagres descreveram o transporte do corpo e túmulo de S. Geraldo, desenrolando-se na presença daqueles que o levavam assim como daqueles que assistiram⁶⁴⁰.

Outros três milagres vieram revelar a presença de testemunhas assim como de S. Geraldo, apesar de não ser indicada a divulgação do milagre por parte destas. No entanto poderíamos assumir que seriam do conhecimento geral, visto que um deles ocorreu na igreja de Guimarães onde se encontravam presentes poderosos portucalenses⁶⁴¹. O segundo decorreu com testemunhas da instituição bracarense⁶⁴² e, por fim, o último resultou da oração colectiva onde se incluía um monge, que teria sido companheiro de Geraldo entre outros passageiros⁶⁴³.

Em sete casos não conseguimos saber como é que os milagres se tornaram conhecidos do hagiógrafo ou da população⁶⁴⁴. Os acontecimentos foram descritos mas não existiu referência à divulgação. Porém incluímos nesta contagem os milagres punitivos que ocorreram por vingança divina, visto que o santo contactara com os miraculados num momento que antecedeu ao milagre. Encontros dos quais resultaram conflitos e que terminaram com os respectivos castigos. As punições foram as mortes de Afonso Peres e Paio Peres, Ordonho e Soeiro Mendes, como no subcapítulo anterior

“...atravessou o rio o monge Pelágio, devido a tão estranho milagre, e contou aos seus colegas de Braga o que é que lhe sucedera.”; pp.43-45, mil.24: “...quero dar testemunho do que a mim particularmente aconteceu...”.

⁶³⁸ *Vida de S. Geraldo*... pp.43-45, mil.24.

⁶³⁹ *Vida de S. Geraldo*... pp.15-17, mil.1; pp.20-21, mil.3; pp.25-27, mil.7; pp.33-34, mil.9; pp.34-35, mil.10; pp.35-36, mil.11; pp.40-41, mil.21.

⁶⁴⁰ *Vida de S. Geraldo*... pp.33-34, mil.9; pp.34-35, mil.10; pp.35-36, mil.11.

⁶⁴¹ *Vida de S. Geraldo*... pp.15-17, mil.1.

⁶⁴² *Vida de S. Geraldo*... pp.25-27, mil.7.

⁶⁴³ *Vida de S. Geraldo*... pp.40-41, mil.21.

⁶⁴⁴ *Vida de S. Geraldo*... pp.17-20, mil.2; pp.21-22, mil.4; pp.24-25, mil.6; pp.27-28, mil.8; pp.36-37, mil.13; pp.38-39, mil.16; p.42, mil.23.

tivemos oportunidade de descrever. Assim sendo, nem o santo esteve presente no momento da resolução do milagre, nem testemunhas que o descrevessem⁶⁴⁵.

Finalmente, face aos restantes três milagres, tampouco se conheceu como foram divulgados. Contudo, distinguiram-se por parecerem ser do conhecimento geral⁶⁴⁶. Diferiram dos que foram divulgados directamente e dos que foram testemunhados por não existirem referências concretas que mostrassem essa disseminação, apenas podemos concluir que seriam do conhecimento geral pelos termos empregues como: “sabe-se que...”, “se diz que...”, “lembre-se ainda que...”. Outros milagres empregavam termos semelhantes revelando que seriam igualmente do conhecimento geral, no entanto esses relatos não foram aqui considerados visto que também indicaram os narradores dos mesmos.

Passemos à análise do caso de S. Teotónio. Há que ter em atenção que os milagres do prior de Santa Cruz Coimbra decorreram em vida à excepção de um e, pelo monasticismo do próprio, seria espectável que grande parte dos milagres estivesse destinada aos integrantes da instituição⁶⁴⁷. Assim, esta “limitação” não permitiu observância de culto em torno de S. Teotónio, cuja existência já poderia estar condicionada dado o tempo que mediou a sua morte e a escrita da hagiografia, como indicou Aires Augusto Nascimento. Contrariamente aos casos anteriores, não constatámos fiéis que tivessem recorrido ao santo graças ao conhecimento da sua fama local ou por indicações de quem tinha esse conhecimento. Tornou-se, portanto, aceitável, pelas descrições hagiográficas, que as capacidades do prior fossem já conhecidas, mas circunscritas ao mosteiro conimbricense.

No entanto, nem todos os relatos foram sobre os monges de Santa Cruz de Coimbra. Um deles correspondeu a uma experiência do próprio S. Teotónio ao longo da sua segunda viagem a Jerusalém, decorrendo graças à oração a Deus para que a embarcação em que seguia, assim como outros viajantes, se salvassem. Servia como

⁶⁴⁵ *Vida de S. Geraldo...* pp.17-20, mil.2: “...Indubitavelmente, julgamos que deste modo se vingou Deus para respeito do santo varão.”; pp.24-25, mil.6: “...Sem embargo, Deus, Que a cada um paga segundo as obras, quis mostrar nele a sua vingança...”; 27-28, mil. 8: “...Dito isto, o aludido prócere retirou-se, e sem chegar a meio ano, morreu não na sua terra, mas em terra estranha, como um vilanaz”.

⁶⁴⁶ *Vida de S. Geraldo...* p.36, mil.12: “...sabe-se que...”, p.40, mil.19: “...se diz que...”, p.40, mil.20: “...lembre-se ainda que se levou...”.

⁶⁴⁷ *Vida de D. Teotónio...* pp.179-181, mil.3; p.181, mil.4; p.181, mil.5; pp.183-185, mil.6; p.201, mil.8.

prova de ligação divina, não existindo uma procura activa pelo santo. Outro milagre que resultou da corroboração dessa santidade e não de divulgações de culto tratou do anúncio da morte do prior, concretamente a aparição do globo de estrelas no claustro⁶⁴⁸.

Dois relatos tiveram origem na fama e capacidades de S. Teotónio, que foram a motivação para o pedido. No primeiro caso, o parto da rainha D. Mafalda, cuja dificuldade foi atenuada aquando da chegada do prior de Santa Cruz de Coimbra a pedido da própria⁶⁴⁹. O segundo versou a conquista da cidade de Santarém. O rei Afonso Henriques teria ido ao mosteiro pedir auxílio ao prior, na tentativa de que a sua oração auxiliasse na batalha⁶⁵⁰. Assim, externos ao mosteiro foram provas da fama do prior, que não derivou da divulgação propagada pela comunidade local mas apenas do conhecimento de figuras importantes no panorama político coevo.

Grandemente vinculados ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, os milagres de S. Teotónio teriam a sua divulgação, em grande medida, restringida ao espaço da instituição. Ao ocorrerem em vida, sob a influência e a presença de S. Teotónio, poder-se-ia considerá-lo com divulgador dos milagres. Em outros casos, seriam os integrantes da instituição que serviam de testemunhas assim como os próprios miraculados.

Nem todos os acontecimentos tiveram lugar dentro da instituição e não há certezas acerca das testemunhas que teriam presenciado os mesmos. Contudo pela importância de alguns relatos, como seria o caso do parto da rainha em que o prior fora mandado chamar, certamente haveria testemunhas do mesmo⁶⁵¹. Outro milagre que decorreu fora do mosteiro, para além de ser testemunhado pelo próprio Teotónio, contou com outros peregrinos que seguiam na embarcação destinada a Jerusalém, que poderiam igualmente servir de testemunhas⁶⁵², apesar de não existirem informações acerca da divulgação por parte das mesmas.

⁶⁴⁸ *Vida de D. Teotónio...* p.201, mil.9.

⁶⁴⁹ *Vida de D. Teotónio...* p.179, mil.2.

⁶⁵⁰ *Vida de D. Teotónio...* p.189, mil.7.

⁶⁵¹ *Vida de D. Teotónio...* p.179, mil.2.

⁶⁵² *Vida de D. Teotónio...* pp.155-157, mil.1.

O milagre do monge inglês foi narrado directamente ao hagiógrafo. Apesar de outros terem assistido os acontecimentos, foi o próprio que deu testemunho do evento⁶⁵³.

Três milagres não fizeram menção à exposição dos acontecimentos. Compreende-se, contudo, que os mesmos fossem conhecidos entre monges, uma vez que ocorreram dentro do mosteiro⁶⁵⁴.

Um milagre seria do conhecimento geral não apenas no mosteiro, mas da população, feita uma referência pelo hagiógrafo neste sentido, que destacou no texto que não se alargaria na descrição uma vez que todos conheciam o sucedido⁶⁵⁵.

Também a conquista de Santarém teve influência directa de S. Teotónio e dos monges que oraram em conjunto. Apesar de não existirem indicações concretas que permitam verificar essa realidade, todos aqueles que participaram na oração poderiam ser tomados como testemunhas desse feito. Tal como o rei que fizera o pedido ao prior e o viu realizado, tornando-se consequentemente de conhecimento geral⁶⁵⁶.

Finalmente um relato referiu que os membros da comunidade de Santa Cruz de Coimbra teriam seguramente testemunhado a ocorrência: o episódio do globo de estrelas que surgiu no meio do claustro e pôde ser visto por todos⁶⁵⁷.

Apesar de poucas referências directas sobre a difusão dos milagres, há que ter em consideração que o hagiógrafo, por pertencer à instituição e conviver com os seus membros, conheceria o que sucedia dentro do mosteiro. Assim como seria aceitável que os milagres em prol dos membros fossem disseminados interiormente, possibilitando a sua redacção.

⁶⁵³ *Vida de D. Teotónio*...pp.179-181, mil.3: "...segundo testemunho do monge...".

⁶⁵⁴ *Vida de D. Teotónio*...p.181, mil.4; p.181, mil.5; p.201, mil.8.

⁶⁵⁵ *Vida de D. Teotónio*...pp.183-185, mil.6: "...De que modo, porém, o Onnipotente o tenha libertado do cativeiro através de um salubérrimo estratagema de um infiel, omito dizê-lo para não alargar a dimensão do livro, e sobretudo porque está em divulgação na boca de todo o povo...".

⁶⁵⁶ *Vida de D. Teotónio*...p.189, mil. 7.

⁶⁵⁷ *Vida de D. Teotónio*...p.201, mil. 9: "...causou a admiração de todos".

Considerações finais

A primeira consideração que queríamos deixar registada é que julgamos ter conseguido apurar uma significativa concordância entre as fontes que estudámos e as que foram abordadas por outros autores. Dentro do mesmo género, ou seja, as narrativas hagiográficas, deparamo-nos com essa similaridade ao nível da escrita, com os “lugares-comuns”, ao nível da forma e das questões com maior representatividade. A redacção das Vidas segue a linha que a generalidade da produção do Ocidente europeu seguia, apesar dos diversos estilos que a escrita poderia assumir, os temas mais difundidos na nossa bibliografia foram também encontrados nas Vidas que analisámos.

Focando a nossa atenção na escrita dos milagres, duas das nossas fontes tiveram os milagres contidos dentro da *Vita*, isto é, seguem as vivências do hagiografado e regem-se cronologicamente segundo os feitos decorridos, existindo uma harmonia temporal entre o panorama social e os milagres atribuídos aos santos. Estes adequavam-se às circunstâncias, funcionavam como um instrumento para a afirmação do santo e aquilo que representavam através das suas funções religiosas. O caso de S. Rosendo, cujas proezas se distribuíram em Livros de Milagres, é aquele que mais se assemelha ao aspecto de livro de registos que por vezes encontramos na bibliografia. Assim, os milagres surgem acompanhados de título e foram descritos no Livro enquanto episódios autónomos. Porém, o equilíbrio também se verificava, uma vez que os milagres mencionam algumas datas, que se prendiam essencialmente com os tempos do mosteiro, ou seja, com os abaciados, seguindo essa ordem cronológica onde o que se passava no mosteiro era mote para a organização das narrativas. Para além dessas menções encontramos igualmente outras referências temporais exteriores ao cenóbio, como os reinados e referências a figuras ilustres coevas, tal como nas outras duas Vidas que estudamos.

A análise dos milagres feita por Pierre-André Sigal valeu-nos uma melhor perspectiva e abordagem aos milagres com que nos fomos deparando, sendo uma das obras que mais podemos aproximar ao nosso estudo. O autor alcançou informações ricas no que respeita ao “percurso” dos milagres, desde a evocação do santo até à concretização da proeza, identificando inclusivamente alguns dias da semana em que se

parece registar uma maior ocorrência dos eventos, bem como que tipologias predominavam nesses dias. No entanto, não conseguimos retirar esse tipo de informações no nosso estudo, não existindo referências temporais tão específicas. Tão-somente foram feitas alusões como o caso do dia de Ramos, do dia de Natal, festividades tanto em Celanova como em Braga e, claro, o dia da morte dos respectivos santos.

Voltemos ao “conceito” de milagre que encontrámos no estudo de Pierre-André Sigal. O autor apontou que na generalidade das ocorrências, especialmente os curativos, encontrava-se pouco enquadramento maravilhoso, ou seja, decorreriam seguindo um curso que poderia ser o da natureza. Apenas uma pequena percentagem parecia desafiar a natureza, que como já vimos correspondia essencialmente aos milagres em que se verificava a transformação da matéria. Nos nossos exemplos apenas identificamos um registo que encaixa adequadamente nesta imagem, relativamente a S. Rosendo, episódio em que o abade de Celanova ressuscitou dois homens com o uso de óleos.

Igualmente comum à generalidade dos santos era o dever de defender a comunidade religiosa e devota onde estava inserido. Identificamos essa simbiose nas três Vidas, uma comunidade que se dedica ao santo e o louva, recebendo em contrapartida a sua protecção. Mais pormenorizadamente notamos o relacionamento em S. Rosendo, através da defesa dos monges, do mosteiro, assim como do património e da propriedade. Verificamos igualmente a libertação miraculosa de prisioneiros, com os quais o santo interagiu “directamente”. Talvez nesse sentido se destaque a acção de S. Geraldo, tendo-nos sido possível identificar que este santo actuava em representação da arquidiocese bracarense. Considerando sobretudo que estes casos decorrem de medidas eclesiásticas aí levadas a cabo. No caso de S. Teotónio, a comunidade era mais restrita, maioritariamente composta pelos cônegos, assistindo-se ainda assim a uma fama que já ultrapassara o mosteiro.

Ao confrontarmos os nossos dados com a bibliografia estudada, os milagres que fomos encontrando revelam inúmeros pontos de concordância com os que foram analisados por outros autores. Obviamente que temos uma amostra quantitativa significativamente menor, no entanto essa discrepância não impediu o desenvolvimento

de algumas comparações. Não obstante algumas diferenças cronológicas entre o estudo aqui empreendido, o de Pierre-André Sigal e o de André Vauchez, foi-nos possível encontrar semelhanças. Neste sentido, destacam-se principalmente o predomínio dos milagres do tipo curativo, as diversas defesas dos santos às suas comunidades, as possessões. Como havíamos referido na introdução, estas acabam por ser temáticas comuns na produção deste tipo de fontes e das suas narrativas. A constatação que também no caso português se verificam as mesmas tendências pode então revelar aproximações ou conexões.

Num plano mais concreto, nas fontes que estudámos, não encontramos uma “simetria” entre os nossos santos, ou seja, em diferentes santos predominam diferentes tipologias, para além de que existe uma igual assimetria no número de relatos atribuídos a cada um deles. Seja como for, este é outro ponto em comum com a bibliografia, o número de milagres estava claramente longe de ser uniforme em cada caso, como já tivemos oportunidade de ver a alguns indivíduos poderiam ser atribuídos centenas de milagres, enquanto a outros apenas um. No que respeita à predominância das categorias, os autores alertaram para a existência de santos especializados, que se pareciam dedicar à realização de milagres específicos e a partir dos quais desenvolviam a sua fama e, conseqüentemente, o culto. Nas nossas fontes não encontramos essa especificidade e apesar de existirem categorias com números significativamente superiores, a fama do santo não se desenvolveu especificamente nesse sentido. Por exemplo, em S. Rosendo há uma clara primazia dos milagres curativos, e, apesar de algumas referências generalizada às curas, ou seja, em que os miraculados se dirigiam ao santuário por saberem que o abade de Celanova teria curado anteriormente, não parece que fosse esse o motivo impulsionador de um culto em volta dos poderes curativos. Também em S. Geraldo o próprio hagiógrafo ao ser miraculado fez referência às curas do santo, que mesmo assim não foram mote para um culto “especializado” nessa matéria. Contudo o maior número de curas era compreensível, pois tratava-se, afinal, de uma incontornável preocupação social.

Particularizemos a nossa análise a cada categoria. No que respeita aos milagres “curativos”, Pierre-André Sigal demonstrou a predominância dos casos de paralisia,

seguindo-se os problemas oculares. Na nossa análise, encontramos sete ocorrências relacionadas com a mobilidade de membros, distribuídas em quatro casos de S. Rosendo e três em S. Geraldo. Os distúrbios oculares seguem os mesmos valores, com seis casos de cegueira em S. Rosendo e uma infecção em S. Geraldo. Igualmente frequentes no panorama miraculoso eram as febres, distúrbios mentais e infecções generalizadas, problemáticas mencionadas recorrentemente na bibliografia que estudamos e que viemos a verificar também nas nossas fontes. Menor representatividade para as doenças não identificadas, longe de ocuparem o último lugar da análise de Pierre-André Sigal, e sobre a qual identificamos poucas ocorrências.

Apesar disso, na sua essência os milagres detinham sempre essa vertente “defensiva” para com os devotos. Independentemente de se tratar de motivos curativos, visto que a cura da doença era uma das, ou até mesmo, a maior preocupação das comunidades. Salientamos anteriormente que esta seria uma situação esperada, uma vez que estávamos perante uma realidade em que prevaleciam nutrições pobres e eram escassos os cuidados higiénicos. As gentes, portanto, ficavam vulneráveis às doenças e infecções, que logo propagavam, como verificamos a partir dos milagres que estudamos. Assim sendo, a defesa não precisava de ser para com um inimigo ou aplicada através da punição, a protecção da comunidade passava por vários níveis e todas as preocupações precisavam de uma resposta ou solução, que muitas vezes poderia ser miraculosa ou sobrenatural.

Deparamos com personagens típicas nestes enredos. Uma delas era a do “cavaleiro arrogante” que acaba punido pelo santo, ou aquele que desacreditava no santo e nas suas capacidades e que acaba por ser contrariado. Intérpretes passíveis de serem encontrados ao longo da generalidade da “tradição hagiográfica” do Ocidente europeu e que foram estudados pelos autores de que nos socorremos. Frequentemente encontramos um cruzamento entre estas personagens, que não só têm uma conduta presunçosa para com o santo como também duvidaram das capacidades que lhes são associadas.

As possessões demoníacas com que nos deparamos resultaram muitas vezes de punições aplicadas pelos santos, mas também as encontramos enquanto ligação ao

pecado, o que foi o caso da nossa categoria da “Sensibilidade religiosa e Crença”. No entanto, as possessões demoníacas poderiam estar associadas a outras vertentes. Na bibliografia que estudamos fomos alertados para as concepções coevas dos distúrbios mentais, recorrentemente relacionados com estas questões pelos comportamentos violentos, que seriam provocados pelo demónio. Seja como for, aqueles que foram identificados como verdadeiros distúrbios mentais onde não foram indicadas possessões tipificámos como “Curativos”.

Nesta categoria “Jurisdicional” foi onde deparamos com mais episódios de conflito, que geralmente opuseram as forças eclesásticas às políticas. Nestes casos também nos deparamos com episódios de possessão, descritos enquanto momentos de punição divina. Vemos em acção a face mais agressiva dos santos, que castigaram aqueles que interferiram com o decurso normal das suas instituições assim como dos seus membros e patrimónios. Foram castigados indivíduos amplamente afamados do seu tempo, assim como poderosos locais, apesar de não terem tanta fama. Eram, igualmente, representações consideráveis para o contexto local e definição de poderes.

Nos relatos que tipificámos como “Comunitário e Quotidiano” vimos como o santo intervinha na comunidade nas suas problemáticas diárias. Quando os devotos se deparavam com adversidades, contavam com o santo para os apoiar e socorrer. Encontramos travessias de rios, naufrágios e libertação de prisioneiros. Temos o hagiógrafo de S. Rosendo com questões comportamentais, traços que a bibliografia enunciou como comuns em toda a produção. Entre estes, destacamos os naufrágios e as travessias. Nos primeiros assistimos geralmente a eventos que decorreram a partir de viagens de Jerusalém e, nos segundos, assistimos às dificuldades sentidas quotidianamente no que tocava às travessias, que dificultavam a circulação individual.

A nossa bibliografia alertou-nos para a existência de “tipos de santos” que poderíamos encontrar, o que influenciaria o perfil dos miraculados, traduzido na maior procura por parte de homens ou por mulheres. Constatámos que nos santos que estudamos não havia essa especificidade na “escolha” dos seus miraculados, quer dizer, não pareciam mais direccionados para um género em detrimento de outro. Apenas no caso de S. Teotónio, pela clara restrição espacial e clerical, o público era essencialmente

masculino. Em oposição a S. Rosendo e S. Geraldo, ambos acessíveis a homens e mulheres.

Apesar de uma clara ausência de dados sociais e geográficos, no entanto, conseguimos notar algumas tendências. Há um claro predomínio masculino entre os nossos miraculados. Existiam, contrariamente, episódios que envolviam indivíduos deste género e que não contaram com uma evocação ao santo da sua parte. Nesse sentido, sabemos que os homens eram efectivamente os alvos mais representativos dos milagres, mesmo que sem recorrerem à evocação de auxílio. Características que se observam, principalmente, nos casos em que os indivíduos foram punidos. Estes não decorriam segundo a lógica recorrentemente utilizada neste tipo literário, poderiam ter sido evocados por outros agentes ou então apenas resultado da acção divina movida pela defesa do santo.

Justificando a primazia dos homens, à excepção de milagres mais “comuns” como, por exemplo, os curativos, encontrámos ocorrências em que os agentes eram representantes de poderes políticos locais e que travaram confrontos com as instituições eclesiásticas representadas pelos santos. Com esses eventos conseguimos explicar parcialmente o maior número de homens mencionados. No que respeita à quantidade de dados sociais e geográficos encontrados nos episódios que abordam os homens, pesava a posição que ocupavam e a fama generalizada que os envolvia. Dessa forma, a sua notabilidade valia-lhes uma descrição mais precisa, face a outros homens dos quais as indicações onomásticas e da proveniência social e geográfica se revelaram significativamente menores

Socialmente notámos uma diversificação entre estes indivíduos. Encontramos clérigos, poderosos locais, cavaleiros e até mesmo servos. Se no caso particular de cada Vida os dados sociais destes homens diversificam-se, notamos a reincidência dessas mesmas personagens entre as fontes, da mesma maneira como notamos o paralelismo com bibliografia que estudámos, onde também era evidente a maioria masculina e onde representantes eclesiásticos, políticos e bélicos eram recorrentes.

Seguimos para a análise das mulheres sobre as quais encontramos um número menor de referências. À excepção de uma pequena percentagem de agentes conhecidas

na época, as mulheres miraculadas pertenciam essencialmente a um público anónimo, sobre o qual não foram registadas grandes informações sociais ou geográficas. No entanto, notamos que eram mais vezes mencionadas as proveniências geográficas comparativamente aos nomes, dado curioso quando comparamos o caso dos homens em que encontramos quase sempre referências à onomástica, especialmente nos agentes políticos e eclesiásticos.

Era prestada uma maior atenção aos homens seguindo-se mulheres, contudo, ainda nesse registo encontrámos algumas crianças, obviamente em menor número. Nas fontes relativas a S. Rosendo e S. Geraldo, as sete crianças miraculadas pelo primeiro eram todas do género masculino, sobre as quais não foram indicadas informações de carácter social ou geográfico, apenas que eram acompanhadas pelos pais até ao sepulcro. Nos milagres do abade de Celanova encontramos algumas crianças associadas a possessões demoníacas, a curas de doenças e a questões comportamentais. No segundo, verificámos um paralelismo com noções enunciadas na bibliografia, referimo-nos com isto à associação entre crianças e naufrágios. No caso do arcebispo de Braga não conseguimos especificar a quantidade de crianças, visto que pelo menos num dos casos tratou de um grupo cujo número não foi indicado. Para além de perigo de afogamento, também as curas e possessões fizeram parte destes milagres.

Dediquemo-nos agora aos dados geográficos e o que conseguimos concluir a partir destes. Ficou patente, o quão limitados pareciam estes cultos em termos territoriais. Como fomos alertando ao longo do estudo, os milagres de S. Teotónio estavam essencialmente limitados ao domínio do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Traço distintivo face aos dois outros santos. Em S. Rosendo os miraculados provinham de regiões próximas ao mosteiro de Celanova⁶⁵⁸. Igualmente significativas, as referências a importantes cursos de água para a identificação dos miraculados, como o rio Minho e o rio Cávado. Destacamos o episódio da freira “francesa”, pela óbvia peculiaridade territorial e enquanto exemplo mais significativo da mobilidade.

⁶⁵⁸ Encontrando-se locais específicos na província de Límia como: a Vila de Laredo, a Ginzo de Límia; na província de Pontevedra com alusões a Tui, a Terra de Campos, a Deza; Ourense, Milmada, e possivelmente a alusão feita a Candeda.

Em S. Geraldo o cenário era essencialmente o território diocesano de Braga, de onde podemos destacar Tibães. Uma vez mais a menção a rios, como o Cávado e o Tâmega. Em S. Teotónio apenas podemos salientar a conquista de Santarém e a libertação do presbítero, cujo milagre teria contribuído para a expansão generalizada da santidade de Teotónio por Coimbra.

A partir destes dados conseguimos apurar alguma mobilidade dos fiéis que se valiam dos santos. A mobilidade cumpria-se pela distância que os miraculados teriam de percorrer até chegarem ao santo. Em alguns casos esse caminho não foi imediato e aqueles que se dirigiram inicialmente a outros espaços de devoção deram mostras da existência de lugares sagrados acessíveis e uma circulação religiosa que os devotos pareciam conhecer ou dominar. Com esse “domínio” queremos referir a existência de episódios onde foi mencionado que os miraculados tiveram de procurar auxílio noutros lugares ou instituições antes de alcançarem o santo que os miraculou. Por aqui se depreende a existência de diversificados lugares, o que permitem desenhar percursos de santuários e capelas onde parecia ser recorrente a procura de ajuda. Paralelamente, aquando do desconhecimento dos santos, os miraculados poderiam ser advertidos por outros indivíduos, o que pretendia demonstrar uma rede de conhecimento que se expandia gradualmente e difundia a imagem do santo bem como da instituição representada pela sua figura.

Não se identificam santuários famosos ou de maior importância além dos de nível regional, pelo que julgamos que os receptores destes textos seriam essencialmente locais. Justificamos o nosso pensamento pelas abundantes referências a figuras políticas e sociais afamadas, bem como as limitações geográficas, aspectos que seriam facilmente reconhecidos pelo público a que estes textos se destinavam. Ao mesmo tempo que eram um instrumento de consolidação de poderes, visto que assistimos regularmente aos avanços de poderosos locais que eram confrontados pelos santos.

Parte da bibliografia que estudámos apresentava fontes cujos santos eram mais “universalmente” conhecidos, notando-se uma clara mobilidade que, os autores apuraram e sublinharam. Os seus casos de estudo teriam representado possivelmente a existência de maiores mobilidades, poderes e riquezas. No nosso caso, sabemos que em

alguns episódios foram feitas oferendas ao santo sem que fosse especificado aquilo que era dado. Ora, admitindo alguma mobilidade de oferendas graças aos fiéis, enquadraríamos ainda assim as nossas fontes com as outras fontes já estudadas.

Em suma, encontrámos mais semelhanças que diferenças entre as nossas fontes e as estudadas por outros autores. Diferenciaram em alguns casos a tipologia das fontes, por exemplo, os processos utilizados por André Vauchez são completamente distintos da natureza das nossas hagiografias, mas mesmo desta maneira, pautam-se essencialmente pelos mesmos atributos dos santos, pelas mesmas categorias de milagres e, acima de tudo, pelas preocupações representadas pelos hagiógrafos e que seriam repetidas pela maioria da produção, independentemente do seu espaço. Por exemplo, as doenças, os confrontos e a delimitação de autoridade e os problemas quotidianos eram comuns a todas as comunidades, que se valiam da imagem do santo. Afinal, numa sociedade em que o mundo dos mortos e dos vivos se cruzava permanentemente⁶⁵⁹, os santos encontravam-se, sem qualquer dúvida, entre aqueles que se podiam considerar “bons mortos”⁶⁶⁰.

⁶⁵⁹ LE GOFF, Jacques – “O Homem Medieval”...p.26.

⁶⁶⁰ MATTOSO, José – “Pressupostos mentais do culto dos mortos”...p.22.

Referências bibliográficas

Fontes

Bernardo, Arcediago de Braga – *Vida de São Geraldo*. 2ªed. Trad., notas e pref. José Cardoso. Braga: Livraria Cruz, 1959.

Ordonho, monge de Celanova – “Vida e Milagres de São Rosendo”. In *Rudesindus: Pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio*. Trad., Notas e pref. Maria Helena da Rocha Pereira. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 2010.

“Vida de D. Teotónio”. In *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: vida de D. Telo, vida de D. Teotónio, vida de Martinho de Soure*. Trad. e ed. crítica Aires Augusto Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

Bibliografia

AMARAL, Luís Carlos – “A vinda de S. Geraldo para Braga e a nova restauração da diocese”. In *IX Centenário de S. Geraldo (1108-2008): Colóquio de estudos e outros actos comemorativos*, 2011 (Memorabilia christiana), pp. 157-192.

AMARAL, Luís Carlos – “As sedes de Braga e Compostela e a restauração da metrópole Galaica”. In *O século de Xelmírez*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2013, pp. 17-44. ISBN 978-84-92923-53-3.

AMARAL, Luís Carlos – *Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da reconquista (século IX-1137)*. Porto: [Edição de autor], 2007. Dissertação de doutoramento em História da Idade Média.

BARCELLONA, Francesco Scorza – “Le origini”. In *Storia della santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 2005. pp.19-89.

BARTLETT, Robert – *Why the dead do such great things? Saints and worshippers from the Martyrs to the Reformation*. New Jersey: Princeton University Press, 2013

BASINGER, David – “What is a Miracle?”. In *The Cambridge Companion to Miracles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp.19-35.

BENVENUTI, Anna – “La civiltà urbana”. In *Storia della santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 2005. pp.157-221.

BOESCH-GAJANO, Sofia – “Dai leggendari altomedievali agli «Acta Sanctorum»: Forme di trasmissione e nuove funzioni dell’agiografia”. In *Rivista di Storia e Letteratura Religiosa*, n.21, (1985). 219-244.

BOESCH-GAJANO, Sofia – “Il culto dei santi : filologia, antropologia e storia”. In *Studi Storici* 23, (1982). pp.119-136;

BOESCH-GAJANO, Sofia – *Agiografia altomedioevale*. Bolonha: Società editrice il Mulino. 1976.

BOESCH-GAJANO, Sofia – *La santità*. Bari: Editori Laterza, 2015.

BOESCH-GAJANO, Sofia – “Dai leggendari altomedievali agli «Acta Sanctorum»: Forme di trasmissione e nuove funzioni dell’agiografia”. In *Rivista di storia e letteratura religiosa*. N°21 (1985), pp. 219-244.

BOESCH-GAJANO, Sofia– “La strutturazione della cristianità occidentale”. In *Storia della santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 2005. pp.91-156.

BROWN, Peter – *The cult of the saints: Its rise and function in Latin Christianity*. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

COLLE, Ralph del – “Miracles in Christianity”. In *The Cambridge Companion to Miracles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp. 235-253.

CORREIA, Ângela – “Sobre a funcionalidade da narrativa hagiográfica” In *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Lisboa: Cosmos, 1993, vol. II, pp. 121-124.

CURTIUS, Ernst Robert – *European Literature and the Middle Ages*. 3^{ed}. Oxford: Princeton University Press, 2013.

DALARUN, Jacques – *L'impossible sainteté : la vie retrouvée de Robert d'Arbrissel (v. 1045-1116) fondateur de Fontevraud*. Paris : Les Éditions du Cerf, 1985.

DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. – “Hagiographie du haut moyen age espagnol”. In *Hagiographie, cultures et sociétés, IVe–XIIIe siècles: Actes du colloque organisé à Nanterre et à Paris*. Paris: [s.n.], 1981. pp.49-60.

DOLBEAU, François – “Légendiers Latins”. In *Hagiographie, cultures et sociétés, IVe–XIIIe siècles: Actes du colloque organisé à Nanterre et à Paris*. Paris: [s.n.], 1981. pp.11-31.

DUBOIS, Jacques; RENAUD, Geneviève – “Vies de Saints et institutions”. In *Hagiographie, cultures et sociétés, IVe–XIIIe siècles: Actes du colloque organisé à Nanterre et à Paris*. Paris: [s.n.], 1981. pp.491-513.

FREIRE, José Geraldes – "Aspectos literários da "Vita Sancti Geraldi". In *Actas do Congresso Internacional do IX Centenário da Sé de Braga*, Vol.I. Braga: Universidade Católica Portuguesa-Faculdade de Teologia de Braga, 1990. pp.575-579.

FRIAS, Agostinho F. – “Fontes de cultura portuguesa na *Vita Theotonii*”. In *Actas do 2º Congresso Histórico de Guimarães*. Vol. 4. Guimarães: Câmara Municipal/ Universidade do Minho, 1997. p. 143-149.

GEARY, Patrick – *Living with the dead in the Middle Ages*. Nova Iorque: Cornell University Press , 1994.

GONZÁLEZ LÓPEZ, Emílio – *Grandeza e decadencia do reino de Galicia*. Vigo: Editorial. Galaxia. 1978. ISBN 84-7154-303-6.

GONZÁLEZ LOPO, Domingo L. – “¿Cómo se Construye la Historia de un Santo?: la imagen del santo y su evolución a través de los siglos: el ejemplo de S. Rosendo de Celanova”. In *Lusitania Sacra*. Lisboa. 2ª S. 28 (2013) pp.21-48.

GOODICH, Michael – *Vita Perfecta: The Ideal of Sainthood in the thirteenth century*. Estugarda: Anton Hiersemann, 1982.

GROTE, George – *A History of Greece*. vol.II. Londres [S.N.].1846.

HEINZELMANN, Martin – “Recueils de Miracles”. In *Hagiographie, cultures et sociétés, IVe–XIIe siècles: Actes du colloque organisé à Nanterre et à Paris*. Paris: [s.n.], 1981.pp.235-259.

ISAÏA, Marie-Céline – “L’hagiographie, source des normes médiévales. Pistes de recherche”. In *Hagiologia: Études sur la Sainteté en Occident*, vol.9. Turnhout: Brepols Publishers, 2014.pp.17-42.

KLANICZAY, Gábor – “Miracoli di punizione e maleficia”. In *Miracoli: Dai segni alla storia*. Sofia Boesch Gajano; Mariela Modica (cord.). Roma: Viella, 2011.

LARMER, Robert A. – “The meanings of miracle”. In *The Cambridge Companion to Miracles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp.36-53.

LE GOFF, Jacques – *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 2015.

LE GOFF, Jacques – “O Homem Medieval”. In *O Homem Medieval*. Jacques Le Goff (dir.); Maria Jorge Vilar de Figueiredo (Trad.). Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LUCAS, Maria Clara de Almeida – *Hagiografia Medieval Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

MARQUES, José – S. Teotónio e a cultura do século XII. In *Monção: entre muralhas, com tantas portas quantos os sentidos*. Monção: Universidade do Mino/ Casa Museu de Monção, 2014. pp. 69-86.

MARTINS, Mário – *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. 2ªed. Lisboa: Brotéria, 1957.

MATTOSO, José – *A Nobreza Medieval Portuguesa: A família e o poder*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.

MATTOSO, José – *Poderes Invisíveis: o imaginário medieval*. 2ªed. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2013.

MATTOSO, José – *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

MATTOSO, José – *Ricos-Homens, Infâncias e Cavaleiros: A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*. 2ª ed. Lisboa: Guimarães editores, 1985

Medieval Hagiography: an anthology. (ed.) Thomas Head. Nova Iorque: Routledge, 2001. ISBN 0-415-93753-1.

NASCIMENTO, Aires Augusto – “Hagiografia”. In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993. ISBN 972-21-0871-9, pp.307-310.

NASCIMENTO, Aires Augusto – “Milagres Medievais”. In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993. ISBN 972-21-0871-9, pp.459-461.

NASCIMENTO, Aires Augusto – *Ler contra o tempo: condições dos textos na cultura portuguesa: recolha de estudos em hora de vésperas*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Clássicos, 2012.

PAGET, James Carleto – “Miracles in early Christianity”. In *The Cambridge Companion to Miracles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp.131-148.

PHILIPPART, Guy – *Les légendiers latins et autres manuscrits hagiographiques*. Turnhout: Brepols, 1977.

PIETRI, Charles – “L’Évolution du Culte des Saints aux Premières Siècles Chrétiens: du témoin à l’intercesseur”. In *Les Fonctions des saints dans le monde occidental (IIIe – XIIIe siècle)*. Roma: École Française de Rome, 1991, pp. 16-36.

ROSA, Maria de Lurdes – “Hagiografia e santidade”. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal (Dir. Carlos Moreira Azevedo)*. Vol. II.. Lisboa: Círculo de Leitores, pp.326-361.

ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e Demónios no Portugal Medieval*. Porto: Fio da Palavra, 2010. ISBN 978-989-8171-26-9.

ROUCHE, Michel – “Miracles, maladies et psychologie de la foi a l’époque carolingienne en France”. In *Hagiographie, cultures et sociétés, IVe–XIIe siècles: Actes du colloque organisé à Nanterre et à Paris*. Paris: [s.n.], 1981. pp. 319–337.

SIGAL, Pierre-André – *L’homme et le miracle dans la France médiévale XI-XIIe siècle*. Paris: CERF, 1985.

SOBRAL, Cristina – “Hagiografia em Portugal: balanço e perspectivas”. In *Medievalista on line*. Instituto de Estudos Medievais, ano 3, nº 3 (2007). Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA3/medievalistahagiografia.htm>.

SOBRAL, Cristina – “O Modelo Discursivo Hagiográfico”. In *Modelo: Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos, 2005, pp.97-107. ISBN 972-8932-05-7.

SOUSA, Liliana Oliveira – “Os Milagres de São Rosendo e São Geraldo de Braga: Ensaio de tipificação”. *Omni Tempore Atas dos Encontros da Primavera 2017*. Volume 3 (2018). pp. 52-76.

UYTFANGHE, Marc Van – “Propos liminaires”. In *Hagiologia: Études sur la Sainteté en Occident*, vol.9. Turnhout: Brepols Publishers, 2014. pp. 9-16.

VAUCHEZ, André – “O Santo”. In *O Homem Medieval*. Jacques Le Goff (dir.); Maria Jorge Vilar de Figueiredo (Trad.). Lisboa: Editorial Presença, 1989.

VAUCHEZ, André – “Saints Admirables et Saints Imitables: Les fonctions de l’hagiographie ont-elles changé aux derniers siècles du moyen âge?”. In *Les Fontions des Saints dans le monde occidental (IIIe – XIIIe siècle)*. Roma: École Française de Rome, 1991, pp.161-172.

VAUCHEZ, André – *Esperienze religiose nel Medioevo*. Roma: Viella, 2003.

VAUCHEZ, André – *La Espiritualidad del Occidente Medieval (siglos VIII-XII)*. Paulino Iradiel (Trad.). Madrid : Cátedra, 1985. ISBN 84-376-0508-3.

VAUCHEZ, André – *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Âge: d’après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. Rome : École Française de Rome, 1988.

WARD, Benedicta – “Miracles in the Middle Ages”. In *The Cambridge Companion to Miracles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, pp.149-164.

WARD, Benedicta – *Miracles and the Medieval Mind: Theory, Record and Event, 1000 to 1215*. 3^aed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1993.

WEINSTEIN, Donald; BELL, Rudolph M. – *Saints and Society: the two worlds of western Christendom, 1000-1700*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986. ISBN 0-226-89056-2.

Anexos

Tabela 2. Quadro geral das tipificações de S. Rosendo, S. Geraldo e S. Teotónio.

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do milagre	Género do milagre	Dados sociais do milagre	Proveniência do milagre	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
S. Rosendo	1	Jurisdicional	Pedro Gonçalves	Masculino	“Apostatado a levar vida secular”		Mosteiro de Celanova	Milagre a pedido dos monges		“Livro Primeiro...”p.49.
S. Rosendo	2	Jurisdicional	Munho Vasques	Masculino	Soldado		Mosteiro de Celanova	Milagre a pedido dos monges	Presença de testemunhas	“Livro Primeiro...”p.51.
S. Rosendo	3	Curativo		Feminino; Masculino	Criança ⁶⁶¹	Terra de Campos	Junto do túmulo de S. Rosendo	Advertência divina		“Livro Primeiro...”p.51.
S. Rosendo	4	Curativo		Masculino	“levava vida santa” e auxiliava os monges do mosteiro de Celanova	“morava próximo do Mosteiro”	Junto do túmulo de S. Rosendo	Conhecia os poderes de S. Rosendo	Presença de testemunhas	“Livro Primeiro...”p.51.
S.	5	Curativo		Feminino	Casada com	Também	Na	Conhecia os	Relatado pelo	“Livro

⁶⁶¹ A criança que identificamos neste relato era do género masculino e o milagre feminino era a sua mãe, cujos dados sociais não conseguimos avançar.

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do milagre	Gênero do milagre	Dados sociais do milagre	Proveniência do milagre	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
Rosendo					o milagre do milagre nº.4.	viveria próximo do Mosteiro	“basílica”	poderes de S. Rosendo	próprio milagre	Primeiro...”p.53.
S. Rosendo	6	Sensibilidade Religiosa e Crença		Feminino			Junto do túmulo de S. Rosendo	Após procurar ajuda em outras igrejas, foi informada acerca de S. Rosendo	Presença de testemunhas	“Livro Primeiro...”p.53.
S. Rosendo	7	Sensibilidade Religiosa e Crença		Masculino	Criança; Servo do mosteiro de Celanova	“morava perto do mosteiro”	Junto do túmulo de S. Rosendo	Por ser servo no mosteiro, certamente conhecia as virtudes de S. Rosendo		“Livro Primeiro...”p.53.
S. Rosendo	8	Quotidiano e Comunitário		Masculino (2)			Margem do rio Cávado	Já conheciam os poderes de S. Rosendo	Presença de testemunhas	“Livro Primeiro...”p.55.
S. Rosendo	9	Sensibilidade Religiosa e Crença		Feminino			Junto do túmulo do santo	Advertência divina dos pais	Presença de testemunhas	“Livro Primeiro...”p.55.
S. Rosendo	10	Quotidiano e Comunitário		Masculino			Deza, Pontevedra	Já conhecia os poderes de S. Rosendo	Relatado pelo próprio milagre	“Livro Primeiro...”p.57.

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do milagre	Gênero do milagre	Dados sociais do milagre	Proveniência do milagre	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
S. Rosendo	11	Jurisdicional	Munho Fúlgur	Masculino	Cavaleiro	Provavelmente próximo do mosteiro		Milagre a pedido dos monges	Presença de testemunhas	“Livro Segundo...”p.61.
S. Rosendo	12	Sensibilidade Religiosa e Crença		Masculino	Cavaleiro da rainha D. Urraca		Junto do túmulo de S. Rosendo	Milagre a pedido dos monges	Presença de testemunhas	“Livro Segundo...”p.61.
S. Rosendo	13	Curativo		Masculino	Camponês	Terra de Campos	Junto do túmulo de S. Rosendo	Advertido em sonhos	Presença de testemunhas	“Livro Segundo...”p.63.
S. Rosendo	14	Curativo		Feminino	Escrava do mosteiro de Celanova		Junto do túmulo de S. Rosendo	Era escrava e já conheceria os poderes de S. Rosendo	Presença de testemunhas	“Livro Segundo...”p.63.
S. Rosendo	15	Quotidiano e Comunitário	Ordonho	Masculino	Criança; Monge do Mosteiro de Celanova; Hagiógrafo			Advertência divina	Relatado pelo próprio milagre	“Livro Segundo...”p.63.
S. Rosendo	16	Curativo	João	Masculino	Criança; Servo do mosteiro de Celanova		Junto do túmulo de S. Rosendo	Por ser servo do mosteiro já teria conhecimento dos poderes de S. Rosendo	Testemunhado pelo Hagiógrafo	“Livro Segundo...”p.65.

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do miraculado	Gênero do miraculado	Dados sociais do miraculado	Proveniência do miraculado	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
S. Rosendo	17	Quotidiano e Comunitário	S.D.	Masculino	Abade do mosteiro de S. Cláudio de Leão		Mosteiro de Celanova	Estava no mosteiro de Celanova quando necessitou o milagre	Presença de testemunhas	“Livro Segundo...”p.65.
S. Rosendo	18	Sensibilidade Religiosa e Crença	João	Masculino	Criança	Poderia viver perto do mosteiro pela referência das idas à igreja	Junto do túmulo de S. Rosendo	Aconselhado pelos monges	Presença de testemunhas	“Livro Segundo...”p.65.
S. Rosendo	19	Sensibilidade Religiosa e Crença		Feminino (2)		“do mesmo país”	Junto do túmulo de S. Rosendo	Já conheceriam o culto por serem do “mesmo país”	Presença de testemunhas	“Livro Segundo...”p.67.
S. Rosendo	20	Jurisdicional	Afonso Henriques, Vasco, Afonso Boi	Masculino (3)	Rei de Portugal; Conde português, mordomo do conde	Portugal	Celanova	Advertência divina		“Livro Segundo...”p.67-71.
S. Rosendo	21	Quotidiano e Comunitário	João	Masculino	Leigo da “força	Estrangeiro (provavelmente	Mosteiro de	Já conhecia os poderes de S.	Relatado pelo próprio	“Livro Terceiro...”p.75.

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do miraculado	Gênero do miraculado	Dados sociais do miraculado	Proveniência do miraculado	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
					auriense”	francês)	Celanova	Rosendo	miraculado	
S. Rosendo	22	Curativo	João	Masculino	Bispo de Lugo			Já conhecia os poderes de S. Rosendo	Testemunhas que ouviram contar o milagre	“Livro Terceiro...”p.75.
S. Rosendo	23	Curativo	Pedro	Masculino	Cónego da Igreja de Santiago		Junto do túmulo de S. Rosendo.	Estava no mosteiro de Celanova quando ocorreu o milagre	Presença de testemunhas	“Livro Terceiro...”p.75-77.
S. Rosendo	24	Curativo	Pelágio	Masculino	Arquidiácono de Celanova	Celanova	Milagre pedido junto do túmulo de S. Rosendo e ocorreu durante a missa		Relatado pelo próprio miraculado	“Livro Terceiro...”p.77.
S. Rosendo	25	Curativo	Munho	Masculino	Monge do mosteiro de Fonte Arcada	Fonte Arcada	Mosteiro de Fonte Arcada	Advertência divina	Presença de testemunhas	“Livro Terceiro...”p.77.
S. Rosendo	26	Curativo	Pelágio	Masculino	Antes de ser monge de		Junto do túmulo de		Relatado pelo próprio	“Livro Terceiro...”p.77.

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do milagre	Gênero do milagre	Dados sociais do milagre	Proveniência do milagre	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
					Celanova		S. Rosendo		miraculado	
S. Rosendo	27	Curativo		Masculino	Proprietário	Perto do rio Minho	Junto do túmulo de S. Rosendo		Presença de testemunhas	“Livro Terceiro...”p.79.
S. Rosendo	28	Curativo	Martinho	Masculino	Criança		Junto do túmulo de S. Rosendo		Presença de testemunhas	“Livro Terceiro...”p.79.
S. Rosendo	29	Sensibilidade Religiosa e Crença		Feminino	“Dona”	Límia	Junto do túmulo de S. Rosendo		Presença de testemunhas	“Livro Terceiro...”p.79.
S. Rosendo	30	Quotidiano e Comunitário	Munho	Masculino	Monge do mosteiro de Celanova	Celanova	“bandas do mar”	Já conhecia os poderes de S. Rosendo	Relatado pelo próprio milagre	“Livro Terceiro...”p.79-81.
S. Rosendo	31	Sensibilidade Religiosa e Crença		Masculino			Junto do túmulo de S. Rosendo		Presença de testemunhas	“Livro Quarto...”p.85.
S. Rosendo	32	Sensibilidade Religiosa e Crença		Feminino	Freira	França	Junto do túmulo de S. Rosendo	Advertência divina	Presença de testemunhas	“Livro Quarto...”p.87.
S. Rosendo	33	Sensibilidade Religiosa e Crença			Criança		Junto do túmulo de S. Rosendo	Advertência divina		“Livro Quarto...”p.87.
S. Rosendo	34	Curativo		Masculino	Criança	Candeda	Junto do túmulo de			“Livro Quarto...”p.87.

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do miraculado	Gênero do miraculado	Dados sociais do miraculado	Proveniência do miraculado	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
							S. Rosendo			
S. Rosendo	35	Curativo	Pedro Nunes	Masculino	Tinha “poder em muitas coisas”	Milmada	Junto do túmulo de S. Rosendo			“Livro Quarto...”p.89.
S. Rosendo	36	Curativo		Feminino			Junto do túmulo de S. Rosendo	Provavelmente conhecia os poderes do santo		“Livro Quarto...”p.89.
S. Rosendo	37	Curativo		Masculino	Clérigo	Límia, Vila de Laredo	Junto do túmulo de S. Rosendo	Já conhecia os poderes de S. Rosendo		“Livro Quarto...”p.91.
S. Rosendo	38	Curativo	Miguel	Masculino			Junto do túmulo de S. Rosendo	Advertência divina da mãe	Presença de testemunhas	“Livro Quarto...”p.91.
S. Rosendo	39	Quotidiano e Comunitário		Masculino			Mosteiro de Tominho	Milagre a pedido das freiras	Presença de testemunhas	“Livro Quarto...”p.93.
S. Rosendo	40	Curativo	Sancho	Masculino	Monge do mosteiro de Celanova		Junto do túmulo de S. Rosendo	Já conhecia os poderes do santo por ser monge de Celanova	Presença de testemunhas	“Livro Quarto...”p.95.
S. Rosendo	41	Curativo		Feminino		Ginzo, Límia	Junto do túmulo de	Aconselhada a visitar o santo		“Livro Quarto...”p.95.

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do milaculado	Género do milaculado	Dados sociais do milaculado	Proveniência do milaculado	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
							S. Rosendo			
S. Rosendo	42	Jurisdicional	Fernando Rodrigues de Castro	Masculino	“Fidalgo ilustre”; “barão”	Era castelhano mas estava no reino de Leão	Junto do túmulo de S. Rosendo	Milagre a pedido dos monges do mosteiro de Celanova		“Livro Quarto...”p.97.
S. Rosendo	43	Sensibilidade Religiosa e Crença		Masculino (2)	Trabalhavam no mosteiro de S. João da Vieira		Mosteiro de S. João da Vieira	Milagre em vida de S. Rosendo		“Vida de S. Rosendo...”pp.25-27.
S. Geraldo	1	Jurisdicional	Egas Pais [de Penagate]	Masculino	Cavaleiro		Igreja de Guimarães	Milagre em vida de S. Geraldo	Presença de testemunhas	<i>Vida de S. Geraldo...</i> p.15-17.
S. Geraldo	2	Jurisdicional	Paio Peres; Afonso Peres	Masculino (2)	“Poderosos da região”	Provavelmente Braga		Milagre em vida de S. Geraldo		<i>Vida de S. Geraldo...</i> p.17-20.
S. Geraldo	3	Quotidiano e Comunitário			Crianças		Margem do rio Cávado	Milagre a pedido de Geraldo		<i>Vida de S. Geraldo...</i> p.20-21.
S. Geraldo	4	Jurisdicional	Mido	Masculino	Arcediago	Provavelmente Braga	Braga	Já conhecia os poderes de S. Geraldo		<i>Vida de S. Geraldo...</i> p.21-22.
S. Geraldo	5	Quotidiano e Comunitário	Tota	Feminino	Dona de “grande	Provavelmente Braga	Braga	Já conhecia os poderes de S.	Relatado pela própria	<i>Vida de S. Geraldo...</i> p.22-

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do milagre	Género do milagre	Dados sociais do milagre	Proveniência do milagre	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
					património”			Geraldo		24.
S. Geraldo	6	Jurisdicional	Ordonho	Masculino	Baixo nascimento; do séquito do conde D. Henrique		Castelo de Lanhoso	Milagre em vida de S. Geraldo		<i>Vida de S. Geraldo...p.24-25.</i>
S. Geraldo	7	Jurisdicional					Braga	Milagre a pedido de Geraldo	Provavelmente testemunhas	<i>Vida de S. Geraldo...p.25-27</i>
S. Geraldo	8	Jurisdicional	Soeiro Mendes [da Maia, o Bom]	Masculino	“Magnata da região”	Braga	“Terras estranhas”	Milagre em vida de Geraldo		<i>Vida de .S Geraldo...p.27-28</i>
S. Geraldo	9	Sensibilidade Religiosa e Crença	Geraldo	Masculino	Arcebispo		Margem do rio Tâmega	Já conheciam as proezas de S. Geraldo	Presença de testemunhas	<i>Vida de .S Geraldo...p.33-34.</i>
S. Geraldo	10	Quotidiano e Comunitário		Masculino (2)	Crianças		Rio Tâmega	Já conheciam as proezas de S. Geraldo	Presença de testemunhas	<i>Vida de .S Geraldo...p.34-35.</i>
S. Geraldo	11	Sensibilidade Religiosa e Crença					Percurso entre Tibães e Braga	Milagre motivado pela santidade de Geraldo	Presença de testemunhas	<i>Vida de .S Geraldo...p.35-36.</i>
S.	12	Curativo	Sesgudo	Masculino	Clérigo		Junto do			<i>Vida de S.</i>

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do milagre	Género do milagre	Dados sociais do milagre	Proveniência do milagre	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
Geraldo							túmulo de S. Geraldo			<i>Geraldo...p.36.</i>
S. Geraldo	13	Sensibilidade Religiosa e Crença		Masculino	Filho de uma “senhora de qualidade”	Termo de Braga	Junto do túmulo de S. Geraldo	Já conheciam as proezas de S. Geraldo		<i>Vida de S. Geraldo...p.36-37.</i>
S. Geraldo	14	Curativo		Masculino	Clérigo	Panóias	Junto do túmulo de S. Geraldo	Já conhecia as proezas de S. Geraldo	Relatado pelo próprio milagre	<i>Vida de S. Geraldo...p.37.</i>
S. Geraldo	15	Curativo		Masculino	Criança	Cidade de Braga	Junto do túmulo de S. Geraldo	Já conhecia as proezas de S. Geraldo	Relatado pela mãe do milagre	<i>Vida de S. Geraldo...p.37-38.</i>
S. Geraldo	16	Curativo		Feminino		Braga	Junto do túmulo de S. Geraldo	Já conhecia as proezas de S. Geraldo	Presença de testemunhas	<i>Vida de S. Geraldo...p.38-39.</i>
S. Geraldo	17	Curativo		Masculino		Vila de Coucieiro, Braga	Vila de Coucieiro, Braga	Já conhecia as proezas de S. Geraldo	Relatado pelo próprio milagre	<i>Vida de S. Geraldo...p.39.</i>
S. Geraldo	18	Curativo		Feminino		Entre o rio Homem e o rio Cávado	Junto do túmulo de S. Geraldo	Já conhecia as proezas de S. Geraldo	Relatado pelo milagre e pela família	<i>Vida de S. Geraldo...p.39-40.</i>
S. Geraldo	19	Curativo		Feminino		Braga	Junto do túmulo de S. Geraldo	Já conhecia as proezas de S. Geraldo		<i>Vida de S. Geraldo...p.40.</i>
S.	20	Curativo		Feminino						<i>Vida de S.</i>

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do milagre	Género do milagre	Dados sociais do milagre	Proveniência do milagre	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
Geraldo										<i>Geraldo...p.40.</i>
S. Geraldo	21	Quotidiano e Comunitário	Honorico	Masculino	Clérigo	Braga	Viagem de Regresso de Jerusalém	Já conhecia as proezas de S. Geraldo		<i>Vida de S. Geraldo...p.40-41.</i>
S. Geraldo	22	Quotidiano e Comunitário	Pelágio	Masculino	Monge	Possivelmente de Braga	Margem do rio Cávado	Já conhecia as proezas de S. Geraldo	Relatado pelo próprio milagre	<i>Vida de S. Geraldo...p.41-42.</i>
S. Geraldo	23	Curativo		Masculino	Rapaz	Vila de Sequeira, Braga	Junto do túmulo de Geraldo	Provavelmente Já conheceria as proezas de . Geraldo.		<i>Vida de S. Geraldo...p.42.</i>
S. Geraldo	24	Curativo	Bernardo	Masculino	Arcediogo de Braga	Francês mas já estava em Braga	Casa do arcediogo	Já conhecia as proezas de S. Geraldo	Relatado pelo próprio milagre	<i>Vida de S. Geraldo...p.43-45.</i>
S. Teotónio	1	Quotidiano e comunitário	Teotónio	Masculino	Prior de Santa Cruz de Coimbra	Ganfei	Cabo de Málea, Peloponeso	Milagre a pedido de Teotónio	Possivelmente relatado pelo próprio milagre	<i>Vida de D. Teotónio...p.155-157.</i>
S. Teotónio	2	Quotidiano e Comunitário	Mafalda	Feminino	Rainha de Portugal			Já conhecia as proezas de S. Teotónio	Possivelmente relatado pelo próprio milagre	<i>Vida de D. Teotónio...p.179.</i>
S.	3	Sensibilidade	Samuel	Masculino	Monge	Inglaterra	Mosteiro	Milagre ocorre	Relatado pelo	<i>Vida de D.</i>

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do miraculado	Género do miraculado	Dados sociais do miraculado	Proveniência do miraculado	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
Teotónio		Religiosa e Crença					de Santa Cruz de Coimbra	em vida de Teotónio	próprio miraculado	<i>Teotónio ...p.179-181.</i>
S. Teotónio	4	Sensibilidade Religiosa e Crença		Masculino	Leigo professo		Mosteiro de Santra Cruz de Coimbra	Milagre ocorre em vida de Teotónio	Possivelmente testemunhas	<i>Vida de D. Teotónio ...p.181.</i>
S. Teotónio	5	Sensibilidade Religiosa e Crença		Masculino	Monge do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra		Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra	Milagre ocorre em vida de Teotónio	Possivelmente testemunhas	<i>Vida de D. Teotónio ...p.181.</i>
S. Teotónio	6	Jurisdicional	Honório	Masculino	Presbítero do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra		Elvas	Milagre ocorre em vida de Teotónio	Presença de testemunhas	<i>Vida de D. Teotónio ...p.183-185.</i>
S. Teotónio	7	Jurisdicional	Afonso Henriques	Masculino	Rei de Portugal	Portugal	Santarém	Milagre ocorre em vida de Teotónio	Presença de testemunhas	<i>Vida de D. Teotónio ...p.189.</i>
S. Teotónio	8	Sensibilidade Religiosa e Crença		Masculino	Criado do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra		Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra	Milagre no momento da morte de S. Teotónio	Presença de testemunhas	<i>Vida de D. Teotónio ...p.201.</i>
S. Teotónio	9	Sensibilidade Religiosa e					Claustro do		Presença de testemunhas	<i>Vida de D. Teotónio ...p.201.</i>

Santo	Milagre	Tipificação	Nome do miraculado	Género do miraculado	Dados sociais do miraculado	Proveniência do miraculado	Geografia do milagre	Conhecimento do culto	Divulgação do milagre	Fonte
		Crença					Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra			